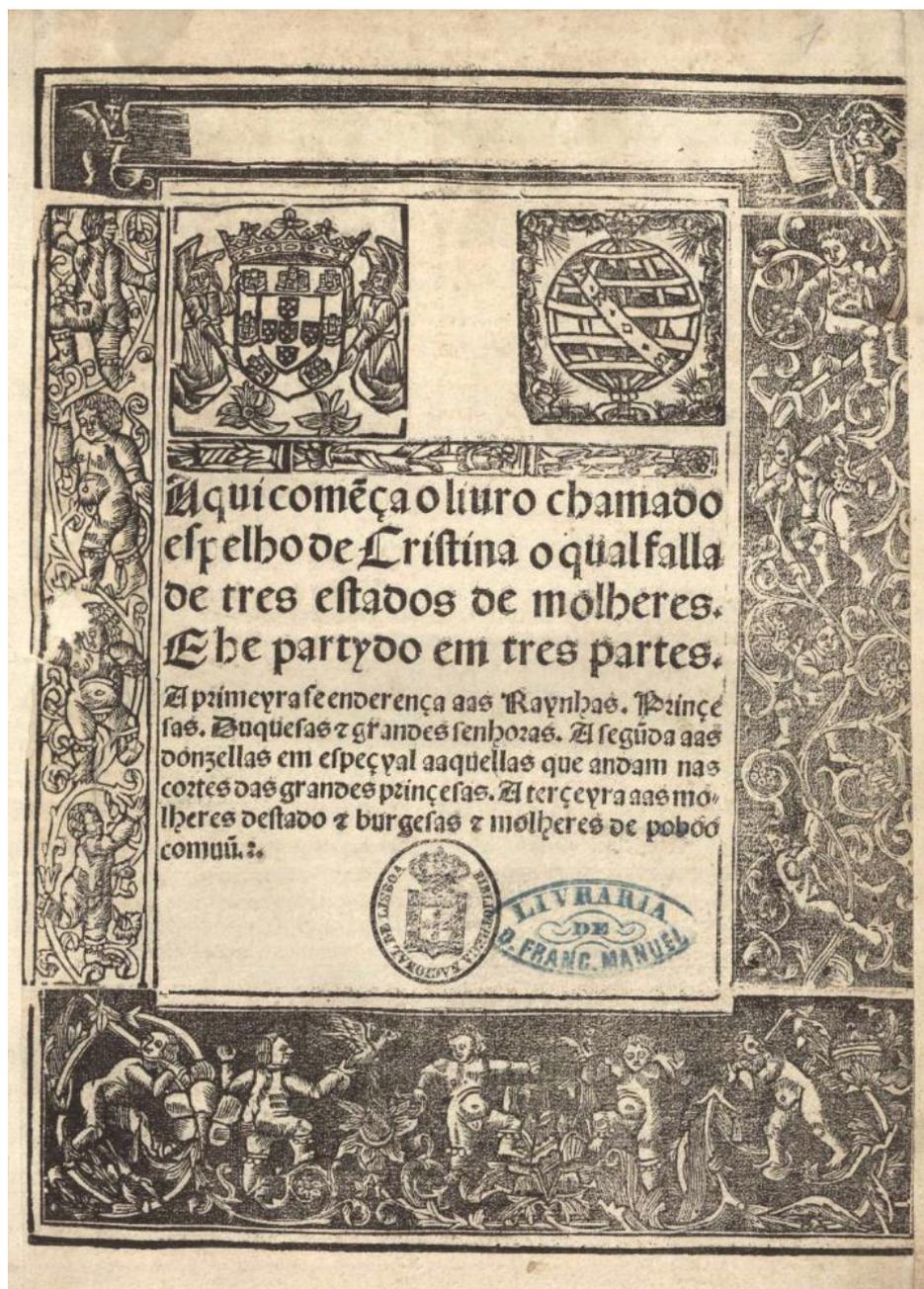


# NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA EM ETIMOLOGIA E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

## EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO “O ESPELHO DE CRISTINA”



Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo  
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

---

L533e Leite, Lucimara.  
Edição semidiplomática do livro “O espelho de Cristina” [livro eletrônico] / Lucimara Leite ; [coordenador da série monográfica]: Mário Eduardo Viaro. -- São Paulo : NEHiLP/FFLCH/USP, 2019.  
3.584 Kb ; PDF. -- (Arquivos do NEHiLP, ISSN 2318-2032 ; v.18)

ISBN 978-85-7506-369-9  
DOI: 10.11606/9788575063699

1. Literatura medieval. 2. Literatura francesa. I. Viaro, Mário Eduardo, coord. II. Christine de Pizan (1364– c.1430). III. Título. IV. Série.

CDD 869.09

---

Lucimara Leite  
Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

**EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO  
“O ESPELHO DE CRISTINA”**

FFLCH – USP  
SÃO PAULO  
2019  
DOI 10.11606/9788575063699

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan

VICE-REITOR: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS

DIRETORA: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

VICE-DIRETOR: Prof. Dr. Paulo Martins

COMISSÃO ORGANIZADORA

COORDENAÇÃO GERAL: Mário Eduardo Viaro

EDIÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA: Érica Santos Soares de Freitas

REVISÃO: Maria Luiza Favret

ARQUIVOS DO NEHILP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

[www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp](http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp)

[arquivosdonehilp@usp.br](mailto:arquivosdonehilp@usp.br)

#### CONSELHO EDITORIAL:

Aldo Luiz Bizzocchi

Artur Costrino

Bruno Oliveira Maroneze

Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Daniel Kölligan

Elis de Almeida Cardoso Caretta

Érica Santos Soares de Freitas

Federico Corriente

Francisco da Silva Xavier

Graça Maria Rio-Torto

José Marcos Mariani de Macedo

Joseni Alcântara de Oliveira

Mamede Mustafa Jarouche

Maria Clara Paixão de Sousa

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Marcelo Módolo

Marco Dimas Gubitoso

Margarida Maria Taddoni Petter

Mariana Giacomini Botta

Maria Filomena Gonçalves

Mário Eduardo Viaro

Martin Becker

Michael J. Ferreira

Nelson Papavero

Nilsa Areán-García

Paulo Chagas de Souza

Phablo Roberto Marchis Fachin

Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Sandra Aparecida Ferreira

Sílvio de Almeida Toledo Neto

Solange Peixe Pinheiro de Carvalho

Valéria Gil Condé

Volker Noll

ISBN 978-85-7506-369-9

ISSN 2318-2032

DOI 10.11606/9788575063699

# Arquivos do NEHiLP

Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa

[www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp](http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp)

Volume 18: 1-216, 2019.

ISBN 978-85-7506-369-9

ISSN 2318-2032

DOI 10.11606/9788575063699

**Lucimara Leite**

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

## EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO LIVRO “O ESPELHO DE CRISTINA”



Núcleo de apoio à pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP)  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)  
Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo  
2019

À minha pequena família: mãe, Pedrinho, Matheus e Élide.

Aos amigos de cá, que sempre estão presentes e tornam minha  
caminhada mais leve e agradável!

Nomeá-los? Não carece! Seus nomes estão gravados no meu  
coração.

Aos amigos de lá, por apresentarem uma Lisboa-Lixbela pela  
qual me apaixonei:

Beth e Erivelton;

Pedro, Rob, Sofia, Sininho, Agatha e Elizabete.

## **AGRADECIMENTOS**

À Capes, a bolsa que possibilitou a realização deste trabalho.

Aos professores, queridos amigos, Isabel Barros Dias e Sílvio de Almeida Toledo Neto, a supervisão e orientação deste trabalho.

Ao professor Ivo Castro, a oportunidade de participar de seu grupo de estudos e conhecer pessoas acolhedoras como Carlota, dona Margarida e Mário, que me ajudou na organização do glossário.

À professora e amiga Mafalda Viana, as caminhadas e a cumplicidade.

Ao NEHILP, a publicação.

E esta senhora ordenara suas rrendas na maneyra que se segue .  
Ella a *partyra* em cinco maneyras ¶ A primeyra parte sera pera  
os pobres . ¶ A ssegunda pera despesa de sua casa quanto ella  
entender que hy monta : se ella tem aministraçom . ¶ A terceyra  
pera pagar seus offyciaes e suas molheres ¶ A quarta sera pera  
do[õ]es<sup>1</sup> de estrangeyros : e d outros que ho mereçem fora de  
sua ordenança . ¶ A quinta soma sera posta em thesouro E se  
mays sobejar sera pera seu prazer assy como : roupas : joyas :  
corregimētos . E ssera cada hũa *desta[s]* somas tanta quantitydade  
como ella vija que se pode fazer segundo sua rrenda . E assy per  
este regrado camynho podera auer ordem em todas suas cousas  
sem confusom nem lhe falleçera dynheyro : pera cada huũa :  
deestas despesas que lhe conuenha busca [[I]]lho per outra parte  
per maneyras nom lycytas

*O Espelho de Cristina*, 19 rb

---

<sup>1</sup> “Doões” por “doar”.

## RESUMO

Este trabalho constitui uma edição semidiplomática do livro O Espelho de Cristina, de 1518, a partir do Impresso de Lisboa (IL), e tem os objetivos de fornecer uma lição do texto, IL; apresentar as intervenções do editor, Herman de Campos, as lições divergentes e, quando necessário, as lições em língua original, para aclarar o texto ou dar conta dos problemas de tradução. O texto está dividido em três capítulos: 1. Descrição bibliográfica, segundo bibliografia material, do testemunho de Lisboa e dos outros dois impressos, 2. Transcrição semidiplomática do Testemunho de Lisboa e 3. Glossário exaustivo do Testemunho de Lisboa.

**Palavras-chave:** Christine de Pizan; Manual de educação; Literatura medieval.

## ABSTRACT

This work is a semidiplomatic edition of the book The Mirror of Cristina, from 1518, from Principe de Lisboa (IL). In order to provide a text lesson, IL; to present the interventions of the editor, Herman de Campos, the divergent lessons and, when necessary, the lessons in the original language to clarify the text or to deal with translation problems. The text is divided into three chapters: 1. Bibliographic description of the three known testimonies of the Lisbon Printed, 2. Semidiplomatic transcription of the Lisbon Principle, based on the testimony of the BNL (National Library of Lisbon) and 3. Exhaustive Glossary of the Lisbon Principles.

**Keywords:** Christine de Pizan; Education manual; Medieval literature.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 SÍNTESE DO CONTEÚDO	14
<b>2 DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA, SEGUNDO A BIBLIOGRAFIA MATERIAL, DO TESTEMUNHO DE LISBOA E DOS OUTROS DOIS IMPRESSOS</b>	18
2.1 CRITÉRIOS UTILIZADOS NESTA EDIÇÃO	18
2.2 DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS	22
<b>2.2.1 Divergências</b>	23
2.3 DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA DOS TESTEMUNHOS IMPRESSOS	23
<b>2.3.1 Características do suporte</b>	28
2.4 A ESCRITA DO IMPRESSO DE LISBOA E O PORTUGUÊS MÉDIO	31
<b>2.4.1 Outras ocorrências: erros ou trocas, omissões, alterações de ordem e/ou substituições</b>	32
2.5 CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDOS PORTUGUESES DE <i>O ESPELHO DE CRISTINA</i>	35
2.6 COMENTÁRIO DO REI DOM MANUEL II	37
<b>3 TRANSCRIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA D'O <i>ESPELHO DE CRISTINA</i> IMPRESSO POR HERMAN DE CAMPOS</b>	149
<b>4 GLOSSÁRIO EXAUSTIVO DO TESTEMUNHO DE LISBOA. COM PALAVRAS ININTELIGÍVEIS, EM DESUSO NO PORTUGUÊS CULTO ATUAL USADO NO BRASIL</b>	151 198
4.1 GLOSSÁRIO	
4.2 NOMES E LUGARES	207
<b>5 CONCLUSÃO</b>	210 210
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	210
6.1 FONTES PRIMÁRIAS	
6.2 BIBLIOGRAFIA	

## 1 INTRODUÇÃO

A importância de Christine de Pizan para o estudo da Idade Média reside no fato de que sua obra oferece elementos que permitem melhor compreensão da vida das mulheres no fim do medievo. Seus textos, sobretudo o *Livre des trois vertus*, trazem subsídios para um conhecimento um pouco mais amplo da vida das mulheres da nobreza, da burguesia e do povo, ou seja, das mulheres cultas, das ricas, das que trabalhavam e das pobres. Sua obra apresenta uma amostragem panorâmica do universo feminino no medievo europeu.

O olhar da mulher que é filha, esposa e mãe abarca experiências diferentes. Por isso mesmo, é um olhar que se relaciona com a história de maneira singular. Não se trata de uma visão melhor ou pior do que a dos homens, mas sim de outra forma de ver que, durante muito tempo, não teve uma porta-voz ou mesmo uma representante.

Christine de Pizan nasceu em Veneza, em 1364. Foi a primeira filha de Thomas de Pizan, astrólogo e professor na Universidade de Bolonha. Na família, os homens valorizavam a educação e a cultura.

Thomas de Pizan dividia sua vida entre o trabalho em Bolonha e a casa em Veneza, onde ficavam a mulher e a filha. As viagens entre o lugar de trabalho e o de moradia cessaram depois que ele aceitou o convite de Charles V, rei da França, para tornar-se seu conselheiro especial. A princípio, a intenção de Thomas era conhecer as escolas de Paris e, em seguida, retornar a Bolonha. Entretanto, resolveu ficar, porque recebeu promessas de bons ganhos. Os tempos de bonança, contudo, só duraram enquanto o rei viveu.

Thomas mandou buscar a família, que foi muito bem acolhida na corte. Christine tinha por volta de quatro anos quando mudou para Paris com a família. Passou a desfrutar mais da companhia do pai, que, com mais tempo disponível, iniciou a educação da menina no caminho das Letras. Foi nesse período da infância que ela teve o privilégio de entrar em contato com a biblioteca do rei, considerada uma das melhores na época, pela excelência de seus livros e manuscritos. Provavelmente, foi a partir dessa aproximação com as obras de vários autores que começam a germinar suas reflexões sobre o direito das meninas de terem acesso à educação. Em seus textos, pela riqueza dos exemplos, evidencia-se a sua familiaridade com os autores clássicos.

A família Pizan gozava de posição de destaque na corte, e com isso Christine teve vários pretendentes. Entre todos, seu pai escolheu Etienne Castel, recém-formado, mestre

em Direito. Christine e Etienne casaram-se em 1379, ela com quinze anos, ele com vinte e cinco. Um ano depois, Etienne foi nomeado secretário do rei.

A partir de 1380, fatos importantes aconteceram na vida de Christine: a morte de Thomas de Pizan, em 1386, e a de Etienne, em 1389. Também aconteceram na França: a morte do rei fez iniciar uma luta entre os seus irmãos pelo poder.

Diante desses acontecimentos, a posição de Christine mudou: de filha e esposa, passou a depender dela o sustento da família, e foi com o seu talento de escritora que conseguiu fazer isso. A obra *Le livre des trois vertus*, escrita entre 1405 e 1406, é uma mostra desse talento.

Esse livro foi dedicado a Marguerite de Bourgogne, jovem delfina da França. Christine elaborou um verdadeiro tratado sobre educação, em que dá conselhos a mulheres de todos os estamentos sociais sobre como comportar-se e sobre como deveriam ser educadas. A obra está dividida em três partes, cada uma denominada Livro. O Livro I tem vinte e seis capítulos, o Livro II tem treze e o Livro III, catorze. O Livro I está dirigido às princesas, rainhas, duquesas e grandes senhoras; o Livro II busca orientar as donas e as donzelas que viviam na corte; e o Livro III está voltado às senhoras de estado, às burguesas e às mulheres do povo.

No prólogo, Christine descreve a aparição das três senhoras, a Razão, a Retidão e a Justiça, enviadas por Deus para auxiliá-lo na tarefa de expandir o número de mulheres sábias que pudessem povoar *La cité des dames*<sup>2</sup>, lugar de refúgio para as mulheres. A autora esclarece que escolheu primeiramente dedicar-se às grandes senhoras devido à posição de prestígio que ocupavam na sociedade, para que servissem de espelho a seus servos e a todos que viviam sob sua guarda. Consideradas boas, sábias e honestas, esta seria a condição para que seus exemplos se espalhassem muito mais rapidamente.

Para avaliar a importância dessa obra, lembramos que ela recebeu duas traduções para o português. A primeira foi feita entre 1447 e 1455, a pedido da rainha dona Isabel; o manuscrito dessa versão encontra-se na Biblioteca Nacional de Madri. Tal versão difere do texto impresso na oficina de Herman de Campos, em 1518, utilizado neste trabalho, dedicado à rainha dona Leonor, com o título *O Espelho de Cristina*. Desta segunda tradução há três testemunhos: o da Biblioteca Nacional de Lisboa, o da Biblioteca do Palácio Ducal de Vila Viçosa (BDVV) e o da Biblioteca Nacional de Madri (BNE).

---

<sup>2</sup> Obra anterior da autora.

A palavra “espelho”, usada no título, é muito sugestiva, pois constitui uma metáfora de um comportamento a ser seguido fielmente por outras mulheres. Esse manual de instrução moral, por se destinar principalmente às grandes senhoras, objetivava funcionar como espelho para as outras mulheres, como fica evidente no próprio título da tradução portuguesa: *O Espelho de Cristina*. A autora acreditava (e este era um conceito vigente na época) que a postura das grandes senhoras seria imitada pelas outras mulheres e que seus grandes feitos, uma vez contados em vários lugares, ampliariam a força educativa das ações virtuosas.

Neste trabalho, foi feita uma edição semidiplomática do livro *O Espelho de Cristina*, a partir do Impresso de Lisboa, com os objetivos já explicitados de fornecer uma lição do texto, IL; apresentar as intervenções do editor, as lições divergentes e, quando necessário, as lições em língua original, para aclarar o texto ou dar conta dos problemas de tradução.

O objetivo da Filologia é recuperar um texto desconhecido através dos testemunhos que o transmitiram. A Crítica Textual, como braço da Filologia, persegue o texto “original”, eliminando os “adendos” dos copistas/editores. Será que podemos falar em “texto original”? Ironicamente, a recuperação traz um novo texto, fruto da intervenção dos editores/copistas, e parece-nos quase impossível chegar ao texto “puro”.

Diante da dificuldade de transcrever/editar esse texto, elencamos a seguir aspectos de maior destaque desse processo.

I) Duas divergências foram identificadas entre os testemunhos. Porém, pelos exemplos que seguem, não é possível definir a anterioridade de um testemunho em relação ao outro, pois a repetição da gralha anula essa hipótese.

Fólio	BNL	BDVV	BNE
46r b	. e quando	. E quando	. E quando
48r a	fzaem	fazem	fzaem

II) Indício do uso de mais de uma fonte para a tradução.

- A *Tauoa das rubricas* apresenta duas divergências:
  - a) No Livro II, capítulo 13, o título do capítulo mostra-se diferente na *Tauoa* e no texto.

b) No Livro III, os capítulos 9 a 13 abordam temas diferentes daqueles apresentados no texto.

c) No Livro II, capítulo 2, há uma referência ao capítulo 18 do Livro I, mas o tema refere-se ao capítulo 17.

Fazer a edição de um texto antigo, com mais de quinhentos anos, exige mostrar-se aberto para perceber e ouvir o texto, as palavras. Trata-se de trabalho minucioso, delicado, que exige muita atenção. Não se pode descuidar dos detalhes de cada letra e de sua importância na composição das palavras, das frases e do sentido do texto. Daí a responsabilidade e a importância do trabalho do crítico textual, de recuperar o texto o mais próximo possível do original.

Para compor este trabalho, a pesquisa realizada foi organizada em três capítulos:

1. Descrição bibliográfica, segundo bibliografia material, do testemunho de Lisboa e dos outros dois impressos
2. Transcrição semidiplomática do Testemunho de Lisboa
3. Glossário exaustivo do Testemunho de Lisboa

Ressaltamos que optamos pelo uso do termo “glossário”, por acreditar que seu sentido corresponde ao nosso objetivo de elaborar uma listagem em ordem alfabética dos termos que aparecem em um texto.

Esperamos com isso ter dado conta da nossa tarefa. Como Psiqué, que percorreu o Hades para atrair novamente a atenção de Eros, também enfrentamos as nossas provações para, por amor ao conhecimento, vivenciar a alegria de ver/ter o trabalho/tarefa realizado.

## 1.1 SÍNTESE DO CONTEÚDO

Em *Trois vertus*, a autora apresenta um tratado sobre educação, voltado para as mulheres de todos os estamentos sociais, no qual elas encontram conselhos sobre como comportar-se e ser educadas. A obra está organizada em três partes, chamadas de Livro. Cada livro é dedicado a um estamento social: rainhas, princesas, duquesas e grandes senhoras; mulheres que vivem na corte; mulheres casadas com homens da vida pública, burguesas e mulheres do povo, e cada um oferece conselhos para a vida moral e intelectual. O uso dos estamentos sociais como critério difere daquele vigente na época, o critério espiritual da castidade, pelo qual, entre virgens, casadas e viúvas, as virgens se sobrepunham às demais.

A primeira parte do texto, composta de 26 capítulos, está dirigida às rainhas, princesas, duquesas e grandes senhoras da corte. Começa com o principal ensinamento: amar e temer a Deus, pois, no momento histórico em que a obra foi produzida, o amor a Deus se traduzia em obediência, primeiro a ele, depois ao marido. A relação amorosa entre homem e mulher assemelhava-se àquela entre senhor e servo: a mulher devia prestar obediência ao marido, o cabeça da família, sujeitando-se a ele, como pregavam os textos bíblicos. Com relação à educação das princesas, a obra aborda a criação dos filhos, o governo e a administração da casa na ausência do marido.

A segunda parte, constituída por treze capítulos, está voltada para as senhoras e as donzelas da corte. Trata do amor que estas mulheres deviam dedicar às grandes senhoras. No último capítulo, Christine apresenta as sete virtudes a serem cultivadas por todas as mulheres e mesmo pelos homens: obediência, humildade, temperança, paciência, diligência, castidade e benevolência.

A última parte, com catorze capítulos, remete às mulheres de funcionários reais, às burguesas, às mulheres do povo e às mulheres de lavradores. Os aspectos importantes nela tratados são: a maneira de governar os bens, a vestimenta, a sobrevivência das mulheres comuns e sua atuação junto com o marido.

Christine, nesse texto, traça o perfil da vida moral e intelectual das mulheres do final da Idade Média. Lega-nos um registro do passado e, ao mesmo tempo, abre uma perspectiva para o futuro, para uma abordagem humanística mais comum ao Renascimento. O que ela enfatiza, nessa obra de “educação e arte de viver em sociedade” (Cruzeiro, *O Espelho de Cristina*, Introdução), é a valorização da mulher pela educação e pela aprendizagem, sua emancipação enquanto ser humano, pela capacidade de ocupar o próprio lugar no mundo, e não aquele determinado pelos homens.

Segundo Charity Cannon Willard, existem cerca de vinte manuscritos catalogados da obra *Trois vertus*. Foram feitas três edições, nos anos de 1497, 1503 e 1536, e ainda as traduções portuguesas de 1447 e 1518. Diante disso, podemos depreender que foi grande a circulação dessa obra de Christine na época. Além disso, um texto escrito por uma mulher despertava grande curiosidade entre os leitores.

A autora empregou várias fontes, e a principal delas foi a Bíblia. Cita também provérbios e textos de pregadores da época. Outra fonte que utilizou, o que é comprovado pelas frequentes referências aos Pais da Igreja, foi o *Manipulus florum*, de Thomas Hibernicus, de 1402, uma coletânea, em formato de dicionário, de citações sobre virtudes e vícios usada pelos pregadores. Outra obra que serviu de referência a Christine, ainda,

foi *Speculum majus*, de Vincent de Beauvais. Grande parte das citações que faz, no entanto, estão baseadas no que tem guardado na memória, sem indicação de referência. A autora ainda apresenta muitos exemplos tirados da vida cotidiana.

Para Maria de Lourdes Crispim, o grande mérito de *Trois vertus* estaria na intenção de introduzir no caráter feminino a noção de responsabilidade e a autoestima.

A divisão em três estamentos adotando como critério a classe social, e não o estado civil (solteira, casada e viúva), abre espaço para o testemunho literário, para o resgate de informações sobre a vida de uma parcela da população que permaneceu esquecida por muito tempo. Trata-se de testemunhos do cotidiano dos burgueses, lavradores, obreiros e outros grupos, a partir da ótica de uma mulher, tendo como tema específico o dia a dia de outras mulheres.

O conteúdo dessa obra da autora é essencial para construirmos o perfil da mulher no final do medievo, de diferentes faixas etárias, de diferentes condições sociais e familiares. A obra permite o resgate histórico do modo de vida daquelas mulheres, dos principais aspectos do seu dia a dia, quer se tratasse de uma senhora da nobreza, ou da mulher de um artesão ou fazendeiro: suas inquietações na falta do marido, a administração de suas rendas e despesas, a educação dos filhos, o tratamento dado aos conselheiros e àqueles que lhes eram subordinados.

A autora menciona as várias situações impostas às mulheres, consideradas responsáveis, corresponsáveis e submissas (deveriam se sujeitar a ordens), seja no âmbito da família, seja na fazenda, no comércio ou em outras situações. A elas cabia administrar os pagamentos, a casa, a cozinha, os filhos, escolher tutores para estes, selecionar artistas e poetas para a corte etc. Deviam ainda receber noções de medicina prática, cuidar da segurança e da paz de seus domínios e agir sempre com justiça.

Ressalte-se que não se trata de tema original. A preocupação em escrever sobre o comportamento feminino e controlá-lo é antiga. A novidade, na obra de Christine, está na abordagem, no olhar do ponto de vista da mulher, e na classificação das mulheres em estamentos adotando como critério não o estado civil (virgem, casada ou viúva), mas o lugar social.

O *Livre des trois vertus* ou *Tresor de la cité des dames* configura-se como um tratado de educação e de “savoir-vivre” e revela, a partir das observações da autora, boa parte dos problemas do cotidiano do início do século XV.

Christine escreveu um livro sobre modos e etiqueta para uma França que estava mergulhada na angústia e à beira de uma guerra civil. O sentimento de insegurança era

latente. A autora presente o perigo e, na tentativa de salvaguardar o país que adotou, volta seus esforços para as mulheres de todos os estamentos, suplicando que restituam a ordem moral à França.

## 2 DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA, SEGUNDO A BIBLIOGRAFIA MATERIAL, DO TESTEMUNHO DE LISBOA E DOS OUTROS DOIS IMPRESSOS

Trabalhar com um texto antigo implica recolocá-lo no nosso mundo de leitura, sem alterar a sua individualidade nos planos linguístico, estilístico e ideológico. Significa mantê-lo em sua originalidade e essência, conservá-lo e, ao mesmo tempo, modernizá-lo. Portanto, o trabalho editorial é delicado e exige atenção. Delicado porque corremos o risco de transcrever uma palavra no lugar de outra e, com isso, mudar todo o sentido e o contexto, daí a necessidade da atenção e a importância de conhecer profundamente o texto, até mesmo para perceber se o primeiro editor, o sr. Herman de Campos, ou melhor, o trabalho saído de sua oficina, não cometeu falhas de tradução ou impressão.

### 2.1 CRITÉRIOS UTILIZADOS NESTA EDIÇÃO

- O entendimento do espaço gráfico como dimensão significativa do texto revela-se nas decorações e ilustrações, como um componente que traz uma mensagem, como um elemento da função expressiva e simbólica do texto. Respeitamos as escolhas do primeiro editor no que diz respeito à mancha, às linhas, às colunas, aos parágrafos, de modo a não modificar o valor significativo com uma nova espacialidade.
- Não houve nenhuma intervenção editorial no que se refere à divisão primitiva do texto em partes, títulos e capítulos. Indicamos o início de cada fólio usando o símbolo ||1r||.
- As mudanças de linha estão indicadas, como no original, com o uso de " | " .
- No que diz respeito ao espaço gráfico das palavras, interviemos em abreviaturas e na união ou separação de palavras, utilizando os critérios atuais da língua portuguesa.
- Vogais e consoantes repetidas foram mantidas, como em “teer”, por acreditarmos que se trata de uma marca de sílaba tônica.

### 2.2 DESCRIÇÃO DOS TESTEMUNHOS

Até o presente momento, sabe-se que existem dois suportes da versão portuguesa do livro *Les trois vertus*. As duas versões são semelhantes, mas foram diferentemente nomeadas. Uma versão é o manuscrito 11.515, que se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid e que deu origem ao *Livro das tres vertudes a insinança das damas*; foi feito entre

1447 e 1455, a mando da rainha dona Isabel de Coimbra<sup>3</sup>, mulher de dom Afonso V e filha do infante dom Pedro. A outra versão é o impresso intitulado *O Espelho de Cristina* (apesar de no interior do livro constar *Das tres virtudes*, como no título em francês), feito em 1518, a pedido da rainha dona Leonor de Viseu<sup>4</sup>, mulher de dom João II e irmã de dom Manuel I.

O livro *O Espelho de Cristina* está organizado em três partes, cada uma chamada Livro. O Livro I tem vinte e seis capítulos<sup>5</sup> e está voltado às rainhas, duquesas e senhoras de alta posição na corte; o Livro II tem treze capítulos e é direcionado às mulheres que vivem na corte, a serviço das senhoras de maior nobreza, e também às baronesas que cuidam de suas propriedades na ausência do marido; o Livro III, com catorze capítulos, está dirigido às mulheres que vivem nas cidades: burguesas, comerciantes e mulheres do povo.

Desse impresso há três testemunhos: um na BNP (usamos a sigla BNL, por se tratar da Biblioteca de Lisboa), outro no Palácio Ducal de Vila Viçosa (BDVV) e o terceiro na Biblioteca Nacional da Espanha (BNE), em Madri.

Os exemplares conhecidos possuem estas características:

D) BNL: cota Res. 404 V. Os carimbos da biblioteca e da livraria de dom Francisco Manuel ocupam o espaço em branco entre o subtítulo e a tarja inferior. Esse exemplar está menos bem conservado do que os outros e encontra-se digitalizado e disponível na base BNP: <<http://purl.pt/15289>>. Pertenceu à livraria de dom Francisco de Melo Manuel da Câmara (Cabrinha). Essa livraria foi comprada, em 9 de março de 1852, de dom João de Melo Manuel da Câmara Medeiros (1800-1883), filho de dom Francisco de Melo

---

<sup>3</sup> Isabel, rainha de Portugal, também chamada Isabel de Portugal, Isabel de Lencastre, Isabel de Avis ou mais modernamente, no estrangeiro, Isabel de Coimbra (1432-1455), filha do infante-regente dom Pedro, duque de Coimbra, e de sua mulher, a princesa dona Isabel de Aragão, condessa de Urgel, filha do rei Jaime II de Aragão. Casou em 6 de maio de 1447 com seu primo dom Afonso V.

<sup>4</sup> Leonor de Avis, ou Leonor de Portugal, ou Leonor de Lencastre, ou infanta Leonor e mais recentemente, no estrangeiro, Leonor de Viseu, do nome do título secundário de seu pai, o infante Fernando de Portugal, duque de Viseu (1458-1525). Princesa portuguesa da Casa de Avis e rainha de Portugal a partir de 1481, pelo casamento com seu primo João II de Portugal, o “Príncipe Perfeito”. Pela sua vida exemplar, pela prática constante da misericórdia e das virtudes cristãs, recebeu de alguns historiadores o epíteto de “Princesa Perfeitíssima”, inspirado no cognome do rei, seu marido. Já viúva, passou a ser conhecida como a “rainha velha”. Dom João II governou de 1481 a 1495, depois assumiu o poder seu primo e cunhado dom Manuel, que governou de 1497 a 1521.

<sup>5</sup> No impresso de Herman de Campos são vinte e seis capítulos, mas na maioria dos manuscritos são vinte e sete, porque considera-se o prólogo como o capítulo 1.

Manuel. Há dois microfimes do testemunho (F. 1404<sup>6</sup> e F. 1405), feitos a partir do mesmo exemplar (RES. 404 V.). A capa, em pele na cor bege, apresenta na parte da frente algumas pintas que parecem produzidas pelo tempo e algumas manchas em tom vermelho claro; isso acontece também na parte de trás, de modo mais incisivo. Na parte de baixo e na lateral da capa vêem-se marcas de letras quase apagadas, que parecem ter sido gravadas bem de leve. Na parte interior da capa consta o selo da biblioteca (em formato de losango vermelho): “Reservado 404 B.N.L.”; na contracapa, escrito com lápis preto, lê-se: “Res.”, e em vermelho: “404”. No verso, na folha de guarda, visível contra a luz, aparece o desenho de um círculo com fitas entrelaçadas, um brasão no centro com as letras “CPP” entrelaçadas; abaixo está escrito “Almaço Prado”, em letras maiúsculas. A página de rosto parece ter sido colada sobre partes de outra folha arrancada. Na decoração, a tarja esquerda exhibe uma falha, pois falta um pequeno pedaço da folhagem e da cabeça do “putti”. Desde a folha de rosto até a última folha com texto há uma numeração escrita a lápis na borda superior direita, de 1 a 47; em algumas folhas essa numeração não aparece, como se a página tivesse sido pulada. No verso da última folha vê-se o escudo das armas reais. A folha VI está rasgada. A marca d’água aparece entre as colunas do texto, fica visível ao ser posta contra a luz, e reproduz uma luva, virada para cima em algumas páginas, virada para baixo em outras; em algumas surge uma flor um pouco acima do dedo médio, em outras, algo semelhante ao brilho de uma vela ou estrela e em outras, ainda, só a luva. Esse desenho da marca d’água repete-se nos três exemplares.

II) BDVV: cota BDMII 50. Antes esse exemplar encontrava-se na Biblioteca da Ajuda<sup>7</sup>. Pertenceu a dom Luís I e depois ao seu neto dom Manuel II. Está bem conservado, mas tem as margens cortadas. Na folha de rosto, o corte atinge o extremo da tarja da direita e, nos fólhos XXIX, XLVJ e XLVIJ, atinge a parte superior do título.

O exemplar encadernado em capa dura fica guardado em uma caixa de couro vermelho. As margens são duplas, emolduradas com quatro romãs com folhas e com o escudo da Casa Real Portuguesa, tudo em dourado. O mesmo motivo aparece na contracapa. As bordas das folhas são douradas, e na parte de dentro da capa e da

---

<sup>6</sup> O verso da folha IX repete quatro vezes. Na terceira vez, surge uma tarja em parte da primeira coluna e em grande parte da segunda coluna. Na folha X, vê-se um borrão abaixo da segunda coluna e no verso, na segunda coluna, três linhas semiapagadas.

<sup>7</sup> A Biblioteca da Ajuda entregou o exemplar à Casa de Bragança em 1928, junto com outros livros, para ser levado à Inglaterra, onde foi encadernado na Sangorski & Sutcliffe.

contracapa há desenhos em dourado nas margens. Na lombada, veem-se cinco romãs emolduradas; abaixo da primeira está escrito: “Christina de Pisan – Espelho de Cristina”, e abaixo da quinta: “Lisboa 1518”.

Na parte interna da capa, acima, à esquerda, aparece “nº 19” escrito a lápis e, dentro de um círculo, a cota: “BDM 2º 50”. Um pouco acima do centro da página surge um adesivo: “Ex Libris”. No meio da página, ressalta uma imagem dividida em duas partes: de um lado, as armas de Portugal e, do outro, a esfera armilar, escrito abaixo dela: “Depois de vós nós D. Manuel II”.

Seguem-se duas páginas em branco.

No frontispício, no centro, aparece a gravura de um santo pisando dois rostos; na mão esquerda ele segura uma igreja em ruínas e na direita, um bastão; em volta dele há uma fita que sai debaixo da igreja na qual aparece escrito: “S AGITAVERAS: VT”; do outro lado lê-se: “DOMINE COR MEVM C[A]RITATE: TVA”; acima da igreja, vê-se o busto de outro santo lançando dardos. Essa imagem mede dez centímetros de altura por sete de largura, possui margens duplas e está emoldurada nos quatro lados; os lados direito e esquerdo são muito semelhantes, e neles surgem colunas em forma de vasos e folhas. Na faixa de cima vê-se um arco com motivos florais; abaixo dele, a cabeça de um animal com asas; acima, em cada ponta, o desenho de um animal também grotesco e fitas presas a ele. Na faixa de baixo veem-se duas bases de coluna, ou pedestais, e, nelas, cabeças com chapéus; no lado direito identificam-se os rostos; no centro, destaca-se um medalhão redondo, em branco, e, nas laterais, folhagens com motivos grotescos. Entre a imagem central, do santo, e as margens, há o carimbo da Real Biblioteca da Ajuda.

Na página de rosto, os motivos são iguais aos do exemplar da BNL, porém sem nenhuma falha. Nela aparece novamente o carimbo da Biblioteca, que se repete na última página. Seguem-se mais duas folhas em branco.

O verso da folha XXXVIJ tem um papel colado na margem interna, provavelmente colocado no momento da encadernação, feita em 1928.

Devido ao bom estado da impressão desse exemplar, foi possível identificar a maioria das letras que não pareciam claras e eliminar os colchetes.

III) BNE: cota R11.727. Este exemplar está em bom estado de conservação. Encontra-se encadernado junto com *A Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal desçendem*, de João de Barros. A capa é feita de pele de carneiro em marrom, com filetes dourados. Na lombada aparece escrito: “Barros – Clarimundo”, e

mais abaixo: “*Espelho de Christina e Lixboa 1518-22*”. A página de rosto parece ter sido colada. As imagens e o modo como estão dispostas são iguais aos de outros exemplares. A única diferença é que, nesse exemplar, há o carimbo da Biblioteca Nacional da Espanha, que é diferente do carimbo que aparece no colofão.

As bordas das folhas são douradas. No início da encadernação, na folha de guarda, aparece uma pequena etiqueta com a cota. As duas páginas são em papel trabalhado, com desenhos de ondas, bordas douradas e arabescos. *O Espelho de Cristina* vem depois do texto de *Clarimundo*. No final, há uma página em branco, como no início, e novamente as duas páginas trabalhadas com o mesmo desenho psicodélico.

No fólio XVI, reto, parte da segunda coluna aparece apagada; é possível ler o que está escrito nele, mas com dificuldade. Já no fólio XXV, a beirada direita superior está rasgada, o que impede ler o número, e nele aparece colado um pedaço de papel diferente. O verso do fólio XXX indica que a folha foi colada. Nos fólhos LXI a LXVIII, vê-se um furo na parte de baixo, que se amplia, seguindo a numeração.

No capítulo XJ do Livro II há um risco em branco, como se tivesse sido feito com corretivo, sobre as três últimas linhas do título e um pouco mais abaixo.

No suporte em microfilme faltam o verso do fólio 22 e o restante do fólio 23. Nele repetem-se os fólhos 31 e 34.

### 2.2.1 Divergências

Transcrição	BNL	BDVV	BNE
11v b	mundauas	mundanas	mundauas
12r a	aquelilo	aquelllo	aquelllo
42v a	oca-sion	oca-sioil	oca-ssion
43r b	coutente	contente	contente
<b>46r b</b>	<b>. e quando</b>	<b>. E quando</b>	<b>. E quando</b>
<b>48r a</b>	<b>fzaem</b>	<b>fazem</b>	<b>fzaem</b>
51v b	han : uy	ha muy	ha muy

Das divergências apontadas no quadro, apenas as dos fólhos 46 e 48 são relevantes; as outras podem estar relacionadas ao tempo e/ou a falha de tinta na impressão. Podemos inferir que o impresso da BNL é o mais antigo e que os outros dois vieram na sequência,

com a correção do fólho 46, mas a gralha do fólho 48 não permite afirmar essa anterioridade.

## 2.3 DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA DOS TESTEMUNHOS IMPRESSOS

### 2.3.1 Características do suporte

a) **Encadernação:** Cadernos: são nove cadernos: A(4), a-h(6)<sup>8</sup>, sem reclamos; as assinaturas encontram-se na margem inferior direita. Suporte: o papel de todos os exemplares é o mesmo e apresenta, examinado visualmente contra a luz, duas marcas d'água descritas como “luva com flor” e “luva com estrela”, assim nomeadas por Charles-Moïse Briquet. Descrição da filigrana: desenho da palma de uma mão aberta, com flor de pétalas e uma estrela estilizada. Segundo o autor, o papel com o desenho da mão e uma estrela ou uma flor deve ter sido produzido em Gênova ou Piemonte.

**Foliação:** primeira folha – XLVIII; são 52 fólhos: página de rosto, duas folhas numeradas e uma sem numeração, correspondentes ao prólogo e à “taoada”, e 48 folhas. A folha XXIX recebeu, equivocadamente, a numeração XXVI.

b) **Composição tipográfica:** a folha de rosto é ocupada pelo título e pelo subtítulo. O texto do prólogo ocupa 34 linhas no ||1r|| e 18 linhas no ||1v||. O restante da obra está impresso em duas colunas de 42 linhas, em sua maior parte. As dimensões da mancha são: altura de 24 centímetros, sendo 22,5 com o título, sem as assinaturas; largura de 14,8 centímetros, com colunas de 7 centímetros de altura e 8 milímetros de espaço entre elas.

**Letra:** gótica rotunda, em três tamanhos diferentes, usados no título da obra e no prólogo; no subtítulo e nos títulos dos capítulos; e no corpo do texto.

HMJ<sup>9</sup>, I<sup>A</sup> – 25, tipo 1: 106 G, texto.

HMJ, VIIIc – 18, tipo 2: 122 G, subtítulos e títulos dos capítulos.

HMJ, XIV – 26, tipo 3: ca. 196 G, linhas 1 a 4 do título, fl. 2r e prólogo.

Foram utilizados vários tipos de capitais grandes (algumas seriam de Valentim Fernandes), abrangendo de três a nove linhas de texto.

---

<sup>8</sup> Medidas retiradas de: NORTON, F. J. *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal 1501-1520*.

<sup>9</sup> HMJ, sigla nominal para classificação de tipos, segundo Helga Maria Jüsten, em *Incunábulos e post-incunábulos* (p. 361-64), a partir da ficha de anotações técnicas elaborada pela autora.

Iniciais xilográficas: x 3-6, 8-9, fundo preto, letra branca, fundo branco, letra preta, desenhos diversos.

**Ilustrações:** gravuras: JAD<sup>10</sup>, G.42, G.43 e G.46.

Tarjas: HMJ, T. 65 e T. 74 A, T. 82, T. 83, T. 84, T. 85, T. 91.

Cor de tinta: preto e vermelho.

c) **Disposição geral do texto:**

**Folha de rosto:**

- **Título:** Aqui comêça o liuro chamado espelho de Cristina o qual falla de tres estados de mulheres . E he partydo em tres partes.

- **Subtítulo:** A primeyra se enderença aas Raynhas . Prinçesas . Duquesas e grandes senhoras . A segũa aas donzellas em espeçyal aaquellas que andam nas cortes das grandes prinçesas . A terçeyra aas mulheres destado e burgesas e mulheres de poboo comuã . : .

- **Portada:**

Moldura de quatro tarjas enquadrando as gravuras.

Margem interior, HMJ, T. 83.

Margem da cabeça, HMJ, T. 84 A, sem inscrição na filactera.

Margem dianteira, HMJ, T. 85.

Margem do pé, HMJ, T. 82.

Centro superior esquerdo, JAD, G. 42.

Abaixo, HMJ, T. 86, seguido de: Aqui comêça o liuro chamado espelho de Cristina o qual falla de tres estados de mulheres . E he partydo em tres partes . A primeyra se enderença aas Raynhas . Prinçesas . Duquesas e grandes senhoras . A segũa aas donzellas em espeçyal aaquellas que andam nas cortes das grandes prinçesas . A terçeyra aas mulheres d estado e burgesas e mulheres de poboo comuã . :

Embaixo: carimbo antigo da BNL e o carimbo de posse da livraria de dom Francisco Manuel. Verso em branco.

---

<sup>10</sup> JAD (material tipográfico classificado por João José Alves Dias); idem nota 9.

#### d) **Corpo do texto:**

##### **Prólogo:**

Prólogo com 34 + 18 linhas: ||1r/v||

Prólogo de como as tres virtudes per / cujo mandado Cristina fez o liuro da cidade das damas lhe tornarõ a aparecer E lhe mandarom fazer esta obra . [D]Epoys que eu ouue per graça e ajuda do Senhor deos . mandamento das tres virtudes . Cõuem a ssaber . Razom . Dereitura e Justiça [...] Primeiramente aas Raynhas princesas e grandes senhoras. desy segũdo de graao em graao cantaremos em nossa doutrina a todos os estados [da]s molheres porque a despeprina de nossa escolla possa seer iusta de todos dyremos em esta guysa .

[1ª col.]: **Sumário** ||1v|| em duas colunas:

Aqui começa a ta uoa das rubricas do liuro das tres virtudes aa ensynança das molheres. O qual he partido em tres partes .

A “tauoada” acaba no ||3r||: ¶ Capitulo . xiiij . (=14) Item afim e cõclusom do liuro . folha xlviiij .

[fl. 3v, em branco]

[fl. 4r, texto]

**Folha primeira** (epígrafe): em vermelho: *A primeyra parte Das tres virtudes* . Em preto: folha primeyra . e (¶). Coluna A: em vermelho, título do primeiro: *Capitulo primeyro . Como as tres virtudes amoestã todas prinçesas e grãdes . Senhoras que venhã aa ssua escolla . E sseu principal ensinamento he amar e temer deos* . Impresso em preto: [D]A parte *de* nos tres irmãos fylhas de deos nomeadas Razam . Direjtura . Justiça . [...]

[fl. ||28v b||]: Mynha muyto temida senhora rogo a deos que vos de boa e longa vida . ¶ Acabasse a primeyra parte deste liuro .

[fl. ||29r||]: ¶ Incipit secunda pars . Como as tres senhoras . scilicet . dereitura razom e justiça recapitolam em breue ho que he de çyma dyto . Capitulo . prymeyro .

[Letra capital [D], parte dela em branco, no centro]: [D]Oys que auemos fallado as rainhas prinçesas . [...]

[fl. ||39v b||]: [...] E esto abaste a ssegunda parte .

¶ Acabasse a ssegunda parte do presente liuro .

[fl. ||40r||]: ¶ Começasse a terçeyra parte deste liuro a qual se aderẽça aas molheres d estado e burgesas das boas villas E como que he dicto decima pode tocar assy a hũas molheres

como a outras . E da maneira que as molheres d estado deuem de teer no feyto de suas fazendas . ¶ Capitulo primeyro

O começo desta terçeyra parte segundo a rrota das prinçesas *que* vão primeyro . [...]

Errata:

[fl. ||47v a||]: ¶ Capitulo . ix . Das molheres seruidores *e* de soldada .

[fl. ||48r b||]: ¶ Capitulo . x . Ensynança das molheres comũas . Sy como o sol luze sobre os boõs *e* maos . assi nom deuemos auer empacho de despender nossa doutryna sobre *aquellas* molheres que per sua sandiçe viuem vida *desordenada* [...]

[fl. ||49r b||]: ¶ Capitulo . xi . Louua as molheres castas *e* honestas . Sy como he departido o branco de preto E quãto huũ he mais acerca do outro tãto he mais cõheçida sua deferença : nos praza pollas molheres desonestas de que agora fallamos por dar mylhor vysta aas que som castas de honesta vida fallar a ellas *e* as louuar : [...]

[fl. ||49v b||]: ¶ Capitulo . xij . Das molheres do trabalho . Gora nos cõuẽ chegar cõtra afim de nosso *preposito* que ja he tempo daqui a diante fallãdo aas molheres dos lauradores das aldeas [...]

[fl. ||50r b||]: ¶ Capitulo xij . falla ao estado *dos* pobres homẽs *e* molheres .

[fl. ||51v a||]: Sy como começamos nos *ricos* de si fallamos a todos os estados das molheres comunalmente : cõuẽ *que* terminemos nossa obra no estado dos pobres [...]

[fl. ||51r b||]: ¶ Capitulo . xiiij . Fym *e* conclusom do lyuro . Anto que as tres senhoras se callarom logo desapareçerom . E eu *christyna* fiquey assy cansada de longa scriptura . [...]

[fl. 51v]: E que tal lumyera de sciencya e verdadeira sapiençia [...] E que seja presentada ante deos no mundo que nom auera fym o qual nos elle outorgue . Amen . Deo gracias .

[2ª col.]: ¶ Por mandado dela muyto esclarecida reyna dona lyanor molher do poderoso y muy manifico rey dõ juan segundo de portugal .

[**Colofão**]: ¶ Acaba se el libro intitulado das tres virtudes no qual se cõtem muytas profeytosas doutrinas y saludables exemplos assy pera as generosas y grandes donas como pera as outras de qualquer estado o condiçiom que sejam . E poderam en elle deprender como se ham de regir *e* gouernar no regimento de suas casas fazendas y honrras . Impresso em ha muy noble y sempre leal [c]ibdade de lixboa por herman de campos . Imprimidor y bombardeyro do rey nosso senhor cõ gracia y priuiegio de su alteza . Anno de nostra saluaçam . m . d . y xvij . annos . a xx . dias do mes de junio .

Gravura, JAD, G. 46, do lado esquerdo, HMJ, T. 65; do lado direito, HMJ, T. 72 A

e) **Decoração:** segue o estilo renascentista. O título e o subtítulo estão enquadrados por bordaduras de folhagens estilizadas e figuras humanas – “putti” trepando em ramagens – sobre fundo preto (tarjas inferior e direita) e sobre fundo branco (tarja esquerda). Na tarja superior, aparece uma fita sustentada por dois anjos, provavelmente destinada ao título. Entre o título e a tarja superior há duas gravuras com as armas reais: o escudo (coroa, castelos e quinas) carregado por anjos e a esfera armilar com as letras “MROE” na eclíptica (armas de dom Manuel I; as letras significam “Maximus Rex Orbis Emmanuel”) inscritas em campo decorado. Entre as gravuras e o título vê-se uma tarja de folhagem estilizada.

No verso do fólio xlvi, abaixo do texto, há outro escudo de armas reais, com grifo, armadura e folhagem estilizada no timbre, ladeado de tarjas com motivos florais estilizados.

A cor vermelha só é usada no título da primeira parte e do primeiro capítulo, na “folha primeyra”.

f) **Espaço gráfico:**

- Todas as abreviaturas foram escritas por extenso. Exemplos:

Xpisto = Cristo

Xpistina = Cristina

xpitaaos ou xpiaos = cristãos

ppertua = perpétua

porq = porque

q = que

snõra = senhora

spũ = espírito (spiritu)

riqzas = riquezas

tpo = tempo

- Pontuação: o editor transcreveu o texto exatamente como no original. Há pontos finais ( . ), mas eles não indicam final de frases. Os inícios de frases não são marcados por letras maiúsculas. A abertura de parágrafos nem sempre corresponde a mudança de assunto. As mudanças de linhas também não estão indicadas.

- Palavras: no texto aparecem palavras diferentes sem espaço entre elas (“aueraguãhada”, “açidade”); uma mesma palavra com espaço entre as partes (“tambem”); a justaposição de elementos (“maldiz endo”) ou a sua ligadura (“dauer”). **1.**

## 2.4 A ESCRITA DO IMPRESSO DE LISBOA E O PORTUGUÊS MÉDIO

**Língua:** português com castelhanismo

Consideramos que o português usado no impresso é o médio, entre o português arcaico e o moderno, com base no fato de que, já no final do século XVI, quase todas as características do português arcaico e do médio haviam desaparecido e a língua era, essencialmente, aquela que utilizamos na época atual.

Existem diferentes propostas de periodização do português médio, apresentadas no quadro a seguir.

1) Leite Vasconcelos (Said Ali, Lima Coutinho, Mattoso Câmara e Fernando Tarallo): de 1200 até 1536 – português arcaico ou antigo.
2) Carolina Michaëlis (Serafim Silva Neto e A. Haury): de 1200 a 1420 – trovadoresco; de 1420 a 1536 – português comum ou prosa nacional.
3) Pilar Vásquez Cuenta: de 1200 a 1420 – galego-português; de 1420 a 1536 – português pré-clássico.
4) Paul Teyssier: de 1200 a 1420 – galego-português; 1420 – formação do português clássico.
5) Lindley Cintra e Ivo Castro: de 1200 a 1350 – português antigo; de 1350 a 1536 – português médio.

Segundo Meleiro, o século XV marca a passagem do português antigo para o português médio, o que corresponde à transição do ciclo de formação da língua para o ciclo de expansão.

Seguem exemplos de mudanças que exemplificam essa transição, retirados do Impresso de Lisboa:

- a) Uso do **y** no meio das palavras, como em “cuydado” (39)<sup>11</sup>.
- b) Plurais dos lexemas terminados em **l** (real = reais), como em “leaes” (4).
- c) Uniformização/confusão de nomes que finalizam em **om** ou **am**, com o uso de **ão**, como acontece nas palavras: “coraçom” (41), “coraçõ” (36), “coraçam” (1). Confusão envolvendo **m**, **n** e til (português arcaico: **ã**, **õ**, **ão** > final do século XV: **ão**; Castro, p. 244). Exemplos: na representação nasalada, na maior parte das vezes o tipógrafo emprega o **m** antes de labial e faz uso do til no abrevio de palavras, como em “boõ” (87), “cõtenta” (1), “cõheçer” (4), “gram” (12).
- d) Uso do feminino sem a adjunção do **a**, como em: ||8v b||: “fraca pecador” e ||47v a||: “molheres seruidores” (Cardeira, 1999, p. 77).
- e) Uso de **ido** em lugar do particípio em **udo**: “sosteuda” (1), “theudo” (2 + 1s) > “tido”; “prouiudo” (1) > “provido”.
- f) Variação no uso dos encontros vocálicos, como em “feo” (2) > feio.
- g) Variação no uso de possessivos, como nos casos de “ta”, “sa”, “seo” (3).
- h) Confusões na grafia de palavras:
- Uso de **qu** no lugar de **c**: “cinquo” (4)
  - Uso do **g** e **gu**: “amyguo” (8), “guouernança” (22)
  - Uso de **g**, **gi** e **j** no lugar de **i**: “gujada” (1), “vyagarem” (1), “virgijndadade” (1), “emgeita” (1), “regna” (4) em lugar de “reina”, grafia culta
  - Uso do **y** frequentemente no lugar do **i** e também como **j**: “hy” (94), “dyzendo” (5), “depoys” (16), “raynha” (9), “ydade” (17), “deseyar” (2), “cayoões” (1)
  - Alternância no uso de **u** e **v**: “esquiuar” (8), “vsos” (1)

---

<sup>11</sup> Os números entre parênteses correspondem ao número de ocorrências.

i) Uso do **h**:

- para marcar o hiato entre duas vogais diferentes: “tehudo”; antes de vogais iniciais: “hamor” (3), “hyra” (2), “ha” (> 100), “hy” (94), “he” (771) (para distinguir o verbo da conjunção **e**);
- omitido em palavras em que aparecia no latim clássico: “ouve” (4) (houve/haver).

j) Uso de **p** ortográfico intruso: “dampno” (3), “scripto” (8), “accepta” (1) (grafia no pseudolatim).

k) Uso de vogais duplas, devido à supressão de uma consoante, como em: “consiira” (1), “destra” (2); ou para indicar acento, como em “cree” (10); ou por contaminação, como em “ssestra” (1), de “sinistrum”.

l) Uso de consoantes duplas, por imitação ou para identificar o som: “ffe” (2), “offerecer” (1), “ssenhora” (8), “fallara” (17), “offiçiaes” (8), “ocupações” (2).

### **Exemplos de variações ortográficas que aparecem nos testemunhos**

#### Morfossintaxe

a) Artigos:

- Artigo definido: “ha(s)”, “ho(s)”, “el” (4)
- Artigo + preposição **a**: “a”, “aa”, “ha”
- Artigo + preposição **por**: “pello” (23) (s); “pollo(s)” (28), “pella(s)” (23), “polla” (22)
- Artigo indefinido: “huũ”, “hũa”

b) Pronomes:

- Pronomes pessoais oblíquos: “my” (11), “mym” (1), “se”, “sy”, “ssy”, “ssi”, “ho”, “”á”, “consyguo”, “llo” (6)
- Pronomes demonstrativos: “ho”, “has” (108), “esto” (174), “ysto” (8), “tal” (2)
- Pronomes indefinidos: “all” (1), “otros” (2)

c) Preposições: “a”, “ha”; “haa” (2), “per”

d) Interjeições: “oo”, “o”, “ho”, “aa”

#### 2.4.1 Outras ocorrências: erros ou trocas, omissões, alterações de ordem e/ou substituições

a) Uso de **m** no lugar de **n**, e de **n** no lugar de **m**: “conbatera” (1), “emuorylhada” (1). Segundo Williams: “Parece que houve uma preferência pelo **n** antes de **p** e **b** [...]. Essa preferência coerente por parte de muitos escribas pode indicar o sentimento de marcada distinção entre o **m** implosivo e o explosivo” (1975, p. 35).

b) Uso de **ç** antes de **e** e **i**: “çerto” (6); “prīçesa”, ou de **c** no lugar de **ç**: “peconhenta” (1) por “peçonhenta”.

c) Uso de **z**, **g** e **f** com o mesmo valor: “carrezados” (1) por “carregados”, “fafer” (1) por “fazer”, “zaça” (1) por “faça”, “rezeçe” (1) por “refeçe”.

d) Uso de **v** (**u**) no lugar de **b**: “reuelado” (1) por “rebelado”, “bêcida” por “vencida”, “gauar” (1) por “gabar”, “beuer” (1) por “beber”.

e) Troca de posição do **r**: “sofer” (1) por “sofre”, e do **z**: “fzaem” (1) (fazem), “vzees” (1) (vezes).

f) Uso do **l** com valor de **lh**: “escolido” (1).

g) Erros (gralhas) tipográficos: “velhss” (1) (s → a); “teeus” (1) por “teens” (u → n); “mnyta” (1) (n → u) por “muita”; “onuerẽ” (1) por “houverem”; “gnardara” (1), “dunyda” (1), “mundauas” (1).

h) Uso de **e** no lugar de **a**, e de **a** no lugar de **e**: “neçessidada” (1), “maneyres” (1), “capallaães” (1).

i) Emprego de **a** no lugar de **o**, e de **o** no lugar de **a**: “ygnoronçya” (1) (ignorância), “deuacõ” (1) (devoção).

j) Uso de **o** em vez de **e**: “soomento” (1).

k) Outras ocorrências:

Letras ou sílabas dobradas: “cuidadado” (1), “quererer” (1), “sabebemos” (1), “geerralmente” (1), “honnrra” (1), “ydadade” (1), “soliçicita” (1) , “braueueza” (1), “coraraçom” (1), “molhelheres” (2).

Ocorrências que não classificamos:

- “diedema” (1) (diadema)
- “treçera” (1) (crescerá)
- “seuer” (1) (servir)]
- “feueruente” (1) (fervente)
- “aquelilo” (1) ou “aquelllo” (aquilo)
- “oficioaes” (1) (oficiais)
- “tae” (1) (tais)
- “bonde” (1) (abonde)
- “mundança” (1) (mudança)
- “aforagara” (1) (afogara ou afora)
- “despaz” (1) (despraz)
- “raãõ” (1) (razão)
- “vajo” (1) (vejo/vê)
- “dinhiro” (1) (dineiro)
- “tralhase” (1) (trabalhasse)
- “segreto” (1) (segredo)
- “ligẽ” (1) (provavelmente abreviatura de “linhagem”)
- “palluaras” (1) e “pallouras” (1) (palavras)
- “tolbas” (1) (toalhas)
- “jaridiis” (1) (jardins)
- “sdubarem” (1) (souberem)
- “desuariadao” (1) (desvairadas)

## 2.5 CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDOS PORTUGUESES DE *O ESPELHO DE CRISTINA*

São referências importantes as pesquisas destas duas autoras portuguesas: Maria Manuela da Silva Nunes Ribeiro Cruzeiro, na sua dissertação, elenca os itens de originalidade da obra de Christine:

a) *O Espelho* é uma sequência da *Cité des dames*.

b) Os ensinamentos que a obra traz.

c) A representação da vida, de diferentes classes, apresentada numa mesma obra.

d) E algumas diferenças entre o Impresso de Lisboa e os outros suportes:

- Na edição de Antoine Vérard, de 1497, no prólogo há uma dedicatória a Anne, rainha da França.
- As edições francesas, de 1497 e 1503, trazem no prólogo os nomes dos respectivos editores: A. Vérard e Michel Le Noir.
- Diferente do prólogo de alguns manuscritos, inclusive o da versão em português, o do Impresso de Lisboa aparece como capítulo 1. Isso faz que a numeração e a nomeação de todos os capítulos do Livro I tenham numeração diferente, com um número a mais.
- Os títulos dos capítulos 9 a 13 do Livro III apresentam divergências:

Errata: Tauoada, fl. 3r, Capitulo . ix ., inclui os capítulos 9 e 10.

[fl. 48r, Capitulo . x . (= Capítulo 11, fl. 49r), Capitulo . xj . (Capítulo 12, semelhante, no lugar de lavradores > trabalho fl. 49v), Capitulo . xij . (= Capítulo 13, fl. 50r), Capitulo . xiiij . (= Capítulo 14, fl. 51r).

Segundo Cruzeiro, Herman de Campos teve acesso ao manuscrito francês, o que explicaria o fato de o Impresso de Lisboa ser mais completo do que o manuscrito português e o prólogo e o capítulo 1 aparecerem separados. Ainda segundo a pesquisadora, Herman também teria tido acesso ao manuscrito português, pois uma das várias cópias poderia ter chegado às mãos do editor. Para corroborar sua hipótese, ela apresenta um comparativo entre os manuscritos português e francês<sup>12</sup> e o Impresso de Lisboa.

Maria de Lourdes Crispim, em sua tese, de 1995, oferece mais informações do que na sua obra: *O livro das tres vertudes a insinança das damas*, de 2002. Nela, há uma comparação e elementos descritivos que não aparecem no livro e que constituíram para nós uma valiosa fonte de pesquisa. Após o cotejamento dos diversos textos, Crispim conclui:

---

<sup>12</sup> Cruzeiro usa o manuscrito francês 1.177 da Biblioteca Nacional Francesa.

- a) Apesar da proximidade entre as duas lições, o manuscrito de Yale e o manuscrito de Madri, o de Yale não foi a fonte da tradução portuguesa.
- b) O cotejo da edição de 1518 com os textos franceses não permite identificar para a edição uma fonte próxima, diferente daquela do manuscrito.
- c) As diferenças entre o manuscrito de Madri e o impresso de 1518 confirmam que o manuscrito não constituiu a fonte do impresso. Também não foi possível determinar que a fonte tenha sido a mesma para ambos os manuscritos.

A partir das informações disponíveis, a autora desenhou a relação e o estema a seguir:

- a) [TB]<sup>13</sup> (texto base) – Texto em francês no qual haveria um fólio deslocado. Teria pertencido à duquesa de Borgonha ou a uma pessoa da sua corte. Perdeu-se ou ainda não foi identificado.
- b) Y (manuscrito de Yale) – Constitui uma cópia do texto base.
- c) [TBT] (texto base da tradução) – Fonte da tradução. Poderia ser o próprio texto base ou uma cópia irmã de Yale. Perdeu-se ou ainda não foi identificado.
- d) [ML] (manuscrito de Lisboa) – Texto original da tradução. Perdeu-se ou ainda não foi identificado.
- e) [MM] – Cópia do manuscrito de Lisboa. Conservado na Biblioteca Nacional de Madri.
- f) [ML’] – Possível cópia irmã do manuscrito de Madri. Esta cópia poderia apresentar-se já modificada a partir de uma fonte francesa, ou com apoio nela, diferente do texto base, constituindo o [ML’’].
- g) IF – Impressos do texto em francês anteriores a 1518.

---

<sup>13</sup> Cópia da nota de rodapé da autora: “As siglas entre parenteses rectos indicam os textos cuja existência postulamos, mas que não são conhecidos actualmente ou podem nem ter existido” (p. 64).

O IL (Impresso de Lisboa), comum em [ML], ou em [ML’], desde o capítulo I até o capítulo X da segunda parte. Do capítulo X da segunda parte até o final, a impressão terá tido como base o [ML’’] ou o texto de [ML/ML’] remodelado e/ou corrigido; foi também consultado um exemplar das edições francesas já existentes ou um manuscrito da família do manuscrito de Dresden.

Estema:

[TB]
Y [TB/TBT]
[ML]
MM [ML’]
[ML’] + (TF)
[ML’’]
[ML’’] / [ML/ML’] + (TF)
IL

Quanto à origem dos textos e suas variantes, Crispim apresenta três hipóteses:

- a) A tradução não teria sido feita em Portugal.
- b) O texto em francês foi emprestado para a tradução em Portugal, regressando depois de traduzido.
- c) O exemplar pertencia a dona Isabel antes de tornar-se duquesa de Borgonha (p. 66-9).

Crispim usa como fonte para sua pesquisa a tese de Dorotee Carstens-Grokenberger, de 1961: *Christine de Pisan: buch von den drei tugenden in portugiesischer Übersetzung*, sobretudo no que diz respeito à origem e estrutura do texto (transcrição), para identificar os problemas e enumerá-los.

## 2.6 COMENTÁRIO DO REI DOM MANUEL II

Dom Manuel II escreveu um artigo bilíngue (português–inglês) sobre Christina de Pisano e seu livro *O Espelho de Cristina*.

Antes do início do texto há uma cópia da página de rosto.

O rei descreve em detalhes a disposição do texto. Sobre a folha do frontispício, ele escreve: “Gravura representando Santo Agostinho (?)”.

Na sequência, faz um inventário (“estado da arte”) das indicações da existência de outro exemplar, o da Biblioteca Nacional de Lisboa, e fala de sua procedência.

Dom Manuel II aponta como diferença entre o exemplar a ele pertencente, herdado de dom Luís, e o da Biblioteca Nacional de Lisboa, a página de frontispício. Para ele, essa página é a mesma utilizada nas folhas de rosto por Germão Galharde no *Breviarium Sancte Crucis* e na *Regra dos monges de D. Catharina*, infanta de Portugal. Constituiria uma “montagem” das duas folhas de rosto, a figura do santo (em vermelho: ¶ Breuariuz secũduz vsuz insignis monasterij setẽ crucis colibrẽus ordinis diul augustini.) e a moldura, sem o colorido (encarnado) e a cruz.

Cita escritores que fizeram um estudo sobre a obra: Leite Vasconcellos, Conde de Sabugosa e Aubrey Bell.

A seguir, apresenta um resumo da biografia da autora, com comentários positivos: “Alli foi educada; alli desenvolveu a sua extraordinária intelligencia”; “é uma figura notável e extremamente interessante”. Indica o livro de Thomasy como referência sobre a vida da autora e cita dois autores que escreveram sobre Christine após a sua morte: Martin Le Franc e Clément Marot.

Além da página de rosto e do frontispício já citados, aparece no artigo a primeira e a última folhas com o colofão.

Dom Manuel comenta:

Alem da sua extrema raridade, a versão Portugueza do livro de Christina de Pisano, sahida dos prelos de Hermão de Campos, tem para nós o interesse historico de ser a ultima obra conhecida, mandada imprimir pela excelsa Rainha D. Leonor. No caso do *Espelho de Cristina*, esse interesse ainda mais vivo se torna, visto a versão em linguagem ter sido mandada executar pela Rainha D. Izabel, mulher de D. Affonso V e filha do infante D. Pedro – o Regente. Como dissemos, o manuscrito do *Trésor da la Cité des Dames* foi muito provavelmente dado pelo Infante a sua filha [...] A obra de Christina de Pisano – que exerceu uma notavel influencia moral na sua epocha – foi tanto do agrado da Rainha D. Izabel, que essa Senhora – tão infeliz assistindo á tragica lueta entre o marido e o pae, durante a qual o admiravel Infante encontrou a morte na triste batalha da Alfarrobeira – o mandou traduzir: a ela se deve pois o *Espelho de Cristina*, como devemos á Rainha D. Leonor, sua nora, a sua impressão. É uma dupla reliquia de duas illustres Princezas, que souberam apreciar as “tres virtudes” para “inssinança das damas”! (p. 354-5)

### 3 TRANSCRIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA D'O ESPELHO DE CRISTINA IMPRESSO POR HERMAN DE CAMPOS

Aqui comêça o liuro chamado | espelho de Cristina o qual falla | de tres estados de  
mulheres . | E he partydo em tres partes . | A primeyra se enderença aas Raynhas .  
5 Prinçes|sas . Duquesas e grandes senhoras . A segûda aas | donzellas em espeçyal aaquellas  
que andam nas | cortes das grandes prinçesas . A terçeyra aas mo|lheres d estado e  
burgesas e mulheres de poboo comuã .

||1r|| Prologo<sup>14</sup>

Prologo de como as tres virtudes per | cujo mandado Cristina fez o liuro da ci|dade das  
10 damas lhe tornarõ a appareçer | E lhe mandarom fazer esta obra . |  
DEpoyos que eu ouue per graça e ajuda do Senhor | deos . mandamento das tres virtudes .  
Cõuem a ssa/ |ber . Razom . Dereitura e Justiça . Acabada a cidade | das damas pella forma  
e maneira que em ella se con|tem . Como pessoa fraca e cansada de dar fim a tam | grande  
obra dey lugar de folgança a meus fracos | membros e a meu corpo alguã repouso E  
15 estando as|sy devagar auendo ouçiosydade por companheyra | supitamente me tornarom  
a appareçer aquellas tres gloriosas senhoras . dy|zendo todas pallauras de huã entençã em  
esta guisa. Como filha de o estu/ |do : he ja tua deestra cansada : e has tu esqueçido o  
estillo do teu entendimẽ|to e leyxar estar seca a pruna do doçe trabalho em que te soyas a  
deleytar . | Queres tu dar orelhas aa liçam da preguiça que sempre te cantara se a cree|res  
20 tu has assaz trabalhado tempo he de repousares . Nõ sabes tu que Se|neca diz . ainda que  
o entendimento do homẽ se repouse depois d alguã tra|balho o tempo das boas obras nom  
se perde : nem perteeçe a ty seeree no cõ|to daquelles que no começo dos boos caminhos  
afroxam de seus preposi/ |tos e tornam a enfraqueçer . Ma vergonha aja o caualleyro que  
se parte da|batalha ante da vytorea onde os que perseueram mereçem coroa de louro . |  
25 Ho[r]a sus da nos ha tua deestra mão nom estes mays escondida na vylleza | da preguiça  
entende nossas pallauras e per graça de deos faras obra pro/ |ueitosa Nom somos ainda  
cansadas de te meter em trabalho como nossa | seruidora : obra boa te teemos ordenada  
composta e determinada em nosso | virtuoso e maduro conselho . E per exemplo de deos  
que no começo do mũ|do vyo sua obra e benzeo a e depois fez o homem e as outras  
30 animallyas . | E assi a nossa cidade das damas he boa e proueitosa obra seja beenta e sera  
| louuada per todo o mũdo . E ainda em louuor della nos praz que assy como | o passareiro

---

<sup>14</sup> Corresponde ao capítulo 1 no manuscrito da Biblioteca Nacional de Madri.

aparelha sua rede e laços com que fylhe as aues queremos que | pois a cidade das damas  
 de honrra he feita e aparelhada sejam per nos cõ | tua ajuda pensados laços redes e  
 engenhos os quaes tu armaras per toda | a terra e logares e praças per onde as grandes  
 35 senhoras e todas molhe/ |res passam . afim que aquellas que som asperas e duras d  
 amansar possam | cayr em nossas armadylhas : em tal maneira que pocas ou nehuña  
 escapem | das que hy tocarem : e que todas sejam tragidas aa nossa cydade gloryosa . ||1v||  
 onde aprendam o doce canto daquellas que sempre hy morarom : como prin|cesas e sem  
 repouso descantom . Alleluya sobre o tenor dos bem auentura/ |dos ãjos . E eu Christina  
 40 ouuido as vozes de minhas boas e honrradas senho/ |ras chea de Alegria corrêdo me puse  
 de giolhos ant ellas e me ofereçy aa o|bediençia de seus dignos mandamentos : os quaes  
 logo reçeby em esta for/ |ma . Toma tua pena e escreue . Bem auenturadas som as que  
 moram ã nos|sa cidade per que se acreçenta o conto das das cidasdella<sup>15</sup> . A todo collegeo  
 feme|nyno e a ssua deuota rellegiõ seja notificado o ssermom da sapiençia . E  
 45 pry|meiramente porque o estado real das grandes senhoras he leuantado so/ |bre os estados  
 do mûdo . conuem que aquelles assy homeẽs como molheres | que deos estabelleço em  
 altas seedas de poderoso senhorio sejã melhor aco|stumados que outra gente porque sua  
 representaçom seja de mayor honra . | e que elles possam seer a sseus subditos e a todos  
 que a elles ham esguarda|do: espelho e exemplo de boos costumes . a elles se aderençara  
 50 nossa lyçam | Primeiramente aas Raynhas princesas e grandes senhoras. desy segûdo | de  
 graao em graao cantaremos em nossa doutrina a todos os estados | das molheres porque a  
 desceprina de nossa escolla possa seer iusta de todos dy/ |remos em esta guysa .  
 ||1v a|| AQui começa a ta|uoa das rubricas | do liuro das tres | virtudes aa ensy|nança das  
 molhe|res . O qual he partido em tres | partes . A primeira se aderença | aas Raynhas  
 55 Duquesas e grã|des senhoras . A ssegûda aas dõ|zellas em special aaquellas que | andam  
 nas cortes das grandes | prinçesas A terçeyra aas mo|lheres d estado : e burgesas e |  
 molheres do poboo comuñ . | ¶ O prologo diz como as tres virtu|des per cujo mandado  
 Christina fez o li|uro da cidade das damas lhe torna||1v b||rom a aparecer e lhe mandarom  
 fazer esta obra . | ¶ Capitulo primeiro . Como as tres | virtudes amoestam todas prinçesas  
 60 | e grandes . Senhoras que venham | a ssua escolla E sseu prinçipal ensy|namento he amar  
 e temer deos . | folha .primeira . | ¶ Capitulo . segundo . Como deuisa | a maneira das  
 tentaçoos que podẽ | vjir as grandes senhoras . folha . i . | ¶ Capitulo terçeyro . Como a  
 boa | prinçesa que ama deos pode resistir | aas tentaçoões per enformaçam de|uinal . folha

---

<sup>15</sup> “Cidasdella” por “cidadela”.

. i . | ¶ Capitulo . iiij . Como deusa o bõ ||2r a|| e sancto conhecimento que vem ha | boa  
65 prynçesa per amor e temor de | deos . folha . iij . | ¶ Capitulo . quinto . Que falla das | duas  
vidas sanctas *scilicet* . da vida auty/ |ua he contemplatiua . folha . iiij . | ¶ Capitulo . vi .  
Qual destes camin/ |hos a boa prynçesa amoestada de de|os determine de leuar . folha . iiij  
. | ¶ Capitulo . vii . Como a boa prin/ |çesa quer atraher a ssy todas as vir/ |tudes . folha .  
v . | ¶ Capitulo . viij . Como a boa prinçesa se trabalhara de meter paz antre | ho prinçepe  
70 e seus baroões quando | hy ouuer discordia . folha vi . | ¶ Capitulo ix . Os caminhos da  
ca|ridade que a deuota prynçesa teera | folha . vii . | ¶ Capitulo x . Que começa a fallar |  
das ensinanças moraaes que prudẽ|çia mundana dara haa prynçesa . fo/ |lha . viii . | ¶ Capitulo  
. xi Que deusa a maneira | de viuer que a ssages prynçesa tera por | conselho de prudẽcia  
. folha . ix . | ¶ Capitulo . xij . que começa a fallar | das sete prinçypaes ensynanças de |  
75 prudẽcia que sam neçessarias a to/ |da prynçesa que ama honrra como | se ha d auer ha  
çerca de seu senhor . | folha . x . | ¶ Capitulo . xiiij . que ha segunda en|sinança he como a  
ssages prynçesa se ||2r b|| auera açerca dos parêtes de seu ma|rido . folha . xij . | ¶ Capitulo  
. xiiij . que a terçeyra he | como sera sollicita sobre ho estado e | guarda e cryaçom de seus  
fylhos . | folha . xij . | ¶ Capitulo . xv . Que a quarta he co/ |mo a ssages prynçesa se auera  
80 discre/ |tamente contra aquellas que a nom | aman e lhe ham enueja . folha . xiiij . | ¶  
Capitulo . xvj . Que a quinta he co|mo a boa prynçesa trabalhara d auer | graça e boa  
voontade de seus sogei|tos . folha . xiiij . | ¶ Capitulo . xvij . Que a sexta he co|mo ella  
teera molheres de sua cor/ |te em boa ordenança . folha . xv . | ¶ Capitulo . xviiij . Que a  
sseptima he | como ella teera cuydado de suas rẽ/ |das e despesas . E do estado de sua |  
85 corte . folha . xvi . | ¶ Capitulo . xix . Que deusa em que | maneira deue husar de franqueza  
a s|sages prynçesa . folha . xvi . | ¶ Capitulo . xx . Que poõe as escusa|çoões que perteeçem  
aas boas prin|çesas que por alguãas razoões nom | pode dar a execuçom aas cousas  
so|breditas . folha . xvii | ¶ Capitulo . xxi . Da guouernança | da sages prynçesa que fyca  
vyuua | folha . xvij . | ¶ Capitulo . xxij . Desto mesmo : e | das prynçesas que veuam em  
90 sua ||2v a|| mançebia : folha . xviiij . | ¶ Capitulo . xxiiij . Da guouernan/ |ça que deue teer  
a prynçesa que noua|mente casa . folha . xix . | ¶ Capitulo . xxiiij . Que ensyna ha | maneira  
que a ssages dona ou don/ |zella : que guouerna alguãa prynçesa/ |sa moça deue teer polla  
guouernar | em boa nomeada e amor de seu ma/ |rido . folha . xx . | ¶ Capitulo . xxv . Que  
falla da noua | prynçesa que se quer desuyar de boõ | caminho per sandeu hamor . E a en/  
95 |sinança que prudẽcia da aaquella | que a teem em sua guouernança . fo/ |lha xxii . | ¶  
Capitulo . xxvi . Das letras que a s|sages dona ou donzella deue enui/ |lar a ssua senhora .  
folha . xxiii . | ¶ Tauoa ij . Aquy começa a ta|uoa das rubricas da segũda par|te deste liuro

a qual se adherença | aas senhoras e dōzellas primei|ramente aaquellas que andam | ã corte  
de grãdes sēhoras | O primeiro capitulo falla como as | tres senhoras *scilicet* . razom  
100 dereytura ju|stiça : recapitollã em breue ho que di/ |to he . folha xxvi . | ¶ Capitulo . ii .  
Item deuisa de qua/ |tro pontos os dous que som boos | pera teer E os outros pera esquy/  
|uar e como as donas he donzellas | da corte deuem d amar sua senhora | *que* he o primeyro  
ponto . folha . xxvi . ||2v b|| ¶ Capitulo . iii . Itẽ o segũdo ponto | que deuem teer as  
molheres de corte | o qual escusar os guasalhados quar|to folha . xxviiij . | ¶ Capitulo . iiij  
105 . Item do terceiro e *que* | he o primo dos dous que sã pera escu|sar . E falla da enueja que  
regna na | corte donde veẽ quinto . folha . xxix . | ¶ Capitulo v . Ainda desto mesmo |  
como ensina as molheres da corte *que* | se guardem da enueja . folha . xxix : | ¶ Capitulo  
. vi Item o quarto pon|to que he o segundo dos dous que | som pera esquiar falla como  
as mo|lheres se deuem guardar de maldi/ |zer folha . xxix : | ¶ Capitulo . vij . Ainda desto  
110 mes/ |mo como se as molheres hã de guar|dar de dizer mal de sua senhora . fo|lha . xxxi .  
| ¶ Capitulo . viii . Item como nom *per*|teçe aas molheres de corte defamar | hũa das outras  
nẽ dizer mal . folha . xxxi . | ¶ Capitulo . ix . Item das senhoras | baronesas a maneyra do  
saber que | lhe perteeçe . folha . xxxii . | ¶ Capitulo x . Itẽ das donas e dõ|zellas que vyuem  
per sy como se hã | de guouernar . folha . xxxiiij . | ¶ Capitulo . xi . Item das que som |  
115 soberbas ã seu vestir e trazer . folha xxxiii | ¶ Capitulo . xii . Item falla contra | a soberba  
d algũas . folha . xxxiiij . | ¶ Capitulo xiii . Item falla da guo|uernança que perteeçe a todas  
. folha . xxxv ||3r a|| ¶ Começasse a taboa das ru|bricas da terçeyra e derradey|ra parte  
delle A qual se aderen|ça aas molheres d estado e bur|gesas das boas vyllas . E aas |  
molheres de comuã poboo he | assy aas dos lauradores | ¶ O primeiro capitulo he como  
120 to|do o que ja he dyto pode tocar assi a | hũas molheres como a outras E da | maneira da  
guouernança *que* as mo/ |lheres de estado deũ teer no feito de | sua fazenda . . folha .  
xxxvij | ¶ Capitulo ij . Item como as molhe|res d estado e burguesas deuem seer |  
ordenadas em seu vestir . E como se | deuem guardar daqueles que tra/ |balham de as  
enganar . folha . xxxviiij . | ¶ Capitulo . iij . Item das molheres | dos mercadores . folha .  
125 xxxix | ¶ Capitulo . iiij . Item das molhe/ |res veuvas . velhss<sup>16</sup> e mãçebas . folha . xl . | ¶  
Capitulo . v . Itẽ das virgẽs . folha . xli ||3r b|| ¶ Capitulo . vj . Item deuisa como | as  
molheres velhas se ham d auer cõ|tra as mancebas . folha . xliij | ¶ Capitulo . vij . Item  
como aas mã|çebas se ham d auer contra has ve|lhas . folha . xliij | ¶ Capitulo . viij Item  
como se ham | de guouernar as molheres dos mes|teres . folha . xliiij | ¶ Capitulo . ix .

---

<sup>16</sup> “Velhss” por “velhas”.

130 Item das molheres | de seruiço . Item . da ensinãça das | molheres comũas folha. xliiij . |  
¶ Capitulo . x . Itẽ louua as molhe|res castas e onestas . folha xlv | ¶ Capitulo . xj . Das  
molheres dos | lauradores . folha xlvi . | ¶ Capitulo . xij . Itẽ falla do estado | dos pobres  
assy homeẽs como . mo|lheres . folha xlvj . | ¶ Capitulo . xiiij . Item a fim e cõclu|som do  
liuro . folha xlviiij<sup>17</sup>

135 ||4r a|| **A primeyra parte Das tres virtudes .**  
¶ **Capitulo primeyro<sup>18</sup> . Como | as tres virtudes amoestã todas | prinçesas e grãdes**  
**Senhoras | que venhã aa ssua escolla . E sseu | principal ensinamento he amar | e temer**  
**deos .** | DA parte *de* nos | tres Irmãos<sup>19</sup> fylhas de de/ |os nomeadas | Razam . D/ |rejtura .  
Iusti | çã . A totalas | prĩçasas . *scilicet* . em|peratrizes rainhas / duquesas : *e* al|tas senhoras  
140 que regnam ã senho/ |rio sobre a terra dos *christaos* . desy ã | geral a todo o genero  
femenino sau|de *e* amor Saber uos fazemos . que | como a caridade nos costrange de/ |sejar  
o bem e acrecõtamento da hõr|ra e bem auenturança de vos todas | *e* a querer a destroyçam  
e mingua/ |mento das cousas que esto podẽ em|bargar somos mouidas a vos decla|rar *e*  
dyzer pallauras de doutrina . | Uinde poes todas aa escolla da sa|piençia Senhoras de  
145 grande esta/ |dos *e* nom ajaaes verguõha por vo|ssas grandezas de vos fazerdes  
hu|mildosas *e* deçer e seer embajxo pe|ra ouuir nossas ensinanças . Ca sse|gundo a pallaura  
. de deos quem se | humilda sera enxalçado E qual cau|sa he em este mundo mays praziuel  
| nem tam deleytosa aaquelles que a | desejam que as mundanas *riquezas* . | ouro *e* pedras  
preciosas *e* posto que | muyto dellas percalçem nom lhe po|deriã tanto aproueytar como  
150 fazem | as virtudes aos corações que desejà ||4r b|| bem viuer . E por que som as virtu/ |des  
milhores . porque duram sem | fym *e* sam thesouro da alma que he | *perpetua* . E as outras  
passam como | fumo . E tãto como ho spiritual go|sta sente sua doçura as deseja mays |  
que outra cousa mũdanal pode seer | desejada E pois nom pertence aaquel|les *e* aaquellas  
que per graça de de/ |os som assentados em boa fortuna | nos mays altos estados que sejam  
155 | seruidos de melhores cousas . E por|que virtudes som as viandas de no|ssa mesa . nos  
praz destrybuir primej|ramente a estes a *que* fallamos . *scilicet* . aas | ditas prinçesas . E  
ssera ho funda/ |mento de nossa doutrina primeyra|mente sobre o amor *e* temor de deos |  
porque este he o começo da sabedo/ |ria *e* de que todas as outras virtu/ |des nascem *e*

<sup>17</sup> O folio 3v está em branco. No exemplar da Biblioteca Ducal de Vila Viçosa, a folha é mais grossa do que as outras. No exemplar da Biblioteca Nacional de Madri, essa folha aparece rasgada perto da encadernação.

<sup>18</sup> Nas edições de Crispim e na edição francesa de Willard e Hicks (neste trabalho, usamos a sigla Fr. para identificá-la), esse é o capítulo 2.

<sup>19</sup> “Irmãos” por “irmãs”.

descendem . Entendee | poys princesas e senhoras honrra/ |das sobre a terra / como  
 160 principal/ |mente sobre todas cousas vos con/ |uem amar e temer deos Ama lo por | sua  
 infynda bõdade e pollos gran/ |des e mujtos benefiços que delle ten/ |des reęebidos E  
 teme llo por sua di|uina e santa justiça que nenhũa cou|sa leyxa impunida . E sse este amor  
 e | temor tēdes bem ante vossos olhos | sem duuida vos sooes no caminho | que  
 dereytamente vos leuara ao lu|gar onde vos chamamos . *scilicet* . aas vir/ |tudes . Hora sē  
 165 duuida he assy que | toda pessoa que bem ama deos . o de|ue mostrar per obras segundo  
 elle | mesmo diz no euãgelho : as ouelhas | *que* som de mynha parte me amam e | eu as  
 guardo . quer dizer que as crea/ |turas que ho amã seguem suas pee|gadas que som as  
 virtudes e elle as | garda de todo perigo Poes he assi ||4v a|| que a princesa *que* o bem amar  
 ho mo|strara . per tal guysa *que* por carreguo | nem ocupaçom *que* lhe venha por cou|sa  
 170 de magnificēçia de seu estado nõ | se partira d ãte seus olhos a llumiey|ra do dereyto  
 caminho : a qual se con|batera contra as tētaçōes e treuas | do peccado e veençera : e  
 encorrera | segũdo a maneyra aquy contheuda . | ¶ Capitulo segundo Como de|uisa a  
 maneyra das tentaçoões | que podem vijr as grandes se|nhoras . | QUando a pr̄çesa ou |  
 grande senhora i ou/ |uer sperta em sua ca/ |ma e ella sentir a mo/ |leza da roupa e a  
 175 brã|deza dos lencoões<sup>20</sup> muy delgados e | se vijr çercada de ricos paramentos | e de todas  
 outras cousas abastada | *que* som necessarias ao prazer do cor/ |po E donas e donzellas a  
 rredor de | ssy : que nom tem olho em outra cou|sa senam auisar que cousa algũa lhe |  
 nom faleça de todo deleyto . prestas | de a cobrir . se ella sospyrar ou se mo/ |uer : os  
 geolhos ficados pera lhe me|nistrar todo seruiço e obedeçer a sse|us mandados . Ameude  
 180 acõteçe en/ |tom que tentaçam a cõbatera e lhe | cantara tal lyçam com que ella diga | a ssi  
 mesma . Senhor deos ha no mũ|do mais grande senhora que tu hes | nem mays outorizada  
 . de que deue | fazer conta . nom yras tu primeyro *que* | aas outras posto que ellas sejam  
 ca/ |sadas com grandes senhores : nem | se deuem cõparar a ty . Tu hes mays | ryca e de  
 mayor linhagem : ou mais | preçada por teus fylhos . e mays no||4v b||meada pella possãça  
 185 de teu marido . | Quem seria o que te ousasse fazer de|sprazer . E nom tomarias tu  
 vingança . certo hy no ha tam grãde pessoa | que tu bem nom podesses trazer as/ |sym E  
 sse algũa pessoa presuntuosa | soberba : te quisesse offender . tu aue|ras a uyngança loguo  
 per tal po/ |der e per tal ajuda *que* tu has . E por|que as grandes cousas se nom po/ |dem  
 acabar sem muito dinheyro cõ|uem que te trabalhes de juntar tesou|ro assym que te possas  
 190 delle ajudar | no tempo da necessydade . E este he | o melhor amygo e o mays seguro |

<sup>20</sup> “Lencoões” por “lenções”.

meo que podes auer . quem sera . *aquel*le que te desobedeça . se ouueras asaz | que dar .  
 Ponhamos que nom das | senam pouco : nem leixaras por esso | de seer seruida em  
 speranza . de no|me de tua riqueza . que cuidado has | tu d auer poys al te nom faleçese  
 ão | pensar nas cousas que te podẽ pra/ |zer : tua vida he em este mundo . viue | em repouso  
 195 *e* nom cures de fadigas | vinhos *e* viãdes te nom podem fal|leçer quanto te prouuer . E de  
 todos | outros viços al te nom he necessario | pensar . senom d auer todo prazer *e* |  
 desenfadamento que poderes . Em | este mundo nenhuũ nom ha boõ tẽ/ |po senom o que  
 se da a boõs *e* pra|ziues desenfadamentos . E pera tu | seeres mays leda pensa d auer boas  
 | roupas *e* ricas joyas *e* faze para/ |mentos de tua deuisa *e* de noua fey|çam quantos poderes  
 200 . ¶ Capitulo terçeyro Como a | boa princesa que ama deos po|de resistir aas tentações per  
 en|formaçam deuinal . ¶ 5r a|| TODas as cousas sobre|dytas *e* seus semelhã/ |tes sã yguaryas  
 que a | tẽtaçam menistra a to|da creatura *que* viue em | deleytes *e* viços deste mũdo . Mas  
 | que fara a boa prinçesa quando se | sentir assy tentada . saltara na forta|leza do amor *e*  
 temor de deos *que* lhe | cãtara outra lyçam dizendo O neícia | sandia mal auisada *que*  
 205 pensaste tu em | pouca de hora esqueçyste o conhoci/ |mento de ty meesma . Nom sabẽs  
 tu | que es hũa miserauel pessoa creatu/ |ra sugeyta a todas infirmydades *e* | passioes que  
 corpo mortal pode so/ |frer . que auantagem has tu . certo | nom outra senom como huũ  
 pedaço | de terra cuberta de mylhor pano *que* | os outros . O triste creatura a todo | vicio *e*  
 pecado sogeyta : queres tu per|der o conhecimento de deos *e* esque|çer como este coytado  
 210 vaso vazio de | toda virtude *que* tanto deseiou hõrra | *e* viço ã pequeno temor morrera *e*  
 se|ra vianda dos vermeãs *e* assy apo/ |dreçera sua terra como a mais pobre | molher *que*  
 nasceo . E que a mesquinha | da alma nenhũa cousa leuara senõ | o bem ou mal que o  
 cativo corpo co/ |meteo sobre a terra . E que te vale/ |rom entam honrras riquezas : nem |  
 gram parentesco de quẽ em este mũ|do te soyas de louuar yram a sseco/ |rer te nas presas  
 215 em que seras se mal | viueste em este mundo : certo ão ante | estas cousas de que tu mal  
 husaste : | se te tornarom em tormẽto . O mes|quynha triste per vêtura milhor fo/ |ra pera  
 ty usares tua vida em estado | de hũa pobre molher . que seres le/ |quantada ã tantas honrras  
 as quaes se ¶ 5r b|| te ão guardas pervêtura seram cau|sa de tua condenaçam . Porque for/  
 |te cousa he seer contynuadamente | antre as chamas *e* nom se queymar | nom sabes que  
 220 deos diz no euange|lho beentos som os pobres que seu | he o regno de deos E em outra  
 par|te diz que tam mal como huũ camel|lo carregado pode entrar pello bu/ |raco de huũa  
 agulha . de huũ ryco | yr ao parayso . O triste *e* hes tu assi | çegua que nom vees teu  
 peryguo . | E esto faz a grande soberba . *que* per | causa de tuas vaãs honrras em que | te  
 veãs emuorylhada . apaga em ty | tua rezom . tanto que parece que ja | nom pensas

225 soamente em seer prinçesa ou grande senhora . mas assy | como diessa<sup>21</sup> em este mundo  
. porque | sofres em ty falsa soberba . E sabes | per autorydades da santa scriptu/ |ra que  
deos a desama tanto que a | nom pode sofrer . Ca por ella cayo | luçifer principe dos  
jmmiguos da | alteza do çeeo em o jnferno . E assy | faras tu se te nom guardas . sober/  
|ba raiz de todos malles çertamen/ |te . eu conheço que de ty veẽ todos | outros pecados .  
230 E confesso que por | causa de ty soamente eu soo muy/ |tas vezes metyda em yra desejan/  
|do vyngança . E me fazes pensar | que eu deuo seer temyda . e preza/ |da sobre todas . e  
meter todos sob | meus pees . nem deuo sofrer cousa | que me deespraza . mas por peque|na  
que seja loguo tomas a vyngan|ça . O vento peryguoso e jnchado | de coraçom . vaso cheo  
de peçonha | e de podridam . A carne onde tu es | arreygada . he em mayor ventura *que* |  
235 os que estam em aar pestenencyal ||5v a|| peruersa creatura tu desejas vyn/ |gança . porque  
te parece que hes tã | grãde . que nenhuũ deue ousar contra|dyzer cousa alguũa que tu  
faças . | nem registyr ha teu querer . mas | tua çegua ygnorancya gujada . per | soberboso  
. per presumçom te faz | perder o conhecimento como to/ |da pessoa seya grande . ou  
peque/ |na que mal vsa seus dyas mereçe | que toda cousa lhe seya contrayra | nem  
240 parasmentes em sy como as | mereçydo he mereçees polla maa | maneyra que teeus<sup>22</sup> que  
seyas fora | da graça de muytas boas persoas | Ca nom hee sem causa se muytas |  
cõtradyzem a sy e ha suas openy/ |oões som contrayros . E assy tu | nom hes auisada do  
teu torto mas | ha todo preposyto . que quer *que* tu fa|ças te parece . que de todos he  
lou|uado pera abayxar todas outras | openyoões e vontades . E desa/ |mas todos que te  
245 contradyzem e | pensas mal contra elles per qual|quer maneyra que podes nom pen|sando  
ho peryguo que se de ty po/ |de seguyr no corpo e na alma e ha | outros muytos . E se lhe  
tu nom | podes mal fazer : ao menos os de/ |famas mortalmente . E esta desle/ |al soberba  
que te poem no mar da | perdyçam nom te mete ella assy em | cabeça os daptos que se  
seguem de | tu cõpires toda tua vontade per | tuas sobeyas vynganças . E como | tu juntas  
250 thesouro sem esguardo | de conçiencia . Do dooroso dinhei|ro esto he cousa quasy  
ympossyuel | que tu possas seer ayudo sem per|juyzo de muytos tu ho queres ajũ/ |tar do  
suor he trabalho d outros ||5v b|| pollo auer sem razom pera teu . | singular deseyo mas  
sabe çertamẽ|te e nom duuides que se o yndy/ |namente buscares he juntares nũ/ |ca .  
delle vsaras ha teu prazer . por|que onde pensares de ho empre/ |guar em cousas de tua  
255 folguança . | Deos te emuyara d outra parte tã|tas hauersydades doenças . ou d ou|tros

<sup>21</sup> “Diessa” por “deusa”. + ||10v a||. Hipótese: forma recorrente aceita pelo editor.

<sup>22</sup> “Teeus” por “teens”.

carreguos que te conuyra que | este maldyto thesouro seya empre/ |gado em vasos trystes  
 ao cõtrairo | do que tu pensauas . Que faras tu | entom deste thesouro leva lo as con|tyguo  
 . çerto nom . nem outra cou/ |sa delle . se nom o carguo de o mal | buscar e peor despender  
 . Esguar/ |da bem de nouo onde te leua esta | maldita soberba ha qual te faz creer | que tu  
 260 passas os outros em gran/ |deza he autorydade . E faz o teu | coraçõ tremer de medo que  
 outro nõ | possa montar em tam alto estado | como tu hes . Porque elle te mete ã | deseyo  
 de seer mayor que todos : E | sse acontece que tu sabees pessoa | tanto . ou mays  
 autoryzada que ty | nenhuã pena poderya . seer ma/ |yor que aquella que ha teu coraçom  
 | leua . a qual te faz maldyzente e yro|sa . Outra chama infernal te mete | soberba no  
 265 coraçom e he esta . Tu | dizes em ty meesma eu nom ey me|ster de trabalhar nõ de buscar  
 outra | cousa senõ meu prazer . E jazer grã|de menhaam e de sy yantar e re/ |pousar he  
 visitar os cofres de min|has joyas he paramentos . este de/ |ue seer meu trabalho . E assy  
 mal/ |dyta e sandya creatura que tu hes | parece te que deos deu ho tempo a | toda outra  
 pessoa pera o bem em||gr a||preguar e que ho deu a ty per auto/ |ridade de o passar em  
 270 cousas oucio|sas mays que outrem . Creatura mes/ |quinho<sup>23</sup> tu ouuyste preegar muytas |  
 vezes que sam bernardo diz . Que | ouciosydade . he madre de todallas | bulras e madrasta  
 de virtudes : esta | he aquella que aos boõs homeẽs | faz cayr em pecado e apaga todas |  
 obras vertuosas e crya soberua he | abre ho caminho do ynferno Mas | aynda te acontece  
 que esta sober/ |ua te faz buscar prazeeres e vyços | estes vyços te criam soberba . a qual  
 275 | te faz buscar vinhos e vyandas nõ | costumadas . nem cõynhauees Ca | destas es tu  
 emfadada . Mas os te/ |us por te comprazer he melhor me|reçer tua soldada : conuem que  
 pen|sem sabores e salsas he mesturas | nouas pera mylhor prazer a uyan/ |da ha teu gosto  
 he assy dos vinhos | Aa maldyta assy has d encher este | saco que he viandda de vermeẽs  
 he va|so de toda malicia . mas que aconte|çe quando elle he bem cheo de vy/ |anda : çerto  
 280 assy como a lenha seca | he boa pera o fogo : assy a ssobeya fartu|ra de vyandas e de  
 vinhos ca toda | luxurya . Esto he ho que enflama | a ssoberba e enclyna ho coraçom a |  
 todo ho que ao corpo pode dar dy|leytaçam E ha carne assy criada he | tal como ho cauallo  
 que esta a folga|do he vyçoso . E quando seu doo/ |no se pensa ajudar delle nom ho po|de  
 teer he leua ho maaõ seu gra/ |do per camynhos peryguosos he | muytas vezes lhe quebra  
 285 ho pescõ/ |so . E assy ho corpo vyço muytas | vezes mata sua alma . E a soberba | que  
 reygua<sup>24</sup> em tal [[c]]cryaçom te faz ||gr b||deseyar sobeyas roupas he para/ |mentos e joyas  
 tanta que hape/ |nas pensas em outra cousa he que | quer que aja de custar d onde aja de |

<sup>23</sup> “Mesquinho” por “mesquinha”.

<sup>24</sup> “Reygua” por “reina”.

vyr conuem que tu ho ayas . E cõ | este vicyo he outros ynfyndos ha | que te leua esta  
vontade . te faz seer | aspara he maa de seruyr : tanto que | ha pena se pode achar cousa  
290 que | te praza : nem mestre que de seu ofy|cio te serua ha teu prazer . E com | todas estas  
cousas tu hes tam pre|sũtuosa *que* pêsas que deos te nõ pode | fazer desprazer . O  
miserauel *e* caty|ua çegua cryaturo<sup>25</sup> como pode ha|uer em ty tanta força aquella sober|ba  
que te fez esquecer has grandes | prouysoões de deos : nem embar/ |gando que elle te  
sofreo tam lon/ |gamente morar em tantos *e* tam | grandes pecados sem te pagar ho | que  
295 tu bem mereçia . Mas nom sa|bes tu ho que huñ doutor diz . tan/ |to como a vyngança de  
deos mays | tarda tanto he mays perigosa quã|do vem . Mas tu esqueçydo como | deos  
nosso senhor por sua soberba | castyguo nabucodenosor que era | Rey de babylyonya he  
tam grande | prynçepe que nom temya ho mun/ |do todo . E ysso meesmo ho rey de |  
persya . Antioço he ho emperador | serxes he grande conto d outros *que* | tanto eram  
300 poderosos que nom a|uya cousa no çeeo nem na terra *que* | temessem . E per vyngança da  
von|tade de deos por seus mereçymen/ |tos foram tam humildados he tra/ |zydos ha tal  
ponto que nom auya | no mundo tam meesquynho homẽ | como sse elles vyram . E nom  
te nem|bra ha este preposyto que he scryp||óv a||to no ecclesyastico aos dez capitol/ | los  
que deos destroyo os duques | soberbosos *e* fez os mansos por el / |les . E arrancou as  
305 rayzes da sober|ba *e* plantou as humyldosas em | seu lugar . Esto te aconteçera se quy|seres  
seer destruyda Torna te ao teu | senhor deos *e* conhece que hes hũa | symplez molherzinha  
que nom has | força : poder : nem autoridade : se d ou|trem te nom vem : pensas porque  
te | vees enborylhada em vyços *e* hon|ras trilhar todo o mũdo a teu prazer | ¶ Capitulo . iiij  
. Como | deuisa o boõ *e* sancto co|nheçymento que vem a | boa priçesa<sup>26</sup> per amor *e* | temor  
310 de deos . | ASy a boa prinçesa ha|moestada de deos *que* ho | ama *e* teme : se tornara | a  
ssy mesma . E por muj | boa que ella seja : deue | se de contar por pequena *e* ajnda me|nos  
que todas . desy as sobredytas | cousas bem pensadas . ella dyra cõ/ |tra ssy hora vees tu  
*e* conheçes per | graça de deos os grãdes espãtosos pe|rygos ã que te meteste per causa  
de/ |sta condepnada soberba . que faras | tu poys continoaras assy querendo | seer  
315 cõdapnada : qual te sera melhor | viuer em este mundo huñ pequeno | espaço ha teu prazer  
nom de todo | porque quanto te mays te meteres | nos vyços delle mays te sobreuyrã |  
desuayrados cuydados *e* deseyos | hos quaes te atormentarom ho co/ |raçom porque os  
nom poderas to/ |dos compryr segundo teu deseyo ||óv b|| nõ teu coraçom jamays nom

---

<sup>25</sup> “Cryaturo” por “criatura”.

<sup>26</sup> “Priçesa” por “princesa”.

auera | contentamento . E sser perpetuamẽ|te condepnada . Ou refrear estes so|bejos viços  
 320 e viuer em amor e temor | de deos he seer salua no regno de | deos sem fym . Que seer  
 condapna|da . Diz ha scritura que nom he all | senom seer pera sempre pryuada | da vista  
 de deos e jazer em treuas | espantosas em companhia dos dia/ |bos jnmygos da humanal  
 nature/ |za com as almas perdydos<sup>27</sup> que cõ|tynoadamente lançam vozes e gritos e plantos  
 dorydos : mal dyzen / | do deos e seus parentes e sy mees/ |mos em tormentos sem medyda  
 325 e | foguo que sempre arde : E temor ma | rauylhoso he perdurauel espanto . | E o que peor  
 he desesperança de ya|mays sayr . O tryste he porque te | queres tu meter em tall condepna/  
 |çom e perder por tua sandiçe a gra|ça que deos te promete a qual me|reçeras per bem  
 pouco trabalho | Elle te promete pellos mereçymen|tos da sua sancta payxom que se o | tu  
 quyseres seruyr e guardar seus | mādamentos que aueras ho parai|so . E que he parayso .  
 330 Sam grego/ |ryo diz nas suas humilias . falando | daquella santa çidade do paraiso ã | breue  
 : que nom ha lingoa : nẽ entēdi|mẽto que possa cõprehēder nẽ dizer quaes | nẽ camanhas  
 sō as alegryas delle : | as quaes som seer sempre presente | aa companhia dos anjos com  
 os | bem auenturados Sanctos que | em ella som . E uer aquella façe da | santa tryndade e  
 sentir seu lume in|comprehensiuel e seer abastado de | todo deseio . E auer conheçymento  
 335 | de toda scyencya he repouso eter||7r a||nal sem temer morte E seer seguro de | sempre  
 possuir aquella gloria e bem | auēturança hora vees tu a deferen/ |ça de dous caminhos  
 qual filharas | seras tã rayuosa que te metas na vasa | onde te allagues he pareças e ley/  
 |xes a ssaam e segura carreya que | te leuara a ssaluamento : nom [[: nom :]] | tu nom  
 seras tam mal aconselhada | que leyxes ho bem por mal . O sãcta | trindade huũ deos em  
 340 vnydade sobre | todos poderosos e perfeyta sabe/ |dorya he jnfynda bondade conse/ |lha  
 me e da me socorro e ajuda co/ |mo possa sayr das treuas da ygnoronçya<sup>28</sup> que tanto me  
 çegarom . vir/ |gem digna sagrada he pura confor|to dos trystes sperança dos que am | boa  
 ffe : ten me com a mão da tua | sancta myserycordya he tyra me do | paull do malyçyoso  
 pecado . Muy | sancto he bem auenturado colegio | e corte do parayso . anjos arcanjos |  
 345 cherubijns serafijns tronos domy|naçoões . sanctos apostollos de de|os : marteres  
 confessores e toda ha | vnyuersydade das bem auentura/ |das virgens continentes rogay  
 por | my e seedeem minha ajuda . | ¶ Capitulo quinto que | falla das duas vidas sã|tas .  
 scilicet . da vida autiua he | contemplatyua Aas fo|lhas . iiij . | HOra poys sguar/ |da que  
 te compre de fa/ |zer se queres ser sal|ua . A scriptura fal/ |la de dous camyn/ |hos que  
 350 leuom os ||7r b|| homeês ao regno de deos . E quem | per elles nom anda ympossiuel he |

<sup>27</sup> “Perdydos” por “perdidas”.

<sup>28</sup> “Ygnoronçya” por “ignorância”.

de hy entrar . Huñ se chama vida | autiua . Outro se nomea vida con/ |templatiua . E que  
 quer dizer vida | autiua e vida contemplatiua . A vi/ |da contemplatiua he huñ estado e |  
 huña maneyra de seruir a deos : no | qual ha pessoa que em elle he como | deue ama tanto  
 nosso senho<sup>29</sup> : que el/ |le esqueçe de todo padre : e madre : | fylhos e o mundo todo e a  
 355 ssy mees|ma : pollo grande e feueruente<sup>30</sup> / | deseño que soamente ha a sseu cryador . |  
 Tanto que alhur nom pensa e to/ |das outras cousas tem em nada : | nem ha pobreza  
 trybulaçom : nem | tormento : de que outra cryatura | possa seer agrauada : que ao cora/  
 |çom dereytamente contemplatyuo | possa fazer empacho : nem de que | elle faça conta .  
 Sua maneyra de | vyuer he desprezar perfeytamente | todo ho que he do mundo e as  
 360 a|legryas delle . E sse teer soo apar/ |tado de toda gente os geolhos em | terra as maaõs ao  
 çeeo e ho cora/ |çom leuantado per alto pensamen|to tanto que elle vay contemplar | ante  
 deos . Esguardar per sancta | ynspyraçom a ssancta trynidade e | ha corte do çeeo e ha  
 allegria que | hy ha . Em tal estado he o perfeyto | contemplatiuo e de tal guysa . Re/  
 |uatado : que lhe parece que nom | he em sy meesmo . E a consolaçom | e a doçura que  
 365 elles sentem nom | poderya seer comparada a nenhũa | outra allegrya . Porque começom  
 | a sentyr a gloria do parayso porque el|les começõ a uer deos ã *spiritũ per cõtempla|çã e*  
 ardem em seu amor : E assy ham ||7v a|| abastança perfeyta em este mundo . | porque elle  
 nõ quer nem deseja outra | cousa . E deos ho conforta como seu | seruidor e ho abasta de  
 doçuras do | parayso . *scilicet* . de sanctos he lympos | pensamentos das cousas do çeeo e  
 370 | de perfeyta speranza de possoyr ha|quella allegre companhia . Ao qual | nom he outro  
 prazer comparado . | segundo sabem os que ho prouarõ | ajnda que o eu nom saiba dizer  
 do | que me pesa . O euangelho diz que | este caminho he seguro mays que | os outros e  
 mays prazyuel ha de|os no mundo se mostrou vysy/ |uelmente segundo he scripto de  
 muj|tos santos contemplatiuos que fo/ |rom vistos estando em sua contem/ |plaçam .  
 375 leuantados sobre ha terra | tam altos per mylagre de deos que | parecia que ho corpo querya  
 seguir | ha vontade ha qual estaua no çeeo | desta santa he leuantada vyda nõ | soe digna  
 de fallar nem de a escre|uer assy como a ssua dignydade per|teeçe . Mas desto som has  
 sanctas | scripturas cheas . A uida autyua he | huñ outro estado de seruyr deos e | he tal  
 que ha pessoa que ho quer se|guyr sera tam carydosa que deseja|ra seruyr todos por amor  
 380 de deos he | buscara hos sprytaes he vysyta / | fara os enfermos he os pobres so/ |corrẽdo  
 lhes do seu dinheiro he tra|balho de seu corpo por deos segun/ |do seu poder . E ha tam

---

<sup>29</sup> “Senho” por “senhor”.

<sup>30</sup> “Feueruente” por “fervente”.

grande pie|dade das criaturas que estam em pe|cado ou em algũa myserya ou try/  
 |bullaçom que ella chora por elles | como por seu meesmo feyto : ama | ho bem de seu  
 proxymo como ho | seu propyo : sempre he em trabalho ||7v b|| de bem fazer . nunca he  
 385 ouçeos . seu | coração arde em deseyo de comprir | as obras de myserycordya . ha todos  
 | soporta enjuryas he doestos com | muyta paçyencia por amor de no/ |sso senhor E esta  
 vyda autyua ser/ |ue assy como tu vee mays ao mun/ |do que ha outra contemplatyua . | E  
 ambas sam de grande mereçy/ |mento . Mas da mas perfeyta del/ |las jhesu christo meesmo  
 deu a ssen|tença . quando marya magdallena | ã *que* he segurada a uyda contempla|tyua .  
 390 seja aos seus pees como aquel|la que nom auya ho coração em | outra cousa he toda ardia  
 no seu san|to amor . E martha sua jrmaã per a | qual se entende a uida autiua *que* era |  
 ospeda de nosso senhor trabalhaua | açerca do seruiço da casa seu *e* dos a|postollos . E  
*queyxou* se elle *de* sua jrmaã | *que* a nõ ajudaua E o sêhor *deos* a escusou | dizêdo martha  
 tu es muy delligête ã | tua obra *que* he boa *e* neçessaria Em/ |pero maria escolhia a melhor  
 395 parte | pola *qual* palaura podemos bẽ saber *que* | nõ ãbargãdo *que* a vida autiua he boa | *e*  
 neçessarya a pera ajuda *e* socorro de | muytos a cõtẽplatiua he melhor por|*que* deuemos  
 de leixar todos os me/ |steres *deste* por somête pensar em *deos* . | E por este<sup>31</sup> causa forõ  
 achados pollos | sãtos homeês as relegyoões *que* he o | mays alto estado a çerca de *deos* a  
 quẽ | o faz como deue *pera aquelles que* quiserẽ | *dereitamête* cõtẽplar possã seer  
 400 apar|tados do mũdo ã seruiço de *deos* sã outro | cuida[[da]]do o que a *deos* prazera se elles  
 | quiserẽ fazer o que deuem . | ¶ Capitulo . vi . qual destes ca|mĩhos a boapriçesa amoestada  
 | de *deos* determyna de leuar . ||8r a|| AUysar te conuem . | diz ha boa prinçesa | spirada  
 de *deos* : cõ|tra ssy mesma . qual | dos dous caminhos | aueras de ter certo he | *que* descriçõ  
 he madre das *virtudes* por|*que* per ella se guyã as outras . E *quem* | nom começa cõ ella  
 405 ho que ha de | fazer toda sua obra vem ha pouco | proueyto . Por ysso me he necessa|ryo  
 obrar com ella qualquer cou/ |sa que aja de começar . Primeyra|mente auisar ha força : ou  
 fraqueza | de meu proprio corpo . E as outras | franquezas<sup>32</sup> ha que sam enclynada<sup>33</sup> E ha  
 que sogeyçoões me conuem | que obedeça segundo ho estado . a | que *deos e* ho mundo  
 me chamarõ | E sse eu consijro verdadeyramente | estas cousas *e* acho ã mi algũa boa |  
 410 vontade *e* eu so fraca de *spiritu e* de | corpo *e* nom desposta pera sofrer | abstinencia *e*  
 gram trabalho E ssê|do tal eu nõ deuo presumyr de my | que seya de tal vertude . Nom

<sup>31</sup> “Este” por “esta”.

<sup>32</sup> Texto em Fr.: “[...] premierement la force ou foiblece de mon propre corps et la fragilité en quoy je suis encline [...]”. O editor francês usou o termo “fragilidade”, conceito bem diferente daquele usado pelo editor português: “franqueza”.

<sup>33</sup> “Enclynada” por “inclinadas”.

em|bargando que deos diz . leyxaras | ho padre e madre por meu nome . | Que me eu a  
 esto todo possa des/ |poer leyxando marydo e fylhos e | estado mundanauel e todas outras  
 | ocupações terreaes por entender | de todo servir deos na vida contẽ/ |platiua como  
 415 fezerom as muy per|feytas cryaturas . E assy nom de/ |uo começar cousa que nom possa |  
 perseuerar . Poys que farey emca/ |minharey pella via autyua . Certa/ |mente bem  
 aaventurados som aque|les que bem podem exercytar as o|bras que esta manda . Aa ssenhor  
 deos | hora me tu fezeras pera te eu poder ||8r b|| ao menos em aquella vida perfeyta|mente  
 servir ministrado e fazendo | serviço ha teus membros . scilicet . aos po/ |bres por amor  
 420 de ty . Myzquynha | como comprirey eu esto . ca me nom | sento desposta a querer  
 fynalmente | leyxar todo meu estado pera me hy | bem empregar . Bom senhor deos |  
 spiraae em my bom cõselho que eu | aja de fazer pera me salvar porque | ajnda que eu  
 bem sayba que outra | cousa nom he pera amar nem dese/ |jar se nom vossos soo e que  
 toda outra | alegria seja nenhuñ eu nom tenho | força em my pera de todo poder de/  
 425 |semparar ho mundo . E ssom en tra|balho . que farey . ca tu dizes que he | ympossiuel o  
 rico se salvar . Entom | vem ha ssanta enformaçom aa boa | primçesa que lhe dyz em esta  
 guysa | Eu vejo que tu faras . Deos nom | manda que ho homẽ leyxte todo pol|lo seguir .  
 Esto nom he aos que de | todo querem seer da vida perfeyta | e cada hũ se pode salvar em  
 seu esta|do E ao que deos diz que j|mpossy/ |uel he que ho rico se salve . Esto se | diz pello  
 430 rico sem vertude . que de su|as riquezas nom destrebuyo em es|mollas nem em obras  
 pyadosas . cul|ja bem aaventurança he em seus ha|ueres nom he duuyda se deos desa/ |ma  
 taes como estes . nem entrarom | em ho çeeo emquanto taes forem | E dos pobres de que  
 elle dyz que | som bem aaventurados entende sse | dos pobres . de spyrytu . E pode | seer  
 esso mesmo huñ muy ryco ha|vondado . mas nom preçara nada | suas rryquezas . E posto  
 435 que as te/ |nha elle as despẽde ha serviço de | deos em boas obras . nem ãsober||8v a||beçe  
 por honrra . nem ensoberueçe | por ryquezas tal cryatura posto que | auonde em ryquezas  
 e beês mun/ |danaes he pobre de spirytu e po/ |ssuyra o regnos dos çeeos . E po/ |desse  
 muy bẽ veer pollos reys e prin|cipes que som santos no parayso . | assy como sam luyes de  
 frança outros | muytos que nom leyxauam o mun|do e regnauom e possoyam seus  
 440 se|nhorios ao prazer de deos viuen/ |do justamente nom se deleytando | em vaam gloria .  
 E as honrras que | lhes faziã nom reportauõ a suas pes|soas mas ao estado dos senhorios  
 | nos quaes elles eram vygayros de | deos sobre a terra . E de rainhas e prĩ|çesas mujtas

forõ sanctas no parayso | Assy como molher de Rey clauio<sup>34</sup> | de frança e santa bandor<sup>35</sup>  
 e santa jsa|bel rainha d ùgrya E nõ he duuyda | que deos se quer seruido de pessoas | de  
 445 toda maneyra . E cada huũ se po|de saluar ã seu estado no qual nõ jaz | a condepnaçõ mas  
 ã nom saber hu|sar sagesmente . E em conclusom eu | veio<sup>36</sup> bẽ *que* nõ som de tal força  
 que po|ssa de todo ã todo escolher huũa de|stas vydas mas cõ a graça de deos | eu me  
 trabalharey ao menos de ter | huũ meo assy como diz sam paulo | e tomarey de huũa e da  
 outra segũ|do minha possibilidade o mais que | eu bem poder .: . ¶ Capitulo . vij . Como  
 450 | a boa prĩçesa quer atra|er a ssy todas as virtu/ |des .: . ||8v b|| TODas estas | cousas e outras  
 semelhan|tes pensara a | booa prĩçesa | per deuina spi|raçom ou en/ |formaçom . E | pera  
 as trazer a efejto deue teer este ca/ |minho Ella *desejara* seer bẽ ãformada | pellos boõs  
 ãtẽdidos *que* he bẽ e *que* he | mal . *pera* escolher o bẽ *esquiuar* o mal . E | posto *que* toda  
 criatura seia *per* natureza | ãclinada a pecar ella se gardara a to|do seu poder de pecar  
 455 mortalmente | E fara assy como o boõ fysyco que | cura a door per seu contrayro . E  
 sselguyra ha pallaura de grysostymo | sobre ho euangelho de sam mathe|us que diz Quem  
 quer auer ho prin|cypado celestial conuem que sigua | ha humildade terreal . porque  
 açer|ca de deos nom he aquelle grande . | que mays honrrado he em este mũ/ |do . mas  
 aquelle que mays justo he | na terra he mays grande no çeeo | porque ella conheçera *que*  
 460 as hõrras | comunalmẽte a leuantam ha sober/ |ba . Despoera seu coraçom ha toda |  
 humyldade e pensara em sy mes/ |ma *que* nõ ãbargãdo perteeça ao estado | de seu senhor  
 e ao grao ã *que* elle he *que* | reçeba algũas hõrras ã *qualquer* sãhorio | *que* se veja seu  
 coraçõ nõ sera tocado *de* | soberba nõ ella leuãtada ã vaãos pẽ|samẽtos ãtes dara graças a  
*deos* e lhe | atrebuiara toda a hõrra e *de* seu coraçõ | nõ *partira* o pẽsamento de cõheçer *que*  
 465 ella | he hũa pobre criatura mortal fraca | pecador e que o estado qu ella reçebeo | nõ he  
 senõ hũ officio *de* que lhe cõuĩra | ã breue tempo dar cõta porque sua vida ã ||9r a|| sguardo  
 do perpetual mundo : nom | he senom huũ trespaso pequeno . | ¶ Esta nobre prĩçesa :  
 ainda que a | dignidade de seu estado perteeça *que* | ella reçeba das gentes honrra e  
 re|uerença quando lhas fezerem nom | filhara deleytaçom . ou com amenos | que ella poder  
 470 passara guardando | a honrra de seu estado Seu fallar e | gouernaçom sera doçe e benigno  
 | e seu rosto praziuel e os olhos bay|xos : dando saudes a todos os que | lhas derem . Em  
 pallaura tam hu/ |mana e assi doçe que praza a deos e | ao mundo E com esta vertude de  
 hu|mildade a nobre senhora a sera tã pa|ciente que ainda que o mundo de as|saz

<sup>34</sup> Edição Fr.: “roy Clovis”; Crispim: “Rei Clovis”.

<sup>35</sup> Edição Fr.: “saincte Baudour”; Crispim: “Santa Baudor”.

<sup>36</sup> Edição Fr.: “je voy”; Crispim: “eu vejo”.

deuersidades : assi aos grandes | senhores como aa pequena gente se|gundo seus estados  
475 : por cousa que | lhe aconteça nom sera mouida a jm|paciençia e todas auersidades to/  
|mara em grado por amor *de* nosso se|nhor deos E assi se despoera na ver|tude da paciençia  
: que se aconteçes/ |se *que* ella reçebesse torto d alguña pes|soa segundo se muytas vezes  
a grã/ |des senhores faz sem razão . Ella nõ | desevara nem buscara delle vigãça . | E sse  
aconteçer *que* ella seya punyda | per dereyto e justiça . ella auera pie/ |dade pensando na  
480 pallaura de deos | que manda amar os jnmygos . E sã | Paullo diz : que a caridade nom bu/  
|sca o que seu he e rogara a deos que | lhes de paciençia e lhe aja merçee . | Esta nobre  
senhora assy desposta *per* | grande costançia e força de coração : | nom fara grande conta  
dos dardos | dos enuiosos Esto he que se ella sa/ |be que alguñas pallauras som dy/ |tas  
cõtra ella como sse dizem per co|stume de todos : ella se nom toruara ||9 r b|| nem o auera  
485 por mal ante o perdo|ra asynha e as grandes enjurias | nom auera por despreço pensando  
| em seu estado : nẽbrando sse daquel/ |las que nosso senhor soffeo por nos | e rogou por  
aquelles que o atormẽ/ |tarom . E pensara a humildosa se/ |nhora que em alguña maneyra  
o po|de auer mereçido . E teera por vertu|de a ensinança de seneca que diz fal/ |lãdo aos  
prinçepes . Oo pessoas po|derosas : este he muy grã mereçimen|to ante deos e louuor do  
490 mũdo e sy|nal de vertude perfeyta . *scilicet* . perdoar a|synha e de bom coração os malles  
| que nos fazem de que lygeiramente | poderemos tomar vyngança . E he | boõ ã exemplo  
aos pequenos . E esto | mesmo tetemunha sam Gregorio | aos . xxiiij . liuros moraaes *que*  
| diz que nenhuũ he perfeyto senam ha paçi/ |ençia sobre os malles que lhe fazem | os  
vezinhos : porque aquelle *que* nom | pode soportar d outrem sua jmpaçi/ |ençia mostra e  
495 testemunha que elle | he longe da abastãça das vertudes . | E em louuando os paçientes .  
diz a|quelle mesmo sancto : que assy como | a rosa cheyra bem e he fermosa an/ |tre as  
espinhas : assy a creatura pa/ |ciente : resplandeçe virtuosamente | antre aquelles que lhe  
querem empe|çer . E esta prinçesa se trabalhara de | buscar vertudes sobre *virtudes* . E  
se|ra nembrada que sam Paullo diz *que* | quẽ as ouesse todas e nom cessasse | de bem  
500 obrar em romarias e jejuũs | e todo outro bem que fazer se po/ |desse : senom ouesse  
caridade : nom | lhe proueitara . E ella d esto bẽ enfor/ |mada *desejara* auer ã si esta  
fermosa | *virtude* ã tal maneira *que sera* tã piedosa | *que* o mal alheo lhe doera como o  
sseu ||9v a|| propio : nem lhe abastara soamente | auer desprazer de ver os desconso|dos  
trabalho<sup>37</sup> : se ella mesma nõ poõe | as mãos aa obra : pera os ajudar . | E diz huũ doutor

---

<sup>37</sup> “Trabalho” por “trabalhos”.

505 : caridade se esten/ |de em muytas maneyres<sup>38</sup> e nom soo|mente ã dar dinheyro daa bolsa  
: mas | ajudar e confortar de pallaura e de | conselho e de todo outro bem que ho|mem  
pode fazer . E ssera esta senho/ |ra per pura benigna e santa carida|de : vogada e  
medeaneyra ãtre o prĩ|çepe seu marido : ou seu fylho se for | viuua e seu pouo e toda sua  
gente . ã | todo bem que ella poder ajudar . E sse | acontecer pella ventura que o prin/ |çepe  
510 por maa|o conselho ou per ou/ |tra algũa cousa quiser agrauar seu | poboo d alguũ carreguo  
: per que os | sogeytos que sentyrem sua senhora | comprida de bondade e de piadosa |  
caridade : vijram a ella e humildosa|mente a rrogarom que lhe praza ser | por eles : rogador  
a sseu prĩçepe ca | elles sã pobres e nom poderom sem | gram trabalho soportar tanto car/  
|reguo . Ou se aconteçe que elles sejã | jndinados contra o prĩçepe per mal|dizer : ou per  
515 alguũ mereçimẽto : lhe | rogarom que faça a paz : ou que elles | querem pedir alguũa graça  
: ou pri/ |uylegio : a boa senhora lhes fallara | graçiosamente sem lhe dando lõga | sperança  
: antes lhes dira que seus | justos petitorios seram compridos . E per cõselho de boas  
pessoas lhes | fara conuinhael reposta scusando | seu senhor de tal trabalho . E mays | lhe  
dira que se peruentura em algũa | maneyra som mal contentes : que el/ |la com a graça de  
520 deos trabalhara | de os poer em paz e de lhe seer boa | senhora ã todo o que elles justamẽte  
||9v b|| demandarem rogando lhes que sem | pre sejam leaaes e obedientes a sseu | senhor  
e que ella os ajudara em to/ |dos seus trabalhos e nom lhe fale/ |çera em todo o que poder  
. E assy esta | senhora respondera tam doçemẽte | aos embayxadores do poboo e os | fara  
de suas pallauras assy contentes | que toda a ssanha : ou rebeliom que | trouerem em seus  
525 corações sera | apaçeficada . E a boa senhora nõ os | deytara em vã esperança ante lhe |  
mantera compridamente o que lhe | prometer . E ssem longa dilaçom fall|lara a sseu senhor  
: chamando os de | seu conselho se mester for : supplicãdo | pollo poboo mostrãdo suas  
razões | de que ella sera bem enformada : co/ |mo he necessario ao prĩçepe que  
lõ|gamente quer regnar que seja ama/ |do de seu poboo : fazẽdo lhe lembrã/ |ça das  
530 pallauras de seneca onde diz | no terçeyro liuro da yra : que posto que | a todos bem este  
seer benignos : em | espeçial conuem ao prĩçepe contra | seus sogeytos . E em poucas  
palla/ |uras fara tanto que todo seu petyto|rio auera outorgado o qual reporta|ra tam  
sabiamente aos subditos que | elles se aueram por muy contentes . | E a elle remerçearõ  
quãto poderem . | ¶ Capitulo . viij . Como a boa | prĩçesa se trabalhara de meter | paz  
535 antre o prĩçepe e seus ba|rões quãdo hy ouuer discordia . | SE aconteçe que alguũ |  
prĩçepe : vezinho ou a|lõgado queyra mouer | guerra a sseu sãhor : ou | elle a outrem . A

---

<sup>38</sup> “Maneyres” por “maneiras”.

boa se|nhora pensara os grandes malles *e* | jnfindas cruexas *e* destroiçã de terra ||10r a|| *e*  
 de gente que per causa de guerra | vem . E afym que sempre he mara/ |uilhosa . E  
 trabalhara quanto bem | poder guardando ha honrra de seu | marido como a tal guerra seya  
 540 es/ |quyuada . E esto sagesmente *e* com | descriçom chamado *des*<sup>39</sup> em sua aju/ |da *e* per  
 boõ conselho tanto fara se | poder : que hy seja achado caminho | de paz . ou se aconteçe  
 que algũ dos | prĩçepes do regno . ou terra ou barõ | ou caualeyro que tenha tal poder se |  
 moue contra a pessoa de seu senhor | ou que lhe seja em algũa culpa . E el/ |la vee que de  
 o prender . ou lhe fazer | guerra se pode seguyr mal a ssua ter|ra segundo muytas vezes  
 545 acõteçeõ | em casos semelhantes em frança *e* | em outras partes . que pella conten/ |da de  
 huũ pequeno baram . ou caua|leyro em respeyto do rey de frança | que he tam grande  
 senhor som vijn/ |dos grãdes dapnos no regno . assy | como contã as coronycas de frança  
 | do conde de Curbel<sup>40</sup> *e* do senhor de | monte hery *e* de mosse ruberty d ar/ |toes ho qual  
 pella contenda a que el | rey ouue com elle fez muyto dapno | no regno de frança cõ ajuda  
 550 dos jn|greses . E a boa senhora esguardan|do estas cousas *e* auendo pyedade | da  
*destruyçam* do poboo . se trabalha|ra de meter paz . E amoestara o prin|çepe seu senhor *e*  
 seu conselho que es|guardem bem sobre esto ante que co|mecem oolhando ao mal que se  
 po/ |de seguyr . E como todo boõ pryn/ |çepe deue escusar spargymto de | sangue *e* em  
 speçyal sobre seus so/ |geytos . nem he pequena cousa co/ |meçar noua guerra . a qual se  
 555 nõ *deue* | de fazer sem grande auysamento *e* | madura delyberaçom . E melhor he ||10r b||  
 buscar algũ caminho *e* meos razoa|dos pera fycar em paz . Esta senho/ |ra guardãdo a  
 hõrra *de* seu senhor *e* | a ssua falara ou mandara fallar aa|quelles que ho mal tem cometydo  
 . | reprendendos *e* agrauando seu fey|to dyzẽdo que elles ham torto *e* seu | senhor he delles  
 queyxoso a boõ de/ |reito *e* que tem preposito tomar del|les vingança segundo he razã .  
 560 Mas | ella que tanto desejou sempre o bem | da terra se elles quiserem fazer con/ |uinhael  
 emmenda ella trabalhara | quãto bẽ poder de os poer ã paz cõ | seu senhor por taes *e*  
 semelhantes | caminhos a boa prinçesa sera sempre | procurador de paz . assy como era  
 ha | rainha branca madre de sam luys . a | qual sempre trabalhou de poer paz | antre el rey  
*e* o poboo segundo fez | ao conde de campanha a qual cousa | he deryto officio das rainhas  
 565 *e* prin|çesas *e* desto se deue trabalhar por | que os homeẽs som per natureza de | mayor  
 coraçom *e* menos piedosos . | E o grande deseyo *que* tem de se vyn/ |gar nem lhes da lugar

<sup>39</sup> “Des” por “deos”, Deus. Ao longo do texto, aparecerá “deos”.

<sup>40</sup> Edição Fr.: “conte de Corbeil, du seigneur de Montlehery [...] messire Robert d'Artois”; Crispim: “conde de Curbel e do Senhor de Montehery e de mosse Ruberte d'Artões”.

de olhar bem | os peryguos que podem acontecer . | Mas ha natureza das molheres he |  
mays temerosa e sua condiçã mays | doce e por ysso deuẽ de desejar mais | a paz e trazer  
ho homẽ a ella . E ha | este preposito diz sallamõ nos pro/ |uerbios . duçura e humildade  
570 abrà/ |da ho príncepe e a lyngoa molle . que | quer dizer : a doçura de sua pallaura |  
quebranta sua aspereza . assy como | a augua per sua humydade e fryura | mata o fogo .  
Oo de quantos e gran|des beës forom causa em este mûdo | rainhas e princessas poendo  
pazes | antre mortaes jmyguos e antre | príncipes e baroões e antre poboo ||10v a||  
reuelado<sup>41</sup> e seus senhores . de que as | scripturas som cheas . nom ha em o | mûdo mayor  
575 bẽ que a boa e sages | príncesa . beëta he a terra que a tem . | Desto daria assaz d enxêplos  
. mas | muytos escriuy no liuro da cidade | das damas . E que acontece de tall | senhora  
quando os sogeitos ha co/ |nheçem de tal saber e de tanta bon/ |dade . fogem a ella como  
a ssocorro e | nõ somente a senhora terreal mas | como a diessa ã que am segura cõfiãça |  
e ella he causa de manter a terra em | paz . E ssuas obras nom som sem ca|ridade . mas  
580 som de tanto mereçimẽto que<sup>42</sup> nom pode seer mays .: . |¶ Capitulo . ix . Os cami|nhos da  
carydade que a de|uota príncesa teera | PEr esta via de cary/ |dade ãcaminhara ha | boa  
prĩçesa . E cõ esto | fara mays asynha | como se ella reporte | a ssi mesma a pallaura de  
basileo . on|de diz ao rico . se tu conheçes e confe|ssas que os beës temporaes te vyer|rom  
por deos e tu conheçes que as | delles mais que outros muyto my|lhores que ty : pensaras  
585 por isto . que | deos te fez justo : nom deue ser pen/ |sado . ca deos ho faz afym que em  
de/ |strebuyndo tu aos pobres mereças | que te de mays que os pobres sejã | coroados de  
diedema de paçyençia . | E esguarda bem que ho pam dos | famintos nõ ãtre ã teu celeiro  
e o ssaio | do nuu nom rompam os bem vesty/ |dos : nem rompam os sapatos aos |  
descalços . nõ possuas o dinheiro dos | mesteyrosos e sabe deçerto que os ||10v b|| beës de  
590 que tu hes abastado som dos | pobres e nom teus e furtas a deos | como ladrom se com  
elles podes so/ |corer ha teu prouximo e nom queres | E a boa prynçesa deue ser auysada  
| que cumpra as obras da mysericor|dia guardando seu estado virtuosa/ |mente . auẽdo  
boõs seruidores açer|ca de ssy e isso mesmo boõs cõselhei|ros. pera a bem aconselharem  
e da|rem ha execuçam seus boos prepo/ |sytos . E os senhores sempre deuem | teer  
595 seruydores de sua condyçam . | E ella toda boa auera seruydores | assy semelhantes aos  
quaes man/ |dara que saybam per toda parte : | onde auera pobres vergonhosos . | ou gentijs  
homens doêtes . ou veu/ |uas mesteyrosas e moças orfaãs pe|ra casar e escollares he  
cleriguos e | religiosos . caidos ã probeza . A estas | pessoas per seu esmoller o qual sera

<sup>41</sup> “Reuelado”; acepção: “rebelado”.

<sup>42</sup> “Qne” por “que”.

| caridoso *e* sem cobyça : nom como | som d alguũs outros senhores que | os fazem dos  
 600 mays ladroẽes deos | sabe como vay da vergu[õ]ça d algũs | esmolleres de senhores *e*  
 prellados | O sseu emuiara ella a estes pobres se|cretamente sem elles saberem don/ |de  
 lhe vem . per ãxemplo de sam ny|collao : nem auera verguonha a boa | pessoa de per ssy  
 meesma visytar os | espritaes *e* os pobres acompanha/ |da segundo seu estado . fallara aos  
 | pobres *e* doẽtes *e* os tocara *e* cõfor|tara doçemente fazendo lhes gran/ |des *e* floreçidas  
 605 esmolas . Ca ho po|bre mays cõfortado he da vysytaçã | *e* cõforto de hũa grande senhora  
 . *que* | d outra somenos *e* a causa he *que* a pes/ |soa desesperada pẽsa *que* o mundo ha |  
 tem esqueçido a<sup>43</sup> . E quãdo vee *que* hũa | tam grãde senhora se cõtenta de a ui||l r a||sytar  
 entende *que* ha recobrada al/ |guũa honrra . Assy a ssenhora : ou | grande prinçesa fazendo  
 esto mere | çera mays *que* outra somenos em | caso semelhante por tres prinçipaes |  
 610 razoẽes . A prymeyra : *que* tanto co / | mo a pessoa he mays grande *e* mais | se humylda  
 tanto mays creçe sua | bõdade . A ssegunda *que* ella da ma | yor conforto aos pobres  
 segundo | he dyto . A terçeyra he mayor : ella | da enxemplo a todos os *que* a uem | fazer  
 tal obra com tanta humylda / | de : nem ha cousa de *que* ho poboo | tome tam grande  
 enxemplo : como | do *que* vee fazer a sseu sêhor ou ha sua | senhora . E por ysto he bem  
 615 aalem | dos outros beẽs *que* as pessoas *que* | ham d auer senhorio sobre muytos | *que* sejam  
 bem acostumados . E grã | de mal he ho cõtrayro . E nõ pense | alguũ por grande senhor  
*que* seya | *que* lhe he vergonha nem abatimẽ | to de seu estado yr com deuaçom<sup>44</sup> he |  
 humildade visitar os perdoẽes *e* os | sanctos lugares *e* as egreyas : nem | taes pensamentos  
 nõ som abusoões | porque quem ha vergonha de esto | fazer ãpacho tem de se salvar . Mas  
 620 | tu dyras como fara ha grande se / | nhora estas esmollas se ella nom tẽ | dinheiro poys  
 nos dizemos *que* he | *periguo* juntar thesouro . A esto respõ | do : *que* nõ he mal a senhor  
 ajuntar | dinheiro de suas rendas *e* pensoões | *que* licitamente pode auer sem fazer |  
 oppressom aos seus nem engano nẽ | força aos estranhos . nem leuar ga / | nhos *defesos* .  
 Nẽ he ella theuda dar | todo aos pobre[s] Mas *deue* guardar | *delle pera* suas necessarydades  
 625 *e* seu esta | do *e* pera pagar seus seruidores *e* | dar honestos doões E a pagar ho *que* ||l r  
 b|| *pera* ella for tomado *e* pagar o *que* de / | ue porque primeyro *que* as esmollas se |  
 deuem pagar aos<sup>45</sup> diuidas *e* d outra | guisa se faz esmola do alheo . Mas | se a boa sêhora  
 se *quer* absteer das cou | sas sobeyas o *que* ella poderia fazer se | ella *quiser* . scilicet . *de*

<sup>43</sup> “Esqueçido a” por “esquecido”.

<sup>44</sup> “Deuaçom” por “devoção”.

<sup>45</sup> “Aos” por “as”.

roupas e joas *que* ñ som | muj necessarias e o *que* se dali guarda | se fosse empregado ã  
630 taes vsos aque | la he a dereita esmola e de grãde me | recimêto . Do como he bẽ cõselhada  
| a *que* esto faz : ella pode seer cõparada a | hũ homẽ de *que* he scripto que elle foy |  
escolido *pera* gouernar hũa cidade E | elle como prudẽte paroumẽtes que | muitos teuerõ  
aquelle carrego e depois | forõ *desterreados* de sua terra e ãuia | dos pobres e nuus õde  
morrerõ *de* fame | E como prudẽte disse *que* queria prouer | aaquelle encõuinyente : em  
635 tal maney | ra *que* posto *que* elle la fosse enuyado ao | menos ñ morresse E ordenou *de*  
tal | maneyra *que* todo o dinheyro *que* auya | gardaua ã seguro logar fazẽdo *peque* / | na  
despesa . E emfym foy delle assy | como dos outros mas a ssages *peruy* | sam *que* elle  
auia feita<sup>46</sup> o saluou ã sua ne | çessidada<sup>47</sup> . E assi o auer *que* homẽ tyra | do sobejo estado  
*pera* dar aos pobres | e fazer outro qualquer bẽ he thesouro | guardado em a carça  
640 proueitosa ho | qual *presta* depouys da morte e defen / | de ho homẽ de desterro do ynferno  
| E esto canta o euangelho dizendo : | fazee thesouro no çeo E outra cousa | ñ leua homẽ  
senõ este thesouro se / | gũdo cõta a sãta scriptura E breue / | mẽte esta *virtude de caridade*  
assi ajũta | da ao coraçõ *de* boa *prinçesa* cõ as ou / | tras vidas susoditas a fara ser *de* tã  
boa | võtade cõtra todos *que* lhe pareçera *que* to | dos vallẽ mais *que* ella E o seu coraçõ  
645 *sera* | sẽpre ledõ do bẽ dos outros como do seu ||11v a|| propio . E a boa nomeada dos  
outros | lhe sera praziuel d ouuir . E ssempre | dara ocasyom aos boõs de perse / | uerar e  
aos maos de se enmendar . | ¶ Capitulo . x . que começa a [f]allar | das ensynanças moraaes  
que | prudẽçya mundana dara haa | *prinçesa* . | NOs auemos assaz mo | strado no *que*  
toca prin | çipalmente aas ensy | nanças que amor e te | mor de deos nosso se | nhor da e  
650 amoesta aa boa *prinçesa* : | ou grande senhora segundo he toca | do Hora nos cõuem daquy  
em dia | te fallar da liçom e ãsinança que pru | dẽçia mũdana lhe ensina cujas amoe |  
stações ñ ha deferença das de *deos*<sup>48</sup> . | mas dellas dependem . E dyr[e]mos | primeyro  
da sages guouernança e | maneyra de viuer *que* lhe ensinã segũ | do prudẽçya . A qual  
primeyramente | lhe ensynara como sobre todas as | cousas das baixezas deste mundo de  
655 | ue amar hõrra e boa nomeada . E | lhe dira ñ despraz a deos *que* as cria | turas *que* viuem  
moralmente ao mun | do amẽ a boa nomeada *que* he honrra | E assy o testemũha sancto  
Agosty / | nho no liuro da correyçom onde diz | *que* duas cousas sam necessarias a bẽ |  
viuer . scilicet . boa *conçiência* e boa nomeada | E assy o dyz o sabedor no lyuro de |  
eclesiastico aue cuydado de boa no | meada que dura mays que outro | thesouro E assi dira

---

<sup>46</sup> “Feita” por “feito”.

<sup>47</sup> “Neçessidada” por “neçessidade”.

<sup>48</sup> Idem nota 25.

660 a grãde senhora | a ssi mesma sobre todas as cousas da | terra nêhũa perteeçe tanto aas  
grãdes | pessoas como honrra E quaes cou / | sas dira ella cõeueẽ a dereita honrra . | Certo  
propiamête fallando estas nõ ||11v b|| som as mundanas ryquezas prĩçy | palmente se elles  
seruem segũdo a cu | mua maneyra do mundo : mas an / | dando per dereito caminho esta  
de | ue seer a menor parte *pera* acabar no / | me de honrra E pois *quaes* cousas sã | mais  
665 conuynhauees ha ella Certo | bõs custumes . E de *que* seruẽ os boõs | custumes em este  
mundo . Elles fa / | zem a criatura perfeyta *e* ha metem | ã boa nomeada . E aquella he a  
derei | ta *e* perfeyta honrra . Ca nom he du | uya *que qualquer* riqueza *que* aja ho prĩçepe  
: | ou prĩçesa uo<sup>49</sup>outro alguũ se elle | nom ama aquella vida : per ha qual | bem obrando  
se gaança boa nomea | da : honrra lhe nom perteeçee nem | elle nom ha pode auer : ajnda  
670 que os | lisongeiros por seu proueyto lhe fa | çam crer o cõtrayro porque dereyta | honrra  
deue seer sem reprocha . E a / | inda esta senhora deue amar es / | ta honrra mays que sua  
vyda . E | mays lhe prazer da morte que de a | perder aquelle que bem morre he sal | uo :  
E o desonrrado sempre o he mor | to *e* viuio emquãto delle for memoria | Grande thesouro  
de senhoras *e* prĩ | çesas he boa nomeada : nẽ poderya | auer outro semelhante nẽ que tãto  
675 *de* | uessem amar : porque o comuũ thesou | ro nom serue senom açerca das pes / | soas :  
*e* a boa nomeada serue ao lõge | *e* deuulga a fama per todo ho mun / | do . E tal he a boa  
nomeada na pes / | soa como huũ corpo . de que se possi | uel fosse saisse boõ odor : *e*  
resplan / | decesse per todo o mundo assy que | todos o sentissem . assy as vertudes | da  
boa pessoa som sentidos<sup>50</sup> per enxẽ | plo per todo o mũdo . E a ssages prĩ | çesa pẽsera ã  
680 esta cõ prudẽcyã *e* *que* fara | ella *pera* bem obrar ã esto despoera ||12r a|| seu viuer  
prĩcipalmente em duas | cousas hũa perteeçe aos custumes *que* | ella *quera* teer *e* exercitar  
a outra hũa | maneira *e* regra *de* seu viuer . E quã | to aos costumes seguindo as vertu | des  
susodytas duas cousas per es / | pecial as quaes som neçessarias ha | toda prĩçesa *e* a  
qualquer molher | que honrra deseysa sem as quaes nõ | a pode auer deseysara espeçyalmen  
685 / | te : huũa he temperança : Outra ca / | stidade . A temperança que he a pry / | meyra nom  
sera soamente em co / | mer *e* beuer : mas em todas outras cousas em que se deue refrear  
toda \ superfluydade . E aaquella tempe / | rança a fara seer boa de seruyr . por | que nom  
deseysara seruyço aallem | de razam . nom embargãdo seu esta / | do E ella a fara seer  
contente *de* taes | vyandas *e* vynhos como lhe amin / | strem: porque nom tera ally seu en

---

<sup>49</sup> “Uo” por “ou”.

<sup>50</sup> “Sentidos” por “sentidas”.

690 / | tento : nem comera mays yguarias | que aquello<sup>51</sup> que a neçessydade de | vyuer requiere  
E a guardara de muj | to dormyr porque prudência lhe dyra *que* | mujto repouso jeera pecado  
. E aïda | a guardara da auareza : porque de pou | co auer a fara muyto abastada . E so |  
bejos e soberuosos vestydos joyas | e toucados mais *que* razom lhe defen | dera sobre  
todas as cousas *per* cõselho | de prudência *que* lhe dira assi sê duuida | bẽ perteeçe a toda  
695 prĩçesa e senhora | terreal segundo seu estado seer rica | mête vestida e toucada e guarnyda  
| de paramẽtos e joias segũdo sua ca | sa por hõrra do officio *que* lhe deos deu | mas nõ  
duuides tu *que* se nõ fores cõtẽ | te de tal estado e corregimẽtos como | husarõ teos boos  
antecessores . E qui | seres vsar o cõtraïro Certo tu serias | cõtra tua hõrra e cõtra o bẽ da  
tẽpe||12r b||rãça nõ pertẽçe algũa *de* o assi fazer senõ | se seu *senhor* a *que* ella deue *de*  
700 obedecer e cõ | prazer e *per* quẽ deue seer regyda lho | mãdase Esta tẽperãça se demonstra  
ẽ | todos os sêtydos da sêhora : assy como | nos feitos e abitos de fora porque el | la lhe  
dara o olhar tardĩheiro e sê tri | gãça E garda lla a *de* louçainha e de | doçes cheiros ẽ que  
mujtas sêhoras teẽ | special cuidado e despẽdẽ muyto di | nheiro Ca ella lhe dira *que* homẽ  
nõ de | ue *procurar* nõ dar ao corpo tãto *deley* | to e melhor e este dinheiro dado a po | bres  
705 E tẽperãça ordenara assi a boca | *desta* sêhora *que* ella a guardara prinçi | palmête de mujto  
fallar : *que* esta a faz | mal a toda grãde senhora e ẽ geral a | toda molher . E lhe fara  
desamar de | todo seu coraçõ o uiçio da mentira e | amar a *verdade* A *qual* sera tã acostuma  
| da ẽ sua boca *que* os homẽs ouirõ o *que* | ella *diser* e lhe daram fe como *aquella* *de* |  
cuja boca nõ he ouuida mêtira A *qual* | *virtude* perteeçe mais aos grãdes sêho | res *que* a  
710 outra<sup>52</sup> pessoas porque lhe he | mais perteeçete *que* aos outros seerẽ cru | dos E lhe  
defẽdera *que* nõ diga palaura | ẽ especial ẽ lugar õde possa ser nota | da *que* primeiro nõ  
seja bẽ examinada<sup>53</sup> | Prudência e tẽperãça ensinarã a boa | sêhora a fallar ordenado cõ boa  
e sa | ges elloquencia e nõ como mymosa : | mas muj assessegada e cõ voz baixa | e onestos  
termos : sê fazẽdo mouimẽtos | do corpo : nõ das maãs . nõ geitos do ro | stro E a guardara  
715 de muito ryr sê ra | zõ E lhe defẽdera sobre todo *que* *per* nõ | hũa maneyra diga mal d  
outrẽ nem | prasmara os otros mas bẽ de todos di | ra palauras ouciosas e desonestas nõ |  
lhe cõsentira dizer E em os desenfa | damentos lhe mandara guardar | mesura e onestidade  
E ensinar lhe a ||12v a|| dizer antre suas molheres e ẽ outra | *qualquer* parte pallauras  
vertuosas | e de boõ exẽplo taaes que aquelles | *que* as ouyrem e onde forẽ reporta / | das  
720 dirã *que* sayrõ de boa e sages e o | nesta sêhora Aynda a guardara de | dizer a suas molheres

<sup>51</sup> “Aquello” por “aquilo”.

<sup>52</sup> “Outra” por “outras”.

<sup>53</sup> “Exeminada” por “examinada”.

e a seus serui | dores maas pallauras de doesto : nẽ | vilania âte os insinara doçemente e |  
 as reprẽdera ã segredo amecãdo<sup>54</sup> as | de as poer fora de sua casa se senom | corregerẽ  
 ou de as ponyr ã outra ma | neyra . E todavya sua falla sera sem | pre mãsa e doçe e sem  
 vilania : porque | a desmesura sayda da boca da grãde | senhora ou d outra qualquer molher  
 725 | mais se tornar a quẽ a di[z] : que aaquel / | les a que som ditas mandara fazer seos | fleytos  
 aaquelles a que perteeçer cõ | razõ e ã lugar e em tempo leera de boa | mẽte liuros d  
 ãsynãças e de boos co | stumes e deuaçõ E os que som de de / | sonestydade desamara de  
 todo seu | coraçõ e nõ os cõsyntyra ã sua casa : | nẽ querera que sua filha nẽ molher de |  
 sua casa o<sup>55</sup> veja . Ca nõ he duuida que | os exẽplos de bẽ . ou de mal atraem | pera sy os  
 730 corações dos que os ouuẽ . E | assi esta nobre senhora tome prazer | ã rezar e dizer boas  
 pallauras e isso | mesmo ã as ouuyr e per special a pa | laura de deos por seguyr o euange  
 / | lho que diz aquelles que me amã ouuẽ de | boa mẽte a minha pallaura e a guar | dã .  
 Ouuyra amehude preguações | nas festas e annos e tempos leuãdo cõ | syguo fylhas e  
 parẽtas e molheres | de sua casa desejera seer bẽ enforma | da de todo o que toca a nossa  
 735 fe dos do | ze artigos e preçptos e de todo o al que per | teeçe a saluaçõ E do que perteeçe  
 aas | cousas do mũdo : ouuirã de boa mẽte | fallar de boos caualeiros e de seus feitos ||12v  
 b|| e de suas bõdades . E de grandes le | terados e de suas sciẽcias E de todos | boos homeẽs  
 e boas molheres e de | seu syso e boa vida : aquelles amara e | honrrara e dara dos seus  
 doẽs . E | cõ todo esto homẽ de boa e de deua / | cõ<sup>56</sup> amara e desejera de ser delle ama |  
 740 do doçemente os reçebera e fallara | cõ elles e os ouuira e se ãcomẽdara | em suas orações  
 : E assy per esta vya | e vertude da tẽperança regera a no | bre prinçesa . E desta regra de  
 duas | vertudes que dissemos se seguyra que | ella querera singularmẽte auer casti | dade  
 da qual ella sera per essa maney | ra de viuer tam abastada e trazida a | tal pureza : que  
 em feito nẽ dito sem / | brante nẽ contença : nem toucados : | nẽ geyto : nẽ oolhar nõ  
 745 auera cousa | que se possa contradizer . nẽ reprochar | ¶ Capitulo xi . Que deui | sa a  
 maneyra de vyuer | que a ssages prinçesa te | ra per conselho de pru | dençya . | PRudenciã  
 segundo | ja dyssemos auisara | a sages prinçesa co / | mo a ordem do seu | viuer seja  
 regida : E | por ella e per seu a / | moestamento : terã maneyra de se | levantar muy çedo .  
 E seram suas | prymeyras pallauras aderençadas | a deos : dizendo praza te senhor de | nos  
 750 guardaes em este dia de mor | te subytanya e de todo maao aquee | çimento . E assy a

<sup>54</sup> “Ameecãdo” por “ameaçando”.

<sup>55</sup> “O” por “os”.

<sup>56</sup> “Deuacõ” por “devoçõ”.

todos nossos pa / ||13r a||rentes e amyguos e aos mortos | perdom e aos sogeytos paz e  
 asse / | ssego amen pater noster . E as mais | orações que lhe menystrar sua de / | uaçom  
 nem auera entom consyguo | muytas seruydores segundo fazia | nom ha muyto tempo  
 seendo vy | ua : a boa e sages raynha johan / | na molher do Rey Charles de fran | ça ho  
 755 quarto do nome . A qual se | leuantaua ante menhaam he ella | meesma açendya suas  
 candeas pe | ra rezar e nom consentya que su / | as molheres se leuantassem nem |  
 perdesem ho sono . E depouys que | ella for prestes hyra ouuyr suas my | sas tantas como  
 for sua deuaçom | e lhe der lugar ho tempo . Porque | nom he duuida que se esto senhora  
 | ha *que* he cometyda da grande guouer | nança . como muytos senhores fa / | zem a ssuas  
 760 molheres os quaes teẽ | boas e sages quando vão a ou / | tras partes que lhe leyxam o car  
 / | reguo e autorydade de guouernar | toda sua terra e senhorio que seja | cabeça do  
 conselho taaes senhoras | som bem escusadas ante deos se | nom despendem tanto tempo  
 em | orações . Ca nom he menor me / | ryto de bem e justamente se occu / | par na  
 guouernança da cousa pu | blyca ao bem de todos : que de estar | muyto em oraço[õ]es :  
 765 senom som al | guãs que se querẽ dar aa uyda cõ | templatua e leyxar a uyda autyua |  
 segũdo ja dissemos : Porque a cõtẽ | platyua pode bem sem autyua . E | a autyua nom pode  
 sem a cõtẽplati | ua . Esta senhora dara hordem : que | aa ssayda de sua capella sejam sem  
 / | pre alguũs pobres a que ella mesma | por humildade e deuaçõ . em memo||13r b||ria e  
 synal que ella nõ deue despre / | zar a pobreza e lhe dara esmolla de | sua mão E ally  
 770 requeira petições | E ouuira todas piedosas requestas | que lhe forem feitas benygnamẽte  
 | dando a todos graçiosa reposta : o | mays breuemente que bem poder | sem longa dilaçom  
 . E fazendo assy | treçera<sup>57</sup> sua booa nomeada. E auera | alguũs boõs homeẽs pera darem  
 li | uramento nas cousas que ella nom | entender . os quaes ella escolhera *que* | sejam  
 caridosos e boos desembar / | gadores . Ella mesma sera auisada | de seus costumes .  
 775 Acabado esto el / | la yra ao conselho nos dias pera el | le ordenados : onde teera tal maney  
 | ra : que assẽtada em sua cadeyra : pa / | reçera bem senhora de todos e to / | dos lhe ajam  
 temor e reuerença co / | mo a senhora de grãde autoridade | E ouuira com diligẽcia as  
 prepo / | sicoões<sup>58</sup> e a opinyom de todos . E te | ra em memoria os prinçipaes pon / | tos  
 das materyas e conclusões . E | notara os que lhe melhor dysserem | E segundo as  
 780 melhores openyões | se teera . E notara tambem os con / | trayros que causas e que razões  
 se | podem mouer em contra . E assy se / | ra auisada quando ouuer de fallar : | ou responder  
 segundo ho caso : que | nom possa ser auida por symplex | ou ygnorante . E sse primeyro

<sup>57</sup> “Treçera” por “crecera”, “crescera”. Fr.: “accroistra l’aumosne” (p. 48). Crispim: “crecerá” (p. 122).

<sup>58</sup> “Preposicoões” por “preposições”.

ella | podesse seer enformada do que se a | uia de *prepoer* no conselho pera seer | auysada  
 do que auia de responder : | esto ferya bem . E pera estes auisa / | mentos a ssenhora deue  
 785 auer algũs | bõs *e* sages homẽs *que* serã do seu cõ / | selho os *quaes* ella deue escolher bõs  
*e* | *de* boa vida *e* leaes *e* sã cobiça : *porque* | huã das cousas que mays destrue ||13v a|| os  
 senhores assy he conselheiros co | bijçosos . *porque* todos conselham | segundo ho vyçio  
 em que mays a | uondam he assy nom podem bem | nem saãmente conselhar . E cõ estas  
 | boos auera cõselho a boa senhora | cada dia a çerta ora das cousas *que* ou | uer de fazer  
 790 E acabado esto yra co / | mer E ã espeçial os dias *de* festas come | ra em salla cõ suas  
 donas *e* dõzellas | *e* as pessoas *que* lhe *pertẽ*çerẽ por ordẽ | segũdo seu estado *e* sera seruida  
 se / | gũdo lhe *pertee*çe Enquãto ella assi | seuer<sup>59</sup> a sua mesa segũdo antigo co / | stume  
 das rainhas *e* prĩçasas auera | huũ bõ homẽ *que* lhe dyra boas esto / | rias antijgas *e* ãxẽplos  
 dos passa / | dos sã grandes vozes E leuãtadas | as mesas *e* dadas graças segũdo bõ |  
 795 costume se hy ouuer prĩçepes ou se / | nhores : ou donas ou donzellas ou | outros  
 estrãgeiros Aquella que em | todo sera bem ãsynada reçebera ca / | da huã ã tal hõrra como  
 lhe *pertee*ça : | assy que cada huã se tera por con / | tente E fallara com elles doçe *e* alle  
 | gremete : de huã maneyra aos ve | lhos he d outra aos mançebos . E sse | [[sse]] vyer  
 fallar d alguũ prazer : ou | allegrya : ella se gouernara per | tal maneyra *e* assy  
 800 prazyuel[[I]] que | todos a louuaron por huã sages | he graçyosa senhora he que sse sa /  
 | be bem gouernar em todas ma / | neyras . Desy ella se retrahera | ha ssua camara quando  
 for tempo | he repousara . E sse for dya de fa / | zer he ella nom ouuer alguã ocu | paçom  
 : por esquyuar oucyosyda / | *de* ella cõ suas fylhas *e* seruydores | faram alguã obra . E  
 ally man / | dara que cada huã dygua sua | estorya honesta he de prazer *e* el||13v b||la  
 805 meesma ryra com ellas he to / | mara seu desemfadamento : assi que | todas a amaram por  
 sua benygny | dade de todo seu coraçom : E ally | faara ata a hora de vespõra : que | ella  
 yra ouuyr em sua capella se for | dia de festa *e* nõ ouuer algũa outra | ocupaçom ou as dyra  
 çom<sup>60</sup> seus ca / | pallaaes<sup>61</sup> E depois *desto* se for veraão | ella yra folgar a alguũ virgeu ata  
 a | hora de çea . E depõys mandara | que se lhe algũs quyserem fallar | por suas  
 810 neçessydades que hos ley | xem entrar pera os ouuyr E quan | do vyer ha ora de dormyr  
 ella se | tornara ha deos em oraçom . | E assy se acabara ha ordem do vy / | uer da prudente  
 prynçesa em viuen | do em boa he sancta vyda autyua | E quanto he dos outros desemfa |

<sup>59</sup> “Seuer” por “seruir”, “servir”. Fr: “sera servie” (p. 50).

<sup>60</sup> “Çom” por “com”.

<sup>61</sup> “Capallaaes” por “capelães”. Fr.: “[...] les dira sans faillir avec sa chappelaine [...]” (p. 51).

damentos em que as senhoras ha / | costumam tomar prazer : assy como | hyr aa caça da  
 rybeyra ou dançar | ou fazer outros joguos : esto nom | metemos em ordem de nossa de /  
 815 | çeplyna he ensynança ante o leyxa | mos em descryçom he que[[re]]rer de | seus marydos  
 . Das quaes cou / | sas alguñas lyçenças podem seer | dadas em tempo *e* luguar aas se / |  
 nhoras : vertuosas sem erro mas *que* | nom seya muyto em tal guysa que | razão hy seja  
 guardada . | ¶ Capitulo xij . *que* come | ça a fallar das sete pryn | çypaes ensynanças de |  
 prudença que sam ne | çessaryas a toda prinçe | sa que ama hõrra como | se ha d auer ha  
 820 çerca de | seu senhor . ||14r a|| AUemos deuyzado ã termos | geeraaes he aïda partycu / |  
 larmẽte assy o que toca aa | deuaçom açerca de deos | primeyramente em boos costumes  
 | que toda prynçesa deve auer como | ssua maneyra de vyuer . Agora | queremos devisar  
 por seu auysamẽ | to sete prĩcipaes ensinanças as *quaes* | segũdo prudência lhe perteeçem  
 . E | som neçessaryas aaquellas que dese | jam viuer sagesmente *e* auer hõrra | E rogamos  
 825 a ellas *e* a todas molhe | res grandes meaãs *e* pequenas a *que* | esto pode perteeçer que estas  
 sete en / | synanças queiram bem notar *e* me / | ter ã efeyto : porque *debalde* ouue a dou |  
 trina *que*<sup>62</sup> na no<sup>63</sup> mete ã obra . O primeyro | dos sete pontos que ensinamos . he . *que* |  
 toda senhora que ama hõrra *e* qual | quer outra molher que viue em hor / | dem de  
 casamento : he lhe necessario | que ame seu marido *e* viua em paz cõ | elle E d outra guisa  
 830 elle<sup>64</sup> achou os tor | mentos do inferno onde nom ha se | nom todo desamor *e* tempestade  
 . E | porque nom he duuida que muytas | molheres de todos estados ainda *que* | muyto  
 amem seus maridos : nom sa | bem as regras como se ha de conser | uar *e* acreçẽtar ho  
 amor *e* como lho | deve de mostrar . Ueede ã nossa liçã | a qual ensynara como a nobre  
 prĩçe | sa que queyra guardar as ensynan / | ças da honrra se mãteera acerca de | seu senhor  
 835 : seya velho ou manço | em todas maneyras que en tal caso | boa ffe *e* verdadeyro amor  
 manda | . scilicet . ella lhe sera humildosa em todo | feyto *e* pallaura . E com reuerença |  
 lhe obedeçera sem murmuraçom *e* | guardara sua paz a todo seu poder : | segundo ha  
 maneyra que tynha a ||14r b|| boa Raynha . Ester : como he scri / | pto na bryuia no  
 primeyro capitol | lo . E por esto era tã amada de seu | marido : que todo ho que ella que  
 840 | rya nom lhe era vedado . E ainda | lhe mostrara amor em seer muyto | sollyçita nas cousas  
 que perten / | çem ao bem de sua pessoa assy da | alma como do corpo . E quanto ha alma  
 ella amara seu confessor : por | que se ella sente em seu senhor al / | guña tacha de seo

<sup>62</sup> Fr.: “qui”. Crispim: “quem”.

<sup>63</sup> “No” por “não”.

<sup>64</sup> “Elle” por “ela”.

pecado : do qual | ho costume e perseuerença<sup>65</sup> lhe cau | sar alguñ dampno e ella nom lho  
 | ousa de dizer com temor de lhe de | sprazer : ella ho dyra : ao confes / | sor e lhe rogara  
 845 que ho amoeste e | conselhe sempre que seya seruo de | deos . E em todas suas esmollas |  
 e obras pyedosas : dyra aaquel / | les que as rezeberem : rogay a de / | os por meu senhor  
 e por mym . | E com a proueença da alma : tera | esta senhora special cuydado . da sau | de  
 e conseruaçom da vida de seu se / | nhor e fallara ameude com os fisycos | e emquerera  
 de seu estado o mays | sagesmẽte que ella poder : ouuindo | suas opinyoões e que perante  
 850 el / | la se façam os argumentos de pro | e contra açerca de sua saude . E que | rera saber  
 como ha de seer seruido | nẽ auera ãpacho de saber esto cõ grã | de aficamento daquelles  
 a que seus serui | ços sã cõmetidos E porque he ordẽ do | real estado que as molheres nõ  
 estẽ sã | pre açerca dos maridos assy como | as outras molheres : ella enquerera | ameude  
 dos camareyros e dos ou / | tros seruidores que sã acerca della co / | mo esta . E ho veera  
 855 o mays ameu / | de que poder . E de o veer sera muy / | to leda . E enquanto esteveer com  
 ||14v a|| elle sempre fallara em cousas que lhe | aprazam teendo contenença<sup>66</sup> muy | leda  
 . Mas porque alguñs nos po / | deriam aqui responder dizendo que | nos fazemos conta  
 sem descontar . | Ca dizemos geralmente que toda mo | lher deue amar seu marido e assi  
 lho | mostrar per sinaes . Mas nos nõ fal / | lamos se todos mereçẽ seer amados | de suas  
 860 molheres . Porque sabe / | [[be]]mos bem que hy ha de taaes | que | se ã cõtra ellas muj  
 asparamẽte e sã | alguñ signal d amor : ou bem pequeno . | Aqui respondemos que nossa  
 doutry | na nõ se aderẽça aos homeẽs : ainda | quea todos fosse necessario seer ensy / |  
 nados : mas por que fallamos soo / | mẽte aas molheres : sguardamos a s | seu proueyto  
 por ensinar os remede | os que podẽ valler a esquyuar desõrra | e dar bõ cõselho a sseguyr  
 865 o dereyto | camynho . E ponhamos que o marido | fosse de maaos costumes : peruerso e |  
 asparo e de pouco amor : contra sua | molher de qualquer estado que elle | seja : ou se  
 desuya ã amor d outra mo / | lher ou de muytas . Ally se pode ver | o ssiço e prudenciã da  
 sages molher | qualquer que ella seya . Quãdo ella sa / | be esto soportar e disymullar  
 sages / | mẽte e fazer sembrante que nom sabe | nada desto : sendo ella certa que non |  
 870 pode hy poer remedio pẽsando que | se lho fallasse nõ guaaria nada . E sse | lhe desse maa  
 vida ella lẽçaria o cou / | ce contra o aguyllham . E pervẽtura | elle a alonguaria de ssey e  
 seria vida ã | scarnho das gentes e crecerya sua | vergonha e poderia vjyr a pior : con / |  
 uem que ella viua e moura cõ elle qual | quer que elle seya . Estas cousas con | syradas a

<sup>65</sup> “Perseuerença” por “perseuerança”.

<sup>66</sup> “Contenença” por “contenença”.

ssages senhora trabalha / | ra por boa doçura de o atraher a ssey . ||14v b|| E sse vijr que he  
 875 bem de lhe dizer al / | gũa cousa : ella lho tocaraa de parte | doçemête e benygnamente  
 hũa vez | ho amoestara per deuaçoõ : outra per | pyedade que *deue* auer della : outra vez |  
 em rindo como se joguetasse com el / | le . E com esto lho fara dizer per boas | pessoas e  
 per seu confessor . E a boa | pessoa o escusara desto onde ouuyr | fallar a outrem nem  
 podera sofrer | ouuyr delle fallar nem fara conta a / | inda que o a ella diguam por doesto  
 880 | E quando ella ouuer este caminho | levado huñ tempo e vijr que elle se | nom quer  
 enmendar seu socorro se / | ra a deos e trabalhara de sse poer ã | paz sã lhe mays fallar E  
 tal senhora | ou molher quem quer que ella seja *que* | esto fezer seja çerta que homẽ nõ po  
 / | de seer tam peruerso que emfim a cõ | ciencia e razã lhe nom digam tu as | torto contra  
 tam boa e honesta mo / | lher como te deos deu e que a nom | ame . E assy auera guãhada  
 885 sua cau | sa per bem sofer<sup>67</sup> . E sse acontece que | o senhor vaa em alguña vyagem lõ / |  
 ga ou perigiosa ou em guerra a boa | senhora rogara a deos e fara rogar | deuotamente em  
 procissoõs e ofer / | tas com grande cuydado e acrecen | tara o conto de suas esmollas . E  
 em | este tempo sera vestida honestamête | E quando elle tornar ho reçebera | com grande  
 honrra e humildade . | E a toda sua companha fara graçio | so acolhimento . E desejera  
 890 seer em / | formada dos melhores e que o my / | lhor seruyram pera lhe fazer mays | hõrra  
 e lhe dar de seus doões . E isso | mesmo daquelles que auiam a guar | da *de* seu corpo .  
 como fezerõ seu *deuer* | e assi dara gallardõ aos milhores . | E estas maneiras sã *de* grãde  
 hõrra ||15r a|| a qualquer senhora que has faz . *deue* | deseyar que seyam sobidas he ma / |  
 nyfestas ao mundo por seer conhe / | çido que ellas aam a honrra he no / | meada segundo  
 895 he dyto . E pru / | dençya lhe ensynara que tam bom | nome nom pode auer alguña mo / |  
 lher como amar verdadeiramête seu | senhor e seer lhe leal e verdadeira *que* | he ho dereyto  
 sygnal d amor . E quẽ | bẽ ama nom pode errar e pollos sy / | naes de força se julgua o  
 coraçom e | nom d outra maneira E sse as obras | som boas dam bom testemunho da | boa  
 pessoa e assy do contrairo Esto | abaste aa primeyra êsinança a qual cõ | uẽ a toda boa  
 900 pessoa quẽ *quer que* ella seja | ¶ Capytulo xiiij . *que* ha segunda | ensinança he como a  
 ssages prin | çesa se auera açerca dos paren | tes de seu marydo . : . | DO segundo ponto  
 he | ensinança que pruden | cia mostra aa prinçesa | e ge[[er]]ralmente a toda | molher  
 sages e que se | ella ama honrra e deseja que lhe sai | bõ que ella ama seu marydo segũdo  
 | dissemos ella amara e honrrara os | parentes delle e lhe fara bom gasa / | lhado *de*  
 905 qualquer parte que elles vie | rem e mylhor na praça que aos seus | mesmos . E trabalhara  
 em todas ho | nestas maneyras de lhes cõprazer e | de os atraher pera sy cõ amor e bom |

<sup>67</sup> “Sofer” por “sofrer”.

acolhimento e sera procurador por | elles ante seu senhor se mester for | E sse aconteçe  
que antre elles aja cõ / | tenda ella trabalhara de o poer em | paz e dyra bem delles e os  
louuara ||15r b|| E guardar se a d auer cõ elle taes pal / | lauras *perque* ätre elles e ella  
910 possa naçer | contenda . Ponhamos que alguõ | delles he oufano he d aspara con / | diçam  
e mal trautauel ella trabalhara | de o adoçar na melhor forma que | poder segũdo sua  
cõdyçam guardã | do todavia a ho[[n]]nrra que a ella pert | eeçe E amara mays todos  
aquelles *que* | ella souber *que* seu marido ama . Põha | mos que antre estes ha alguõs maos  
| ella lhe fara boõ gasalhado e a cau / | sa he porque ella os nom podera fa | zer boõs nem  
915 perventura empachar | que elle os ame . E ho desprazer que | seu senhor desto auera serya  
a causa | da<sup>68</sup> roydo antre elles e ella auerya | per hy mais jmmygus E poder se / | lh ya  
dizer que ella nom ama as pes / | soas *que* querem bem a sseu marydo . | bẽ he verdade  
*que* se ella sabe *que* seu se | nhor a cree e ella he çerta que aquel | les som vyçyosos e  
maaos e que a | sseu senhor pode vijr mal de sua con | uersaçom . Ella lho dyra e mostra  
920 / | ra ho mays brandamente que ella | poder ou fara dizer *per* algũa boa pes / | soa . E de  
ter tal maneira seu marido | lho tera a bem e auera a graça . e bẽ | querença de seus parentes  
que muy | to lhe podera valer . E lhe sera guar | da de muytos peryguos e cayoões | E mays  
segura sera auendo ho fa / | uor dellas<sup>69</sup> . Ca vimos muyto mall a | conteçeer ha molheres  
[[r]] por causa | dos parentes de seu marido este syg | nal com outros da çertydom do a |  
925 mor he lealdade que ella hauera ha | sseu senhor . | ¶ Capitulo . xiiij . que a terçeyra | he  
como *sera* solicita sobre o estado | e guarda e criaçõ de seus filhos ||15v a|| ATerçeira  
ensynan / | çã de prudençya he | que se ha prinçesa tẽ | fylhos *que* tenha grã / | de cuydado  
de sua | governãça nom em | bargante que ao padre perteeça | pryncypalmente de lhe dar  
guouer | nãça que seya boa . todavia a boa | senhora *que* nom tem tantos cuyda / | dos E  
930 ha natureza das madres he | comunalmente mays jnclynada ao | esguardo de seus fylhos  
deue seer | muyto auysada em todo o que lhe | perteeçe . E mays ao que toca aa | ensinaça  
de boõs costumes que aa | governãça do corpo E assy a ssages | prinçesa auera cuydado  
de ordenar | quem delles aja a governança e co / | mo elles faram [[farã]] seu deuer e nõ |  
se teera ao reporte dos outros mas | ella meesma os vysytara hameu / | de em suas camaras  
935 e os vera lan / | çar e levantar . E de a prinçesa assy | fazer nõ he senom honrra sua . Por |  
que huõ dos grandes portos de se / | gurança que ella pode auer assy he | os fylhos e tal  
hy ha que deseia fa / | zer mal aa madre que o nõ ousa come | ter com temor dos fylhos :

---

<sup>68</sup> “Da” por “do”.

<sup>69</sup> “Dellas” por “deles”.

E sseu lou | uor he de os amar muyto E a ssages | senhora que os amara sera delygen | te  
de os fazer ensynar primeiramen | te ha seruir deos desy a outras scyẽ | cias . E o meestre  
940 auera bom cuyda / | do de os fazer [[fazer]] leer aas horas | conuinhaueês de guysa que  
ha pla / | za ha seu padre a ssaber de sua scien / | cia . A qual cousa estaa muy bem aos |  
fylhos dos grandes homeês . E mã / | dara que quando elles forem ã yda / | [[da]]de  
comprida que elles sejam amoe | stados nas cousas do mundo e da ||15v b|| governança que  
lhes perteeçe e do que he ne | çessario ao<sup>70</sup> prĩçepes de saber . E todo | amostamento<sup>71</sup> de  
945 vertudes e ho ca / | minho de fugyr aos vyçios . Esta se / | nhora sera auisado<sup>72</sup> saber e  
costume | do mestre e dos outros que seram a | seu seruiço E fara tirar os que nom | forem  
boõs e poera outros ã seu lu / | gar mãdara que seus fylhos lhe se / | jam trazydos ameude  
e ella esguar / | dara seus costumes e seus geytos e | reprende lo a asparamẽte no que for  
| de reprender e far s a<sup>73</sup> temer ha elles | de guysa que lhe ajam reuerença e | lhe façam  
950 honrra E pergunta llos a | por saber quanto sabem e entẽdem | Teera com suas filhas boas  
e sa / | ges molheres e ante que cometa ha | gouernança a alguãa primeiro sera | enformada  
de sua vyda he costumes | E em esto deue muyto esguardar que | a molher que ouer  
gouernança de | sua fylha . seja de boo nome e deuo / | ta e ame honrra . E quanto ao mun  
/ | do seja prudente e sages hafim que | ella lhe sayba mostrar ha contenen / | ça e ho geyto  
955 que perteeçe aa fylha | do grande prĩçepe . E deue seer de | ydade . porque aja ho siso  
mays ma | duro . E ssera de todos mays temida | e prĩçypalmente da senhora que for | em  
sua gouernança e de todos os | da corte mays autoryzada . E mujto | perteeçe aa senhora  
que tal carrego | tem : seer auysada que açerca da fy / | lha do prĩçepe nom ande molher  
| de maaõ nome nẽ mal condycoada<sup>74</sup> | nem leue de fea maneira hafym que | ha moça nõ  
960 tome della alguã enxẽ / | plo . E querera a prĩçesa . que quan | do sua filha for de ydade  
que apren / | da a leer e sayba suas horas . desy | liuros de deuoçam e que falle de boõs  
||16r a|| costumes e nom de cousas vaãs nẽ | desolutas nẽ somẽte sejã trazidos ãte | ella por  
: que os moços retem qualquer cou / | sa que ouuem per natureza . E assy a se | suda madre  
auera cuydado da guo | uernança e doutrina de suas filhas | E quanto mays forem creçendo  
965 : tã / | to as mays fara estar açerca de sy sã | pre em temor . E a sua sesuda e ho / | nesta  
maneyra sera enxemplo aas | filhas dos outros de tomarẽ sua regra | ¶ Capitulo . xv . Que

---

<sup>70</sup> “Ao” por “aos”.

<sup>71</sup> “Amostamento” por “amoestamento”.

<sup>72</sup> “Auisado” por “avisada”.

<sup>73</sup> “Far s a” por “far-se-á”.

<sup>74</sup> “Condycoada” por “condicionada”.

a quarta | he como a ssages prinçesa se aue | ra discretamente contra aquel | las que a nom  
aman e lhe ham enueja . | A Quarta ensynança | que prudência da aa | sages prinçesa e d  
ou | tra maneyra . E po / | sto que aja das ou / | tras deferença . nõ he | *de* menor meestrya  
970 pera seer boo êca | minhamento . Porque a outra he | natural : como seja cousa acostuma  
| da *que* boa madre ha cuydado da guo | uernança e doutryna de seus filhos | Mas este que  
he saber vencer e cor | reger seu propio coração e sua mes | ma vontade : he assy como  
sobre na / | tureza : E tanto como he mays forte | de fazer : o damos por mays dygno | de  
975 rrecomêdaçom E a pessoa *que* delle | bem husa muyto he de louuar . Ca | he synal de força  
e de coração con / | stante que he aallem de virtudes car | deaas<sup>75</sup> de grande exelencia E  
nõ he | duuida seer necessario a toda prinçe | sa que ama honrra e boõ nome : sa / | ber  
husar desta força ou d outra ma | neyra : sua prudência nom se pode ||16r b|| bem mostrar  
nem fazer sua perfeiçã | E cõuem declarar mays partycolar | mente o que queremos dizer  
: nom | he duuyda que segundo o curso do | mundo e os mouimentos da fortu / | na que  
980 fosse prinçepe no mûdo por | muyto que fosse justo nem prinçesa | nem outra molher que  
de todas<sup>76</sup> pos | sa seer amado . E ponhamos *que* hũa | cryatura fosse de todo perfeyta ho  
| que nom afirmamos tirando aquel | les de que fallar nõ deuemos . a ssem | piedade enueja  
que se mete no cora | çom humanal : nom sofrerya que de | todos fosse amado<sup>77</sup> . o *que*  
se pode veer | pera pessoa de jhesu cryisto que foy | soo perfeyto e enueja o fez morer . |  
985 E assy fez a outros muytos que bẽ | poderia dar por enxemplo . E quan / | to a pessoa he  
mays vertuosa tanto | a enueja a mays guerrea E nõ he | nem foy senam deos : que de  
todos | podese tomar vyngança . E a nosso | preposyto a ssages prynçesa e esso | mesmo  
todas aquellas que querem | husar de prudência deuem seer de / | sto bẽ auysadas e  
prouijdas de re / | medio : que se acontece que fortuna | o queyra combater por seus  
990 pecados : | entenda e sayba que algũs lhe quei | ram mal e de boa vontade lhe em / |  
peeçeryam se podessem e alongua | ryam do amor de seu senhor por seu | maldizer E a  
desacordaryam dos | sogeytos e do poboo . Ella nom fa / | ra sembrante que desto he  
auysada | nem lhe mostrara maa vontade : nõ | os contara por jmygos . Ante lhe | mostrara  
cõ leda contenença que os | ama e tem por amygos: nem pode | rya creer que d outra guysa  
995 fosse e *que* | mays se fya em elles que em outra | gente E em esto bom gasalhado cõ||16v  
a||uem *que* seja em tal maneyra ordena / | do e cõ tanta descryçã e assesseguo | mostrado

---

<sup>75</sup> “Cardeas” por “cardeas”.

<sup>76</sup> “Todas” por “todos”.

<sup>77</sup> “Amado” por “amada”.

: que nehuũ possa enten / | der *que* he fêgydo em seu rosto : porque | se hũa vez fosse  
 muy grãde . E outra | olhos tesos : assy como faz o cõraçõ | auondoso d onde o ryso vem  
 per for | çã todo serya perdido : por ysso he si | so guardar bẽ este meo E couẽ que o |  
 1000 coraçom seja prouiuo ante do guol | pe . E fyngyra que ella se quer guo / | uernar per seu  
 conselho delles E os | chamara ha seus conselhos *e* lhes | dira algũas cousas em cõta de  
 grã / | de segredo E conuynra que esto se / | ja feyto per tam boa maneyra que | elles o  
 nom entendam . E que ella se | ja senhora de sua propria boca . Ca | se disesse em ausencya  
 delles algũa | pallaura cõtraira a suas mostrãças | *e* elles o soubessem : porque todo ser |  
 1005 uydor : nõ he leal . muyto deue sguar | dar ante que falla . *e* o coraçõ cõ pena | sofre :  
 Calar a boca he mesterya . El | la gastarya todo seu feyto *e* serya | sua vergonha *e*  
 mynguarria em sua | grãdeza sabẽdo seus jnmygos o *que* | ella sabe : nem amariam  
 pensando *que* | o sembrante que lhe mostraua era | com medo E seryã contra ella mais |  
 soberbos *e* aueryam mayor coraçõ | de lhe empeeçer *e* preza lha yam pou | co . E saber se  
 1010 a bem guardar de to / | do E sse alguem lhe diz alguũa cou | sa : por ouuyr sua reposta a  
 qual | ella pensa que sera reportada a el / | les . ella prasmara taaes pessoas . E | dira *que*  
 ella he bẽ çerta *que* *aquelles de que* el | las fallã : amã *e* desejã sua honrra *e* | som boõs *e*  
 leaaes *e* seus amygos . | E ponhamos que elles fazem ou | disessem alguũa cousa cõtra  
 ella ã | seu perjuyzo magnyfestamente ha ||16v b|| qual se nom pode negar senom que | he  
 1015 feyta : ou dicta por mal della . El / | la se deue de fazer : assy simprez he | ygnorante que  
 o nom entende *e* mo | strara que lhe nom toca nõ ha desto | cuydado . nõ sospeicã contra  
 elles | Mas nom embargãdo todas estas | cousas *e* suas grandes dessymula / | ções : ella  
 se guardara de todo ho | que bem poder : . E assy vsara desta | descreta desymulaçom *e*  
 prudente | cautella : a qual nom crea alguem *que* | seja vyçio ãte he vertude quando he |  
 1020 feyta a causa de bem *e* de paz : sem | desejo de empeeçer a outrem maas | soamente por  
 esquyuar mayor en / | conueniente . E vedes aqny<sup>78</sup> o mal *que* | se esquyua *e* o bem *que*  
 se segue . Se | ella fizesse sembrante que sayba su | as maas vontades rezam serya que |  
 ella contendesse contra elles *e* tra / | lhase<sup>79</sup> de sse vynguar . E conuyra *que* | ella mouesse  
 guerra *e* metesse em pe | ryguo seus amyguos . E poderya | seer *que* seu *senhor* os crerya  
 1025 mais *que* a el | la ou os outros senhores seryã mal | *contêtos e* creçerya mays a contenda |  
 E se peruentura nom fosse vynga | da a sseu prazer auerya mayor sa / | nha . E pollo bom  
 camynho da so | frença *e* dessymulaçom he de presu | myr *que* elle poera em paz a yra *e*

<sup>78</sup> “Aqny” por “aqui”.

<sup>79</sup> “Tralhase” por “trabalhasse”/ “tramasse”. Crispim: “trabalhasse” (p.140); Fr.: diferente, mas com o mesmo sentido (p. 65).

1030 maa | vontade de seus jnmygos e os con | uertera em amyguos : ou ao menos | no aueram  
 tamanha vontade de | lhe empeeçer como se ella se mostra | se sua jnmygua . Ca muyto  
 serya | maaoo aaquelle qne<sup>80</sup> fezesse mal ha | quem ho tem por seu amyguo . E | ponhamos  
 que elles se nã sofressem | com toda sua treyçom e maldade | serya mays grande e elles  
 mays | reprendydos e mays desonrrados ||17r a|| e menos veriam a fym de seu prepo | syto  
 : E assy nom pode seer que a sêho / | ra nom guanhe mays ã ter esta ma | neyra de  
 fingymêto que per via de | rigor E nom he duuida que esta en / | sinãça perteeça . nã  
 1035 soomête as prin | çesas mas geralmente a todas mo / | lheres . Ca se muytas contendas |  
 veẽ nos casamentos per maldizen / | tes o que mujtos nom sabem soo *deos* | he o sabedor  
 . | ¶ Capitulo xvj . Que a quinta he | como a boa priynçesa trabalha | ra d auer graça e boa  
 vontade | de seus sogeytos . POrque perteeça aa sa / | ges prinçesa que per | prudência  
 quer orde / | nar seus feitos que ella | tẽha e ame todo llos | caminhos que a honrra demãda  
 1040 . E | amara por aquella causa que he a quĩ | ta ensinãça toda gente de rrelegiom | e leterados  
 assi doutores como prela | dos e toda gente de conselho : assy | burgeses como pouoo Mas  
 algũs | se marauilharã : porque nos mays | nomeamos estes que fidalgos e ba | roões . A  
 rezom he esta : porque ja | posemos que ella este bem com os | prynçepes e grandes pella  
 vsan / | çã e conuersaçam que cõ elles ha . Por | ysso desejava auer se bem com os ou | tros  
 1045 : por duas prynçipaaes causas | A prymeyra he que os boõs e deuo | tos roguem a deos por  
 ella . A ou / | tra he porque ella seja louuada del | les em seus sermoões : assy que sua |  
 voz lhe possa seer como escudo e de | fensa contra as murmuraçoões e ||17r b|| mal dizeres  
 dos ãuejosos e os po / | sam afoguar per que ella possa me / | lhor auer a graça de seu  
 senhor e | assy do pouoo comuñ que della ou | uyr dyzer bem E que ella por elles | possa  
 1050 seer sosteuda contra os pode | rosos se neçessaryo for . E ssera | bem enformada quaaes  
 leterados | ou religiosos som mays abastan / | tes e de mayor autorydade e a qual | se da  
 mays fee e com aquelles aue | ra mays conuersaçom : assy cõ huũs | como os outros fallara  
 amygaue | mente : auendo seu cõselho fazendos<sup>81</sup> | alguũas vezes comer com seu cõfes |  
 sor e seus capellaães que todos seram | gente de honrra e de bem mãdando | que lhe façam  
 1055 muyta honrra . por | que aquelles que som emnobreçy / | dos de sciencia som dignos de  
 muy | ta honrra E far lhes ha bem segun / | do seu poder a elles e a seus colle / | gios e  
 cõuentos E ajnda que esmol | la deua seer feyta secretamente ha | causa e a fym que a  
 pessoa que ha faz nã | possa mõtar ã vaã gloria que he mor | tal pecado Mas se a pessoa

<sup>80</sup> “Qne” por “que” (nota 28).

<sup>81</sup> “Fazendos” por “fazendo-os”.

nõ fosse | tocada d altaraçõ<sup>82</sup> melhor serya dar | publicamente que em segredo : por | dar  
1060 aos outros enxemplos . E quẽ | o faz cõ esta tençom dobra seu mere | çymento e faz bem  
. E assy a boa se | nhora que se sabera guardar daque | le vyçio querera *que* seus doões e  
es / | mollas sejam sabidas e registadas | se som notaueẽs assy como pera fa | zer suas  
ygrejas e conuentos : ou ou | tras cousas em perpetual memo / | rya ãitollados em seus  
moesteiros | a fym que a gente que ally rogar a | [[a]] deos tomẽ enxemplo de fazerem |  
1065 assy E esta maneyra de dar e con | uersar com taaes pessoas *que* toca al||17v a||gũ ramo  
de ypocresia ou que toma | dally seu nome E todavia ella se po | de chamar per modo de  
fallar . justa | ypocresia . porque ella esguarda a | fim de bem e a esquiãmẽto de mal | E  
nos nom deuemos entender que | sob tal sonbra<sup>83</sup> se deua cometer peca | do : nem possa  
naçer vã gloria dize | mos que esta maneyra de justa ypo | cresya he quasy neçessarya  
1070 em spe / | cyal aos prĩçepes : aos quaes mais | perteeçe dar : que a outra gente . E | assy  
ella nom esta mal a toda pessoa | que deseja honrra e em fazẽdo esto | da aazo de bem E  
este preposito he | scripto no liuro de valeryo *que* os prĩ / | çepes antijgos fyngiom que  
eram | parentes dos deoses : porque seus | sogeitos os temessem mays e lhes | ouuessem  
mayor reuerença . E assy | desejara a boa senhora e querera a | uerse bem com gente de  
1075 conselho e | mandara *que* venham a ella alguũas | vezes e reçebe llos ha honrradamẽ / | te  
e fallara com elles em grande sy / | so pallauras de autoridade o mays | que ella poder e  
os tera em amor . | E tendo esta maneyra lhe vallera | em muytas cousas porque elles lou  
| uaram seu siso e a sages e boa e no / | tael governaça que ne[[e]]la senty / | ram . E sse  
aconteçer que alguũs en | uejosos queyrã contra ella fazer : ou | dizer alguũa causa elles o  
1080 nom ley / | xaram passar em publico nem ã con | selho se a ella for per juyzo : E moue |  
rom o prinçepe se mal for enforma / | do . E sse ella desejar que algũa cou / | sa passe no  
conselho : elles lhe serã | fauoraueẽs . E ajnda ella querera a | uer ho coraçõ dos boos  
leterados *que* | teẽ carreguo das cousas do pouoo | comuã assy como voguados . E ve||17v  
b||ra algũas vezes os präsidentes e *prin* | cipaes doutores mais notaueẽs cõ | elles E dar lhe  
1085 notyçia amygauuel | mente de seu honroso estado . nom | per maneira de gabamento .  
mas *que* | elles o entendam per seu saber e go | uernãça E de teer esta maneira acre |  
çentara sua honrra e louuor . E ha | causa he porque de todos estados e | maneyra de gentes  
da terra se veẽ | conselhar aos leterados . E elles fa | lã cõ todos . E assi a pryuados como  
| a estranhos pode testemunhar ho | bem e a honrra della E sua nome / | ada creçera mays  
1090 . E esta maneyra | teera com prebostes e balyos e com | toda gente de justiça . E os prinçy

<sup>82</sup> “Altaraçõ” por “alteraçõ”.

<sup>83</sup> “Sonbra” por “sombra”.

/ | paaes burgeses das çidades e vy / | las de seu senhor e grãde[s] mercado | res e outra  
 honesta gente de meste / | res mandara que venham a ella al / | gũas vezes pera lhe fazer  
 bom gasa | lhado . E trabalhara de sse auer com | elles bem : afim que elles fossem por |  
 ella se mester lhe fosse E sse necessida | de lhe viesse que ella podesse seer de | les  
 1095 socorrida . E sse aconteçe *que* ella | toma delles . deue guardar os ter / | mos e pontos de  
 sua honrra e pa / | gar sem faleçer a dia nomeado : por | que sua palaura seja sempre yntey  
 / | ra . e porque nos auemos em esta quĩ | ta das sete ensynanças que pose / | mos que  
 prudença ensyna : tanto | fallado como a sages prinçesa deue | auer cuydado de se auer  
 bem com | os seus sogeytos segundo dysse / | mos : poderya parecer alguũs mal | auysados  
 1100 que he cousa sobeya dy / | zer esto e que nom perteeçe que ho | prinçepe nem a prĩnçesa  
 tome cuy / | dado de atraer pera sy seus sogey / | tos ante deuem mandar seguramẽ||18r  
 a||te todo o que lhes prouuer elles obe | deeçer e trabalhar de atraer a sseu a | mor e nõ ella  
 a elles . E d outra guisa | nom seria sogeytos nem ella senho | ra . A esto respondemos que  
 salua a | graça dos dizydores esto perteeçe fa / | zer nom soamente a prinçesa mas | ao  
 1105 prinçepe por muytas razões e per | duas passaremos por nõ alongar a | materia . A primeira  
 que ajnda *que* ho | prinçepe seja senhor dos sogeytos . | os sogeytos fazem o senhor e nõ  
 ho | senhor os sogeytos . E mais asynha | acharia quem os tomasse por sogei | tos se elles  
 quysessem seer maaos | do *que* elle acharya *quem* o tomasse por | senhor nem elle poderya  
 contrariar | a tanta gente se lhe quisesse reuellar | E auendo elle poder de os destruyr : |  
 1110 desfarya sy mesmo E assy he neçessa | ryo que elle os tenha em amoor : em | tal maneyra  
 que delle naçe temor | mais que por rigor nem asparo se / | nhorio . E sse d outra maneyra  
 seu | regno estaa em balança E a este pre | posyto serue o enxemplo que diz : | nom he  
 senhor de seu regnado quẽ | dos seus he desamado : nem pode fa | zer mayor siso que de  
 o teer em amor | se dereytamente quer ser chamado | senhor porque nom poderya auer : |  
 1115 çydade nem castello de tam gram | força e poderyo como o amor e boa | vontade dos  
 verdadeyros sogeytos | A outra rezão he : ponhamos que | os sogeytos teem amor a seu  
 prinçe | pe : elles nom ousaryam chegar a | elle sem auendo pymeiro seu man | dado .  
 E assy he neçessario que elles | ajam primeyro boõ guasalhado de | seu senhor do qual  
 elles deuem fa / | zer muj gram festa e aver se por muj | to honrrados e dobrara em elles o  
 1120 ||18r b|| amor e a lealdade : quanto mayor a / | mor em elle acharem . E a este propo / | sito  
 diz huũ sabedor : que non he cou | sa que tanto engane o coraçom dos | sogeytos como a  
 benegnidade do se | nhor segũdo he escripto do boõ em | perador *que* dezia que querya  
 seer tal | a sseus sogeytos como elles mesmos | queriam que elle fosse . E a boa prin | çesa

desto auisada quando suas mo | lheres a uesytaem ella lhes fara bõ | guasalhado e fallera<sup>84</sup>  
1125 com todas a / | myguauelmente de que seram con / | tentes e louuarem seu saber e sua |  
boa vontade . E ella as mandara | chamar a ssuas festas e vodas e as | fara seer com suas  
donas e donzel / | las segundo seus estados . E assy a | uera o amor de todos e rogaram a |  
deos por seu marido e por ella e por | seus filhos . | ¶ Capitulo . xvij . Que a | sexta he  
como ella teera | as molheres de sua corte | em boa ordenança . | A Sexta ensynança | de  
1130 prudença he : *que* | a ssages prinçesa as / | sy como ho boõ pa / | stor que tem boõ cui |  
dado como suas o / | uelhas sejam bem guouernadas ã | saude e se alguã he sarnosa elle  
a a | parta do tropel com temor *de* seu mal | se pegar aas outras . Ella sguarda | ra sobre a  
guouernança de suas mo | lheres as quaaes a sseu poder sco / | lhera boas e honestas :  
nem quere | ra auer outras consyguo . E porque | he cousa acostumada que caualey||18v  
1135 a||ros e scudeyros e gentijs homeãs | que conuersam com as molheres | os mays delles teer  
maneyra de | rogar de amor e de as enganar se | podem . A boa prinçesa teera tal or / |  
denança : que nehuũ em sua corte | sera tam ardido que ouse enganar | nem mal conselhar  
suas molheres : | E sse alguũ o faz e lhe he sabydo ou | entenydo per synaaes : tal con / |  
tenença lhe sera mostrada que nom | se ousara mays de llo tremeter e de | sejara a senhora  
1140 honesta que todas | suas molheres lhe sejam sogeytas | e a temam sob pena de seerem fo  
/ | ra de sua companhia e bem lhe pra | zera que se desenfadem em jogos | honestos e  
nom taaes de que os ho | meãs possam escarneçer nem dizer | mal : segundo de boamente  
fazem | per natureza : aynda que perante el | las mostrem o contrayro : E tẽhom | com os  
caualeyros e gentijs ho / | meãs boas contenenças sympre / | zes e seguras seja em danças  
1145 : ou | em outros desemfadamentoo<sup>85</sup> : nom | teendo as contenenças desassesse / | gadas :  
nem o andar tryguoso : nem | ryr muyto nem as cabeças muyto | leuantadas : as quaes  
contenen / | ças estam mal a molheres de corte | onde [[s]]se spera mays honestydade | he  
boom<sup>86</sup> costumes he cortesyia que | em outras partes : porque onde a | mays honrra deue  
auer mays per | feyçom de costumes . E muyto sery | am enguanadas as molheres da |  
1150 corte se pensassem que a ellas per / | teeçya seerem menos asessegadas | que has outras .  
Mas porque | nos esperamos que esta nossa dou | tryna per os tempos vyndoyros se | ja  
trazyda per muitos regnos afim ||18v b|| que ella possa valler onde ouuer | falta de  
ensynança : nos dyzemos | jeeralmente a todos de toda terra : | que perteeçe a qualquer  
dona ou : don | zella de corte : seer mays entendida | e mays asessegada e de melhores |

<sup>84</sup> “Fallera” por “falará”.

<sup>85</sup> “Desemfadamentoo” por “desenfadamentos”.

<sup>86</sup> “Boom” por “boons”.

1155 costumes que outra porque ellas | deuem seer enxemplo de todo bem | e honrra aas outras  
 molheres . E | se d outra guysa o fazem nom amã | hõrra de sua senhora nem a sua mes |  
 ma : Com esto querera a sages prin | çesa : a fym que todos<sup>87</sup> as cousas cor | respondam  
 aa onestydade : que as | roupas e toucados de suas molhe / | res aynda que sejam rycos e  
 fre / | mosos como perteeçe que sejam de | honesta feyçam e onestamente po / | stos sem  
 1160 sobegydom nem prasmò : | Em todas as cousas ha prynçesa | ordenara suas molheres .  
 assy co / | mo a prudẽte e boa abadessa faz a | seu conuento : em tal maneyra que | maaò  
 reporto nom se de dellas em | outra parte : sera ha prinçesa tam | temyda polla sages  
 guouernança | que lhe veram teer : que nenhuõ nõ | ousara desobedeçer ha seus man / |  
 dados : nem leuantar ho olho com | mallyçya : Ca nom he duuida que | huõa molher he  
 1165 mays temyda he | lhe ham mayor reuerença que ao | homem quando a uem sages de pe |  
 sados costumes he honesta posto *que* | seya mays doçe he benygna que | huõa sandya mal  
 condyçyonada | que fosse maa he peruersa : porque | huõ soo esguardo he olhar da mo / |  
 lher sesuda he ho rostro tempera / | do : he synal abastante pera cor / | reger os maaos e se  
 fazer temer . ||19r a|| ¶ Capytullo xviiij . | Que a sseptyma he co | mo ella teera cuyda | do  
 1170 de suas rrendas e | despensas . E do estado | de sua corte . | A Septima ensynan / | ça que  
 prudenciã da | aa boa prynçesa he | que ella tome cuyda | do no feito de sua rẽ | da e  
 despesa : no que | muyto deuem seer auysados : nom | soamente os prinçepes mas todos |  
 aquelles que querem vyuer per or / | dem e sayaria<sup>88</sup> : nom deuem auer ver | gonha de elles  
 meemos saberem | a ssoma de suas rendas e possessões | E as contas de seus reçebedores  
 1175 : e | despenseyros . E querrera saber e | veer perante sy como seus veedo / | res gouernam  
 sua gente : e como | se despendem seus vinhos e vian / | das . E yssò mesmo dos outros  
 of | fiçyos de sua casa dos quaaes ella | querrera seer beem enformada . que | aquelles a  
 que os deer sejam boos | e de booa vyda . E sse d alguõ sou / | ber ho contrayro loguo ho  
 lança / | ra fora . E ssabera quanto monta | naa despesa de sua casa . E ysto | meemos ho  
 1180 que se toma ao pouoo : | e aos mercadores pera ella e man | dara que lhe seja bem paguado  
 a | certo dya nom querendo auer su / | as maldiçoões : nem seu desamor . | E mays amara  
 passar huõ pouco | somenos : de despender mays tem||19r b||peeradamente . E defemdera  
 que | ao pouoo nom seya fylhada cousa | contra sua voontade : que loguo | lhe nom seya  
 justamente pagua / | da : nem fazer andar seu pouo lon / | gos camynhos storuados aa sua  
 1185 | cousta : requerendo has paguas do | seu Mas mandar a sseus fazedo / | res que loguo lhe

<sup>87</sup> “Todos” por “todas”.

<sup>88</sup> “Sayaria” por “sagesse”; do francês: “sabedoria”. Fr.: “sagece” (p. 75).

paguem . Nem | consentam que seus rreçebedores | vsem do comuũ ystillo . scilicet . que  
 men / | tam : nem *perlonguem* has gentes | de termo em termo : mas que lhe | assijnem  
 dya conuinhael ha que | os bẽ possam pagar . E esta se / | nhora ordenara suas rrendas  
 na | maneyra que se segue . Ella a *par* | tyra em cinco maneyras ¶ A pri | meyra parte  
 1190 sera pera os pobres . | ¶ A ssegunda pera despesa de sua | casa quanto ella entender que  
 hy | monta : se ella tem aministraçom . | ¶ A terceyra pera pagar seus of / | fyciaes e suas  
 molheres ¶ A quar | ta sera pera do[õ]es<sup>89</sup> de estrangey / | ros : e d outros que ho mereçem  
 fo | ra de sua ordenança . ¶ A quinta | soma sera posta em thesouro E se | mays sobejar  
 sera pera seu prazer | assy como : roupas : joyas : corre / | gimẽtos . E ssera cada hũa  
 1195 *desta[s]* so | mas tanta quantitydade como ella | vijr que se pode fazer segundo sua | rrenda  
 . E assy per este regrado | camynho podera auer ordem em | todas suas cousas sem  
 confusom | nem lhe falleçera dynheyro : pera | cada huã : deestas despesas que | lhe  
 conuenha busca [[l]]ho per outra | parte per maneyras nom lycytas : | he com sua perda .  
 E em esta ma | neyra : pollas sete emsynamças : ||19v a|| sobreditas com as outras vertudes  
 1200 | as quaes nom som muyto fortes de | fazer : mas prazyues ha quẽ se a el | las quer despoer  
 : podera a boa se / | nhora auer honrra e boa nomeada | e na<sup>90</sup> fim o paraíso que he promety  
 / | do aos que bem viuem . | ¶ Capytulo . xix . Que deuisa ã | que maneira deue husar de  
 fran | queza<sup>91</sup> a ssages pryñesa . | E Porque nos auemos fal | lado das outras vertudes |  
*que* conuẽ aa pryñesa asaz | perfeitamente . E muyto ã breue to / | camos a grandesa  
 1205 mundana *que* lhe | he necessarya e a maneira que deue | teer ã dar seus doões fora da  
 ordem | comũa de sua despesa . Como esto se | ja cousa de que se as senhoras deuẽ | d  
 auisar fallaremos mais largamen | te ã tal maneira *que* hy nõ aja *que* reprẽ | der ã seus  
 feytos . E sse guardara *que* | o viçio da catiuydade e de maa esca | çesa nom seja visto ã  
 ella . E menos | o de sandya franqueza . E assy per | grande descryçom husara em seus |  
 1210 doões . Ca esta he hũa das cousas | do mundo que mais exalça a nomea | da dos grandes  
 senhores . E assy o | testemunha joham de sallebrysa<sup>92</sup> no | seu polycratyco no terçeyro  
 lyuro | aos . xiiij . capitulos a mostrar que | a vertude da franqueza seja neçessa | rya aos  
 que teem guouernança so / | bre a re[[e]]publica : poeẽ exemplo de | tito ho nobre  
 emperador : que per | sua graadeza cobrou tal nome : que | era chamado ajuda e socorro

<sup>89</sup> “Doões” por “doar”.

<sup>90</sup> “Na fim”. “Fim” no português médio era feminino.

<sup>91</sup> Fr.: “largece” (século XII: generosidade) e “liberalité” (século XIII: generosidade ou salvaguarda de uma possessão); Crispim: “graadeza”.

<sup>92</sup> Fr.: “Jehan de Salberieuse en son Policratice”; Crispim: “Joham de Salebriosa no seu Pulicratiçom”.

1215 de to / | dos . E auya tal amor a esta vertu / | de que o dia que della nom vsaua dã||19v  
 b||do alguũs doões nom podya seer | leda . E por ysso ouue a geeral graça | e amor de  
 todos . E demonstra esta | senhora sua frãqueza se ella ha poder | de dar . ella se enformara  
 bem se hy | ha algũ gentil homẽ estrangeiro . ou | da terra que por longua prisam : ou / |  
 rendiçõ aja o seu perdido e seja po/ | sto a sofrer mingua : aquelles aju | dara de boamente  
 1220 e em mayor quã | tydade segundo seu poder . E por | que esta vertude non esta soomẽte ã  
 | dar segũdo diz hũ sabedor . mas ajn | da ã coforto de boas pallauras em | lhe dãdo esperãça  
 de melhor fortu / | na : o *que* mujtas vezes lhe faz grande | bem : perventura tanto como o  
 din | heyro . E sse esta senhora vee alguũ | gẽtil homẽ de boõ coraçõ *que* muyto *de* | seja  
 auaãçar em sua honrra e nõ tẽ | com que se correge segũdo lhe perte | çẽ . Ella sabe que a  
 1225 ajuda ã elle he bẽ | ãpregada A boa sãhora ã todo bẽ aco | stumada por auãçar nobreza o  
 aju | dara . E assy em desuairados casos | podem acõteçer se estendera a ssa / | ges e bem  
 ordenada graadeza de / | sta senhora . E sse aconteçe que algũs | presentes : ou doões lhe  
 seyam en / | uyados da parte d alguũs grandes | senhores ella dara francamente aos |  
 mesegeyros e mays aos estrangey | ros que a outros porque possam fa | zer bom reporto a  
 1230 seus sãhores e mã | dara *que* sejam çedo despachados . | E sse os presentes vẽ de grandes  
 se | nhores ella lhe enuyara esso mes / | mo outros semelhantes e mylho / | res . Mas se  
 alguũa pobre : ou | symprez pessoa lhe faz alguũ ser / | uyço : ou lhe presenta alguũa noua  
 | cousa ou estranha per boa von / | tade : ella esguardara ha myngua : ||20r a|| da pessoa  
 seu estado e grandeza do | seruiço : ou a uallia : ou bõdade . ou | fremosura : ou  
 1235 estranhidade do pre | sente . E segundo o caso lho pagara | tam grandemente que ella se  
 possa | louuar . E com esto tam allegre / | mente reçebera o dom que ysto sera | quasy mea  
 paga . E nom fara assy | como huã vez nos vimos aconte / | çer ante nossos olhos de  
 que mujto | nos pesou . Hũa pessoa foy enuia | da aa corte de huũ prinçepe ou prin | çesa  
 a *qual* era auida por sages por ou | uir e cõhoçer de seu saber e *conuersou* | hy per muytas  
 1240 vezes e todos eram cõ | tentes de seu saber e de sua cõuersa | çõ e fez aaquelle prinçipe  
 ou prĩçesa | algũs seruiços e prazeres boos e ju | stos e dignos de rrecomendaçõ e de |  
 mereçimento . E em aquelle mesmo | tempo vsaua ã aquella corte huã ou | tra pessoa auida  
 por nõ sesuda a *qual* | auya ã costume de servir os senhores | *de* louuaminhas e de pallauras  
*de* nõ | huã valia a maneyra de truam Acõ | teçeo *que* veo o *tempo* de se dar o gallar / | dõ  
 1245 assy a huũ como ao outros . E foj | dado ao que seruiu de jogos en trea | rias<sup>93</sup> huũ dõ que

<sup>93</sup> “Trearias” por “truarias”. Fr.: “bourdes” = gafe, brincadeira (p. 79). Crispim: “truarias” (p. 156).  
 “Truanice” (de truão: logro, impostura). Variante: “tuar” (divertir-se).

valiaquarenta coro | as outro ao doze : E *quando* nos tres jr | mãs . razom dereytura justiça  
 vy / | mos esto : escondemos nossos ro / | stros de vergonha veendo tam des / | comunall  
 extymaçom he tam ce / | guo desconheçmento : nom polla | vallia do doom : mas polla  
 desy / | gualança das persoas *e* dos fey / | tos nom fara conta a ssages pryn / | çesa nem  
 1250 auera grande cuydado de | sandeus nem estendera sobre elles | seus grandes doees mas  
 aos ver | tuosos *e* boõs que o mereçem em *que* | hebem empregado . ||20r b|| ¶ Capitulo .  
 xx Que poõe | as escusações que pertee | çẽ aas boas prinçesas que | por alguũas razoões  
 nom | pode dar a execuõ as cou | sas sobreditas . | HOra auemos dito o | que toca *e*  
 perteeçe | aa franqueza da boa | prinçesa . Mas an / | tes que mais passe / | mos por nom  
 1255 esque | çer cõuem que toquemos duas que / | stoões ã special que nos podem ser | feitas  
 sobre dous pontos que toca / | mos atras huũ onde dissemos : co / | mo perteeçe aa sages  
 prinçesa auer | se bem cõ todos os estados de sua | gente *e* sogeitos . A outra he a fran |  
 queza *que* deue auer seguũdo derradey | ramente tocamos . Do primeiro põ | to poderia  
 sayr tal questom vos dy / | zees que perteeçe aa ssages prinçesa | auer a boa vontade dos  
 1260 seus sogey | tos . E por ysso os deue d agasalhar | Mas como podera esta ensinança |  
 seruyr a todas . Ca nom he duuy / | da *que* hi ha muytas que posto que se / | jam boas *e*  
 prudentes teem mary / | dos tam reuessados *e* de taes costu / | mes que as tem em tal  
 estreyteza *que* | soamente a seus seruydores nom | ousam de fallar . poys como ousa / |  
 rom estas d agasalhar os de fora . E | pareceçe que esta ensynança deue | seer nenhũa  
 1265 açerca dellas ho outro | ponto que he *que* hy ha assaz de prin / | cepes *e* sêhores *que* tã  
 pouco fiã de su / | as molheres que lhe nom dam sêho | rio sobre huũ soo dynheyro . E |  
 assy posto que boa voontade te / | nham : mal podem husar de sua ||20v a|| vertude . E  
 respondemos a estas du | as questoões jütamente per hũa sê | tença *que* nos nõ fallamos  
 daquellas | *que* per taaes extremidades sã guarda | das porque as prinçesas *e* sehoras po |  
 1270 stas sob tal guarda prudeçia nõ po / | de dar outra ensynança senam que | se armeem de  
 paçyençya *e* façam | bem a seu poder . Mas diguamos | aaquellas que tem siso *e*  
 autorydade | *e* poder de o fazer nõ fallamos ysso | mesmo aaquellas que som aynda tã |  
 nouas de ydade que estom sob meni | straçom d outras molheres que as | guouernam *e*  
 ensynam . Mas çer / | to he *que* se ellas estudã *e* reteem nos | sa doutryna que poderam  
 1275 aprêder | a sse guouernar per tal prudençya : | que quando ellas forem em perfey / | ta  
 ydade de descryçom seus mary / | dos que as virẽ de tal guysa guouer | nar lhes darã  
 comprida autoridade | *pera* o *que* dicto he *e* dyremos adyante ã | tempo *e* lugar . Porque  
 sandeu he homẽ | de qualquer estado *que* seja quando he | çerto que tẽ boa *e* sages molher  
 se | lhe nõ da a autorydade de guouernã | çã . ajnda *que* sejam de tã mao enten / | der que

1280 nom conhecem onde siso *e* | bondade som assentados E sse fun | dem sobre openiõ que ã  
 siso de mo / | lher nom pode auer grande guouer | nança : do que muyto ameude vee / |  
 mos o contrayro dizemos ãfim *e* cõ | clusom que se estas senhoras assy | maltrautadas de  
 seus marydos nõ | poderẽ exeçutar sua prudenciã no | que toca ao boõ gasalhado dos so /  
 | geytos *e* a fazer suas gradezas one | stas ellas deuẽ seer scusadas nõ as | podem tanto  
 1285 ãpachar os marydos | que se ellas som boas *e* sages de bõ | amor a seus sogeitos que delles  
 nõ ||20v b|| sejam bẽ amadas *e* suas boas voõ / | tades cõtadas por feyto pollas dys | cretas  
*e* boas aparẽçias que se ã el / | las mostrã E *que* nõ seã louuadas *e* | nomeadas em todo  
 lugar *e* esto aba | ste quanto a este proposito . | ¶ Capitulo . xxj . Da guouernã | ça da  
 sages prĩçesa que fica viuua | ASaz fallamos de *que* | toca aa ensynança | das prynçesas  
 1290 casa | das mas afim *que* no | ssa doutrina aperuey / | te ã todos estados dy | remos a este  
 preposyto fallãdo aas | grandes senhoras *e* prinçesas veu / | uas assy aas velhas como aas  
 man | çebas ã deferẽça de suas ydades . E | diremos assi se acõteçe que a prinçe / | sa fica  
 veuuã nõ he duuyda que ella | chore *e* faça seu planto segũdo lhe | da *e* mãda boa fe *e*  
 honesta razom . | E estara ençarrada depois de suas | eixequias em pequena claridade : de  
 1295 | dia com pyadoso *e* dooroso vesty / | do *e* toucado segundo onesta vsan / | ça . E nom  
 esqueçera a alma de seu | senhor . mas rogara *e* fara roguar | por ella deuotamente com  
 gram cuy | dado em missas *e* seruiços esmolã | *e* oferendas *e* oblaçoões : muyto a | fara  
 encomendar a deos a toda gen | te de deuaçõ : nom durando esta me | morya per tempo  
 mas tanto como | ella viuer . Empero esta senhora se / | ja de grande prudẽçya *e* saber :  
 1300 ella | sera ameude amoestada *de* seu padre | *e* daquelles que lhe perteeçem que | nom  
 embargando sua gram perda | da morte de seu boom marydo que | ella deue auer paciencya  
 com todo | o que praz a nosso sãhor deos *e* que ||21r a|| todos somos naçydos pera fazer a  
 | quelle caminho quando lhe aprou | uer . E de ella muyto contynoar seu | nojo o pode  
 anojãr . E assy he neçe | saryo *que* ella tome outra maneyra | de vyuer por nom agrauar  
 1305 sua al / | ma *e* sua saude o que serya danpno | de seus fylhos *que* a muyto hã mester | pera  
 sua criaçõ . Esta senhora assy a | moestada de rezõ *e* de boõ conselho | pera ã algũã maneira  
 melhor passar | sua trebulaçom começãra auer cuy | dado de suas cousas . Primeiramẽte |  
 auera cõhecimẽto do testamento de | seu marido . E trabalhãra por elle *de* | alliurar a alma  
 daquelle *que* ella tanto | amãua desy se ella tem fylhos *e* seu marido | nõ fez a partilha  
 1310 antre elles | ã sua vyda tomãra cuydado como | as terras *e* senhorios sejam par / | tidos *per*  
 boas pessoas *e* de boõ cõse / | lho *e* cõçiencia ao prazer de todos se | ella pode : E cria llos  
 ha se poder ã a | mor *e* sem debate . nõ desacordo jũta | mẽte ã tal ordenãça *que* menores  
 seruã | ao primeiro como a seu senõr Esgãrda | ra isso mesmo sobre seu mouer *e* so | bre

o dote *de* seu casamêto se ficasẽ fi | lhos *e* lhe algũ *quer* fazer torto : segũdo | se costuma  
 1315 fazer aas veuvas sejam | grandes : ou pequenas . Ella chama | ra seu conselho *e* com seu  
 acordo | vsara defẽdendo seu dereyto *e* ra | zom sem se alterar em pallauras cõ | tra algũ .  
 mas dyra *e* sera *e* fara dy / | zer o que a ella perteeçe per boas pa | lauras . E ãquãto viuer  
 auera grã | de amor aos parêtes *de* seu marido *e* | lhes fara muita hõrra . E de o assi fa |  
 zer sera : louuada Mas se acũteçe *que* / ella fyque veuua cõ seu primogenito | menor de  
 1320 ydade . E que naçe conten | da antre os barões de sua terra so || 21r b||bre a governãça  
 delle . Ally cõuem | *que* ella ãpregue sua prudẽcia pollos | meter ã paz : porque nenhũa  
 guerra *de* / jmmigos estrãhos nõ pode seer tam | prigosa como esta . E por esto a ssa / |  
 ges senhora sera boa medeaney / | ra ãtre elles *per* sua prudẽte governã / | çã pensãdo os  
 males *que* podẽ vijr de | seus debates vẽdo seu filho aĩda tã | nouo : e *para* esto fazer  
 1325 buscar as mais | cõuinhouẽs maneyras *que* ella poder | trautãdos per duçura cõ boõ *e* leal  
 | cõselho . Ou se [[se]] acõteeçe que algũa | terra reuella: ou *que* he cõbatida de jn | mygos  
 como mujtas vezes acõteeçe | na morte do prĩçepe a filhos meno / | res de ydade *porque*  
 lhe cõuẽha maãter | guerra : bẽ auera mester a prudẽte se | nhora *que* deseja guardar o bẽ  
 de seus | filhos *que* ella põha ã obra seu bom sa | ber E ser lhe a neçessario teer ã amor |  
 1330 seus barões *para* os teer leaes *e* de bõ | conselho a seu filho *e* de melhor coraçõ | pelegẽ  
 por elle se mester for *que* mãtẽha | a guerra . *e* *por* essa mesma guisa ao po | uoo a fim  
*que* de melhor võtade o aju / | de cõ o seu se mester lhe for pera sua | guerra . E fallara  
 cõ elles *para* os cõfir | mar ã sua lealdade . E *que* outrẽ os nõ | possa mouer ao cõtrairo :  
 dizẽdo lhes | *per* doçes pallauras rogãdo que se nõ | anogẽ se ã algũa maneira sõ agra / |  
 1335 uados dos carregos da guerra : ou | d outros trabalhos *que* esto nõ durara lõ | gamẽte *e*  
*que* ella sera bem lembrada | E assy o encomendara a seu fylho *que* / sẽpre seja lẽbrado  
 da mujta lealdade *que* \ ã elles acha E taes palauras lhe dira | *que* poderã muyto aperueitar  
 ã tal caso *e* | as gardara da rrebeliõ o *que* mujtas ve | zes acõteeçe ao pouo oprimido *e*  
 aspera | mẽte trautado E nõ *pode ser* extimado | o bẽ *que* tal prĩçesa *pode* fazer no regno  
 1340 ||21v a|| ¶ Capitulo . xxij . Desto mesmo | *e* das prĩçesas que veuam en | sua mançebia  
 . | MAs quando a prĩçe | sa fica veuua *e* sem fi | lhos : ou que ella que | ria vyuer mays  
 sem | cuidado *e* em paz des | que for em posse do *que* / ha d auer : yr se ha morar a ssua  
 ter / | ra . E assy tera auisamento como se | guouerna sagesmente segundo sua | renda .  
 E mandara chamar os prin | cipaaes seus homeẽs *e* o prebostes | de sseus castellos . E  
 1345 ssabera per boa | çertidam como se guouernarom ho | tempo passado *e* confirmara os co  
 / | stumes da terra . E se achar maaos | officioaes<sup>94</sup> poera outros nouos de *que* / aja boa

<sup>94</sup> “Oficioaes” por “oficiais”.

enformaçom Nem consen | tyra que seus offiços sejam dados | por dynheyro : aos que  
 mays dam | e os derradeiramente poõe e majs | caro preço assi como ao presente faz |  
 em frança comunalmête E por isto | ha em muytos lugares ladroões e / outra maa gente  
 1350 os quaes fazem to | da maldade por auer dinheyro E a | esperança nos ensynha<sup>95</sup> e  
 certefyca | Por esto a boa Senhora de tal cou / | sa bem enformada nom consintyra | que  
 seus offiços se dem senom per | em liçõ aos melhores e mays sages | homeês segũdo se  
*deue* fazer . E muj | to lhe comenda que guardem bem | justiça e se d outra guysa fezerem  
*que* / os despoera e punyra aspramente | E fara geral defesa . a todos seus of | ficiaes e  
 1355 gente de sua casa que nen / | huũ seja tam ousado de fazer opres | sam nem graueza a  
 alguũ de seus so||21v b||geytos : nem lhe tomem o sseu sem di | nheyro por nom encarregar  
 sua al / | ma do auer dos pobres : seendo pry | meiro bem enformada do que os of | fiçiaes  
 dos senhores costumam a fa | zer aos homeês *de* suas terras . E po | sto que o elles nom  
 sabam nem som | por isso escusados porque som theu | dos de o saber e enmendar . E  
 1360 dese / | jara de os teer em paz e guardar e *de* | fender de todos malles a seu poder | E em  
 todo teera em seu amor e que | rera ser vesitada delles e de suas mo | lheres ameude e far  
 lhes ha boõ<sup>96</sup> ga | salhada . E quando as donas e don | zellas da terra se jũtarom polla veer  
 | elle<sup>97</sup> as reçebera allegrement e cõ | muyta honrra a cada huũa segun / | do for E mãdara  
 por ellas pera ser | acompanhada . quando estrangey / | ros vierom a ella e outras molheres  
 1365 | somenos . E quando as molheres | das aldeas a vierem veer e lhe trou | uerẽ de seus  
 presentes ella lhos gra | deçera muyto e as chamara pera sy | e lhes fara bom guasalhado  
 e falla | ra com ellas e louuara mujto aquel | las cousas que lhe trazem em tal ma | neyra  
 que quando ellas forem ã su | as casas tenham assaz que fallar do | boõ acolhymento que  
 della reçebe / | rom e se ajam por mujto hõrradas | Esta senhora nem auera vergõha | de  
 1370 vesytar os doentes pobres e ry / | cos e aos pobres dara do seu e aos | ricos hõrrara . E  
 teera cuydado dos | seus filhos . E em todas boas cou / | sas se teera tam caridosa e tam  
 do / | çe e assy humana contra seus sody / | tos que nom fallem della senom bẽ | roguando  
 a deos por ella . Estes ca | minhos e cõuinhaueês maneiras | souberom bem teer as muy  
 nobres ||22r a|| rainhas de frança e prinçesesas<sup>98</sup> em | sua veuuidade . scilicet . a rainha  
 1375 johana e | a raynha brãca e a duquesa d orleês | filha de rey Charles o quarto . E se |

<sup>95</sup> “Ensynha” por “ensina”.

<sup>96</sup> “Boõ” por “boa”.

<sup>97</sup> “Elle” por “ela”.

<sup>98</sup> “Prinçesesas” por “princesas”.

melhauelmente d outras assaz que | en tal maneira se guouernarom em | bondade e  
 sargesa *que* sempre mays | poderom ser ãexemplo de bem e sa / | gesmente viuer aas que  
 ham de vir | E aquy he a fim das ensynanças *que* / prudenciã da aa sages prinçesa *que* he  
 | en conhecimento de bem e de mal : | Aquy diremos huñ pouco poys so | mos entrado  
 1380 no proposito da noua | prinçesa veuua depois diremos das | moças casadas . Perteeçe aa  
 prinçe / | sa veuua e moça que tanto que ella | forem o caso loguo seja sob gouer / | nança  
 de seus parentes e *que* obede / | ça a seus mandados e se guouerne | por sua ordenança :  
 nem aprenda | cousa algũa sem sua vontade : deue / | se ser symprezmête e seus vestidos  
 e / toucados segundo vsança da terra | onde for Asessegada e de boa conte | nêça : jogos  
 1385 e dâças e roupas estrei | tas e todas louçainhas aja ã sy por | defesas . E ajnda *que* ella  
 per nature / | za seja alegre e que a ydade a mãde | jogar e ryr e cantar cõuem se ella *quer*  
 | guardar hõrra *que* scuse taaes despor | tos o mays que poder ao menos *que* / os tome  
 em lugares secretos e deue | sobre todas as cousas antre senho | res e damas ou caualeiros  
 strangei | ros e gentijs homês mostrar se muyto | sesuda e ter contenença assesga | da e  
 1390 fallar pouco e o olhar onesto e / baixo . E diram as gentes que he | vertude a molher tam  
 mançeba go / | uernar se assy onestamente e con tã | segura contenença nom lhe he neçe |  
 sario . fallar nem teer conselho com ||22r b|| muytos homês : nem que caualeiros | nem  
 scudeiros : nem outra gête vaã | ameude a sua casa sem justa razoõ . | Ca por semelhantes  
 cousas seu bẽ | poderia seer minguado e ella cayr | em algũas maas pallauras que asi / |  
 1395 nha se leuantã : E desto se deue guar | dar muyto a senhora que a teuer em | sua governãça  
 . Mas por esquiar | noyo e ouciosydade ella *deue* jugar | com suas molheres jogos simple  
 / | zes e honestos em sua camara nos | dias das festas e nos outros fazer | alguñas obras e  
 muyto se deue de | guardar que nom falle em casamen | to a nenhũa pessoa em apartado  
 nẽ | o escuyte a quem lho quiser dizer sã | o saberem aquelles *que* a deuem conse | lhar  
 1400 nem faça cousa sem elles . porque / casando por seu soo querer guanha | ra grande prasmõ  
 . E deue de pẽsar | que elles saberam melhor : o que a el | la perteeçe que ella mesma . |  
 ¶ Capitulo . xxiiij . Da governã | ça que deue teer a prinçesa que | nouamente casa . | NOs  
 começamos a dy | zer a maneyra : como | a sages prinçesa quer | e ordena que suas fy |  
 lhas sejam criadas ã | sua mocidade e mãçe | bia . Hora nos conuem em esta ma | teria  
 1405 deuisar a ordenança que perte | çe teer a filha do prinçepe . scilicet . aa noua | princesa  
 que quer viuer como deue | depois *que* he casada e fora de poder | de seus parentes E  
 dizemos assy per | teeçe a noua prinçesa que nouamen | te he casada que lhe seja dado  
 estado ||22v a|| tal e tam grande como perteeçe ao | prinçepe a que ella he dada E seram |

escolhido<sup>99</sup> pera seus seruidores gen | tys homês nom muito mãçebos nẽ | sobejamente  
 1410 louçaãos . mas sesudos / e tẽperados e boõs e se som casados / tanto melhor e ã special  
 os que ham | de servir aa sua mesa e que mais cõ | uersam açerca della e de suas dõzel |  
 las . E sse onesto for que tragam allì | suas molheres E os meestres da ca | sa serã homeẽs  
 de bom saber . E por | *que* a noua prinçesa aprenda o que per | teeçe a saluaçom de sua  
 alma e a bõ | encaminhamento de sua cõçiençia | deuem lhe dar huũ confessor que se / |  
 1415 ja de boa conçiençia e letrado e de | boos costumes e onesto e de boa vi | da No feito de  
 suas molheres por | que he razom *que* hy aja velhas e mã / | çebas deue se ter auysamẽto  
 de que | vida e estado som e forom sempre . | E deue sse poer mayor auysamento | em  
 algũas que se tomam de casa d al | gũa senhora mays antyga . Porque / nom embargando  
 que a toda corte | ste bẽ que as molheres della sejã de | honestos costumes : mayor perygo  
 1420 | podem trazer ã companhia de noua | prinçesa que em outra parte por du | as espeçiaes  
 razoões . A hũa que ho | mẽ julga comunalmente pollos ser | uidores a maneyra dos  
 senhores e senhoras per que se aquellas molhe | res nom fossem de boa guouernẽça |  
 alguũs poderyam presopoer que o | senhor ou senhora nõ erã bẽ gouer / | nados o que  
 serya seu desfazimento | A segunda razom he que a senhora | por seer mançeba poderya  
 1425 tomar | dellas mao enxemplo . Antre estas | molheres deue auer huũa de ydade | mayor  
 que as outras prudente de / ||22v b||uota e boa aa qual se dara por gram | fiança . a  
 guouernãça da noua prynçe | sa ainda que na corte aja outras de | mayor estado e suas  
 parentas . estas | lhe faram cõpanhia por honrra del | la mas pero esta auera o prinçypal |  
 cuydado : o qual sera muy grande se | ella quiser fazer o que deue . E cõuẽ | que ella tẽha  
 1430 esguardo em duas cou | sas prinçipalmẽte A primeira *que* ella | hauisa sua senhora : que  
 de tal ma / | neira se governe em boos costumes | que voz nẽ pallauras se possa leuã | tar  
 contra sua honrra . A outra que se te | nha sempre ã seu amor e em sua gra | ça : as quaes  
 duas cousas se deuem | obrar per descripçom : porque mais | graue cousa he de apagar  
 o foguo | depoyos que he aceso na casa *que* pro / | uer como se nom açenda . E por isso |  
 1435 a ssages estalleyadeyra que sempre | tem guarda e cuydado de esquiar | os peryguos  
 que podem acontecer | em sua casa : busca ameude em espe | cial ao seraão cõ temor que  
 alguũa | maa seruidor leixasse cãdea . ou mur | rõ ã algũ lugar d õde possa vijr dap / | no  
 . E assi esta senhora proueuada do | que ouer de fazer . Assi como homẽ | torce melhor  
 huũa vara em quan / | to he noua *sera* auisada *de* poer esta se | nhora em deçeplina em  
 1440 que sempre | depoyos possa viuer . E esto de lonje | e nõ todo juntamente porque a uara |

---

<sup>99</sup> “Escolhido” por “escolhidos”.

nom quebre . buscara autorydades | pera vijr a sua conclusom . E primei | ro trabalhara  
 quanto poder per boa | e cortes maneyra e dando lhe al / | gũas cousas que prazam a jente  
 mã / | çeba de sua ydade . E per esta ama / | uiosa mostrança e amor que ella ha | uera aa  
 noua prinçesa conuijnra aa | boa molher que ja sera velha que faça ||23r a|| alguñas vezes  
 1445 jogos a desenfada / | mento da mançeba quando esteuer | em secreto E algũas vezes dira  
 das | estorias que se dizem aos moços . e esto | fara ella por engalhar sua senhora | que  
 de melhor vontade tome seus re | prendimentos quando os ouuer de | dar . Ca se ella se  
 mostrasse sempre de | pesada contenença sem ryso e sem | jogos a mançeba que he  
 enclinada a | jogos e a prazer : nom o poderia so / | frer e aueria della tam grãde temor |  
 1450 de que se lhe causaria desprazer e a | vorrecimeto contra ella e sempre to | maria mal suas  
 ensynãças . E quan | do ella vijr que he bem em sua graça | entõ segũdo o ssẽtimẽto que  
 ella ver ã el | la lhe contara estoreas ã sua camara | de senhoras que em tal caso se bem |  
 guouernarom per onde guanharõ | muyta honrra e louuor . E d outras | ha que se mal  
 seguyo do contrayro | per sua sandiçe guouernança o que | ella vio em seu tempo . E dira  
 1455 destas | cousas muitas a seu preposito : nom | fazendo sembrante que ho dyz por | ysto  
 mas soomente por contar suas | estoreas : as quaes dira de tam boa | maneyra que mouera  
 o coraçom de | sua senhora e das outras de tal gui | sa que todas se juntarom d arredor |  
 della a ouuir . Outra vez dira de vida | de sanctos e de snas<sup>100</sup> payxoões e al |  
 guñas vezes tremetera estorea de ry | so e mandara que digua cada huña | sua . E com  
 1460 estas maneyras atrahe / | ra o amor de noua senhora pera sy . | Mas quanto toca a  
 ensynança : el / | la lhe fallara per boas e doçes palla | uras . E lhe conselhara que se leuan  
 | te a boas oras e lhe ensynara boas | e breues orações . Rogando lhe que | as digua cada  
 dia quãdo se aleuan / ||23r b||tra saudando primeiro deos e a ssua | beenta madre virgem  
 maria : dizen / do lhe que seja certa que toda pessoa | que tem costume de adereçar suas  
 1465 pal / | lauras primeyras de bom coraçom | a nosso senhor deos quando se ale / | uanta da  
 cama : aquelle dia nom po | de auer maa ventura e assy he çerto | e he sem duuida boõ  
 costume . E fal | la a vestyr e toucar segundo ho que | lhe perteeçe sem hy poer muyta tar  
 / | dança : assy como fazem muitas mo | lheres : onde perdem ho tempo e he | costume  
 desordenado de sy hyra aa | missa e dyra suas horas deuotamen | te . E com todas estas  
 1470 cousas teera | bom assosseguo em fallar e conte / | nença e boa maneira em vestidos e /  
 toucados segũdo perteeçe a ssenho / | ra d alta lynhagem . E aconselhara | que se guouerne  
 em tal maneira que | nom aja hy quem a reprecnda tanto | fara por seu bom conselho e  
 sages | amoestamento que ella sera posta ã | tal fama que todos dirom que de tã | noua

<sup>100</sup> “Snas” por “suas”.

ydade nom vyrom molher tã | bem se guovernar : nem molher en / | synada : e dyram as  
 1475 gentes della . | O como he digno de louuor o nouo | coração que he velho per boos co /  
 | stumes . E esto se pode beẽ fazer quã | do a noua senhora de tam boa con / | dyçom que  
 de boa vontade ouue e | retem sua doutrina : porque ella po | dera seer tam diuersa que  
 aquella se | nhora que ha guouerna nom deuia | seer culpada posto que ha nom po / | de  
 meter a boa rrega . E deuem | suas ameaças seer taaes quando el / | la faz alguã cousa  
 1480 nom bem fey | ta ho que muytas passa pellos mançe | bos : que se ella mays faz outra e se  
 | nom ãmenda do que faz ella ha ||23v a|| leyxara e se yra e jamays a nom ser | uira . E que  
 esta nom he cousa pera | fazer tal senhora como ella he . E ent | om a noua senhora auera  
 temor que / a leixe e se castigara . Mas se ella | he braua ou reuessada e de pouco a | mor  
 : ella lho dira asperamente : po / | sto que lhe despraza ameaçando a que / o dira a sseus  
 1485 parentes e amygos se | d outra maneyra se nom gouerna . | E posto que esta senhora  
 tenha cuy | dado de gouernar a noua prinçesa : | ella lhe dara lugar que a çertas ho / | ras  
 aja de brincar com suas moças | segundo sua ydade . mas que hy nõ | aja pessoa estranha  
 segũdo ella vjir | enclinada a condiçom de sua senho | ra porque nom se deuem vedar hos  
 | prazeres aos mançebos mas que nõ | sejam desonestos . E deste preposito | . scilicet .  
 1490 dos costumes e contenenças que | perteeçem aa noua prinçesa bem en | sinada nom  
 fallarey mays porque ho | entendemos de tocar na epistolla que / a ssages senhora ãuia a  
 sua senhora . | ¶ Capitulo . xxiiij . Que ensyna | a maneyra que a ssages dona ou | donzella  
 : que gouerna alguã | prynçesa moça deue teer polla | gouernar em boa nomeada e /  
 amor de seu marido . | E Porque a mançeba crya / | da em viços e em prazer : de ligeyro  
 1495 se enclina em alte / | raçom : a qual pode desuiar ha noua | pessoa de boõ camynho deue  
 lhe de | poer o freo de longe segundo que he | tocado ante que o enconuenyente | seja  
 vjido . A ssages senhora que aue | ra en guouernança a noua prinçesa ||23v b|| que uera  
 grande amor ãtre ella e seu | marido que comunalmẽte hã antre ssy | os mãçebos  
 nouamẽte casados poe | ra todo trabalho que poder descryar ã | aquelle amor e os moestara  
 1500 que sempre dygã boas pallauras huũ ao outro e / | muy corteses . E ella trazera doços |  
 messageẽs ãtre elles e doões de cou | sas praziuees e comẽdaçoões e sau / | des pollos criar  
 ã amor e ã paz . E tra / | balhara quanto poder que todas as cou | sas cõtrayras a esto sejã  
 estoruadas | E quãdo o senhor hi nõ for e a noua | sehora se quiser lâçar : a boa molher |  
 lhe fara sempre nẽbrãça delle e de co / | mo a ama e de como he boõ e homẽ | de prol e  
 1505 graçioso e outras semelhã | tes pallauras e que deos lhe de bo / | as noytes . E porque he  
 de costume que | os senhores e caualleiros e gentijs | homeẽs estrãgeiros venhã a casa de  
 | taes senhores que seus parêtes mees / | mos os tragã hy . cõuẽ que elles a uejã | e lhe

fallê e que lhes façã festas e dan | ças . E acõteçe algũas vezes que ã dan | çar e ã fallar  
 alguũs som feridos d a | mor de damas . ou mostrã que o sã . E a s | sages dona que sempre  
 1510 sera acerca de sua | senhora s[ẽ]pra<sup>101</sup> esgardara os sembrã | tes de todos por veer se  
 podera ãten | der se alguũ tẽ tal cuydado . E sse al / | gũa cousa ãtẽde calar se a . e nã o  
 dira | a pessoa que seja mays sera segredo<sup>102</sup> de | seu soo coraçõ E tãto como elles forẽ |  
 partidos e a festa acabada e sua sen | hora se retraher podera seer que ella | mesma ã  
 fallãdo lhe dira nos dança | mos muj bẽ e foaão he homẽ de prol | e aquelle nã e outras  
 1515 pallauras seme | lhãtes E a ssages molher podera re | spõder assy . Eu parey bẽ mẽtes per  
 | todos e nom vy tam homẽ de prol | nẽ tã beẽ dançar como meu senhor ||24r a|| E parece  
 me que antre todos elle he a | quelles<sup>103</sup> que melhor esta todo o que faz e diz | E sse o  
 senhor he velho e feo : ella dy | ra . eu nã pareymẽtes se nã ã meu se | nhor o qual antee  
 todos bẽ parece prĩ | çepe . E como falla melhor que todos | E ponhamos que ella<sup>104</sup> nã  
 1520 esta hy : ella | fara nembrança delle dizendo aquel / | le bẽ que poder mas do al que ella |  
 pensaua nã dira nada . E ssera bem | auisada se aquelle ã que ella auera algũa | sospeita  
 cõtinuara a casa de sua se / | nhora ou se buscara caminhos co / | mo aja hy algũa cõuersaçõ  
 ou se a / | uera mayor amigãça cõ seus paren | tes pera o her<sup>105</sup> trazerẽ ou se elle ou al |  
 gũa dos seus tomã amizade com al | gũa de sua casa . E sse ella vee que de | pois da festa  
 1525 nenhũa daquelles em que / ella sospetaua nã fazẽ algũa mostrã | çã nẽ se trabalhãdo que  
 dito he : ella se | poera ã paz fora de sospeiçõ . Mas | se ella ãtẽde os sinaes sobreditas e  
 / mostrãças ella se trabalhara cõ grã | cuydado de poer hy boõ remedio . | E cõuijra que  
 ella obre sagesmẽte gar | dãdo sse de a descobrir algũa pessoa | que seria assaz de mal .  
 Mas que fara el / | la por fazer o melhor quando ella vïjr | que algũ se trabalha d auer a  
 1530 graça | della por amor de sua senhora : ante | que aja spaço de lho tocar . E ella lhe | fara  
 o melhor gasalhado que poder : tã | to que lhe dara ocasyõ deste fiar della . | E o fara de  
 boa voõtade : sentydo que ella he a mais cheguada pessoa e por / que seu feito vallera  
 mais . E tãto ira | a cousa auãte que elle tomara ousyõ | de lhe dizer o que tẽ no coraçõ  
 ofere | cẽdo lhe doões e seruiços segundo | costumes dos homeẽs em tal caso . | Entõ a  
 1535 ssenhora proueuada de repos / | ta lhe fallera sã o ssabẽdo sua senho||24r b||ra o mays

<sup>101</sup> “Sẽpra” por “sempre”.

<sup>102</sup> “Segreto” por “segredo”.

<sup>103</sup> “Aquelles” por “aquele”.

<sup>104</sup> “Ella” por “ele”.

<sup>105</sup> “Her/ber”: “ver”. Fr.: “voies”; Crispim: “hi”.

secretamēte *que* ella poder | sem alteraçõ lhe respõdera bayxo *por* tae<sup>106</sup> pallauras se elle  
 he homẽ a *que per* / teeça dizẽdo meu senhor eu era cer / | tamēte bẽ auisada *por* vossas  
 mostrã / | ças e sēbrãtes que jazia dẽtro ã vos / | so coraçom esto que me vos dyzees . | E  
 porque eu desejava que o primei | ro cometimẽto vehesse de vos eu a / | uia cõvosco esta  
 1540 amizade soamente | por mo vos dizerdes asym que eu o s | soubesse primeiro que outra  
 pessoa . | A my praz muyto porque tẽho cau / | sa de vos fazer a rreposta do que me |  
 dissestes tal como sta sijmada no meu | coraçõ a qual eu prometo a deos | que por saber  
 morrer nõ sera mudada . | E sē fazer lõgo sermõ nẽ teer grãde | fallamẽto vos digo hũa  
 breue pal / | laura e hũa vez por todas que ãquan / | to eu for viua e ã sua cõpanhia desta |  
 1545 noua senhora que polla fyãça que se | us parẽtes e seu senhor ham ã my . | E posto *que*  
 eu nõ seja digna ma derõ | em gouernãça : ella nõ fara mal : nẽ | cousa que nõ cõuenha  
 a senhora de | tã grãde e boõ e nobre sãgue como | ella descẽde E desto cõ a ajuda *de* de  
 | os a entẽdo eu bẽ a defẽder : nõ ãbar / | gando que ella he ligeira de guar / | dar Porque  
 eu sey bẽ que todo seu a | mor he ã seu senhor assi como ella de | ue e he toda boa e bẽ  
 1550 cõdiçoadã : nẽ | pensa ã taes amores E eu sey bem | della que se vos ou outro alguũ lho  
 | dissesse que ella o desamaria *de* mor / | te e todos aquelles *que* cõtra ella tal | cousa  
 pẽsassẽ . Porem meu senhor | eu vos rogo e peço tãto como posso | *que* tirees de vos  
 este cuidado e mais | hy nõ pẽsees porque eu vos certefy | co que vos perderees o trabalho  
 . | E porque vos de todo percaaes a e||24v a||ssperãça : eu vos afirmo *que* posto que | vos  
 1555 ella alguũ bem *quesesse* fazer . Eu | poeria hy taes defesas *que* ella nõ po / | desse por  
 cousa faze llo . E rogo uos | que me creaes e nõ façaes mais ta / | aes ydas e vijdas como  
 fazes nem | taes mostranças *que* vos juro per mi | nha alma *que* o nom poderey sofrer . |  
 E cõuijra que eu o digo a taes pesso | as que vos nõ prazera e que bem a / | guardaram de  
 vossas mãos . Ca eu | nom hey de morrer senõ de hũa mor | te : a qual eu ante queria  
 1560 que me vies / | se que consentir em mal nem desonr | ra de minha senhora . E ssera my / |  
 lhor que esto nom seya mais e este | feyto aja fym . Tal repostã dara | a ssages senhora  
 : e por promessa : nẽ | dom nem ameaça nom cambara seu | boõ preposito nem logo nẽ  
 depoy | nem fara cousa que a possa enclinar | ao contrayro . E guardesse que nom |  
 mude o rosto nem aja acõtenença | alterada : nem os olhos sanhosos *quan* / | do partir  
 1565 delle . Mas sua contenen | çã assessegada como se fallasse d ou / | tra algũa cousa : porque  
 nenhuũ po | ssa em esto sospeytar . E ssera bem a / | uysada que sua senhora nom sayba |  
 desto cousa algũa nem outra algũa | pessoa por muyto que seja seu amy / | go . E ssera

---

<sup>106</sup> “Tae” por “tais”.

bem auisada que nẽhũa | de suas molheres nẽ seruidores fal | le a ella em maneira que  
 possa algũa | cousa entender que lhe toca em esto | o qual ella bem pode cõheçer no riir  
 1570 | e no fallar . E ponhamos que ella o | ssentisse logo ameaçara ha pessoa qual | quer que  
 seja que se mais assi conse / | lha sua sêhora que a botara fora | da casa . E podera acõteçer  
 que elle por | esto nõ se cauidara e yra per alguũa | via cautellosa que achara d outra  
 a||24v b||mizade per a qual hũa hora ou outra | podera auançar e esto nom pode a s |  
 senhora bem toruar porque se o lo / | go dissesse poderiia seguir grãde mal | Mas sofrendo  
 1575 sse a gardara de pre / | to<sup>107</sup> o melhor que ella poder . Mas se | lhe parecer que a nom pode  
 tanto de per / to guardar que nom seja neçessareo | de ella entender algũas cousas per |  
 pallauras que elle dira ou sembran | tes que fezer de sua entenço cõ todo esto | ella nom  
 desperara mas teera em el | la melhor guarda consijrando como | muytas senhoras som  
 rogadas e a | madas que pouco teem em cõta quẽ | as assi ama . Ella se trabalhara d en / |  
 1580 tender se a noua senhora hy tema al | guũ prazer e se falla delle cõ melhor | vontade que  
 dos outros . E sse sse al / | legra quando elle vem ou se muda al | gũa contenença . E  
 trabalhara quã / | to poder de saber della em apartado | onde nom aja se nom ellas ambas  
 | a uontade que tem acerca deste ho / | mẽ e ella lhe tocou algũa cousa e se | gundo per  
 suas razões sentir assy | lhe podera responder . E sse ella lhe | disser que dias ha que o  
 1585 entẽdya em | elle ou que elle mesmo lho disse do que / ella he assaz queixosa e lhe pesa  
 mui | to . E a senhora que sera sages pode | ra bem entender se a quiser sagesmẽ | te  
 enquerer nom se mostrando quey | xosa no começo se [[a]] a noua senhora | o dyz  
 fengidamente ou sem alguũa | dissimullaçom . E sse conhoce que el | la nom tem voontade  
 soomente de | hy pêsar : ella sera muy leda e amoe | stara de todo seu poder e saber que  
 1590 | se tenha em seu bõ preposito . E lhe | dira muitos exẽplos do mal que pode | acõteçer  
 e he muitas vezes acõteçy / | do a boas e hõrradas persoas õ taes sã||25r a||dyçes e as  
 grandes vylanias e de / | sonrras que de hy naçem e os muy | tos enganos que ha nos homẽs  
 E a | moestara que esguarde bẽ como lhe | respondera bem e sagesmẽte quãdo | lhe em  
 aquello fallar : dizendo lhe ã | breue que elle perde seu trabalho e / lhe jure e afirme que  
 1595 jamays per to | do seu poder a nõ mouera de seu pre | posyto E que muyto lhe de | spraz  
 de ouyrr taes pallauras e de veer seus | sembrantes . E que ella o stranhe e / alongue de  
 sy quanto poder E que | ella se guarde que em joguo nem ry / | so . nem cõtenença lhe  
 nom faça sã / | brãte pello qual lhe possa dar algũa | esperança de conforto : ensinando /  
 | lhe a maneyra como mais cortesmẽte | o de sy possa estranhar . E que lhe | mande dizer  
 1600 quando vier polla veer | que estaa em al ocupada que lhe nõ des / | praza que por aquella

<sup>107</sup> Fr.: “des pres”, a pequena distância (p. 101).

vez lhe nom | pode fallar E esto lhe faça dizer muj | tas veezes tanto que pella continua |  
 com<sup>108</sup> destas repostas elle possa bem | entender que perde seu trabalho e / nõ deue hy  
 mas cuydar : amoestãdo | a mays que desto nom falle a homẽ | nascido nem molher pollo  
 mal que | se o hy pode seguyr nõ pode vijr hõr | ra a tal molher de se guauar *de* cousa |  
 1605 semelhante . E aynda ella o podera | dizer a tal pessoa que lhe nom dara | boõ conselho  
 : ante per ventura a me | terya mays na sandyçe ou lhe tee / | rya maaõ segredo : de que  
 poderya | sayr alguũ fumo . E assy per este ca / | mynho fara tanto a boa senhora *que* /  
 apaguara e tornara em nada todo | esto . nem fycara mays em ella cou / | sa que seja pera  
 desamar nem auor / | reçer senom de parte delle o que ella | pouco deue teemer por fazer  
 1610 o que ||25r b|| deue . E quẽ a por esto desamar . de / | poys a amara e prazera myl vezes |  
 mais veẽdo sua mnyta<sup>109</sup> prudenciã e / vertude constante e bonde<sup>110</sup> porque | o bem fazer  
 vence sempre o qual sera | causa que esta noua prinçesa seja ã | seu tempo muyto sages  
 e honesta | senhora . E aja as fermosas vertu / | des que aquy declaramos . | ¶ Capytulo .  
 xxv . Que | falla da noua prinçesa *que* / se quer desuyar de boõ | camynho per sandeu  
 1615 ha | mor . E a ensinança que | prudenciã da aaquella | que a teem em sua guo | uernança  
 . | MAs porque todas pe | ssoas nom som de hũa | condyçom . E ha hy | asaz de homeãs  
 e mo | lheres tam peruersos | que toda boa correyçom e ensy / | nança que lhe dem os faz  
 mays se / | guyr suas maas e sandyas encly / | nacoões . E castyguia llos he traba / | lho  
 perdydo e nom se auança hy | outra cousa senom seu desamor . | Dyremos aquy ha  
 1620 ensynança da | boa senhora que tem em guouer / | nança algũa noua prynçesa ou grã | de  
 senhora ha maneyra que tera se | esta prynçesa se quyser desuyar de | boom camynho e  
 quyser vsar de | sãdeus amores : lexiãdo seu sages e / boõ cõselho E dyzemos assy se ha  
 | conteeçe que alguũa noua prynçe / | sa nom seja de tal saber e cõstãcia *que* / possa ou  
 queyra registryr aos amoe||25v a||stamẽtos daquelle *que* se trabalha d auer | sua graça por  
 1625 *desuairadas* mostrãças | e maneyras *que* os homẽs bem sabẽ | fazer em tal maneyra que a  
 senhora | que a tem em gouernança veyra e en | tenda per synaes e mostranças que | he  
 feryda aida *que* lho negue de sua | boca e digua o contrayro : ella o ssin | tira muyto e  
 auera desprazer : mays | ainda que ella sayba auer seu desa | mor ou de qualquer outro  
 ella fara | o que deue : amoestando por seu bem | nom lhe emcobryndo cousa alguũa | as  
 1630 vezes per bẽ outras per ameaça : | mostrando lhe o mal e o perjuyzo | que se pode seguyr

<sup>108</sup> “Continuacom” por “continuação”.

<sup>109</sup> “Mnyta” por “muyta”.

<sup>110</sup> “Bonde” por “abonde”.

. E nõ çessando | daquello a amoestara tanto *que* pervẽ | tura per aspereza de suas pallauras  
| a podera desuiar daquelle pẽsamẽto | ante que a sandiçe vaa mays auan / | te . Mas se  
aconteeçe *que* esto nõ pre | sta *e que* ella a ueya cõselhar cõ algũa | outra molher de sua  
casa de que se | possa presumyr que sabe algũa cou | sa de sua entençam : *e* que ella se  
1635 tra | balha auer conselho *por* mesagẽ *e sy* / | naes desuairados de fora . E sse gar | da della  
sobre todas as cousas *e que* / lhe nõ *quer* sofrer cõselho nẽ castigo : | dizendo que ja nõ  
he menyua pera | ser ã sua governãça : nẽ auer sua cor / | reiçom . E vee ysso mesmo que  
lhe | respõde aspamẽte *e* com hamea | ças . de guysa que ella pode bem en | tender que  
nom he em sua graça . | ante he cayda em seu desamor *e* que | lhe prazeria de seer della  
1640 lyure pera | melhor fazer sua vontade E per ven | tura ella dira algũa de suas molher / | es  
mançebas que mais sera em sua | graça : *que* diabo faremos desta velha | ella nom faz  
senom braadar foguo | do jnferno a queyme per *que* nos seja||25v b||mos lyures . A outra  
respõdera assi | me valha *deos* sãhora eu *queryo*<sup>111</sup> *que* lhe *que* / brasse o pesçoço . E que  
fara entom | a sages senhora quando vijr que nõ | pode hy poer remedio *e* que ella fez |  
1645 todo seu deuer *e* tem salua sua con / | çiençia de lhe mostrar o que deue : mã | dar lhe a  
dizer *por* seu confessor as<sup>112</sup> mal | les que se podem seguyr de tal sandi | çe *e* que ella he  
tam abstynada que | outro remedio hy nõ ha senom bus | car caminho como sua vontade  
seja | feyta pese a quem : pesar . Qua ãpo / | siuel cousa he guardar pessoa que | per sy  
se nom quer guardar . E que | ho feyto se começa ja ha descobryr | antre aqueellas que o  
1650 sabem della *e* / aas outras que o sospeitam a *que* na / | çe emueya das que som mays ama  
/ | das . E ouuyra desto muytas nouas | com que lhe desprasera . E posto *que* / o seu  
coraçom seja triste como de ra | zom deue . ella como sages paramẽ / | tes aa melhor parte  
pensando o mal | *e* periguo que se lhe pode aconteeçer | se ella mays esteuesse naquella  
cor / | te . Ca posto que ella nom fosse cõsẽ / | tidor no feito *e* a causa vyesse a co / |  
1655 nheçymento de seus parentes *e* do | marydo a ella serya dada a culpa *e* / poderyam dy  
ser contra ella por | que nos nom auysasses vos desto | prymeyro pera nos hy poremos |  
alguã remedyo *e* nos teueramos | a vos em que tanto fyamos : ho que | ella nom disse  
por temor de malles / peryguos que se podem seguir Ca | toda pessoa sesuda deue temer  
taes | reportos antre molheres *e* marydo | E de mays hy estar serya seu gran / | de perigo  
1660 pello desamor *de* sua senho | ra *e* ainda daquelle *que* ama *porque* sã | *pre* os namorados  
desamã as pessoas *que* ||26r a|| os empachã em seu<sup>113</sup> desẽfadamẽtos | E ella *que* sera

<sup>111</sup> “Queryo” por “queria”.

<sup>112</sup> “As malles” por “os males”.

<sup>113</sup> “Seu” por “seus”.

auysada bẽ lhe sera ne | cessario vsar a tal *tempo de* seu grã saber | E calar se a *desto*  
 todo assi *que* bẽ nẽ mal | nom fallara a sua senhora nem fara | sembrãte *que* em seu  
 coraçõ ha despra | zer . Mas o mais çedo que poder *por* / alguã bom caminho *que* ella  
 1665 auera pe | sado se partyra per lyçença do se / | nhor se ella poder gardãdo se que el | le  
 nom possa saber : o porque . E bus | cara ocasiom per que todavya de a | feyto sua vontade  
 : se ella sentir que | elle quer reteer . ou que he doente ou | que he velha : ou que tem  
 alguã ou | tra impotência : inconueniente E se | muyto a quyser enquerer da causa | de  
 sua partida : dyra ante que aja ly | çença que ella nom he desposta pera | e[st]ar muyto  
 1670 com tal senhora por al / | guã mal que lhe he sobrevyndo ata | que seja saam . E assy se  
 escusara . E | podera acontecer que a sua mesma | senhora desprazera de sua partida : |  
 porque pensara que auera mylhor | azo de fazer sua vontade . estando el / | la em sua casa  
 porque as gentes nõ | fallaryam tam asynha mal quando | a vyssem acompanhada de  
 huã tal | pessoa . E quer ella a afaguar : fazen / | do lhe promesas que todavya fique |  
 1675 mas a boa senhora se escusara sages | mête dizendo que he doente *e* que co | mo for saam  
 podera seer que torna / | ra . E posto que o coraçom lhe entry | steça por se partyr escusar  
 se nom | pode . E por amor que lhe aja nem | razões que lhe dygua nom fycara : | porque  
 muyto se reprenderya de / | poys : mas se ella for leda de sua par | tida . A antigua senhora  
 lhe fallara | a parte poendo se em gyolhos ante | ella : remerçeando lhe o bem *e* mere||26r  
 1680 b||çe *e* muyta honrra que lhe tem fey / | ta pedyndo lhe por merçee que lhe | querya perdoar  
 se tam bem he nom | deuydamente a seruyo como a seu | estado perteeçya ou se lhe fez  
 : ou dy | se alguã cousa que seu desprazer | fosse : que seja çerta que grande ha | mor *e*  
 çeume de sua honrra que te / | ue sempre *e* ten lho fez fazer . E que | muyto lhe pesa de  
 ha leyxar mas | que he velha *e* fraca *e* nom pode | mays seruyr ou que a idade a faz ser |  
 1685 menencorya *e* nom pode soportar | como deuerya : os desenfadamêtos / dos mançebos *e*  
 por esto lhe conuẽ | de sse partir mas que seja per sua boa | liçença . E que lhe pede que  
 a mande | com sua boa graça E que de hũa cou | sa pode ser çerta que jamays em di | as  
 de sua vida nõ auera molher que | melhor nem mays lealmente ame / | ella *e* sua honrra  
 que ella amou he | *e* amara toda sua vida E que sempre / sera em aquella vontade . taaes  
 1690 pall / | auras dyra ella a sua senhora ante | *que* se parta : a qual per ventura lhe res |  
 pondera doçemente com prazer que | auera de sua partida . Ou pella ven / | tura polla  
 lingua cryaçom *e* guo | uernança *que* lhe fez naçer a pydade | no coraçõ *e* per ventura  
 lhe dyra | que lhe despraz de sua partida *e* de | alguãas sospeytas que dello teue *e* /  
 semelhantes escusaçoões aas quaes | ella nom respondera : mas dizer lhe a | que çerto he  
 1695 que pollo grande amor | que lhe tinha tomava della algũas | sospeyçoões : pedyndo lhe

de todo | per perdom dyzendo lhe *que* seja çer / | ta : que nem de sospeçam : nem ou / |  
tra cousa que ella nom fallara a pe / | soa vyua : nem foy dyto senom a el / | la por seu  
bem *e* entom se partyra . ||26v a|| ¶ Capitulo . xxvj . Das | letras que a sages dona | ou  
donzella deue ãviar | a sua senhora . | POdera acontecer de / | poys desto *que* a noua |  
1700 sãhora se guouerna | ra com tam mao aui | samẽto *depois* da par | tida daquella que ha |  
soya de gouernar : que pallauras se | leuantara contrã sua honrra . E tã / | to multiplicarom  
que a senhara<sup>114</sup> . que | a tinha em gouernança ouuyra fal | lar *e* sera dello muj triste  
veendo assi | desfaleçer a honrra de sua senhora . | a qual conta penoso estudo foy dou |  
trynada *e* conselhada . E ouuyndo | esto nom sabera que faça . E em con | clusom depoy  
1705 que hy a faz pensar | sera costringyda d amor : posto que | maaõ gualardom : espere de  
lhe scre | uer : porque o que he scripto he sem / | pre melhor retheudo *e* mais asinha | passa  
o coração que o que se diz por | boca . Aquelles amoestamẽtos que | lhe soya de dizer .  
por veer se alguãa | cousa poderam aproueytar *e* escry / | uera per huã cleriguo em  
maneyra | de confissom *e* per elle lhas emuya / | ra as quaes dyram em esta guysa : |  
1710 Minha muyto temyda senhora eu | m encomendo em vossa merçee tan / | to *e* tam  
humildosamente como po | so . minha boa senhora : eu vos peço | por merçee que vos  
nom despraza . | Eu som mouyda a vos escreuer por | vosso bem o que me constrangeu  
fa | zer o grande amor que vos teenho . | Porque senhora me parece que eu | som theuda  
de vos conselhar vosso ||26v b|| bẽ : como aquella *que* eu cryey *e* gouer | ney depoy  
1715 sua menenyçe : ata a | guora posto que eu digna nom fosse | Parece me *que* eu farya o  
que nõ deuo | de me callar do que eu soubesse que a | vos poderya trazer dãpno : vos es  
/ | creuo na presente o que se segue : pe / | dindo uos : outra vez por mereee<sup>115</sup> | que | vos  
nõ despraza : Ca vos çertefico *que* / grande amor *e* desejo de vossa hõr / | ra *e* boa  
nomeada seer sempre acre / | çentada me moueo ao fazer senhora | eu ouuy nouas de  
1720 vossa guouernan | ça taes de que meu coração he try | ste tremendo que se assy he :  
vossa hõ | ra *e* bom nome . aja descayr . E som | taes como me parece que de razõ | nom  
deuyam de ser porque toda prin / | çesa *e* grande senhora assy como he | leuantada ã  
estado *e* honrra sobre | as outras que assy o deue ser em bõ | dades *e* costumes *e* condyções  
por | que ella seja enxemplo per que as | outras se ayam de rreger segundo | a cada hũa  
1725 perteeçe . scilicet . que ella seja *de* / uota a deos *e* sua cõtenença asesse / | gada : temperada  
em seus desemfa / | damentos . ryr baixo *e* nam sem cau | sa . O estado alto *e* a cara  
humildo / | sa *e* a todos de doçe reposta *e* amy / | gael pallaura : seu abyto *e* touca | do

<sup>114</sup> “Senhara” por “senhora”.

<sup>115</sup> “Mercee” por “mercê”.

rico *e* nom louçaão aos estran / | geyros nom muyto fallador : ho o | lhar tardinheyro *e*  
 nom leuantado | com desasessego nunca se mostre as / | pera nẽ maa de seruyr a suas  
 1730 molhe / | res he . seruydores : humana he | *e* mauiosa *e* nom muyto altyua : | em seu  
 doões grada ordenadamẽ / | te sayba conheçer de toda gente | os mays dygnos em  
 bondade he | de seus seruydores os melhores | he aaquelles tenha consyguo he ||27r a||  
 galardoe segũdo seus mereçimẽtos | nõ crea nẽ desea louuaminheyros | nẽ guabadores  
 ante os lançe de sy : | nẽ crea de ligeiro pallauras de mal | dizer nẽ aja costume de se  
 1735 conselhar | ameude cõ os seus nẽ alheos em se / | gredo : assi que se lhe nom possa dizer  
 | que falla mays de seu conselho com | hũ *que* cõ outro nẽ sabe mais de seu cõ | selho :  
 nẽ diga em praça algũa pesoa | pallauras emcubertas ã rijso assy *que* | possam entender  
 que ally jaz alguũ | neycio segredo antre elles nẽ se *deue* | ter muyto soo em sua camara  
 nem | ysso meesmo muyto conmũa aa vy / | sta de todos : Mas a çertas horas se | retraer  
 1740 *e* outras estar honde a uejã | E como todas estas condições *e* ou | tras que muyto cõuem a  
 grãde sêho | ra *e* alta prinçesa : fossem em vos ho | tempo passado E sooes ao presente |  
 de todo cambada segũdo se diz Ca | vos soes tornada mais guarryda *e* | mais fallador *e*  
 louçaã do que soies | E esto he o que faz julguar os cora / | ções cambados ha mundança<sup>116</sup>  
 das | contenenças . Ca vos queres estar | soo apartada de gente : se nom de | huũa ou  
 1745 duas de vossas molheres . | E alguũs de vossos seruidores cõ *que* / vos conselhaes dizees  
 alguũas pa / | lauras encubertas como se cõ elles | vos entendessees nem vos praz ha |  
 companhia dos outros nem vos | podẽ seruyr a vosso prazer as quaes | cousas mouem  
 os outros a enueya | *e* julguam que vosso coração he tor | uado com amores . O mynha  
 doçe | senhora por deos merçee esguar / | day bem quem soees *e* a alteza on / | de deos  
 1750 vos leuantou *e* por huũ sã / | deu prazer nom queyraes esqueçer | vossa alma *e* a honrra :  
 nem vos fies ||27r b|| em vaãs cuydados *e* sandeus pen / | samentos *que* muytas nouas  
 molhe / | res tem as quaes se dam a creer que | nõ he mal amar per amores onde | nõ ha  
 vilania . Ca eu som bem çerta | que vos outra cousa nom pensareis | por vossa morte : E  
 que aas molhe / | res viuẽ mais ledas . E *que* fazẽ hũ ho | mẽ seer boo *e* vallente *e* pera |  
 1755 sempre / nomeado . Aa senhora por merçee : | nõ vos enganês ca todo he pello cõ | trairo  
 : tomaae exemplo de grandes | senhoras que vos vystes em vosso | tempo as quaes por  
 soamente see / | rem sospeeçyonadas de tal amor *per* // derom hõrras *e* dellas as vidas .  
 E | creio que pecado nem culpa nom ha | uyam . E vos vistes seus filhos auer | gonhados  
*e* menos preçados . E a | jnda que a toda molher pobre : ou ri / | ca tal amor seja prejudyçial

---

<sup>116</sup> “Mundança” por “mudança”.

1760 ha sua | honrra aynda esta pior aas prinçe / | sas e altas sēhoras tâto como ella | he melhor  
 e a rrezõ he boa . porque o | nome *de* hũa prinçesa he espargido *por* / todo o mûdo E sse  
 ella ha algũa ta | cha mays asinha he sabydo pellas | terras stranhas *que* das simplezas mo  
 | lheres E isso mesmo por causa *de* se | us fylhos *que* hã d auer o sēhorio das | terras e hã  
 de ser prīçepaes d outra | gēte . E he grãde dapno quãdo ha | hy alguũa sospeiçam que  
 1765 elles nom | som dereytos herdeyros . E muitos | dampnos se podem d hy seguyr . E |  
 ponhamos que hy nom aja mal fei | to do corpo : as gentes nom o crem | assy porque  
 ouuem dyzer tal senho | ra he namorada . E por huũ peque / | no sembrante peruentura  
 feyto per | moçydade sem malyçya as maas | lingoas julgarõ mal e ajũtarõ cousa | *que*  
 nunca forõ feytas nem pensadas ||27v a|| E assi vay esta lynguagem de | boca em boca as  
 1770 qualles per nossos peca | dos sempre creçe . E assi he mays ne | cessario a hũa grande  
 senhora a / | uer esguardado em todas suas con | tenenças e pallauras que a outras |  
 pequenas molheres . A causa he por | que quando alguũ vem em presēça | d algũa grande  
 senhora : sempre ade | rença seus olhos a ella e as orelhas | a ouuir o que ella diz e o  
 entendimẽ / | to he notar o que faz . E assi nom po | de a grande senhora abrir seus olhos  
 1775 / nem dizer pallauras rijr nem fazer sē | brante que todo nom seja recolhido | e retheudo  
 de muytos e depois re / | portado em desuariados luguares . | E que pensaes vos minha  
 senhora | que he maa contenença a huũa grã / | de prinçesa . Certamente toda mo / | lher  
 quãdo he mais leda e mays lon | çaa do | que soya de ser e mays lhe | praz ouuir fallar d  
 amores : he de pre | sumir que seu coraçom he cambado | e loguo he peor *de* seruir do  
 1780 que soya | e dizem as gētes que he namorada | Mas esta nom he maneira que se / | nhora  
 deua teer . Porque somente | nos pensamentos deue ser sempre | de hũa contenença :  
 porque taes juy | zos nom possam ser dados sobre el / | la . Mas forte cousa seria pessoa  
 na | morada guardar tal medida . E po / | rem o mays seguro he nom o sseer . | E podeẽs  
 beem veer senhora : que to | da prinçesa e geeralmente toda mo | lher : mays deue seer  
 1785 cobiçosa de bu | scar honrra e boo nome : que outro | thesouro : porque a faz reluzir ã boa  
 | nomeada a qual fica pera sempre a | seus filhos . Senhora segũdo ja dis | se : eu penso  
 bem as razoẽs que po / | dem mouer hũa noua senhora a se ||27v b|| enclinar a tal amor .  
 A primeyra he | que viço e vida ouciosa lhe fazẽ pen | sar e dizer : tu es moça e al te nom  
 fal | leçe senam prazer : tu podes bẽ amar | sem vyllania : qua nom he mal pois | hy nom  
 1790 ha pecado : tu faras huũ ho | mẽ vallente e vyueras mays leda e / | ganharas huũ verdadeiro  
 seruy / | dor e leal amyguo e outras cousas | semelhãtes . Aa minha senhora por | deos  
 seede auisada que estas samdi | as openioões nom vos enguanhẽ . | Porque quanto ao  
 prazer seede cer | ta que em amores ha mil vezes mais | de nojo desprazer e periguo em

espe | çial aas molheres : *que* de prazer . Ca o | amor sempre daa de ssi mesmo amar |  
 1795 gura . assi como temor de *perder* honr | ra *e* de lhe seer sabido *e* assi cõpram | caro seu  
 prazer . Ca diz esto nom he | mal pois hy nom ha pecado . Nom | se fiee nêhũa de ssi âte  
 seja certa que | por boõ preposito que ella tenha de | guardar o que deue en tal amor que  
 | lhe ha de ser sabido segundo ja dise | Ca he impossuiel leuantar se o fogo | sem fumo  
 . E a dizer farej huũ homẽ | vallente . Senhora a faz he de gran / | de sandice buscar em  
 1800 nenhũa desõr | ra *e* destroiçom . Ca elle quando for | mays honrrado sera ella destroyda |  
 E pera dizer auerey huũ verdadeiro | amyguo *e* seruidor : deos de que ser | ue huũ tal  
 amyguo . Ca se ella ouue | se algũa neçessidade elle senom ou | saria demostrar por ella  
 temêdo sua | desonrra *e* peryguo delle meesmo : | poys que lhe pode prestar : o que se |  
 nom pode nem ousa auenturar por | bem della . E som alguũs que dizem | que seruem  
 1805 suas senhoras quando | fazem alguũs feytas<sup>117</sup> d armas : mas | eu diguo que seruem assy  
 meesmos . ||28r a|| pois a hõrra fica cõ elles *e* ellas nõ | hã *per*te<sup>118</sup> della . E aĩda miha  
 snõra se *vos* / ou outra algũa *vos qu*eserdes scusar : di | zêdo eu ey vida desuairada cõ  
 quem | me faz pouco prazer *e* me he pouco | leal : por yssso posso sê errar nê fazer | mal  
 : auer prazer em outra parte por | squeçer nojo : *e* passar *tempo* . Mas tal | scusaçõ salua  
 1810 vossa reuerêça *e* de to | das as *que* o dizê nõ val nada . Ca muy | to he sãdeu quẽ poõe o  
 fogo ã sua ca | sa por *que*ymar a de seu vezinho : mas | *aquella que* ha tal marido *e* o  
 ssoporta ã | paciêçia sê errar muyto acreçêta os | mereçimêtos *de* sua alma *e* a hõrra de |  
 sua pessoa . E quanto a auer plazer . | Certamête muitos *e* honestos pode a / | char hũa tal  
 snõra *e* outra *qualquer* mo / | lher em *que* passe seu *tempo* sê tal amor . | *Aquellas que* teẽ  
 1815 filhos assaz deuiã d auer | por desêfadamêto de os veer ameude / *e* dar ordẽ *e* auiamêto  
 como sejã bẽ | criados ã doutrina segũdo *per*teeçe a s | seu estado . E as filhas ordenar ã  
 tal | maneira como ã sua moçidade tomẽ | regra *de* bẽ viuer *por* enxêplo de boa cõ |  
 panhia . E sse a madre nõ he sesuda *de* / quẽ aprenderã as filhas . E *aquellas que* | nõ teẽ  
 fylhos nõ lhe pode estar mal : | por grãde snõra que seja âtes lhe | he hõrra depois do  
 1820 seruiço de *deos* fazer | algũa obra *por* sua mão por squyuar | ouçiosidade *de que* ella  
 possa husar ho | nestamête . E *aquellas* occupações sã | boas porque toruam os vaãos pẽ  
 | samêtos . Eu nõ digo *que* a grande se | nhora nõ possa desêfadar se : *e* rijr *e* / fallar  
 honestamête : assy como a ella | cõuẽ *e* aĩda onde ouuer senhores *e* / gêtiis homês . E  
*que* ella nom onre os | estrãgeiros segũdo a ssua alteza *per*te / | çe : *e* ao estado de cada

<sup>117</sup> “Feytas” por “feitos”.

<sup>118</sup> “Perte” por “parte”.

1825 hũa . mas seja | cõ tal assesego *que* hi nõ aja oolhar nõ ||28r b|| rijr nõ pallaura *que* todo  
nõ seja cõ ra | zõ *e* tẽperãça *e* sempre se *deue* de gardar : | *que* ã estas cousas nõ seja  
achado ã el / | la erro nõ causa *que* mal este . Aa *des* se | toda prĩcesa *e* aĩda *qualquer*  
molher ãtẽ / | desse bẽ *quanto* boa governãça *e* asse / | sego : lhe esta bẽ : mais trabalhariam  
| pollo auer *que* outro arreo : nõ ha hy | joya tã rica *que* as assy possa afremo / | sentar .  
1830 E aĩda minha snõra fica por | fallar os *perigoos* *que* ha ã tal amor os | *quaes* sã sã cõto .  
O *primeyro* *e* *mayor* | he *que* homẽ anoja *des* depois põe sua | vida *e* hõrra ã perigo seo  
o marido : | ou parentes o ssabẽ tãto *que* jamays | nõ auera beẽ . E diguo da parte dos |  
amadores aĩda *que* todos fossẽ leaaes *e* callados *e* verdadeiros o *que* nõ sã ãte  
comunalmete sã / | fẽgidores *e* por enga | nar as molheres dizẽ o *que* nõ podem | nõ teẽ  
1835 voõtade de fazer . E he cousa | certa *que* os acendimẽtos de tal amor | duram pouco *e* aĩda  
nos *que* fingẽ seer | mais leaes E pois minha senhora | cuidaes *vos* quando este amor he  
falleçi | do *e* *que* a ssnõra *que* cõ sua ceguidade se | ãuorilhou : *naquelle* sãdeu prazer *e*  
pẽ / | sa as sãdiçes *e* desuariados *perigos* ã | *que* se muitas vezes achou : se auera | por  
ẽganada . E *quanto* *queria* *que* lhe cu / | stasse por nõca lhe auer acõteçido *e* / *que* tal  
1840 cousa della nõ podesse seer dita | Certo *vos* nõ podees pẽsar o rreprendi | mẽto grãde *e*  
triste pẽsamento *que* lhe fica | no coraçõ . Aallẽ desto *vos* *e* todas | as outras podees beẽ  
veer camãha | sãdiçe he de meter o corpo *e* a hõrra | em despreço de maas lyngoas *e* na |  
maõ de taaes seruidores cujo serui | ço he tal *que* *aquello* *que* *vos* jurom *e* pro / | metẽ de  
teer segredo nom se podem | nem sabem callar . E na fym de tal | amor : aas molheres  
1845 outra cousa nõ ||28v a|| fica senõ o maaõ fallar das gentes | *e* temor *e* receo nos corações  
*que* a | *quelles* mesmos ã *que* se fiarã o digam *e* / se gabẽ ou alguus outros *que* o feyto |  
sabem . E assi sandiamẽte se meterõ | de frãqueza em seruidõ *e* veedes afim | do seruiço  
de tal amor . Pensaaes *vos* / minha senhora *que* nom sentem estes | seruidores grãde  
hõrra em se gabar | *que* som ou forom amados . de hũa grã | de senhora ou molher de  
1850 nomeada . | E como nõ seram ellas creudos ca / | deos sabe se mentem ou nõ . E prou |  
uesse a deos *que* *vos* soubesses bem | como he pera teerdes causa de *vos* . | melhor  
guardar . E allem desto hos | seruidores *que* sabem vossos segre / | dos em os quaes  
conuem *que* *vos* / fiees nom pensees *que* se callem ain | da *que* lho facaaes<sup>119</sup> jurar .  
Certo os | mais som taaes *que* seriam bem try | stes se lhe nom soubessem *que* sabiã |  
1855 mais de vossos feitos *que* os outros | E sse nom dissessem per boca vossos | segredos  
mostra llo yam com o dedo | per synaaes desuariados desejãdo | *que* lhos entendam . E  
*que* sogeyçõ | de grandes molheres *que* nom ou / | sam em tal caso reprender seus serui |

<sup>119</sup> “Facaes” por “façais”.

dores posto que se veja cayr em dâp / | no . E assy veem contra ellas em tan | ta souerua  
 que lhe conuem que se so | fra e os leyxe fazer e dizer contra ssi | o que outra nom  
 1860 consentiria . E que | pensaaes vos que dizem aquelles *que* / esto veẽ e notã assaz dizẽ ã  
 dizer o que | he e seede : certa que murmuram as / | saz . E sse acontece que a ssenhora  
 se | queyxa e o lança de ssi fora deos sa / | be o que logo he reuellado e dycto ã | muytos  
 lugares . E muytas vezes a | conteçe que elles som meos e procu | radores de tal amor o  
 que elles ham ||28v b|| feyto com diligẽcia . Minha muy | to amada senhora mal se  
 1865 poderiam | contar os malles e perigos que ha | na vida dos homeẽs namorados . | E por  
 ysso vos peeço que nõ vos me / | taaes em tal trabalho e se perventu | ra hy auees alguũ  
 cuydado que vos | queyraaes retraher e muyto mays | val çedo que tarde e tarde que nun  
 / | ca . E bem podees veer que palla / | uras yram pollo mundo se mais cõ / | tinuaaes vossas  
 nouas maneyras : | quando do que he sabido se diz per | muytas partes o que nom  
 1870 quisesses | saber so nom por vos enmendar . | Nom sey que vos mays screua se | nom  
 que de todo meu poder vos pe / | ço humildosamente que esto me non | desagradeçaaes  
 mas praza uos es / | guardar a boa voontade que mo faz | dizer e desejo que me moue a  
 vos bẽ | e lealmẽte conselhar e mais me pra | zeria auer vosso desamor que vos cõ | selhar  
 vossa edstroyçam<sup>120</sup> . Mynha | muyto temida senhora rogo a deos | que vos de boa e  
 1875 lingua vida . | ¶ Acabasse | a primeyra parte | deste liuro .  
 ||29r a|| ¶ Incipit secunda pars . Co | mo as tres senhoras . scilicet . dereitu | ra razom e  
 justiça recapitolam | em breue ho que he de çyma dy | to . Capitulo . pymeyro . | POys  
 que aue / | mos fallado as | rainhas prin | çesas . E altas | snõras na dou | trina que per / |  
 teeçe assi alma | como aos bõs | e virtuosos co / | stumes que cõuem a seu alto e nobre |  
 1880 estado que deue ser guarnido de hõ / | ra sobre todos os outros . Aderen / | çaremos daquy  
 auante nossa liçam | em esta segunda parte de presẽte co / | laçam aas donas e donzellas  
 assy | as que andam na corte das prynçe / | sas por seu seruiço estado como aquelas | que  
 morã ã suas terras castellos vilas | e aldeas . fazẽdo ã este começo huã | protestaço que  
 nom enbargãte *que* to | da a doutrina seja hũa assi d alma co | mo das vertudes e costumes  
 1885 tambẽ | as donas ou outras molheres como | aas prynçesas e grãdes sãhoras nõ | temos  
 preposito de relatar nem tor / | nar a dizer o que ja dito temos atraz | Ca seria trabalho  
 sem neçessidade e / noyo grande aos ledores . E serua o | *que* he dito a todas e cada hũa  
 tome o | *que* sãtyr *que* lhe aproueita a seu bem he | proueito de sua alma e acreçẽtamẽ /  
 | to de seus boos costumes . Porque | assy he neçessaryo aas outras mo / | lheres como

<sup>120</sup> “Edstroyçam” por “destruição”.

1890 aas grandes senhoras | que ellas em todos seus feytos te / | nham em memorya e ponham  
an||29r b||te seus olhos o amor e temor de *des*<sup>121</sup> | e nom esqueçam os bês que delle re |  
çeberõ . scilicet . a alma que elle criou aa sua | semelhança e posuyra se ellas quy | serem  
trabalhar huñ pouco o reg / | no dos çeeos pera sempre o que nõ | he pequeno dom : Desy  
entendimẽ / | to pera conhecer deos e que he bem | e mal . E lhes deu força pera execu / |  
1895 tar o beem e saude e mujtas outras | graças . pera que tenham o amor a | que som  
obrygados a deos : *que* he ho | primeyro mãdado da lley / que diz a / | maras deos sobre  
todas llas cousas | nom seja partydo de sua memoria e / yssoo mesmoo temor : pensando  
ha | poniçom de sua justiça . Este amor e / temor se dereytamẽte he ã seu coraçõ | as  
defendera dos viçios e as chega | ra aas vertudes e lhe abayxara ha | soberba e acreçentara  
1900 a humildade | e encorrera a yra e prouocara a pa / | ciencia e aforagara<sup>122</sup> auareza e a poe  
| ra ã verdadeyra caridade e lhe tirara | a ãueja e dar lhe a *verdadeiro* amor aos | proximos  
. E alõgara della priguiza e / a fara soliçi[[ci]]ta e deligente a bem fa | zer : E far lhe a  
desamar guargan / | toyse e abraçar temperança . E de | sterrara luxurya he chamara casty  
| dade . E assy todas vertudes da / | raa ha sua alma he encorrera todos | vycyos  
1905 impeçyueês<sup>123</sup> . E assy lhes | he necessaryo auer mundanal pru / | dẽçia pera hordenar sua  
vyda deui | damẽte . Cada hũa segũdo seu esta | do he *que* amẽ hõrra e boa nomeada |  
como aas *prinçesas* e começaremos assi . | Capitulo . ij *Aqui deuisa quatro pôtos* / os  
dous *que* sã pera ter E dous pera | *esquiar* e como as donas e dõzel | las da corte *deuẽ*  
amar sua snõra . ||29v a|| NOs tres filhas de *deos*<sup>124</sup> | chamadas razom de | reytura e justiça  
1910 : ou / | tra vez tornamos ha | dyzer a vos donas e / donzellas e molhe / | [[lhe]]res de  
corte que som ha seruyço | de prinçesas todo o que dito auemos | que tocar pode ao bem  
de vossas al / | mas . mas cõ os boos amoestamen / | tos sobreditos aiuntaremos qua / | tro  
pontos os dous primeiros boos | e proueytosos e os outros pera es / | quyuar : os quaes  
dous boos nom | soamente som simplezmente *para* teer | mas som vos necessarios se  
1915 amais | o bem de vossas almas e ha honrra | de vossas pessoas dos dytos pon / | tos ho  
prymeyro he que todo cora / | çom ames como vos mesmas vossa | senhora em cuyo  
seruyço sooes . ho | outro ponto he que vos deuees seer | em vossas obras e palauras nõ  
muj | doces de conuersaçom aos homeês | e das cousas que nos mouem : vos |

<sup>121</sup> “Des” por “deos”, Deus.

<sup>122</sup> “Aforagara” por “afogará”, ou “afora” (adv.: fora, afastado, longe): “afora gar a avareza” (in: *Livro de Isaac*).

<sup>123</sup> “Impeçyueês” por “impossíveis”.

<sup>124</sup> Idem nota 110.

1920 assinaremos as razões . E quanto | he das outras maneiras *que* vos com | vem teer .  
 porque he ja dito atras co | mo a sages princesa *vos* ha de guouer | nar em boa ordem com  
 abytyos ho / | nestos *e rycos e hordenados* como | perteeçe . E isso mesmo como vossas |  
 contenenças ham de seer asessega / | das *e as pallauras e risos onestos* | passaremos estes  
 pontos : porque | aos dyzooito<sup>125</sup> capitollos da primey | ra parte do lyuro ho pode veer  
 quẽ | quyser : segundo nosso primeyro põ | to dos dous sobreditos . A dona ou | donzella  
 1925 de corte he ajnda toda ser / | uydor he theuda de amar mujto sua | snõra seja boa ou maa  
 doce ou aspera | *de seruyr e d outra guisa ella faz como* ||29v b|| maa criatura . E assi digo  
*de todo ser* | uydor . depouys *que* he agajes pensã . | ou aluguer de quem quer que seja . |  
 E se tu quyseres dizer se meu sêhor | he maa pessoa : ou me nom faz bem / | som eu  
 theudo de o amar . Nos te di | zemos que sy sem nenhũa duuyda . | Ca se te parece que  
 1930 he maa he hy | nom fazes teu proueito : tu te deues | partir *e nom estares* hy mays . pera  
 | fazer mal teu deuer *e nom lhe auem* | tal amor como deues . o que nom de | ues leyxar  
 de fazer por elle obrar ho | que nom deue emquanto com elle | esteueres ou te vay . E  
 sabe que se | assi nom fazes que | te condanas ser / | uindo E deuemos declarar a nosso |  
 proposito em que se estende aquelle | amor . O qual sera em lhe teer se *e le* / | aldade em  
 1935 todas maneyras primey | ramente ella amara o bem de sua al | ma *e lho procurara* quãto  
 poder [[e]] | *e conselhara que faça todo bem* : nẽ | lhe dara ocasiom do contrayro . E |  
 fazendo bem guardara sempre sua | paz . Nom lhe dira cousas *que* possã | trazer  
 empeeçimento a sua alma . scilicet . | nom lhe dizendo mall d outrem . nem | cousa que  
 seja contra honrra *e hone* | stidade : nem pallauras asparas : nẽ | maas repostas per que a  
 1940 possa tor / | uar . E guardara saluamente todas | as cousas ha seu poder *e toruando* | os  
 outros que ho contrayro quyse / | rem . E sobretudoo sostera sua honr / | ra em pallaura *e*  
 em obra mais em | auscencia que em presença exalçara | sua boa nomeada : E em espeçial  
 se / | guardara tanto como ama ho bem | de sua alma que nom huse contra el | la de  
 lysõjarya por melhor auer sua | graça : assy como seruydores de todos / | estados fazem  
 1945 em especyal aos ||30r a|| grandes senhores que he cousa que | muyto despraz ha deos *e*  
 que a san / | ta scryptura prasma marauylhosa / | mente : mas por mylhor entender / | mos  
*e mais propriamente* : declara | mos que he lysonyarya ha fim que | nenhuñ seja enguanado

<sup>125</sup> Fr.: “Ci devise le VI enseignement de Prudence, qui est comment la sage princepce tendra en bonne ordenance les femmes de sa court (Cap. XVIII). Praticamente igual na *Table des rubriques*; Crispim: “Aqui devisa a seista ensinança que é como a sages princesa teerá em booa ordenança as boas molheres de sua corte” (Cap. XVIII). Nessa edição não há “taoada”.

Impresso de Lisboa, “taoada”: “Que a sexta he como ella teera as molheres de sua corte em boa ordenança” (Cap. xxvij). “Que a sseptyma he como ella teera cuydado de suas rrendas e despesas” (Cap. xvij).

em ho en / | tender dyremos ha deferença que | he antre bem seruir e lysonjar . He | de  
saber que se tu serues bem e leal / | mente a todo teu poder com gram | cuydado guardas  
1950 o bem e honrra | de teu senhor em todas maneyras | he tomas grande cuydado e dely / |  
gençya de lhe fazer prazer e seruy / | ço em todas as cousas lycytas he | honestas tanto  
por fazeres ho que | deues como por auer a sua graça . E | sse elle ha mal ou desprazer  
que tu | sejas triste como de tua propya cou / | sa . E ledo . e alegre de seu bem e pra | zer  
. E nom soomente per ante elle | mas honde elle nom esteuer . E deue | lo de scusar se  
1955 ouuyres mal dyzer del | le e dar lhe honrra e boa nomeada | Estas cousas feytas de bom  
coraçõ | nom som lysonjarias mas he verda | deira e pura lealdade naçida de bom |  
seruidor a seu senhor . O puro lyson | jeyro he que se tu sabes que teu se / | nhor a algũa  
enclinaçom viçiosa cõ | tra ho bem de sua alma e de sua hõr | ra e boos costumes e  
sobretudo to / | do esto tu conselhas como possa sos / | ter cryar seu pecado e que tu o aju  
1960 / | das em feyto e dyto e encobres he | louuas seu mal e lhe dizes palauras | mentyrosas  
contra o bem d alguũ . | E lhe conselhas soster openyoões | maas e desonestas e sandias  
. E tu | lhe dyzes quando elle falla . meu se / | nhor : ou minha senhora diz verda / | de ou  
que tu lhe fazes entêder que elle ||30r b|| he fremoso ou boo : ou sages ou que | seria bem  
que elle fizesse algũa cou / | sa a qual tu bem sabes que a elle bẽ | prazera de fazer . E  
1965 tua conçiçya | te diz o contrayro . Em tal caso e em | outros semelhantes que podem a  
| conteçer . Certamente tu louuamin | nharyas e pecaryas mortalmente . | E ajnda danarias  
a ty mesmo seen | do causa de seu dapno . Empero *deos*<sup>126</sup> | sabe como muytos seruydores  
de | homeês mançebos se guouernam | em tal caso . por auer sua graça e ty / | rar delles  
. E nam tam soomente os | guouernam e sistem em seus maos | feytos . mas elles buscam  
1970 os camin | hos como os metom em muytos / villaõs pecados . Certo tal gente | nom he  
boa nen leal . mas maos e / falsos . E elles meesmos sam tam çe | guos que se nom  
guardã E por esto | diz bem huũ sancto doutor que o li / | sonjeyro por sua falla mete huũ  
cra | uo no olho de seu senhor quer dizer | que elle o çega cõ ha doçura de suas | pallauras  
. Mas deçendo ha nosso | preposito poder sy a fazer huũa tal | questam . Se huũa dona  
1975 ou donzel / | la serue huũa prinçesa ou outra se / | nhora qualquer que seja e aconte / | çe  
que sua senhora poẽ seu coraçom | em maos amores d alguũ homem . | se esta seruydor  
he theuda de lhe en | cobrir seu feyto pensando que nom | erra em guardar segredo a sua  
se / | nhora . mayormente que nom forõ | azadores | do caso e que ella mees / | ma ho quer  
e | que se | em ella uom<sup>127</sup> se | fiasse auiasse de fyar ã outra alguũ | que per ventura lhe

<sup>126</sup> Idem nota 25.

<sup>127</sup> “Uom” por “nãõ”.

1980 nom guarda / | rya tam bem segredo . A uerdadey / | ra reposta ha tal questom he que el /  
| la fara mal em qualquer caso que hy ||30v a|| possa acontecer . porque em mal | fazer  
nom cabe escusaçom nem po / | des sosteer tua sêhora em pecado *que* tu mesma nom  
peques *e* sejas par / | tecipante do mal que ella faz . E põ | ham os que tu dyzes que o fazes  
por | guardar sua honrra : se tu bem bus / | cares tua conçyencya acharas que | outra cousa  
1985 te moue mays . scilicet . desejo | de gaãçar sua graça he auer mays | bem della . Mas  
qualquer cousa *que* / te moua tu fazes mal *e* pareçes ao | ceguo que guya outro çeguo *e*  
am / | bos vam cayr na coua . Mas ves tu | que faras se quiseres husar de syso | *e* de boa  
conciencia se tua senhora | se fia tanto de ty que em tal caso te | reuella seu segredo tu  
lhe daras hũa | tal reposta senhora eu vos tenho em | synguolar mereçe a fyança que em  
1990 | my tendes em me dizerdes huũ tam | priuado segredo a qual prazendo a | deos sera bem  
guardado tanto co / | mo eu viuer : mas muyto me pesa do | que auees metydo em vosso  
enten / | dymento donde vos nom pode vyr | senam condenaçom da alma *e* pery | guo na  
honrra *e* da vida . E sse em | meu poderyo fosse de vos tyrar de | tal cuydado . nom ha  
cousa possiue<sup>128</sup> . | que nom o fezesse pello comprir . E | vossa merçe me perdoe . Ca eu  
1995 amo | mays o bem de minha alma que de | tal feyto serya encarreguada : que | vosso  
seruyço *e* desonesto prazer . E | vos me podees desamar he lançar | fora . Ca eu amo  
vosso desamor fa / | zendo o que deuo : *que* vossa graça *consê* | tyndo vosso mal *e* meu E  
mais ama | ria morrer que me meter em tal fey / | to E sey bem que som vossa he que |  
vos deuo obedecer . mas em tal caso | enpeçaria o que eu nom som tehuda ||30v b|| fazer  
2000 por pessoa que vyua . Tal re / | posta deue dar a boa seruydora a | sua senhora . E deue se  
de guardar | de o dyzer per outras partes : em se | louuando como muytas fazem dy / |  
zendo minha senhora me requero | tal cousa : mas eu lhe respondy que | antes queryam  
ser queymada Assi | se deue guouernar a dona ou don / | zella açerca de sua senhora .  
Mas | por nom esquecer cousa que dizer | se deua ha nosso preposyto . nom en | tendamos  
2005 tal amoestamento que | aa senhora acontesse alguũ encouy | niente : per qualquer caso  
que a boa | seruidora | lhe nõ deua teer segredo | *e* deua de guardar de todo perigoo | *e*  
defender como seu propyo fylho : | assy como se dyz de huũa que foy | guardada de seer  
achada em caso | de perder sua honrra per huũa sua | donzella . A qual quando soube |  
como sua senhora : hera no pery / | guoo de seer achada : poos foguo | em huũa casa *e*  
2010 todos correrom laa | E ella saluou suo<sup>129</sup> senhora : quasy | desesperada pera se matar .

---

<sup>128</sup> “Possiue” por “possível”.

<sup>129</sup> “Suo” por “sua”.

porque | hera prenhe he nom hera casada . | E ella mesma se fez prenhe porque | quando  
 sua senhora parysse dys / | sessem que ho fylho hera seu . E as / | sy ha tyrou de sua  
 desasperaçom . / a ssaluou *de* morte *e* de *vergõ*ha. E fa / | zer as cousas semelhâtes *para*  
 rreme / | dio do mal *que* ja he feito *para* a gardar | algũ *de* desesperaçõ ou de tomar alguũ |  
 2015 maa camynho : com tanto que no | pecado nom seja em culpa de cõsen / | timento : nom  
 he mal ante he gran / | de caridade . E todos deuẽ auer pie / | dade do peccador : pois deos  
 nõ quer | sua morte mas que se conuerta *e* vy | ua . E muytos caãe em peccado *e* de||31r  
 a||poys se leuam *e* fazem justa vida | E senhora mas em toda | cousa onde pode auer  
 viçio *e* pecca | do . Ca nenhuũ he theudo obedeçer | a outrem por desobedeçer a deos . |  
 2020 ¶ Capitulo . iij . Do | segundo ponto que as | molheres de corte de | uem de teer ho qual  
 he | que se guardem de mui | tas afeyçoões . | O Segnudo<sup>130</sup> ponto he | ensynança do que  
 di | ssemos he que mol / | her de corte de qual | quer estado que seja : | *deue* auer pouca  
 conuersaçõ cõ os ho | meãs . E diremos as razões *que* nos | mouem . Ca muytas podem  
 pensar | que a ellas mais que a outras perte / | çe auer cõ os homeãs afeição . Mas |  
 2025 aquellas que o pensam se enganam | o *que* mostramos per duas prinçipaes | razões .  
 Huã he que sobre todas | molheres as do paaço deuem amar | *e* guardar honrra a qual  
 se fore *e* | redõda acerca do bem de sua senho / | ra porque se ellas som bem ou mal |  
 ordenadas ella ha o louuor *e* o pras | mo segũdo como ja tocamos na pri / | meira parte  
 deste liuro . E *porque* a ne | hũa molher nom he tâta honrra de||31r b||uida como aas  
 2030 senhoras *e* pr̃çasas | seria em seu perjuizo *e* peioramento | de seu nome : sem algũa tacha  
 ouues | se em suas molheres . Porque se lhe | podera dizer segundo he ensynada | ensina  
*e* di me com quẽ viues . E assi | concludo que mays que as outras | molheres se deuem de  
 gardar . E nõ | he duuida que quaesquer molheres | que se deleitam em conuersar *e* fal /  
 | lar com os homeã ainda que mal | nom pensem nem ho façam senom | por rijr *e* folgar  
 2035 : apenas o podem | contynuar que lhe nom seja toma / | do aa sseestra<sup>131</sup> parte : *e* mal  
 fallado : | nom somente dos enuejosos que sã / | pre pensam como poderam morder |  
 outrem . mas daquelles meesmos a | que ellas fazem boã gasalhado : nõ | se ceguem as  
 symplezes nom pen / | sem ho contrairo Ca emquanto ho | meãs com ellas conuersarem :  
 sem / | pre pensaram como has ham d en / | guanar : *e* assy ho meteram em obra | se  
 2040 poderem : quando ellas veem che / | guar muytos ha huũ lugar onde | cada huũ deseja  
 soo seer reçebydo : | he forçado : segundo regra d amo / | res que huãs dygam mal por

<sup>130</sup> “Segnudo” por “segundo”.

<sup>131</sup> “Sseestra” por “sexta”. Fr.: “[...] qu’il n’en soit senestrement parlé [...]” (sinistra, desfavorável, de mau auguro) (p. 131).

tor / | uarem os outros . E rreportem hos | gasalhados que has senhoras fa / | zem aos que  
 lhe mays prazem : as | quaaes andam per multiplycaçom | e desuaryo de luguares vijs :  
 e de / | sonestos . E cada huñ hy ajunta | do seu quanto ao mal : por nossos | peccados . E  
 2045 assy pella sympreza | das molheres que hy nom pensam | som muytas vezes ellas  
 meemas | ha torto prasmadas daquelles que | dellas reçebem boõ gasalhado . E | quem  
 ho nom cree pregunte . Prou | uesse ha deos que todas molheres ||31v a|| soubessem o que  
 por semelhâtes ga | salhados se diz dellas . E causa aue | riam de sse afastar delles . E  
 melhor | seria minguoar no desenfadamen / | to que acrecentar em taes pallauras | Mas  
 2050 porque elles lhe rij e prome / | tem corpos e seruiço apenas podẽ | creer o mal mas tu  
 poderias pergun | tar . Como nom he melhor e mays | guardada honrra fazer boõ gasa / |  
 lhado a todos assy a huñ como a ou | tro que ho fazer soamente a huñ ou | a dous per que  
 os outros possam di | zer estes ham o gasalhado e os ou / | tros nom som conhecidos . Nos  
 re | spondemos que nenhuñ destes ca / | minhos se deue teer . Ca mal he e cõ | tra honrra  
 2055 se muytos hy ham ga / | salhado . E pyor se huñ ou dous per | speçial hy hã singular  
 conuersaçom | em tal maneira que mal se possa so / | speitar . E assi huña maneyra nem  
 a | outra nom som boas E diras tu co / | mo seriam molheres de paaço tam | sogeytas que  
 nom ouuessem de fol / | gar onde ha gentijs homeês . A esto | respõdo que toda sogeiçom  
 he boa | ainda que anoge aquelle que ha so / | fre quando o guarda de mayores in |  
 2060 conuenientes . Assy como a brida de | spaz<sup>132</sup> ao cauallo pero muytas vezes | o guarda de  
 cayr nos maaos luga / | res . E quanto he que ellas nom fa / | çam boo gasalhado aos gentijs  
 ho | meês como perteeçe E que em tem / | po e lugar nom ajam seus desenfa / | damentos  
 conuinhaues nõ he nos | sa tençom de as a esto costranger nõ | dizemos que se aconteçe  
 em alguña | corte que o prinçepe ou prinçesa : re | çebem estrangeyros que sejam gran |  
 2065 des senhores ou caualleiros ou gẽ / | tijos homeês dignos de honrra que ||31v b|| elles nom  
 sejam festejadores e an / | tre donas e donzellas muy beẽ vijn | dos Ca seria contra toda  
 honrra de | quem o nom fizesse . Mas entenda / | mos soomento<sup>133</sup> daquellas que per |  
 costume se moutra<sup>134</sup> neçessidade o fa / | zem senom por seu prazer e por se de |  
 senfadarem nas camaras das mo / | lheres . Estas cousas que dizemos | nom deuem anojar  
 2070 alguña seja mo | ça : ou allegre se ella ama honrra nõ | aquelle que ama sua saluaçom e  
 sau | de quando o fisico lhe diz vsaras de | tal remedio contra tal doença esto | a baste a

<sup>132</sup> “Despaz” por “despraz”.

<sup>133</sup> “Soomento” por “samente”.

<sup>134</sup> “Moutra” por “montra”.

primeira razom A outra ra | zom que pode tocar assy aas senho / | ras de honrra como as  
 da corte que | seruem outras he tal . Tanto como | huña cousa he mais digna e de ma / |  
 yor vallia : tanto deue seer mays pre | çada e menos comuña . Hora he as | sy que toda  
 2075 molher boa e sages e a | mador<sup>135</sup> de honrra deue teer em con / | ta de boo e notauel  
 thesouro e cou / | sa singular digna de honrra e reue / | rença . E poys ella | he tal e em tal  
 cõ | ta se teem nom compre que de | cou / | sa de tam grande preço como deue | seer o  
 gasalhado de sua nobre pes / | soa zaça rezeçe<sup>136</sup> mercado . Por tan / | to como a teuer em  
 mays caro con | tra os homeês nom per soberua mas | per huña grandeza honesta e huña  
 2080 | ousana que sta beem a toda molher | de honrra tanto sera ella tehuda em | mayor  
 reuerença e mylhor conta que / has cousas mays caras d auer som | mays desejadas . E  
 muyto mays a / | quellas que som boas e fremosas . | E por isso dizemos que esta bem  
 aas | molheres a pequena cõuersaçõ dos ho / | meês . E o contrario desto cõ muyto | fallar  
 lhe he assaz d empachoso . ||32r a|| ¶ Capitulo iiij . Do ter | çeyro ponto que he ho pri |  
 2085 meyro dos dous que se | deuem esquyuar e falla | da enueja que regna nas | cortes e d  
 onde naçe . | HOra venhamos aos | outros dous pon / | tos os quaes molhe | res de corte  
 prinçi / | palmẽte de sy todas | deuẽ d esquyuar . Os | quaaes ainda que sejam assaz com  
 / | muñes e regnem per toda parte per | speçial auondam em as cortes hos | quaes som  
 assaz maos e causam ou | tros enfijndos . O prinçipal destes | dous mortaes viçyos e  
 2090 desamado | peccado de deos he a enueja . E o ou | tro he mal dizer . diremos do primei |  
 ro desy do outro . E porque nos hy / | mos ao bem de vos todas nos praz | de vos mostrar  
 os remedios que en / | sinamos a toda pessoa que quer hu | sar de justa conçiençia e boa  
 E pry / | meiramente por melhor conhecer a | qualidade e natureza desta falsa en / | ueja  
 he de ssaber d onde ella naçe e / vem . E digo primeyro que ella vem | de soberua que a  
 2095 geera nas criatu / | ras que nom esguardam sempre nẽ | teem ante seus olhos sua fraqueza  
 | e d onde descendem e como nascem | e ham de morrer : ante presumem se / | gundo lhe  
 soberua mete em cabeça | squeçendo seus peccados e fraque / | zas que som dignos de  
 grandes bẽs | e honrras ho que perventura mal ||32r b|| mereçem . E porque comunalmente  
 | toda criatura he em sy meesma en / | ganada que todos desejam seer ma | yores e milhores  
 2100 que seus vezinhos | em grandeza e em honrras e esta / | do : mas nom em vertudes . E  
 quan | do acontece que elle vee outro mais | auançado que sy ou ha temor que al | guñ ho  
 seja ally se forma a enueja . | E porque nas cortes dos Reys | e / prinçepes : as honrras e  
 estado mũ / | danaaes som mays geralmente de | sribuidos que em outra parte . Dy / |

<sup>135</sup> “Amador” por “amadora”.

<sup>136</sup> “Zaça rezeçe” por “faça refeçe”. Diferente no Fr.; Crispim: “faça refaçe” (p. 219).

zemos *e* he verdade que ally regna | principalmente a enueja porque to | dos os que em  
 2105 ella de cote<sup>137</sup> andam de | sejam d auer daquellas honrras a mi | lhor parte . E tornando a  
 nosso pre | posyto por fallar a todas molheres | de paaço de qualquer estado que se | já |  
 por estado ou por seruiço de prinçe | sa diremos se ella vsar de boõ conse | lho que ella  
 deue proueer bem seu co | raçom de sages *e* boõ auisamento : | que ella nom aja em sy o  
 2110 coraçam que della vsa . | ¶ Capitulo quinto . Co | mo as molheres da cor | te se deuem  
 guardar da | enueja . | QUe fara ella por lan | çar de sy este falso ty | çom aceso . da enue  
 / | ja *que* nõ seja ãtrado ã | seu coraçom . A ssa ||32v a|| ges dona ou donzella ou outra qual  
 | quer molher de corte . Ella defen / | dera per boõ remedio contra as cou | sas que se  
 seguem : as quaaes som | as prinçipaes cousas d onde a enue / | ja nace nos corações das  
 2115 cortesaãs | . scilicet . por grande *que* ella seja se acontece | *que* sua senhõra tẽ mais ã sua  
 graça outra | algũa *que* ella ou lhe faz mais bẽ ou ha | chama mais ameude *e* lhe mostra  
 mais | *de seos segredos* por todo esto seu coraçõ | nõ seja toruado neella vençida de en |  
 ueja nom enbargando que os agui | lhoões *e* pungimentos della sejam | estes . E porque  
 sera esto ou que razõ | ha hy que mynha senhora ha mays | graça com aquella que  
 2120 commygo *e* | mais a chama a sseus segredos a ma | ys a traz cerca de sy . Nom soo eu *de*  
 / mais nobre linhagem *e* melhor cor / | regida *e* mays sages *e* melhor ã to / | do *e* mays  
 geitosa pera seer a cerca | della . E bem he hora que aquella *que* / he de nehũa ligẽ<sup>138</sup>  
 descendida : nõ sabe | nõ val nõ pode de sse meter assi a non | te em despreço das outras  
 . E *quem* lha | snõra a deua assi auãçar *e* lhe dar tal | estado . Esta he jamais hõrrada em  
 2125 | huũ pouco de tempo que a seruiõ . *que* / eu que des minha mançebia a sserui | sempre  
 bem . Certamente algũa cou | sa hy ha mays eu lhe farey os cõtraí | ros se eu posso : E a  
 desauançarey *per* / meu saber . Ca sey della taaes cousas | *e* taaes E o que nom souber  
 busca l / | lo ey *e* meterey hy do sal pois se ella | assy quer auançar E ja se faz senho / | ra  
*e* quer sopeditar as outras : mas | eu lhe porrey as defensas venha ho | que poder vijr ca  
 2130 ja o mais nom po / | derey sofrer . Ella se poõe ja ygual *de* my *e* minha senhora lho sofre  
*e* o s / | soporta mas nom ira assi se deos *que* ||32v b||ser . Taes *e* semelhantes som os ha |  
 moestamentos da enueja mas logo | per boõ auisamento *e* justa conscien | çia os lançara  
 atras . Assas dona ou | donzella se tornara assy meesma *e* ã | pensando dira : oo ssandia  
 neiçya de | que es tu triste *e* que te empeeçe a ty | o bem alheo se tu fazes o que deues |

<sup>137</sup> Fr.: “cote” por “corte” (p. 135); Crispim: “corte” (p. 221).

<sup>138</sup> “Ligẽ” por “linhagem”. Fr.: “lignage” (p. 136); Crispim: “linhagem” (p. 222).

2135 *e a ty he feyta razom . E posto que ã | este mundo nom ajas tam perfeyto | gallardom*  
*como alguũ outro . deos | que soo he justo e verdadeiro juyz e / conheçe os corações a*  
*que nenhũa | cousa se pode esconder elle to<sup>139</sup> dara | e em elle soo deues auer tua speran*  
*/ | ça . Ca a escriptura diz maldito he o | homẽ que confia nos homeẽs . E por | tanto se*  
*huũ outro ha bẽ em este mũ | do que nom he senom huũ trespas / | so dos beẽs da fortuna*  
 2140 *mays que ty | nom deues por isso murmurar nem | auer tristeza . E queres tu defender |*  
*aos senhores e prinçepes que nom | façom do seu o que lhe prouuer . Se | tua senhora da*  
*do seu a outrem mais | que a ty nenhũ a torto te faz . E desto | da boõ exemplo nosso*  
*senhor no euã | gelho que falla dos obreyros que fo | rom leuados aa vynha dos quaaes |*  
*vespera . E quando veo | ao pagar o ssenhor da vinha deu tã | to ha huũs como aos outros*  
 2145 *de que | os primeyros murmurarom . E ho | senhor respondeo: amigos nom vos | faço*  
*eniuria : ante vos pago segun / | do commigo com estes se a estes que | ro dar tanto como*  
*a vos nom vos de | uees de queyxar . nem teendes raãõ<sup>140</sup> . | Nem ysso meesmo has tu*  
*causa de | te agrauar se tua senhora da o sseu | como lhe praz . E pode muy beem ||33r*  
*a|| ser *que* tu nom conheçes tuas fautas | e erros por seeres a ty mesma fauo / | rael e tua*  
 2150 *sẽhora os conheçe bẽ . E | vee outra mays sages e melhor acõ | dicionada que ty : E aynda*  
*que a ty | pareça *que* tu valles mais . Os senho / | res chegam de costume pera sy os *que**  
*/ mais amã . E aquelles que vertuo / | sas sam amã aqueles que conheçem | por milhores*  
*E assy se tu quiseres | esguardar a verdade da tua conçiẽ / | cia e leer sem afeyçam per*  
*teus feytos / tu acharas *que* o mereçes por tal cou / | sa e tal que tu fezeste e taes pallau /*  
 2155 *| ras que tu dyseste em seu desprazer | as quaes ella bem soube do que foy | muyto*  
*queixosa e te ama menos *que* / as outras . E se te lançara fora tu ho | mereçeras bem :*  
*por isso nom as cau | sa de te queixar quando estauas ha | teu prazer . pensauas *que* nenhũa*  
*cou | sa te poderia ãpeçer : ora toma o que | teẽs : E que sabees tu que seruiço tẽ | feito a*  
*deos esta criatura que assi he | ã tal graça posto *que* a ty pareça *que* ella | nõ he digna*  
 2160 *pollo qual elle a *quer* em | este mundo gualardoar per esta vya | nom ouues tu dizer que*  
*os segredos / de deos som muyto cubertos . nem | perteeçe algũ julgar sobre elles por |*  
*cousa que veja posto que lhe pareça | marauilhosa : por esto nom te deues | empachar do*  
*estado d outrem nem | de seu auancamento<sup>141</sup> Pẽsa ã tua al / | ma e de te governar*  
*sagesmente he | fazer sempre bem teu deuer e deos | o conheçera bem E tal senhor he pe*  
 2165 *| ra seruir que he todo boõ e todo po | deroso . E todo outro seruiço he veẽ | to . E esguarda*

<sup>139</sup> “To” por “te”.

<sup>140</sup> “Raãõ” por “razão”.

<sup>141</sup> “Auancamento” por “avançamento”.

bem que posto que a | muitas pessoas empeeçer que nom | façás mal a outrem per enueja  
 por | teu ganho ca te condenaras malla||33r b||mête . põhamos *que* tu o mereçes porque /  
 deos defende as vingãças a elle pe / | diras de todo mal *que* hy pêsaste : nem | cures *que*  
 va diãte quem quyser *e* seja | ã graça quẽ o for . Assi *que* das cousas | erradas tu nõ  
 2170 queiras o pior E com | esto *aquellas* que te uirem assi graçio / | samête soportar as soberbas  
*e* pre / | sunçoões dos outros sem mal fallar | nõ maaõ sembrãte te precará<sup>142</sup> muyto | E  
 se tu quiseres guardar o deryto | caminho ãtre os outros tal como *per* / teeçe te guarda  
*que* tua cõciencia nõ se / | ja agrauada . nõ dees a outrẽ causa | de toruaçõ . porque o  
 pecado se torna / | ra a ti . Estes som os remedeos *que* a se | suda dona . ou dõzella de  
 2175 corte deue | d auer cõtra os aguilhoões *e* põgimẽ | tos da ãueja E deste mao pecado por |  
 mostrar como toda pessoa o deue fo | gir . diz hũ sabedor . Eu nõ sey como | toda criatura  
 razoauel nõ deua lan / | çar fora de si mais *que* todos os outros / o pecado da enueja :  
 porque cõsirando | os outros hi nõ ha algũ *que* em o exer / | citãdo nõ aja deleito : assi  
 como vã | gloria soberba gargãtoyçe luxuria | *e* todos os outros os *quaes* podẽ atraher |  
 2180 a criatura aos amar : posto *que* seja por | *deos*<sup>143</sup> defeso mas este he assi diabolico *que* /  
 aa pessoa *que* delle mais vsa : da mayor | tristeza *e* cuydado *e* menos segurãça | de  
 corraçõ *e* mudamẽto de rostro *e* / | tormẽto *que* passa a alma *e* todos malles | *e* todos  
 desprazeres E ãclina homẽ a | toda braueza E este he o bẽ *que* da ha | seu sãhor este  
 ãfernal viçio . E que os | ãuejosos sejã *para desamar* . Huũ sabe | dor diz *prouuese* a  
 2185 *deos*<sup>144</sup> *que* os ãuejosos ou | uesẽ tã grãdes olhos *que* elles podessẽ | ver toda a bẽ  
 auẽturãça *e* prazer do | mũdo *que* he espargida pellos homeẽs | *pera* seer causa de seu  
 mayor tormẽto . ||33v a|| ¶ Capitulo . vj . O quarto pon | to que o segundo dos dous que |  
 som *pera* esquyuar como as mo | lheres da corte se deuem guar | dar de mal dizer he d  
 onde naçe | *e* de que cousa . | UEnhamos ao segun | do ponto que he ou / | tro viçio de  
 2190 que a do / | na ou donzella de cor | te se deue de gardar . scilicet . | de mal dizer . E porque  
 / mal dizer nom se pode escusar per ra | zõ : por melhor virmos a nossos ter / | mos  
 tocaremos tres cousas d onde co | munalmente vem *e* naçem . E todas | causas som comũas  
 as cortes : hũa | he odio : a segunda openyom *e* a ou / | tra pura enueja as *quaes* som todas  
 | assaz maas *e* a pior he a da enueja : as | todo mal dizer he pecado mortal *e* / | defeso  
 2195 porque he contra dous man | damẽtos *de deos* : huũ que diz faze o | qne queyras que a ty

<sup>142</sup> “Precará” por “preçarão”.

<sup>143</sup> Idem nota 25.

<sup>144</sup> Idem nota 25.

fosse feyto he | outro ama a teu proxemo como a ty | mesmo . E diremos as ensynanças  
 | como as molheres se mylhor pode / | ram guardar . E primeyramente to | caremos sobre  
 ha prymeyra causa | que he odio E sobre esto formaremos / quatro prinçipaes razões  
 per que | homẽ per odio nom deue dizer mal | d outrem posto que delle tenha reçe | byda  
 2200 : enjuria : homẽ nom desama | de mal querença formada . senõ per | causa de enueja  
 reçebida ou magy / | nada seja a torto : ou a dereyto E a | pessoa que he ou se sente  
 enjuriada | loguo he enclynada pello odyo he | maa vontade que | tem a dizer mal da |  
 quelle de que se sente ofendida E co||33v b||mo seja cousa que ameude acontece | na corte  
 que hũa dona ou donzella | sabe que algũs ou pessoa certa lhe | querem empeçer . E  
 2205 trabalham de | dyzer mal della a sua senhora e a seu | senhor e ajnda aos amyguos E de  
 | a poer fora . E vem a seu conheçimẽ / | to como estes lhe querem fazer per / | der seu  
 seruyço e perventura o esta / | do e a honrra segundo o que lhe a ffa | çom : o que bem  
 pode ser sem causa . | E ponhamos que he por causa de / | samara ella a pessoa que esto  
 diz del | la : nem he marauilha se della diz mal | se a pessoa nom he tal que per temor |  
 2210 nom ouse . Porem marauylha se / | ra senom murmurar Ca o coração | lhe doera . E esta  
 he a causa de mal di | zer per odio. E pareceria algũs que | ella he justa : mas sem duuyda  
 nom | he assy . E vedes a razom que o mo / | stra . Deos quer e mãda expressamẽte que /  
 homen ame seu ymmyguo e lhe dee | bem por mar . E que faz contra o mã | dado de deos  
 sy meesmo condepna | e melhor serya de se calar huũ outro | encoueniente lhe vem que  
 2215 he a nossa | segunda razom . scilicet . que ella faz cõtra | sua honrra . E vedes porque :  
 toda | pessoa de gram coração nom dyra | mal de seu ymygo : por nom mostrar | aa  
 gente que se quer vingar per pa / | lauras : a qual vyngança nõ he senã de | gente de fraco  
 coração e de pouco | poder e | de que os sesudos nom vsam | A terçeyra razom he que  
 os que ou / | uem mal dizer alguũ de seu ymmy / | guo nom lho crem ante pensam que | o  
 2220 diz com desamor que lhe ha . E ha | quarta he que a pessoa que ja lhe em / | peço ou  
 pode empeçer sera per hy | mays endignada contra elle quan / | do ouuir o mal que delle  
 diz podera ||34r a|| creçer sua enjuria e tornar em pyor | E menos mal he reçeber huũ mal  
 que / dous . E concluyndo foy bem com / | parada per enxemplo de mal dyzer | o que he  
 escripto de huũ que quis fa | zer guerra ao çeo e tyrou com huũ | arco contra as nuueës .  
 2225 E quando a | frecha tornou ferio na cabeça . E assi | o mal dizer de seus auersairos se tor  
 | nara sobre elles e ferem sua alma e | honrra segundo se mostra per has | quatro razões  
 . | ¶ Capitulo . vij . Como as mo | lheres se deuem guardar de dy | zer mal de sua senhora  
 . | A Segunda causa de | que vẽ mal dyzer he | de opinyom em esta | maneira hũa pessoa  
 | tem sospeyta sobre | outra que he maa e / defeytuosa em algũas cousas ou en | todas

2230 ou *que* nom se guouerna bem . | E esso por esto sem mays saber a ver | dade a qual pella  
 v̄tura he per con | trayro do que elle pensa : dyz della | mal *e* julga por maa com pouca  
 cõ / | syraçom *e* ocasyom a faz pequena . | E em tal caso acontece comunalmẽ | te que  
 muytos por causa de openyõ | sem saber a verdade dyzem mal espe | cyalmente os que  
 2235 destes | mal dizentes . os quaes por soo opy | niõ despreçã alma *e* honrra . E porẽ | em  
 fallando deste viçio diremos ho | grande mal que faz toda pessoa que | desama *e* diz mal  
 d outrem . E em : | specyal daquelle que o criou *e* guo / | uerna *e* com que viue . Mas pero  
 a||34r b||conteçe em muytas cortes que seos | seruidores vem no senhor ou s̄ho | ra alguĩ  
 pequeno synal de qualquer | viçio loguo a openiõ os . carregar de | linguoagẽ dizendo  
 2240 que o que elles | pensam he feyto . E a nosso preposi | to fallãdo aas molheres . posto *que*  
 aos | homẽs bem podesse tocar . Assaz de | molheres de corte ha pello mũdo de |  
 desuayrados estados que se v̄ sua | snõra somẽte fallar baixo a hũa pes | soa hũa soo vez  
 ou duas ou mostrar | alguĩ sinal *desuairado per ygnorãcia* | ou moçidade | s̄ hi | mal  
 p̄sar ou se | ella | *e* leda ou louçã ã seu trazer *que* he cou | sa *que* muitas *persoas* am *per*  
 2245 natureza porẽ | mais hũas *que* outras logo som *prestes* | a mal julgar nõ soomẽte em este  
 ca / | so mas ã todos outros de *que* per peque | na ocasiõ muitas vezes tomã maas |  
 openioões *de* sua s̄hora *e per* seu mao | juyzo do menos fazẽ pior Ca por el | la ser sua  
 s̄hora *e* elles criados *e go* | uernados de seus beẽs elles lhe de / | uem obedecer *e* seruy la  
 com os gio | lhos em terra . E posto que o assi fa / | çõ nõ leyxõ de dizer mal hũs aos ou |  
 2250 tros ã seos secretos cõselhos . E estes | s̄o taes como a ovelha sarnosa que | parte sua  
 peçõha cõ as outras E bẽ | se guardam de sua senhora o nom | sayba . Ca de oos outros  
 ouuyrem | nom fazem conta . E d alguĩas cou / | sas que elles meesmos lhe louuam | *e*  
 conselham andam escarneçendo | em outra parte *e* juntam mays do | que hy ha mas a  
 nosso preposito as | donas ou donzellas da corte que o | assy fazem pecã grauemẽte por  
 2255 çin / | quo prinçipaes razoões . A prymey | ra porque tanto como a senhora he | mays  
 grande . sua honra ou deson | rra . E mays nomeada pello mundo ||34v a|| E por isso faz  
 pyor qnem<sup>145</sup> a desama . | porque sua desamaçom pode voar | a muytas partes . A segunda  
 porque / fazem treyçõ aaquelle a que mostrã | boõ semblante *e* obediẽcia . A terçei | ra  
 fazem contra seu juramento que | he guardarem sempre sua honrra ã | todo . A quarta  
 2260 que dam mal por . bẽ | aaquelle de que som mantheudos *e* / criados *e* am seu estado . A  
 quinta *que* / julgom outrem o que he contra ho | mandamento de deos *que* diz nom iul /

---

<sup>145</sup> “Qnem” por “quem”.

| gues *e* nã seras julgado . E ponha / | mos ora *que* ellas soubessẽ de suas mo | lheres o  
*que* dizem E *que* ella fosse maa | *e* peruersa creatura . E elle de onesti | dade a nom de vera  
 desamar ãtre sy | nã ã outra parte . Ca nãhũas pallau | ras podem seer ditas entanto segre  
 2265 | do que alhur nã sejam reportadas . | E ellas som theudas guardar sua | honrra *e* cobrir  
 sua vergonha se ha | outrẽ ouue della fallar . E os que ho | contrairo fazem si mesmos  
 desõrrã | *e* a gente os deue menosprecar<sup>146</sup> . Ca | se tu dizes eu vejo de *que* dizer mal o |  
 seruyço nom he boõ . E nos te res / | pondemos *que* te deues yr se te praz E | se perventura  
 te cõuem estar *e* nom | podes partir sem grãde *perjuyzo* teu . | Cala te *e* faze sembrante  
 2270 *que* nã vees | nada : nem entendes poys en ty nã | he poder mas faze bẽ *e* lealmẽte o *que*  
 / a ty perteeçe *e* do mays nom cures . | rogua a deos *que* a queyra emmen / | dar *e* lhe de  
 conheçymento . E sse ou | ues os outros fallar bayxa as ore / | lhas *e* cala te . Desto seras  
 tu mays | louuado : *que* do al *que* ja disemos . Cer / | to todo vay d outra guysa : ca deos  
 sa | be *que* muytos fallam de suas sãho | ras *que* o fazem mays com despey / | to porque  
 2275 as nom chamom aos se||34v b||gredos *e* per enueja *que* com outra | vertude . Mas todavia  
 a boa dona | ou donzella amara o bem *e* a hõrra | de sua senhora E quando a uyr cair |  
 em peryguo desonrra *e* nom lho ou | sar de dizer ella se yra ao confessor *e* / | lhe dira en  
 segredo o *que* della di[†]o | peryguo em *que* se ella mete *e* o mal | *que* lhe pode acontecer  
*e* rogara ha | deos por ella . | ¶ Capitulo . viij . Como | nom perteeçe a molheres | de bem  
 2280 desamarem nã di | zer mal huãas das ou | tras . | E Com isto as molhe / | res de corte se  
 deuem | guardar de dizer mal | huãas das outras tan | [t]o pollo pecado *e* cau | sas *que* jaa  
 assynamos / como porque *aquelle que* desama mere / | çẽ ser desamado Ca nom he duuida  
 | *que* ha *persoa que* sabe *que* alguũ dyz mal | *delle que* nã aja võtade *de* o dizer *delle* ao  
 | menos pollo toruar nã alguũ tã justo | *que* possa dizer nã temo . E *que* pode / | ram dyzer  
 2285 de my : Eu me sento lim / | po *e* por ysso posso fallar dos outros / seguramente . Mas esto  
 he sandya | mente pensando daquelles *que* ho | assy dyzem : porque em toda parte | ha  
*que* dyzer segundo testemunha | a escriptura *que* nenhuũ vyue sem | pecado . E se tu  
 nom as huũ vyçyo | has outro *peruentura* pyor : ou dous | ou tres se tu leesses bem em  
 tua | conçyençya tu acharyas assaz *que* | dizer . Ca se teu pecado he cuberto | ao mundo  
 2290 nom ho he a deos escon||35r a||dido E elle soo conheçe o bom pelle | grim E cõ esto he  
 grã verngõha quã | do pella vila *e* nas praças *e* lugares | publicos se diz as donas ou donzel  
 | las da corte dizem mal huãas das ou | tras . E eu ouuy dizer a foão tal cou | sa d outra sua  
 cõpaneira porque a cor | te da prinçesa deue ser tal como hũa | abadia bem ordenada onde  
 as mon | jas jurõ de nã dizer fora cousa *que* | antre ellas aconteça nem seus segre | dos .

<sup>146</sup> “Menosprecar” por “menos preçar”; “menosprezar”.

2295 Assi se deuem soportar *e* amar | huñas as outras como jrmaãs . mo / | lheres de corte nõ  
 deuem auer deba | tes hñas cõ as outras nas camaras | de suas senhoras nem em outra par  
 | te . porque taes cousas estam mal em | casa de prinçesa nem lho deuiam so / | frer . Nos  
 dyssemos que a terceyra | cousa *que* faz mal dizer he enueya E *que* / esta he a que mais  
 se deue escusar . E | *que* mais longe he dereyto *e* razõ . Ca | se o que tem odio diz mal  
 2300 daquelle *que* / lho fez he natural razom *que* cada hñ | se doya de sua feryda E sse *deos* o  
 nõ | defendesse se polla razom sobredy / | ta segũdo dereito sēsual seria cousa . | justo<sup>147</sup>  
 E esso mesmo o *que* mal [d]iz por o | peniõ se pode algũa cousa fũdar so | bre collor ou  
 cousa *que* lhe pareça mas | quem diz mal per enueja nom tem | outra razom senom  
 maldade que a | uonda ã seu coraçom . E por ysso he | mais dapnoso ao que o diz *e* mays  
 2305 | perigoso aaquelle de *que* he dito *que* to / | do outro mal dizer . Ca nõca morde | dura de  
 serpeente nem golpe de | espada : nem outra puntura foy tam | peconhenta<sup>148</sup> nem assy  
 periguosa co / | mo a lingua da pessoa enuejosa Ca | ella fere *e* mata ameude sy *e* outrẽ *e*  
 / alguñas vezes a alma *e* o corpo E se | nos hy quisermos esguardar . bom ||35r b|| senhor  
 deos quantos regnos he co | marcas *e* quantos boas pessoas fo | rom destruidas per maldizer  
 2310 cujo fũ | damẽto era ãueya muytos acharia / | mos os *quaes* leixo por breueza *que* seja |  
 verdade que o mal dizer de enuejoso | venha de pura malicia sem outra o | casion . bem  
 se mostra . Em que mere | çeo *aquelle* que he bom *e* que ha muy / | tos beãs de graça *e* de  
 fortuna que | digam mal delle *e* que lho busquem | se as cousas lhe vem bẽ . ou se he bẽ  
 | auenturado : este maldizer nom vem | dereito . nem ha fũdamento de razõ | por ysto  
 2315 concludimos que vem de | pura maldade . E por ysto he mays | cõdepnada a parte da  
 enueja E esta | abaste quanto aa ensinança das do | nas *e* donzellas da corte . | ¶ Capitulo  
 . ix . Do que | perteeçe saber aas baro | nesas . HOra nos conuem fala | r aas donas *e* dõ /  
 | zellas que morom ã | suas terras vylas *e* / castellos *e* aldeas . | E seremos auysa / | das  
 de dizer o que lhes he necessario | E porque seus estados *e* vidas som | deferentes nos  
 2320 conuem fallar em [[de]] | deferença . scilicet . do estada<sup>149</sup> ordem *e* ma / | neira de seu  
 viuer Mas quanto aos | costumes *e* bem fazer açerca *de* deos | todo o que dito he perteeçe  
 ha ellas | assi como as prinçesas *e* donas *e* dõ | zellas de corte . Esto he vsar as ver / | tudes  
*e* fugir aos vycios . o que bem | poderam ver se lhe praz . E porque | moram em  
 desuayrados senhorios ||35v a|| muytas poderosas senhoras : assy | como baronesas *e*

<sup>147</sup> “Justo” por “justa”.

<sup>148</sup> “Peconhenta” por “peçonhenta”.

<sup>149</sup> “Estada” por “estado”.

2325 outras que tem | grandes terras ainda que nom sejã | chamadas prynçasas . o qual nome  
 | nõ perteeça senõ a emperatryzes e | [[e]] rainhas e duquesas senõ som al / | gũas que  
 som casadas cõ aqueelles | que per causa de suas terras som cha | mados prinçepes : assi  
 como ã ytalia | e em outras partes E ajnda que as | condessas em toda parte nõ sejam |  
 nomeadas prynçasas porque ellas | seguem o renque das duquesas se / | gundo a  
 2330 denidade<sup>150</sup> das terras enten | demos ã ellas o nome de prynçasas | E a primeiramente  
 fallaremos aqui | aas baronesas de que assaz ha ã frã / | ça e em bretanha e em outras par  
 / | tes *que* passam em hõrra e poder muy | tas condessas ajnda que o nome nõ | seja tam  
 grãde . Mas muyto he grã | de o poder d algũs baroões por cau | sa de terra d onde as  
 molheres tomã | o estado . E fallando aquellas o que | aa sua guouernança perteeçe . Em  
 2335 | speçial lhe cõuem *que* seja sages e pru | dente mays *que* outras molheres . E | cõuen nos  
 deuisar quãto se entende | ra seu saber . Primeiramente que el / | la entẽda todas as cousas  
 . Ca dyz a | filosofia aquelle nõ he sages que | parte de cada huã cousa nom sabe | E  
 cõuẽ lhe que aja coraçom de homẽ | . scilicet . que ella nom seja criada em came | ras  
 nem em viços femeninos hora | fallemos das cousas que nos mouẽ | A todo barom que  
 2340 ama honrra per | teeçe o menos do tempo estar ã suas | terras . porque seguyr armas e  
 fazer | viagens he seu dereyto officio . hora | fica a senhora com sua companhia | a qual  
 deue ter sua representaçom a | çerca de seus juyzes e reçebedores e ||35v b|| guouernadores  
 E deue se gouernar | per tal maneyra que seja de todos a | mada e temyda . Ca nõ ha hy  
 temor | proueytoso senõ o que he fundado | em amor segundo ja dissemos e que | seus  
 2345 homeẽs possam socorer a ella | depois de seu senhor posto *que* lhe fã / | çom alguũ torto  
 . E por esto he razõ / | que ella sayba muyto pera dar repo | sta a todos segundo conuem  
 E say / | ba bem as vsanças e ordenações | de sua terra tenha grande coraçõ he | boa  
 linguoajem co descripçõ cõtra | aquelles que a quyserem desprezar | ou lhe forem reueẽs  
 . E doçe e humil | dosa . aos seus obedientes obrando | per acordo do cõselho de seu  
 2350 senhor | ã todos seus feitos : ouuindo as op | enioõe[s] dos antiguos por nõ seer re / |  
 prẽdida de cousa *que* faça . nem lhe po / | sam dizer *que* ella obra de sua cabeça : Nos  
 auemos dyto *que* ella deue auer | coraçom de homẽ esto he que ella de | ue saber dereyts  
 d armas e todas | cousas *que* lhes perteeçem afim *que* seja | prestes de dar seus  
 liuramentos he | saiba . E yssso mesmo pera defender | e combater se mester for . E sse  
 2355 o caso | se ofereçe prouer suas fortallezas e / | guarnece lhas se tem algũa duuyda | ou  
 antes que lhe venha . E ensaye | sua gente pera saber seus corações | ante que muyto se  
 fye em elles E es | guardar bem o poder de gente que | tem e os socorros que espera E

<sup>150</sup> “Denidade” por “devidade”.

que | se faça bem çerta *e* nom se fye ã vaãs | promesas . | E pense bem como pode | ra  
 ysto acabar ante que seu senhor | venha . E guardesse ho mays que | poder de fazer  
 2360 agrauos a sua gen / | te . Ca esta he a cousa per que mays | asinha podera auer seu desamor  
 dy | gua *e* mande . executar as cousas *que* ||36r a|| forem detremynadas<sup>151</sup> em seu conse /  
 | lho . E per suas boas *e* afoutas pal | lauras de esforço a sua gête d armas | *e* a seus homeês  
 como sejam boôs *e* / leaaes . Esta maneyra deue teer a sa | ges baronesa nom sendo seu  
 mary / | do na terra se lhe elle ha cometydo | seu carreguo . Se acõteçe que alguũ | outro  
 2365 baroõ ou pessoa *poderosa* lhe | queyra fazer alguũ desprazer . aquy | som necessaryas as  
 maneyras que | deuisamos no capitulo das prinçe / | sas veuuas : as quaes cousas lhe sã |  
 proueitosas de saber . E sayba mais | o feyto da gouernança que esta veu | ua tinha viuêdo  
 seu marydo afym | que quando for no caso nom seja a | chada symplez porque das veuuas  
 | cada huũ quer leuar seu pedaço . | ¶ Capitulo . x . Como se deuem | guouernar as  
 2370 senhoras que mo | ram em suas casas *e* se guouer | nam per suas fazendas . | OUtra  
 maneyra de vyuer *per* / teeçe aas simplezes donas | *e* donzellas que morã em | suas terras  
 fora das boas | villas : Mas porque assy como aos | baroões conuem aos caualleyros | *e*  
 gentijs homeês vyagarem<sup>152</sup> *e* se / | guyrem as guerras . Conninhaul<sup>153</sup> | cousa he a ssuas  
 molheres de serẽ sa | ges *e* de boa guouernança *e* que | andem claras em seus feytos : por  
 2375 | que ho mays do tempo ellas ficam | em suas fazendas sem seus mary / | dos que som na  
 corte : ou em outra | partes . Assy conuem que ellas te / | nham bom cuydado de guouernar  
 ||36r b|| he fazer creçer suas rendas *e* seus | moueês . E perteeçe ha cada huũa | molher  
 de tal estado : se ella quer hu | sar de siso que sayba quanto monta | *e* val por anno sua  
 renda . E deue fa | zer se ella *pode e* cõselhar seu marido | per boas *e* doçes pallauras que  
 2380 sua | despesa nom seja mayor quãto po / | de abastar sua renda E nom tal que | em fym  
 do anno se achem emdeuy / | dados de seus lauradores *e* daquelles | que lhe emprestam .  
 E sem duuyda | nom he vergonha teer estado qual | *quer* pessoa *que* seja mas he dano *de*  
 o teer | tal *e* tã grãde *perque* os deuedores vêhã | cada dia bradar a sua casa he leuar | os  
 penhores alguãas vezes . ou que | conuêha per neçessidade que homẽ | agraua sua gente  
 2385 ou seus fyadores | ou uenda sua terra . E conuem a tal | dona ou donzella que ella entenda  
 | os dereytos das rendas *e* trebutos | *e* de todas as outras maneyras que | somem dereyto  
 de senhorya segun / | do o custume de desuayradas comar | cas de guisa que ella nom

<sup>151</sup> “Detremynadas” por “determinadas”.

<sup>152</sup> “Vyagarem” por “viajarem”.

<sup>153</sup> “Conninhaul” por “conuinhaul”.

possa seer | enganada E porque os guouerna | dores de terras e jurdições<sup>154</sup> de boa |  
 mente enguano quem podem ella | se deue guardar . E nom aja por ver | gonha de fallar  
 2390 com elles . E apren | der como se guouerna contra sua gẽ | te de maneyra que os nom  
 enganẽ | nem lhes façom sem razom . Ca se / | ria carreguo de seu marydo . E aos |  
 pobres deue seer mais piadosa que | ryguorosa por amor de deos . E cõ | esto lhe compre  
 que seja boa casey / | ra e conheça de laura e em qual tem | po se deue de dar a ssemente  
 aa terra | E segundo he humyda : ou seca que / assy seja laurada [:] alto . ou bayxo . E |  
 2395 esso meesmo conheça o lauramento ||36v a|| das vinhas se as na terra . E trava / | lhe d  
 auer boõs mestres de tal me / | ster e nom tome daquelles que an / | dam de terra em terra  
 cambando se | nhores nem homeês velhos . Ca sã | pre som fracos e preguyçosos . nem |  
 muyto moços que sempre som fogue | tadores . E faça os aleuantar bem çe | do nem se  
 tenha a outrem se ella he | boa caseyra . Mas ella meesma se le | uante e chame suas  
 2400 molheres e per | ellas mande chamar sua gente . E | va ameude folguar e ver como elles  
 | trabalhom . Ca muytos ha hy que | de boa vontade rascam<sup>155</sup> ha terra per | cyma por se  
 mays çedo despacharẽ | quando pensam que os nom veem . | E que bem dormem aa  
 sombra de | huua aruor e leyxam os cauallõs : | ou boys com que lauram . nem que / |  
 rem al senom dizerem aa noyte que | vençerom seu jornal . E quando os | triguos forem  
 2405 açerca maduros del / | lo mes de mayo por diante nom ha | tendera mays polla  
 carrezados<sup>156</sup> ho | breyros : mas loguo os dara d em / | preytada a boõs homeês seguros e  
 / delygentes a dinheiro ou a pam . E | quando vier ao tempo do seguar se | ra auysada  
 que elles nom leyxem al | gũa cousa tras si : ou façam alguã | outra falsidade . E  
 leuantasse çedo | como ja disse ca onde a senhora dor / | me muytos menhaam a penas he  
 2410 | a fazenda bem proueuda . E quem se | çedo leuante sempre achã que man / | dar . Tenha  
 cuydado de suas bestas | e mande as lançar fora a tempo razoa | do assi ouelhas como  
 quaesquer ou | tras . E aja bom ouelheyro que se | contente do officio que d outra guy |  
 sa muytas matam em despeyto de | sua senhora . [[.]] E que sejam lympas ||36v b|| como  
 perteeçe e guardadas do grãde / sol e de muyta chuyua . E sabe llas | curar da sarna E  
 2415 ella meesma yra ao | cural veer como as ordenham E assi | fara seu ouelheiro mays  
 solycita E | fallas ha bem pensar quando<sup>157</sup> pa / | rem e curar bem os cordeyros . Ca |  
 muyto ameude morrem per migua | de penso : seja presente ao tempo do | trosquyar : ho

<sup>154</sup> “Jurdições” por “juridições”.

<sup>155</sup> “Rascam” por “riscam”.

<sup>156</sup> “Carrezados” por “carregados”.

<sup>157</sup> “Quando” por “quando”.

qual seja em tempo *e / sazõ* . Em suas *quintãs que* auera muitas | *per* sua terra auera  
 grãdes prados *e her* | uageẽs Teera muitas vacas *e boes* | *e muitos* aueẽs<sup>158</sup> os *quaes*  
 2420 mãdara ãgor | dar d onde auera muyto dinheyro . | se teuer matas sera auysada que nõ<sup>159</sup>  
 | veraão faça cortar muyta lenha assi | pera sua prouisam como per aueer | dinhiro<sup>160</sup> . E  
 fara trabalhar sua gente | de guysa que nunca sejam ouci / | osos . Ca nom ha cousa que  
 tanto | gaste como gẽte que nom trabalha | E esso mesmo ocupara suas molhe | res em  
 fazer de comer aos que tra / | balhom *e guardam* has eruas : E | ella *e* suas filhas *e donzellas*  
 2425 esco / | lheram a boa laam *e ha* partaram | os collos *e a fyna* a sua parte pera | fazer os  
 boõs pãnos *pera sy e pera* seu | marido *e pera* vêder se mester for *e ha* | mays grossa pera  
 outro<sup>161</sup> gente *e pe /* | ra fazer cobertores *e mantas* . To / | das estas cousas he outras  
 semelhã | tes que seryam longnas<sup>162</sup> de dyzer | som neçessaryas aa fazenda . E ha | quella  
 que mays he delygente mais | faz de seu proueyto . E deue ser muy | louuado . E de ter  
 2430 tal maneyra a ssa / | ges senhora lhe da muytas vezes | proueyto tâto como sua rãda assi  
 co | mo soya de fazer ha condessa deu | madre do conde que morreo em vn / | gria . Ca  
 ella nõ auia vergonha de ||37r a|| se poer a todo honesto trabalho de | fazenda tanto que  
 mays valhia por | ano o proueito de seu trabalho : que | a [[r]]renda de sua terra . E de tal  
 mo / | lher se pode bẽ dizer o louuor da epi / | stolla de sallamom que se diz da sa / | ges  
 2435 molher . | ¶ Capytulo . xj . Aquy | falla daquellas que som | desordenadas em seu ve |  
 styr *e toucados* . | E Porque nos auemos / tocado no capytulo | ante deste que as do / |  
 nas *e donzellas* que | moram fora em seus | luguares : deuem auisar : *e cõselhar* | seus  
 maridos acerca de seu estado *que /* nom seja mayor do que sua rãda po | de furnir . nos  
 parece bẽ de mostrar | aaquellas que sagesmente querem | viuer : *e seguir* nossa doutrina  
 2440 que el | las se guardem de sobegidoões *e so* | beruas que alguãs fazem speçial / | mente  
 em duas cousas nascidas de | soberua que anda antre as mais del | las ainda *que* alhur seja  
 assaz comuã | aquy toca a nosso preposito . E *aquel /* | les viçios se lhe podẽ tornar em  
 grã | de perjuyzo de suas almas : nõ som | boas nõ fremosos aos corpos . Huũ | he  
 soberuosos vestydos *e toucados* . | Outro cuydado de hyr huã dyan / | te da outra quando  
 2445 som ã alguũ ajũ | tamento . E quanto he aos vestidos | *e toucados* nom he duuida que

<sup>158</sup> “Muitos aueẽs” por “muitas aves”.

<sup>159</sup> “Nõ” por “no”.

<sup>160</sup> “Dinhiro” por “dinheiro”.

<sup>161</sup> “Outro” por “outra”.

<sup>162</sup> “Longnas” por “longuas”, “longas”.

aquel / | las que se em elles muyto deleytam ||37r b|| erram . Ca certo he que pollos boos |  
 e antigos costumes as duquesas nõ | ousauam trazer vestidos nem touca | dos de raynhas  
 nem as condessas | os das duquesas nem as symplezes | senhoras os das condessas : nem  
 as | dõzellas os das senhoras . E ao pre | sente hy nom ha regra em vestydos | nem  
 2450 touçados<sup>163</sup> se nom cada huũ co / | mo mais pode seja homẽ ou molher | aquello lhe parece  
 melhor . E como | as ouelhas seguem huũa a outra se | alguũ homẽ ou molher faz alguũa  
 | desordenança soberuosa em | vestido | ou toucado logo as outras o sseguẽ | Ca huũ  
 soberuo ha de seguir ho ou / | tro mays se a mayor parte da gente | fosse temperada e de  
 boõ saber e nõ | seguysssem huũ ho outro nas sober / | uas o primeiro que a começasse  
 2455 seria | menos preçado e fycaria soo cõ sua | sandiçe . E ssem duuida eu nom sey que /  
 prazer este he nem pode vjir senom | de mingua de syso que assi cega has | criaturas em  
 taaes soberuas de ve / | stidos e corregimentos de que nom | som mays honrrados  
 daquelles que / alguũa cousa sabem e entendẽ . Ca | nom ha hy tal escarnho como veer |  
 grande estado a quem nom perteeçe | nem o pode manteer . E o tempo he | hora vijndo  
 2460 que homẽ nom vee ou / | tra cousa E sse em taaes gentes ha | proueza secreta que os  
 morde de dẽ / | tro homeẽ deue auer doo delles . Ca | muytos som lançados a perdyçom |  
 per taaes soberuas hos quaaes se | ryam a sseu prazer se quysessem vy / | uer temperados  
 . E a mayor vergo / | nha destes he as muytas dyuydas | de que som carreguados has quaes  
 | vergõhosamente sã muytas | vezes | executadas . E deos sabe se lhe custa ||37v a|| o  
 2465 dobro . Esto dizemos por aquelles | que o fazẽ cuidãdo per ally soberuar | seus vezinhos  
 . E todo vem d avon / | dança de soberua que ao presente re | gna mais do que nunca  
 regnou por | que a nehuũ abasta seu estado ante | todos querẽ parecer reys . E sera |  
 marauilha se deos nom pune tal so / | berua . Ca nom he razõ de se sofrer . | E nõ he  
 grande soberua e cousa so | beja o que est outro dia contaua huũ | alfayate de paris : que  
 2470 elle fezera pe / | ra huã molher simplez huã cota on | de metera cinco allas de paris de / |  
 pano de laão de burcellas de gran / | de forte e arrastaua por terra bẽ tres | quartos . E as  
 mangas chegauam | aos pees . E segundo tal roupa bem | conuem toucado custoso . asaz  
 he de | seeo<sup>164</sup> quem oolhar e claramente ho | meo he o mylhor mays onesto . Esto | he  
 quanto aas molheres de frança : | porque nas outras terras cõmunal | mête se teẽ aos  
 2475 costumes antiguos e / nõ mudã traios cada ãno creçẽdo sã | pre ã soberua . E ainda me  
 parece que / os traios de ytalia sã mais de / preçar espeçialmente d algũs lugares quan  
 | to ao custo porque ainda que sejam | de gram vista cubertos de pedras e / d alyofar e d

<sup>163</sup> “Touçados” por “toucados”.

<sup>164</sup> “Deseo” por “desejo”.

ouro nom he a despesa | tam grande porque he cousa *que* du / | ra *e* se pode poer ã outra  
 . E esso mes | mo dos toucados sã os seus mays | *fermosos* . Ca nõ ha no mũdo melhor |  
 2480 arreo de cabeça que boos cabellos | louros . E assy o testemunham muy | tos em espeçial  
 sam paulo que dyz que os cabellos he dreyto toucado | de molheres . | ¶ Capitulo . xij .  
 Cõtra a ssober | ua d alguũas . ||37v b|| A Soberua destes tra | yos : segue outra *que* / a  
 deos muito *despraz* | E esto he *despreço que* / fazẽ hũas as outras | *quando* som ã vodas  
 | ou ã cõpanhias algũas ajũtadas por | yr hũa ante a outra . E *deos* sabe as en | uejas *que*  
 2485 por esta causa se leuãtã *e* os o | dyos . E leyxam fazer gasalhado | hũas aas outras *e* d auer  
 suas amy / | zades pensando dizer assi se me eu | chegar *aquella* cõuira *que* eu a leixe yr  
 di | ante *e que* este *primeiro que* eu o *que* meu | co | raçõ nõ poderia sofrer por yso nõ ire  
 | ã sua cõpõhia . E por esta causa se fa | zem tam estranhas huũas as ou / | tras que se  
 oolhom per cima dos om | bros como se disese *aquella* nom val | nada Estes iogos sabem  
 2490 fazer ã pa | ris ã *qualquer* lugar onde se ellas jũtã | Mas *que* seus maridos sejam alguũ |  
 pouco mõtados ã offiçio *del rey* . Mas | o *que* pior he de taes molheres *que* o fa / | zem  
 na ygreja de *deos que* he luguar *que per* / speçialidade deue seer guardado de | todo  
 pecado que he mais graue *quan* / | do alli he cometido : ou pensado *que* / em outra parte  
 porque he casa de / | dicada a seruico de deos *e* oraçõ se / | gũdo elle mesmo testemũha  
 2495 no euã / | gelho . E ysso mesmo fazẽ quãdo hã | de hir a oferta tanta soberua *e* muy | to  
 mays . E este he huũ se o costume | mãtheudo ã picardia *e* ã bretanha tã | to que se vajo<sup>165</sup>  
 tomaren se aas mãos | *e* se dizerem pallauras soberbosas | dentro na ygreja . E ysso  
 mesmo ao | tomar da paz . E he peor que os mal | auenturados marydos d algũas hy | ha  
 as criã *e* governã ã esta sandiçe | E sse ellas o nõ seguẽ *e* vsã *queyxo* se cõ | ellas : como  
 2500 se errasẽ : dizẽdo eu som | mais fidalgo *que* *aquella* mĩha molher *de*||38r a||ue de hyr  
 diante da sua . E o outro | diz eu soã mays ryco ou tenho my / | lhor offiçio : *e* som de  
 mayor estado | nom sofrerey que sua molher tome | a honrra diante da minha . E muy |  
 tas vezes acontece que por esta cau / | sa os sandeus se combatem huũs cõ | os outros . Oo  
 deos *e* que mingoa *de* / syso . E ssem duuida antre os *christaos* | nom se deueriam sofrer  
 2505 taas sober / | uas . E os clerigos *e* aquelles que tẽ | as curas : *e* os bispos / | fezessem em  
 speçial nas ygrejas . E | melhor seria *que* taaes molheres este / | uessem em suas casas  
 que yr a ygre / | ja pera fazer taaes soberuas . E os | clerigos que com taaes pompas as |  
 vem chegar ao altar per sembrante | deste ofereçer a deos *e* se ofereçem | a prinçepe do  
 inferno *que* he senhor *de* / soberua se deueriam yr nom atẽder | sua oferenda *e* ysso

<sup>165</sup> “Vajo” por “veja”, “vê”. Fr.: “on a veu” (p. 161).

2510 meesmo da paz | a qual lhe deueriam poer em huũ *pre // go e* ally fossem beyjar cada  
 hũa co | mo podesse . E ssem duuyda estas de | *que* nos fallamos beijam a tauoa mas |  
 nom a paz : ante beyjam *e* abraçam | discordia *e* guerra poys o sseu cora / | çom he  
 leuantado per arreigada so | berua E este he maa costume de sse | assy despreçar a paz  
 na missa o *que* a muj | tos faz toruaçom . E que vallẽ taaes | cerimonias . Ca pois ella  
 2515 senefica a | juntamento *e* vniom de paz que de | ue seer antre os *christaaos* assy perteçe |  
 ella aos pequenos como aos gran / | des . E as cousas que som de deos a | quelle a que  
 primeiro veem as deue | filhar *e* nom as recusar . E a dizer | verdade taaes costumes som  
 repro / | uados antre os *christaaos* : mas porque ||38r b|| nom abasta dizer a enfermidade  
 se | non diz o remedio da cura Sem du | uida por tirar os inchaços de tal so / | berua : bem  
 2520 seria caridade *e* prouey / | to das almas de muytos que os by / | spos se trabalhassem de  
 tyrar estes | seos costumes escomungado depo | ys da defesa todos aquelles que ho |  
 manteuessem . E fallando aas cria / | turas que per presunçom se leuantã | em taaes  
 pompas : certo grande san | diçe lho conselha . Porque se tu ho | mẽ ou molher quiseres  
 consijrar a | miseria de teu começo *e* õde estas : *e /* õde has de hir nõ aueras causa de ã |  
 2525 soberueçer . E sse quiseres dizer *que* esto | faz fidalguya *e* gẽtilleza *que* te moue | a  
 desejar estas hõrras nos te fazemos / saber *que* nõ ha hy nobreza senõ *virtu* | des : *e* boõs  
 costumes *e* se tu *delles* nõ | husas nõ hes gẽtil homẽ E sse cuidas | *que* sã elles o hes  
 openiõ sãdia te ãga / | na . E assi o testemũhã os *sanctos* dou / | tores *que* a este *preposito*  
 fallarõ : dizen / | do *que* *aquelle* nõ he grãde *que* mais alçado | he nos *estados* do mũdo  
 2530 mas o mays | *virtuoso* . E *ssancto* Agostinho no lyuro | das pallauras de *deos* fallãdo a  
 estes | *que* pẽsã seer fidalgos somẽte pello san | gue nõ fazẽdo cõta das *virtudes* . Diz |  
 oo gẽte ãganada *per* cuydado vos vos | deleitaes ã alteza *e* ã seer *auydos* por | grãde *e*  
 trabalhaes de o seer mas so | oes muito desuiados do caminho por | *que* pẽsãdo sobir  
 descẽdees Ca o *primei* | ro õde assẽtaes vosso pee he sober / | ua a *qual* he vil *e* baixa  
 2535 cousa . Mas eu | vos aderẽçarey ao *degrao* *per* onde pode | res sobir se me *quiserdes* creer  
 Este he a | *humildade* *que* he o *primeiro* de si seguir | as outras *virtudes* . E sse *per* alli  
 sobijs | vos seres fidalgos *e* yrees tam alto | como *quiserdes* sem *que* algũa maa for||38v  
 a||tuna vos empeça . Depoys destas | cousas fica a fallar das donas *e* do / | zellas que morã  
 na boas villas *e* cy | dades cercadas : afim *que* ã deferença | de todas possamos dizer  
 2540 *qualquer* cousa | *que* seja em creçimẽto de teu bem *e /* honrra . E he de saber *que* aconteçe  
 | algũas vezes *e* ameude *que* os *fydal* / | gos casam suas fylhas com os ho / | mẽs ricos  
*que* morã nas cidades *e* bo | as villas dos quas<sup>166</sup> huũs som letera | dos outros offiçiaes do

<sup>166</sup> “Quas” por “quais”.

rey ou dos | príncipes outros burgesses e gros / | sos mercadores E cõ aquelles nõ som |  
 as pior casadas se elles o querẽ to / | mar em grado e se openyom as nõ | engana . Mas  
 2545 alguũas vezes acon | teçe algũas que per mingoa de syso | e auondança de soberua que  
 ellas se | nom hã por contetes . reputãdo seus | maridos a uillaños ã cõparaço<sup>167</sup> del / | las  
 que he grãde sandiçe segũdo ja dis | semos porque nehũ he villao senõ quando | faz  
 villania nõ he gẽtil homẽ senõ he | virtuoso e por isso se ellas sã gẽtijs mo | heres<sup>168</sup> o  
 deuẽ mostrar ã boos costumes | e obras virtuosas Ca diz o eclesiasti | co | se tu hes grande  
 2550 e te humildas tã | to creçera mais tua grãdeza e hõrra | E as molheres quãto mais forẽ hu  
 / | mildosas a sseus maridos e lhe gar | darem hõrra e reuerença e aquella fee | que requiere  
 o casamẽto tãto mais creçe / | ra seu boo nome . E ainda que esto per | teça a todas molheres  
 aquella aue / | ra mayor louuor que as outras . E sse | stas nas cõpanhias e ajũtamentos |  
 das outras molheres som achadas | corteses humildosas e humanas ã | seus geytos nom  
 2555 muyto senhoras : | nem de grande seruyço acerca del / | las e a todos doces e benignas e  
 de / muyta honrra e vestidas honesta||38v b||mente sem soberua . Ellas serã boõ | exemplo  
 a todas as outras molhe / | res . E poder se a dizer dellas o que | diz o comuũ prouerbio  
 que de booa | lenha boõ cheyro . | ¶ Capitulo . xij . De como se | ham de gouernar  
 donas de re | lygiom . | PORque nos auemos | fallado aa doutryna | de donas e dõzellas |  
 2560 em o qual nobre esta | do as donas de relly / | giom quaesquer que | ellas sejam por  
 reuereça<sup>169</sup> de deos a que | som dadas e cuias sposas som deuẽ | yr e ainda diante de todas  
 a boõ jui | zo quanto aa honrra por reuerença | de deos seu sposo e da ordem de reli | giom  
 que he antre os estados mais | honrrada . E aafim que nossa dou / | trina seja geeral em  
 todos estados | das molheres : fallaremos ha ellas | tragendo lhe : aa memoria a forma |  
 2565 de seu viuer . A qual nos dizemos e he | verdade que deue seer fundada sobre | tres  
 prinçipaes virtudes : | fallaremos / segundo os ditos de jehũs christo e o te / | stemũho dos  
 sanctos doutores . E deue | mos de entẽder que pero louuor das virtu / | des sã os viçios  
 prasmados . Ca se bom | fezer he bẽ . Segue sse que mal fazer he | mal . E porque he  
 doçe cousa ouuir fal | lar do bẽ e nõ do mal : nos praz por hõ | ra e reuerença da sancta ordẽ  
 2570 ter esta for | ma no perçeeço<sup>170</sup> . E dizemos assi vos senõ / | ras de religiõ aĩda que as  
 lições de vos | sos estatutos e reglas estabelleçidas | per vossos fundadores vollo notẽ

<sup>167</sup> “Cõparaço” por “comparaço”.

<sup>168</sup> “Moheres” por “mulheres”.

<sup>169</sup> “Reuereça” por “reverência”.

<sup>170</sup> “Perçeeço” por “processo”.

assaz | nõ vos despraza de o ouuir outra vez | de nos . Vos amaae as prinçippaaes ||39r a||  
 virtudes *que vos* cõuẽ as *quaes* sã sete spe / | ciaes . A primeira obediẽcia sobre a *qual* |  
 he fũdada toda ordẽ . A ssegũda hu / | mildade . A terceira tẽperança . A quarta | paciẽcia  
 2575 . A quinta deligẽcia . A ssexta | castidade . A sseptima *concordia* ou be | niuolẽcia . E  
 desta nõ ãbargãdo *que* | nosso fallar se aderẽçe a vos outras | religiosas deuẽ se de entẽder  
*que* seme | lhauelmẽte deuẽ hi de dar suas ore / | lhas todas molheres . E filhar cada |  
 huũa o *que* pode tocar a sseu proueito . | E sse algũa goteyra pode cair sobre | os homẽs  
 no a leixẽ *perder* ã terra por | *que* a boa doutrina se pode cõparar ao | boõ *e* leal amigo o  
 2580 *qual quando* nõ pode | ajudar ao *menos* nõ ãpeeçe desta vyr / | tude *de* obediẽcia sobre  
 religiõ he fũ | dada nõ podemos dizer mais louuue | res *que* o *que* a *ssancta* escriptura diz  
 de nos | so *senõ jesus christo* *que* diz *que* elle aprouou | tãto ã sua pessoa *que* foy achado  
 obe / | diẽte ata a morte . E deuesse de entẽ / | der obediẽcia ã tres *principaaes* cou / | sas  
 . scilicet . obedecẽdo a *deos* cõprindo seus | mãdados *e* de sy obedecer aas leys |  
 2585 estabelleçidas : de sy a sseu mayor . E | he assi *que* toda religiosa deue prinçipal | mẽte  
 guardar os mãdados de *deos* : de sy | teer a ley de sua ordẽ . scilicet . os põtõs della | o  
 terceiro obedecer a ssua abadessa ou | *preoressa* quanto ao primeiro cada huũ sa | be *que*  
 todo *aquelle* *que* trespassa os mãda | dos de *deos* peca mortalmẽte . Mas por | *que* ordẽ de  
 religiõ he mais digna *que* | outro estado *e* mais alto grao o Re | ligioso ou religiosa *que*  
 2590 *hy* caae pecca | mais grauemẽte . E hi ha assaz *de* cou | sas das *quaes* huũa he *que* ellas sã  
 acerca | de *deos* ã mayor estado *e* mais *sancto* . E | assi como seria mais feo a huũ cama  
 | reiro del rey de *que* elle fia seu corpo er | rar contra sua pessoa pecaryã ellas ||39r b|| mais  
 grauemẽte de sy porque britariã | seus votos *que* sã seruir a *deos* de toda sua | força . E  
 quẽ peca nõ o sserue ante faz | o cõtrairo . Deuees esto mesmo de es | guardar vos donas d  
 2595 ordem *que* nõ tres | pasees os pontos de vossa regra *que* / grauem ã pecarees . E deuees  
 pẽsar | *que* tal cousa he a uos pecado mortal : | *que* aos seculares nõ he culpa : esto he |  
 desobedecerdes a vossas cõstituções | Cõ esto os mãdados de vossa *superyor* | vos nõ  
 sejã graues pẽsãdo quanto mere | çees ã os cõpirir humildosamẽte . A s | segũda he  
 humildade sã a *qual* auẽdo | todas as outras nõ podees prazer a | *deos* . E quanto esta  
 2600 virtude ãte *deos* he pra | ziuel a *ssancta* scriptura o testimunha : | *que* diz *que* a ssua  
 humildade lhe prouue | mais *que* sua virgindade . E ella mees / | ma o testemũha na sua  
 cãtiga do ma | gnificat onde diz *que* esgardo a humil | dade de sua serua E certamente quẽ  
 | bẽ *quiser* sguardar os lououres desta *que* / | lhe da a *sancta* scriptura seria huũ abis | so sã  
 | fũdo . A terceira virtude he tem | perãça ã a *qual* he cõtheuda abstinẽcia | E a mostrar  
 2605 *que nos* seja necessaria o *que* / / remõs certeficar polas pallauras de | *sancto* Agostinho

no liuros das *sanctas* vir | geês Onde diz *que* tẽperãça he garda | *e* | segurãça do pẽsamẽto  
 do siso *e* de | todo corpo . E he custo de castidade | *e* vezinha da vergõha *e* cõpãhia de |  
 paz *e* d amistãça *e* sepulcro de todo l | *los* viços Origines diz desto mesmo | assi como a  
 beuediçe he fõte *e* nascy | mento de todos viços assi tẽperãça he | madre de todas virtudes  
 2610 . A *quarta* he | paçiência . O quem poderia contar | todos os grandes beês desta virtu / |  
 de mas por todo dizer assy como | se | mostra polla vida de nosso senhor | *que* quis seer  
 o principal autor se podẽ ||39v a|| chamar os paçientes filhos de deos | E por ysso os chama  
 o auãgelho bẽ | auenturados . Ca *pera* elles he ho Re | gno dos çeeos . A quinta virtude  
*que* / *perteeçe* aa rreligiosa he seer solycita : | ou deligẽte . E por mylhor declarar | que  
 2615 lhe seja cõuinhaul sã outra : pro | ua : desta virtude diz sã Jeronimo so | bre o psalteyro :  
 veẽçe a natureza per | virtuosa deligẽçia *porque* os altos be | eês nõ te sejã ãpachados esto  
 he que tu | faças tãto *que* ajas o ssenhorio dos te / | us sentimentos corporaes o *que* podes  
 | fazer cõ deligẽçia . *Porque* a nature / | za pode seer segurada *per* esta virtude | . scilicet  
 . *per* grãde cuydado de gouernar ho | corpo segũdo o espirito as *quaes* cou | sas som  
 2620 neçessarias a boa religiosa . | A sexta virtude castidade a *qual* se con | forma toda  
 honestidade : assi d abito | *e* toucado como de pallauras *e* gey | tos . E esta virtude nos  
 defende se derei | tamẽte a *queremos* mãteer todo vestido | *e* toucado onde aja algũa parte  
 de | mõdanal louçaynha : ãte tẽ | ã onesty / | dade cada huu segũdo sua ordẽ nem | he  
 cousa : tã desonesta como dona de | religiõ ã abito desordenado . Mas a |  
 2625 inda creçe mais o mal *quando* alguõia | *quer* dãçar ou balhar ou jugar jogos | sagraaes ãte  
 os homês . Certo esto | pareçẽ diabos trasfigurados : nõ he | cousa mais fea nem mais  
 auorreçy | uel que vozes *e* pallauras de molhe | res de ordẽ *que* descordã da regla *de* pu |  
 reza *e* honestidade . E *aquellas* que se | achã ã tal estado pensẽ verdadeyra / | mente *que*  
 o jmmigo do inferno he an | tre ellas . Estas cousas sã cõtra casti | dade : as *quaes* por  
 2630 *deos* boas amygas | nõ *queyraes* auer ã *vos* Ca *vos* mesturaes | cõ peçonha por vossa  
 cõdepnãçom : | mais deleitaas *vos* ã *aquella* fremosa vir||39v b||tude de castidade : da  
*qual* diz *sancto* Am | brozio no liuro da virgindade . Ca / | stidade faz do homẽ anjo *porque*  
 quẽ | a guarda he ãjo *e* quẽ a *perde* he diabo | quẽ a *garde* he cidadão *e* burges do |  
 paraíso *desta* diz sã Bernardo *que* assy | como o balsamo tẽ *perpriedade*<sup>171</sup> de gar | dar a  
 2635 carne de corruçõ<sup>172</sup> : assi a castidade / garda a alma de pecado *e* a tẽ ã lym / | peza *e* a  
 cõforma ã odor de boa no / | meada . E por esto se diz da *sancta* mo / | lher judic louuada

<sup>171</sup> “Perpriedade” por “propriedade”.

<sup>172</sup> “Corruçõ” por “corrupçãõ”.

de todo pobo a | *que deos* deu força de homẽ porque amaste | castidade . | A sseptima he  
 concordia | ou beniuolẽcia a *qual* he neçessaria an / | tre vos *e* muito a deues d amarem |  
 vosso cõuẽto como direito lyame de | paz paraaemẽtes ao *que* diz *sancto* Am / | brosiõ no  
 2640 primeiro liuro dos offiçios | beniuolẽcia he madre de todos por | *que* ella ajũta ã tal guisa  
 a gẽte em hũa | *que* elles sã leaaes irmaãos amadores | do bẽ huũs dos outros *e* os faz le  
 / | dos cada huũ do bẽ do outro *e* try / | stres do cõtrairo . E quẽ tiraria a bem | *querẽça* d  
 ãtre tal gẽte : tãto vallaria *que* / lhe tirasse o ssol E diz aida mais be / | gniuolẽcia he assy  
 como hũa fonte | *que* auõda os *que* hã se de begniuolẽçya | he lumyeira que luz assi *e* a  
 2645 outrem | begniuolẽcia jeera paz *e* brita a lã / | çã dos *queyxumes* . E de muitos faz hũa |  
 E a dizer todo ella he de tãto poder | *que* pode sobre a natureza . Por estas | cousas  
 hõrradas amigas deues de | viuer ã verdadeiro *e* leal amor jun / | tas como jrmaãos ã oniõ  
*de* paz . E esto | abaste a ssegunda parte . | ¶ Acabasse a ssegunda parte do pre | sente  
 liuro .  
 2650 ||40r a|| ¶ Começasse a terçeyra parte | deste liuro a qual se aderẽça aas | molheres d estado  
*e* burgesas | das boas villas E como que he | dicto decima pode tocar assy a | hũas molheres  
 como a outras . | E da maneira que as molheres | d estado deuem de teer no feyto | de suas  
 fazendas . | ¶ Capitulo primeyro . | NO começo | desta terçey | ra parte se / | gundo a rro |  
 ta das prin / | çesas *que* vão | primeyro . E desy has | donas *e* dõ | zellas da corte *e* de fora  
 2655 della nos cõ | uem assy como prometemos fallar | das molheres d estado das cidades | *e*  
 villas . scilicet . daquellas que som casa / | das com leterados *e* conselheyros dos | Reys *e*  
 prinçipes ou gouernado / | res de justiça . E ysso mesmo aaquel / | las que som casadas  
 com burgeses | de cidades ou villas que em alguũa | parte som chamados nobres : desy |  
 diremos aos outros estados afym | que cada huũas sentam nossa dou / | trina . E nossa  
 2660 tençam he segundo *que* | a tocamos algũas vezes que todo o | que se diz a huũas assy nas  
 virtudes | como na boa guouernança de viuer | seja a ensinaça *e* aproueito de to / | das .  
 E cada huũa tome aquella par | te que entender que lhe mays pode | aproueitar . E nom  
 façam como al / | guũas sandeus que som muy ledos ||40r b|| na preegaçom quando o  
 preguador | reprende alguũ estado que lhe nom | toca *e* notam bem seus ditos *e* lou / | uam  
 2665 suas pallauras . Mas quando | ouuem aquello que lhes toca bayxã | suas cabeças *e* cerram  
 as orelhas *e* | parecez lhe que lhes fazem torto a | quelles que os reprẽdem nem sguar |  
 dam assi em seus propios feytos co | mo nos alheos E por ysso o ssages | preegador deue  
 pararmentes *que* esta | dos de gẽtes ha em seu sermõ . Este | elle falla bem a huũs assy  
 deue tocar | aos outros por huũs nom teer ã cau | sa de murmurar dos outros . E assy |  
 2670 dizemos nas tres virtudes como ja | dissemos a vos burgesas *e* molhe / | res d estado que

estendaaes as ore / | lhas e paraementes sobre as ensinã | ças que vos podem perteeçer  
 prinçy | palmente sobre quatro pontos po / | sto que em outra parte sejam tocados |  
 Presoposto que vos sejaaes boas e | deuotas acerca de deos acerca do que | toca a prudência  
 do mundo Huñ dos | quatro he o que perteeçe ao amor que | deuees e fee que sooes  
 2675 teheudas ha | guardar a vossos marydos e como | vos deuees auer cõtra elles O ssegũdo |  
 he como auees de guouernar vossa | fazêda . O terçeyro como vos auees | de vestir . O  
 quarto como vos guar / | dares de prasmio e de infamia . E quan | to ao primeiro que he do  
 amor e fee | que deues a vossos maridos e como | acerca delles vos deuees de guouer | nar  
 sejam velhos ou mãçebos boõs | ou maaos mansos ou brauos leaes | contra vos ou pollo  
 2680 contrairo . E a | fim que nos nom tornamos muitas | vezes ao que ja dissemos vos hij bu |  
 scar o terçeyro capitulo da primeira | parte deste liuro onde assaz auemos ||40v a|| fallado  
 : mas porque melhor nos nem | bre hũa ensinãça tã proueitosa : vo l / | lo *queremos* outra  
 vez trazer aa memo / | ria os tres beês que de bẽ vos gou / | uernardes cõtra elles taes  
 quejandos | elles forẽ e lhe guardardes a fe e le / | aldade que lhe deuees e vos teerdes |  
 2685 sempre cõ elles em paz nos podẽ vjir . | Huñ he mereçimẽto da alma que gua | nhares ã  
 fazêdo vosso deuer . Outro | he grãde hõrra e boo nome neste mũ | do . O terçeyro he que  
 homẽ vee ameu / | de : que posto que alguũs em seu come / | ço sejã asperos a suas  
 molheres e ai | nda sempre . E quando veẽ aa morte sua | cõsciência os reprende e cõsijrã  
 ha | maa vida que lhes derõ as leyxã senho | ras de todos seus beês O segundo | que toca  
 2690 ao feyto da fazenda he que vos | deuees de teer grande cuydado e cõ | boa deligençia  
 aproueytar e cõ mui | ta descriçõ e tẽperãça despender os | beês que vosso marido per seu  
 traba / | lho gaãça e ajunta . Ca o offiçio do | homẽ he buscar os beês e as proui | zoões  
 per suas industrias e traba / | lhos . E as molher<sup>173</sup> os deuẽ ordenar | cõ muyta deligẽçia e  
 despẽder per | honesta descriçom assy qne hy nom | aja escacẽsa vergõçosa nẽ a fraqueza  
 2695 | passe os termos da rezõ nẽ do syso | ca esta soo vaza a bolsa e os thesou . | ros torna ã  
 pobreza . E auer boõ aui | samẽto de como as cousas se gastã : i | e nõ leyxar todo fazer  
 aos officiaes | mas ella mesma traga sempre ho o | lho sobre elles E filhe ameude cõ / | ta  
 das suas cousas . | E a boa proue / | deyra de sua fazenda por guardar a | paz de seu marido  
 : ella deue cõtinaua | damẽte ordenar e mandar seus ser / | uidores que e como sse faça de  
 2700 comer | E quando hy ouuer cõuidados ella ||40v b|| meesma deue hir aa cozinha e orde / |  
 nar a | maneyra em que sejã seruidos | E deue pararmentes que sua casa se | ja lĩpa : e  
 todas as cousas cada hũa | em seu lugar ordenado . Seus filhos | bẽ ensinados posto que

---

<sup>173</sup> “Molher” por “mulheres”.

sejã pequenos | que nõ chorẽ nõ se mostrẽ mimosos | os *quaes* sejã limpamẽte criados *e*  
 go | uernados *e* sejã as amas auisadas | que nõ lance seus panos a enxugar | nas janellas  
 2705 per onde a gente ha de | vjir . E deue rogar *e* pedir a sseu ma | rido que se vista bẽ *e*  
 honestamente : | porque boõ vestydo do marydo he | honrra da molher . E quãdo elle veẽ  
 | pera comer que as mesas *e* copeyra | *e* todo o al seja encaminhado *e* cor / | regido segundo  
 seu estado E sse ella | quer husar de prudẽçia *e* auer gra / | çã de seu marido *e* buscar ainda  
 ho | louuor do mũdo ella lhe deue sempre | fazer boõ gasalhado : porque se acõ / | teçe  
 2710 *que* elle seja triste como muitas ve | zes se faz *e* veemos que desuariados | trabalhos dam  
 aos homeẽs diuer / | sos pẽsamentos : que ella o possa per | sua graça fazer ledõ . Ca nõ  
 he duuy | da *que* quando homẽ veẽ a ssua casa trava / | lhado de cuidados *e* nojos E ha |  
 cha sua molher *que* o reçebe graçiosa | mente : que nõ sinta marauiloso<sup>174</sup> re / | feiçom *e*  
 descanso de seus trabalhos | *e* assi he razõ porque aquelle que bu | sca a uianda *quando* a  
 2715 traz deue seer ao | menos beẽ reçevido nem deue esta | senhora braadar cõ sua gente aa  
 me | sa : mas se hy ha cousa nom bem fey / | ta : ella a deue reprimir depois em | breues  
 pallauras porque a rrefeiçõ | que deue seer fylhada alegremente | dura cousa he | de auer  
 se pollo con / | trayro E sse seu marido he maao *e* | sanhudo ella o deue amãsar per boas  
 ||41r a|| palluaras<sup>175</sup> nõ lhe pregũtar per seos feytos | secretos aa mesa . nõ perãte sua gente  
 2720 | mas a parte ã sua camara . esta sages | molher cõ todo o *que* he dito tera cuy / | dado de  
 se aleuãtar çedo . E depois *que* | teuer ouuida sua missa *e* ditas suas | oras tornara a sua  
 casa *e* mãdara a | sua gẽte aquillo *que* lhe prazera desy co | meçara a fazer algũa boa obra  
 assy | como fiar ou coser E isso mesmo mã | dara fazer a suas molheres . E nõ el | la nõ  
 ellas nõ filhas se as teuer nõ cõ | sintira que estem ouciosas . E cõpra | ra do linho nas  
 2725 feiras . E da lo a a fiar | aas pobres molheres E guardar se a | mujto *que* seu trabalha nõ  
 fique por pa / | gar nõ per força nõ per ãgano porque nõ | poderia tal perueito . yr a seu  
 perueito . | E mãdara fazer lẽço grosso *e* delga | do *e* mãtẽs *e* toalhas . E este he aas | boas  
 molheres huũ prazer natural | ã *que* nõ a mal nõ vilania ãte he onesto | *e* licito E tãto fara  
*que* ella auera de fi | nos lenços delgados *e* mãteẽs *e* to | lbas<sup>176</sup> *e* toda outra obra de linho  
 2730 [[e]] | *e* teera todo bẽ limpo *e* ã boos cheiros | guardado ã seos cofres pera seruyço da |  
 boa gẽte *que* viira a casa de seu marido | de *que* ella sera louuada . Esta *senhora* ã | tal  
 maneyra fara *que* nenhũa cousa ã | sua casa se perca nõ apodreça de *que* as | pobres

<sup>174</sup> “Marauiloso” por “maravilhoso”.

<sup>175</sup> “Palluaras” por “pallauras”.

<sup>176</sup> “Tolbas” por “toalhas”.

criaturas se possã ajudar nẽ | as roupas sejã com esta da traca<sup>177</sup> mas | se ella ama sua alma  
 e a virtude da ca | ridade ella as partira aos migados E | nõ tã soomẽte *desto* fara esmollas  
 2735 mas | da viãda de sua mesa e do vinho *que* el | la bebe dara aos doentes e a seus ve | zinhos  
*que* ouuerẽ necessidade . E esto se | ra feito de bõ coraçõ se ella ouuer de | *que* . E este he  
 o melhor *que* homẽ pode fa / | zer e nõ sera per hi mais pobre . E de | ue bẽ d esguardar a  
 quẽ o faz e *que* seja ||41r b|| feito *per* descripçõ . E cõ esto ella deue | ser cortes e de bõ  
 gasalhado e doce ã | sua lingoagẽ . recebera bẽ os paren / | tes e amigos de seu marido  
 2740 fallara | bẽ a todos e far se a amar a seos vezin | hos e lhes fara cõpanhia e prestara |  
*quando* lhe for mester cõ suas cousas os | seus mesmos que diserẽ mal | ou vila | nia nõ  
 escuitara ante os ameaçara | *de* os lançar fora se senom enmẽdã mas | esto sera cõ tal  
 tẽperãça *que* nom seja | ouuyda de longe assy como fazem al | gũas de pouco saber a que  
 parece *que* | por serẽ perfiosas a seus maridos e | asperas a seus seruidores *que* as aue / |  
 2745 rõ por boas fazendeyras se sempre | bradarem por pouca cousa . Mas | esto nom de nossa  
 doutrina . Ca nos | queremos que todos nossos descy / | pulos sejã sages em seus feytos .  
 E | nenhuũ siso pode ser sem temperan | ça a *qual* nõ demãda malicia nem bra[[ue]] | ueza  
 nem muyto | [f]alar que he cousa | *que* sẽpre esta mal a qualquer molher . | ¶ Capitulo . ij  
 . Como as mo | lheres do estado e burgesas de / | uem seer ordenadas na | onestida | de de  
 2750 seu vestir e tocar e como | se guardaram daquelles que as | querem enganar . | DO  
 tẽrçeyro ponto que / | remos notefficar a vos | outras<sup>178</sup> molheres d esta | do e burgesas de  
 bo / | as vilas e o que toca a | vossos corregimentos : que em elles | nom queraes seer  
 soberbas assi nas | feyçoões como na custa delles E sã | cinco razões speciaaes porque  
 vos | deuees guardar . A primeyra que he ||41v a|| pecado e cousa *que* despraz a deos to /  
 2755 | mar homẽ grã cuydado no corrigi / | mẽto de seu corpo . A segũda he que | por estas  
 auãtageẽs homẽ nom he | mais prezado segũdo em outra par | te dysemos . A terçeyra he  
*que* esto he | gasto da fazẽda e grãde despesa de | dinheiro . A quarta he *que* homẽ da mao  
 | enxẽplo a outros e causa de fazer a ssi | ou mays porque quãdo hũa senhora | vee hũa  
 burgesa em grãde estado pa | rẽçe lhe *que* tãto como ella he mylhor : | tãto deue acreçẽtar  
 2760 mays ã seu esta / | do . E esto faz cada dia creçer os | vaãs | estados o cuidado *que* cada  
 huũ *deuer* | ter ho outro de *que* muytos sã pobres | ã frança e em outras partes A quin | ta  
*que* he homẽ *de* ocasiom a outros de pe | car : ou ã murmuraraçõ . ou ã cobiça de / |  
 sordenada *que* he hũa | cousa *que* muyto | despraz a *deos* . E portanto mynhas | boas

<sup>177</sup> “Traca” por “traça”.

<sup>178</sup> “Autras” por “outras”.

amygas : vista como esto [v]os | nõ pode aproueitar *e* manifesto esta | *que* ãpeeçe nõ vos  
 2765 deleitees mujto em | esta vaidade . ãpero cada hũa deue *e* | pode trazer tal abito como  
 perteeçe | a seu marido *e* a ella . Ma<sup>179</sup> se ella he | burgesa o traz como dõzela *e* a dõzel |  
 la como donas *e* assi sobïdo *de* degraõ | ã *degrao* sem duuida esto he fora da | ordẽ de boa  
 policia . ã a qual se bem | hordenada he : ã *qualquer* terra *que* seja . | todas as cousas deũ  
 ser lemitadas | hora vẽ a fallar do quarto põto o *qual* | he como vos deue esguardar de pras  
 2770 | mo *e* de cayr em jnfamia: em o *qual* | se pode tocar o feyto de vossas rou / | pas assi na  
 custa como na feiçom em | esta guisa . Posto que hũa molher se | ja toda boa *e* de boa  
 võtade sã fazer | nõ pẽsar mal os maos *que* a uirẽ ã abe / | to desonesto nõca | o podem  
 crer . E | sempre sobre ella som dados muytos ||41v b|| maas<sup>180</sup> juizes . E assi *perteeçe* a  
 toda boa | molher *que* ama sua nomeada *que* sera o | nesta ã seus trayos nõ seja achadey /  
 2775 | ra *de* muitas cousas nouas . ã especial | das custosas *e* desonestas . E a esta | ajuda mujto  
 a maneira *e* acõtenẽça | nõ ha cousa *que* tam mal este as mo[[lhe]] | lheres como maa *e*  
 desassessegua da | cõtenẽça . E posto *que* seja moça ã os | risos *e* jogos deue seer tẽperada  
*e* de | ue os de saber tomar *per* razõ E fallar | sem mima nõ fengymẽto E seu oo / | lhar  
 simplez *e* nõ trygoso nõ | *per* muy | tas partes mas seguindo a materia | de cima . he de  
 2780 saber *que* cõ maa fama *e* | prasmõ *que* pode naçer aa molher *per* | desordenadamẽte . se  
 vestir *e* sã onesti | *dade* ainda hi ha outro *per*ryo o | incõ / | uiniẽte este he o pẽsamẽto dos  
 maaos | *que* podẽ cuidar *que* ella o faz por seer d a | mores desejada . E ella *per*uentura hi  
 | nõ pẽsara ãte o fara por prazer de sy | meesma *e* por sua propia cõdiçõ *que* | a esto a  
 ãclina . E nõ falleçẽ homeẽs | *de* muitos estados *que* se trabalharã a ssegir | *per*  
 2785 *desuayrados* sãbrãtes cõ preposi / | to de as trazer a engano metẽdo hy | toda sua deligẽcia  
 . Mas *que* fara a sa | ges molher mãçeba *que* teme seu pras / | mo *e* cõheçe *que* de tal amor  
 non pode | viir senõ todo mal *e* *per*juzo *e* desõrra | pello *qual* ellas nõ *quer* ãtẽder ã cousa  
*que* | elles digã nõ fazer como algũas nei / | cias a *que* nõ despraz de as seguirẽ ge<sup>181</sup> | lhe  
 parece grande gloria de dizer eu | so amada de muytos *e* *per* aquy pro | uo *que* sã fremosa  
 2790 *pero* eu nõ amarey al / | guũ mas a todas farei gasalhado *e* | tãto auera hy huũ como ho  
 outro *e* | todos | passarõ *per* pallauras : nõ he | este o caminho de guardar a honrra | ante  
 he impossyuel *que* aquella *que* | tal costume teuer nom seja çedo em ||42r a|| plasmo : E a  
 sesuda como ella enten | der *per* sinal ou sãbrante *que* algũ homẽ | ha cõtra ella tal  
 pẽsamẽto ella lhe *de* | ue dar toda ocasion de se partir *per* | pallauras *e* mostrãças E

<sup>179</sup> “Ma” por “mas”.

<sup>180</sup> “Maas” por “maus”.

<sup>181</sup> No Fr. está diferente (p. 180); Crispim: “per” (p. 267).

2795 trabalhar | tãto que elle entêda *que* ella nõ pena | hy nõ entêde de pensar . E se elle lho |  
 diz ella lhe deue respõder assy sêhor | a my parece *que* vos fingees *de* me amar | eu vos  
 roguo que leixes tal pêsamen | to porque *vos* juro *que* ã minha vida eu | nõ poderey pensar  
 ã tal cousa *e* som | tã firme ã este preposyto *que* nõ ha pe / | soa *que* me de hi podesse  
 mudar ã toda | minha vida . E *quanto* *vos* hy mais pẽ | saes mais seria vosso trabalho *perdy*  
 2800 | do . E tãto como eu posso *vos* rogo *que* | mais cõtra my nõ façaes taes sêbrã / | tes nõ  
 digaes semelhãtes pallauras | Ca sem duuida eu auerey grãde des | prazer *e* me guardarey  
*de* hir a lugar | õde *vos* sejaes E vollo digo esta : vez | por todas *e* crede firmemête *que*  
 jamais | me nõ achares d outro *perposito* . Assi | *e* sã tardãça *deue* respõder a boa *e* sa |  
 ges molher *que* ama sua hõrra a *qualquer* | homẽ *que* a rrequer *e* *que* os sêbrãtes *e* cõ |  
 2805 tenẽças sejã parellhas aas palauras | E se elle acomete cõ doões *que* ella se | guarde bẽ de  
 os tomar *quaesquer* *que* elles | sejã *porque* aquella *que* toma doões ja he | bẽcida . E se  
*perventura* algũa pessoa | lhe traz mesagẽ ella seia auysada de | lhe respõder cõ tal  
 cõtenẽça *e* *per* taes | pallauras *que* ella nõ seja ardida *de* hi | tornar outra vez . E se molher  
 ou ho | mẽ de sua casa for tã ousado *de* lho di | zer ella o nõ tenha mays ã sua casa *que* | o  
 2810 seruyço de taes nõca he seguro . E | ache maneira como os lãçe mostran | do *que* he por  
 outra cousa E guarde / | se de o dizer ao marido *porque* tal sos / | peita se hy poderia  
 causar *que* nom se ||42r b|| tiraria tã çedo *e* assi o mais seguro he | callar . Ca nõ hi homẽ  
 tã vẽcido d a | mor *que* se a uir cõtinoar lõgamête em | seu bo *e* onesto *perposito* *que* se  
 nõ afa / | ste nõ falle esto cõ vezinho nõ vezinha : | *que* tẽha *porque* por as pallauras *que* se  
 2815 | aas vezes dizẽ : os homẽs maginom | mal cõtra as molheres *e* ã especyal | cõtra aquellas  
 de *que* sã refusados quando el | les veẽ *que* ellas fallã o feito cõ alguẽ . | E sã duuida  
 uõca<sup>182</sup> ãpeçe callar aquellas | cousas *que* dizendo as nõ podẽ *aperuei* | tar nõ o gauar nõca  
 foy fremoso : E | cõ esto as molheres *que* se *querẽ* guardar | de prasmu deuẽ se guardar  
 de cõpa / | nhias desonestas *e* d ajõtãmẽtos fey | tos ã jaridiis<sup>183</sup> ou ã prados sob cobertu /  
 2820 | ra *de* festeiar algũas *persoas* *de* bem o *que* | as vezes se faz por outra incrynaçõ | E posto  
*que* hũa molher seja çerta *que* o | ajõtãmẽto nõ se faz por ella bẽ se de / | ue guardar de |  
 seer sob sonbra ou co | bertura d algũa outra cousa . Ca se / | ria cousa do mal *e* do pecado  
 . E sse | lhe cõuẽ yr por necessydade ãte *que* va | *deue* saber õde *e* cõ *quem* *e* como *e* os  
*que* | hã de hir onde ella vay nõ *deue* vsar | muito as romarias fora da villa em | cõpãhias  
 2825 de gẽte leda ca nõ se faz sem | pecado nõ he outra cousa senã fazer | de *des* capa *pera*

<sup>182</sup> “Uõca” por “nõca”.

<sup>183</sup> “Jaridiis” por “jardins”.

defêder a chuyua . nẽ | taaes romaryas nom som boas nẽ | cooueẽ aas molheres mãçebas  
 assy | trotar a uilla . scilicet . A segũda feyra a san | ta katerina . A terça a sam miguel . |  
 A quarto a tryndade A quynta ha | sancto spryto . A sexta aa cruz ho sa / | bado a nossa  
 senhora nem queremos | cõtradizer o bẽ mas sẽ duuida visto | o perygoo da mancebia a  
 2830 cobiça *que* | hos homeẽs ham communalmente | de atraher a ssy as molheres *e* as pa |  
 lauras que naçem de pequena oca||42v a||sion o mais seguro he por proueito | das almas *e*  
 hõrra dos corpos escu | sar estas ãdadas . Ca *deos* he en todo | lugar *que* ouue as orações  
 daquellas | *que* deuotamẽte oram onde *quer que* estem | E *quer que* todas as cousas seã  
 feitas | mays per descriçõ que per voõtade . | E assi banhas *e* estubos *e* comeres | taaes  
 2835 cõpanhias sem neçessidade ou | boa causa nõ som senõ despesas so / | bejas sem proueito  
 . E por isso *qualquer* | sages molher *que* ama sua hõrra por | esquiuar prasmo se deue  
 guardar de | stas cousas . | ¶ Capitulo . iij . Das molheres | dos mercadores . | AGuora  
 fallaremos das | molheres dos mercado / | res de *que* em parys *e* em | outras partes ha muy  
 | rycos *e* suas molheres | trazẽ grãde *e* custoso estado *e* mays | ã outras villas *que* a paris  
 2840 assi como ã | veneza . em jenua *e* ã florêça ã luca ã | auinhom *e* em outras partes : mas ã |  
 aquelles lugares posto *que* a soberua em | nenhũa parte seja boa he mais de es | cusar do  
*que* seria nas partes de frãça : | porque laa nõ ha tanta deferêça d esta | dos como a parys  
*e* em estas partes | . scilicet . de rainhas *duquesas e* cõdessas *e* | outras donas *e* dõzelas  
 porque os | estados sã deferêçiadados . E por ysto | ã frança *que* he o mais nobre regno do |  
 2845 mundo *e* õde todas as cousas deuẽ | ser mais ordenadas segũdo se cõtẽ | em seus antigos  
 costumes nõ *perteeçe* | posto *que* alhur se faça *que* a molher de | huũ lanrador<sup>184</sup> traga tal  
 estado como | a de hũ homẽ de onesto mester : nem | esta como a de huũ burgeẽs . nẽ a  
 do ||42v b|| burges como hũa donzella *e* assi so | bindo ata a rainha : mas cada hũa se |  
 deue teer ã seu propio estado . E a ss[ser] | como hi ha deferêça nas maneiras | de viuer  
 2850 assi deue auer *nos* estados mas | esta regra nõ he agora bẽ guardada | ã frãça nẽ outras  
 muytas *que* hy soya | d auer E por esto *perde* o trabalho quẽ | cõselha Ca sã duuida a  
 desordenãça | *e* soberba dos estados nõca forõ tam | grãdes ã todas as maneyras de gã / |  
 te des os mayores ataa os mais pe / | quenos como agora sã o *que* se bẽ pode | veer pellas  
 cronicas antiiguas . E | porque diremos *que* ã ytalia traziam as | molheres mayor estado :  
 2855 como *quer que* | seja nõ sã de tanta aparença nẽ custa | como aquy nem som tam perygoo  
 / | sos visto como cada hũa *e* todas | as | cousas trabalha de p[r]eceder sua ve / | zinha . E  
 pois que *nos* fallamos das | molheres dos mercadores cada hũa | deue viuer como molheres  
 de merca | dor daquy *e* como mercador de ve / | neza . ou de jenua que passom o mar | *e*

<sup>184</sup> “Lanrador” por “lavrador”.

per todas partes teem seus estan / | tes e comprã ã grosso e fazem grãdes | feytos e mandam  
 2860 per todas terras | rycas mercadaryas e assy ham muy | tas ryquesas he som chamados no |  
 bres mercadores : mas aquellas | de que fallamos compram em gros | e vendem a retalhos  
 e ham seus ga | nhos como mylhor podem . E al / | guũs hy que tomam tal estado | como  
 eu vy a huã que jazaia<sup>185</sup> pary | da de huũ fylho que ante que homẽ | entrou na sua  
 camara auya de pa / | sar per duas outras camaras muy | fremosas onde auya em cada huã  
 2865 . | huã grande cama de paramẽto ryca | mẽte ãcortinada . E na segũda dellas | auia huã  
 grãde copeyra carregada ||43r a|| de baixella brãça . E daquella camara | ãtraua homẽ õde  
 ella jazia ã outra ca | mera mui grãde bẽ ãcortinada de ta | peçaria feita de sua deuisa  
 ricamete<sup>186</sup> | bordada d ouro de chipre a cama bẽ grã | de e fremosa armada toda d huũ pa  
 | ramẽto os tapetes d arredor da ca / | ma daquella mesma obra os coberto / | res passavam  
 2870 pollos lãçoões que erã de | fino[†]es E sobre os cubertores ou / | tro lãçol delgado como  
 seda todo de | huã peça se<sup>187</sup> costura que era huã cousa | nouamete achada que era apodado  
 a | duzetos frãcos e tã largo que co / | bria | os cobertores e arrestaua pello | chãõ de cada  
 parte ã aquella cama / | ra auia outra copeira õde estaua mu | yta baixella toda dourada alli  
 jazia | a parida vestida de pano de seda en | costada a grãdes almofadas daquelle | mesmo  
 2875 pano cõ grãdes botoões d al | josar : toucada como | huã dõzella . E | deos sabe as outras  
 sobejas despesas | de festas e bãhos e jãtares segũdo | a usaça<sup>188</sup> de paris que la forõ feitas  
 ãquan | to ella assi jouue . E porque esta despe / | sa foi muito grãde posto que outras as |  
 saz grãdes se façõ he digna de seer | posta ã este liuro esta cousa foy cõta | da na camara  
 da rainha . E alguũs | disserõ que a gẽte de paris auia muyto | sãgue de cuja auõdãça se  
 2880 geerã muy | tas doẽças querẽdo o dizer que a auõ / | dãça das riquezas os fazia sair do de  
 / | reyto camiho . E que seria bẽ que el | rey os carregasse de huã grãde talha | porque suas  
 molheres se nõ cõpa / | rasse aa raynha de frãça que nõ po / | dia mais fazer quando parisse  
 . E ssom | estas cousas desordenadas e naçem | da maa presũçõ e aquellas que as fa | zẽ  
 mais guanhom de prasmõ que de | louuor Ca posto que ellas tomẽ estado ||43r b|| de  
 2885 prinçesas : e grandes senhoras : | ellas ho nom som nem perdem porẽ | ho nome de  
 mercaderyas ou molhe | res de mercadores : taaes que em lõ / | bardia has chamam  
 regateyras E | assi he sandiçe de se vestyrem de rou | pa alhea : quando todos conheçem |

<sup>185</sup> “Jazaia” por “jazia”.

<sup>186</sup> “Ricamete” por “ricamente”.

<sup>187</sup> “Se” por “sem”. No Fr.: “sans” (p. 185); Crispim: “sem” (p. 273).

<sup>188</sup> “Usaça” por “usança”, “uso”.

cuja he . Mas se estas que fazem ta / | aes desordenanças leixasse suas mer / | cadarias : e  
 tomassem de todo o esta | do de senhoras . seria mays razom : | mas he sandiçe nom auer  
 2890 vergonha | de vender de praça : e nom seer con / | tente de trazer vestydura de tal me / |  
 ster ho qual he honrado per todo o | mundo . E poden se chamar semelhã | tes pessoas  
 gente denudada . E non | o dizemos por seu doesto mas por bõ | conselho e auisamento  
 das molhe / | res a que fallamos por se guardarẽ | de taaes sobegidoões que nom som |  
 boas nem ao corpo nem a alma e po | dem seer cousa de grandes carregos | de seus maridos  
 2895 . E assi sera melhor | a ellas de se vestirẽ de seus propios | traios que sã assaz boõs e  
 honestos . | E que podẽ taes gẽtes fazer *de* bẽ cer | to se elles thesaurizasse no çeeo segũ |  
 do o cõselho do euãgelho elles seriã | mais sages porque esta vida he breue | e a outra dura  
 pera sãpre E seria melhor | que elles partissem suas riquezas aos | pobres per verdadeira  
 caridade : ca | per aquella nobre e digna virtude que a deos | tanto he praziuel se pode  
 2900 cõprar aquel | le agro de que falla o euãgelho õde | o grande thesouro he escondido .  
 scilicet . a | gloria do parayso . E huõ boõ moto | daquella virtude disse o papa Leõ no |  
 sermom da epiphania . Tal e tã grã | de he a virtude da caridosa misericor / | dia que sã  
 ella as outras virtudes nõ po | dẽ aperueitar ca posta que hũa criatu||43v a||ra seja abstinẽte  
 de pecar . E sseja de / | uota e aja todas as outras virtudes | sã aquella toda he nada por |  
 2905 que no | dia do juizo ella leuara a bandeyra | ante as outras por aquelles que ne / | ste  
 mundo a exercitarõ a qual os leuara | ao parayso . E aquelles em que ella | nõ for achada  
 seriã cõfusos per sua | deuinal sentenca . E assi vos podees | bẽ guardar e saluar guardando  
 vos | de enganõs contra vossos proximos | em vosso mercar e vender . | ¶ Capitulo . iiij .  
 Das molhe | res veuvas : assy velhas como | mançebas . | POr fazermos nossa | obra mais  
 2910 perfeita | aproueito de todos | os estados das mo / | lheres fallaremos : | aas veuvas do co  
 / | muõ estado porque ja fallamos aas prĩ / | cesas e diremos assy . Boas amigas | vos sooes  
 em estado de veuidade per | morte que vos roubou de vossos ma | rydos quem quer que  
 elles fossem : | no qual piedoso estado se achã muy | tos trabalhos e tristes cuydados . |  
 Mas esto he em desuariadas ma / | neiras . aaquellas que som ricas de | huõa maneyra : e  
 2915 as pobres d outra | aas ricas cada huõ trabalha por lhe | auer o sseu : e aas pobres ã lhes  
 fazer | oppressões . E aallem daquella prin | cipal door que he de perderdes vos / | sos  
 maridos que assaz deuia de aba | star tres malles auees prinçipaes que | sempre vos  
 combatem . Huõ he que | geeralmente vos achaaes aspereza | e pouca piedade em todas  
 pessoas | E taaes vos soyam de honrrar no | tempo de vossos maridos que ago / | ra nom  
 2920 fazem de vos conta nem os ||43v b|| achaaes amygos . O ssegũdo he des | uariadas demãdas  
 sobre vossas ter | ras : ou rendas . O terçeiro mal dizer | de toda a gẽte assi que a pena

farees | bem que nom seja tomado pello con | trairo . E porque vos cõuem de seer | armadas  
 de bõ siso e paciência con | tra estas tres pestellenças que vos po | dem acontecer . nos  
 vos queremos cõ / | selhar aquello que vos mays pode | valler : posto que alhur aamos  
 2925 falla | do porque vem a preposito o nenbra | remos outra vez . Quanto he a aspre | za que  
 achaaes em toda gente hi ha | tres remedios huũ que vos tornees | a deos que tanto soffreo  
 por as cria / | turas humanas . E sse bem hi quiser | des pensar esto vos ensinara a sser / |  
 des pacientes que vos tanto he me / | ster e vos fara que pouco preças ha | honrra deste  
 mundo : e conheçeres . | como as cousas delle sã mudavees . | O ssegundo remedio he que  
 2930 despo / | nhaaes vossos corações a sseer do | ces : e mesurados : e begninas ã vos / | sas  
 pallauras a toda gente assy que | per cortesia e mãsidoõe adocees os | corações dos brauos  
 | O terceiro re | medio he que nom embargando que | faças estas cousas de çima dıctas a  
 | uysaae vos per boõ conselho como | melhor vos poderes defender daquel / | les que vos  
 querem trabalhar : nem | ajaaes com elles conuersaçom E sse | poderdes sempre vos teende  
 2935 encar / | radas em vossas camaras nem aja / | aes debates nem brados com hos | vezinhos  
 : sempre fallaae cortes gar | dando vosso dereyto . E sse assi fizer | des escusares de seer  
 trilhadas nem | abaixadas d outrem no feito das de | mãdas que he o ssegũdo mas vos  
 deues | quanto bẽ poderdes de esquiar preitos e ||44r a|| demandas que he cousa que  
 muito vos | pode ãpeçer por muitas a hũa : que vos | nõ vos cobeçees e sooes simprezes  
 2940 em | taes cousas a outra que vos metaaes | ã perigo d outrẽ por soucitar vossos ne / | goços  
 . E os homeẽs comunalmen | te sã mal deligetes nos feitos das mo / | lheres e boamente  
 as enganã e | poõe ã despesa oyto | por seis a outra | he que nõ podees a toda hora ãdar |  
 assy como huũ homẽ . E por esto he | melhor cõselho que ella leixes ante | algũa parte de  
 vosso dereito : mas que | no seja muyto vos deues meter ã to | da razõ e offerecer dõ  
 2945 razoada e per | boo cõselho daquello que vos demã | dã . E sse vos demãdaues como ou /  
 | tor<sup>189</sup> seguij vosso feito cortesmete e ve | de per boõ cõselho se per outro camy / | nho  
 poderes ãtrar e cõueeça E sse vos | demãdã por ouuidas veede bẽ a cau | sa que hã os  
 demãdadores . E posto que | hy nõ aja testemunhas nẽ scriptura | se ã sua cõciência sãtirdes  
 que sooes ho | brigada nõ retẽha o alheo Ca ãcare | garia alma do marido : e a vossa e deos  
 2950 | vos darya tãto trabalho d outra parte que | a perda se dobraria Mas se sagesmẽ / | te vos  
 soberdes guardar dos cautello / | sos que demãdã sã causa vos fazes o que de / | ues . E sse  
 per neçessidade cõue entrar ã | processo deues saber que tres cousas prĩ | çıpaes sã  
 necessarias . A primeira he | obrar per cõselho de leterados . A ssegũ / | da grãde deligẽcia

---

<sup>189</sup> “Outor” por “autor”, “autora”.

e cuidado de soli | citar vossa causa A terceira he muito | dinheiro *pera* fazer esto ca se  
 2955 cada hũa | destas falleçe por boa causa *que* a *persoa* | tenha ã *perigo* esta de a *perder* E  
 assy he | necessario a *qualquer* viuua *que* ella vaa a | casa dos grãdes letrados *ãtijos* *que*  
 ma / | ys souberẽ de leis e lhe mostrar sua | rezõ e suas leteras e *seur* titulo<sup>190</sup> e nõ ||44r b||  
 encubra nada do que *perteeçe* aa cau / | sa seja por ella ou cõtra ella e segun | do seu  
 cõselho o demãde ou cõueha | cõ as *partes* E sse ã *processo* ficar faça de | ligẽcia e pague  
 2960 bẽ . E he lhe necessita | reo *pera* seguyr estas cousas se as *quer* | trazer afym que tome  
 coraçõ de ho / | mẽ cõstante e forte e sages *pera* traba / | lhar no que lhe he neçessario . E  
 nõ | se fũdir ã lagrimas como simplez mo | lheres sem outra defesa . Ca se | assy | fezerdes  
 vos outros molheres acha | res muitos que vos tomarã o pã *de* vos | sas mãos e vos aueriã  
 por siplezes | e ignorantes e nõ achares por ysso | mais piedade ã pessoa que seja nõ de |  
 2965 ues obrar *per* vosso siso mais *per* conse / | lho e em speçial nas grãdes cousas | que *per*  
 vos nõ sabees . E isso vos de | ues governar vos outras veuvas ã | vossos feitos  
 specialmente *aquellas* *que* sã | de tal ydade que ja nõ hã de casar E | *quanto* aas maçebas  
 cõuem que sejam | guouernadas *per* seus parentes e ha | migos ataa que tornem a casar .  
 as *qua*[[a]] | aes se governem em tal *simpreza* com | elles que nõ possa ahy sair maa no /  
 2970 | meada . O terceiro remedyo contra | hos tres malles sobre ditos das mo / | lheres que sã  
 en *perigos* de maas lyn / | goas he que elles se deuem guardar | em todas maneiras de dar  
 ocasiom | ao mal dizer em suas cõtenenças gei | tos e roupas . que deuem de seer sym / |  
 prezes e honestas e ellas sempre te | merosas de suas honras que homẽ | nõ possa cõtar  
 ellas murmurar nem | ajã a *persoa* que seja special afeicõ *per* | *que* ameude vão a ssua  
 2975 casa senõ sã *seos* | parentes e ainda elles cõ discreçom | nem clerygo nem frade nom costu  
 / | me muyto sua casa posto que deuo / | to seja porque o mũdo he muyto en||44v a||clinado  
 a mal dizer : nem vaa a cõpa | nhias d onde possa nacer alguã so | speiçõ *qualquer* que  
 ella seja posto que | mal hy nom pense . E muyto menos | as faça *de* sua despeza . E por  
 melhor | guardar o sseu nom tẽha grãde esta | do de gẽte nõ de roupas nem de viã / | da :  
 2980 ca o derradeiro estado da veuua | he nõ seer sobeja mas temperada ã | todo . E porque no  
 estado da veuuy | dade ha tantos trabalhos como dis | semos e he verdade poderiã algũas  
 | dizer que seria bẽ que todas as veu / | vas casassẽ . A esta questõ se pode re / | spõder  
*que* se assi fosse . *que* na vida do ca / | samẽto ouuesse todo repouso : e paz | sã duuida  
 seria syso a todas veuvas | de tornarẽ a casar : mas porque ho / | mẽ vee o cõtrairo muito  
 2985 o deuẽ as mo | lheres de pensar : posto *que* as moças | seja casy neçessario mas *aquellas*  
*que* | ja passarõ pella ydade da mançebia | e *que* teẽ assaz de seu *que* pobreza as non |

<sup>190</sup> “Seur titulo” por “seus títulos”.

costrãge he sãdiçe : posto que algũas | *que* o *querẽ* fazer digã *que* hũa molher soo | nõ val  
 nada *e* tã pouco se fiã ã seu sy | so : que dizem que se nom saberyam | governar . Mas a  
 principal sandiçe | he quando hũa velha toma huũ mo | ço porque em tal casamento nunca  
 2990 | se canta boa cantyga pero tanto hy | ha *que* de sua desauentura ellas se *quey* / | xam mais  
 que outrem . ¶ Capitulo quinto . Das mo | ças virgeẽs . | NOm seria razõ nõ de / | reyto  
 que no proçes / | so de nossa lyçam se / | iam squeçidas aquel | las moças que som ã |  
 estado de virgijndade ||44v b|| das quaaes homem pode fallar em | duas maneyras . scilicet  
 2995 de de | os *e* daquellas que ha guardam ho | tempo de seu casamento per ordenã | çã de seus  
 padres . E assy como seus | preposytos som deferençyados : as / | sy deue auer deferença  
 em seus ve / | stydos *e* conuersaçom . porque aa | quellas que teem voto perteeçe vy | da  
 solytarya *e* deuota . E posto | que a todas sejas necessarya *e* estee | bem em espeçial ha  
 estas mays que | aas outras . E he lhe neçessareo fa | zer sempre alguũa obra de suas ma /  
 3000 | ãos pera sua vyda *e* deuem de tra / | balhar que toda sua ocupaçom de | poys do seruyço  
 neçessareo seja nõ | seruyço de deos *e* em deuotas ora / | çoões *e* jejuũs dyscretos *e* nom  
 tã | asperos que ellas os nom possam ha | cabar nem toruem seu meollo : ca o | muyto nom  
 pode seer boo nem de / | ue seer começado sem boo conselho | E deuen se guardar de todo  
 peçado<sup>191</sup> | assy dobra como de pensamento ha | fym que aquelle bem que fazem nõ | se  
 3005 perca . Ca pouco vallem has ab / | stynençyas mesturadas com muy / | tos peccados . E  
 toda pessoa deue | trabalhar de ho[f]jereçer ha | deos lim | pa oferta : ca quem  
 presentasse a | el Rey boa vyanda mesturada | com | çugidade nom lhe faria prazer nem |  
 a deuia de tomar . E deuem seer suas | pallauras lym pas *e* deuotas *e* non | de muyta  
 lynguagem : vestidas sim | plezmente d abyto honesto *e* mança | contenença os olhos  
 3010 bayxos *e* ha | pallaura *e* alegrar se muito nas pal / | lauras de *deos* cõtinuar a igreja E a / |  
 quellas *que* ham esta vida nascerom em ||45r a|| boa ora porque estas escolherõ a my / |  
 lhor parte . Aa outras virgeẽs que a | tẽdẽ casar deuẽ seer ã suas pallauras | tẽperadas *e*  
 honestas ã espeçial na | igreja *e* oolhar sobre seus liuros *e* pel | las ruas os olhos baixos *e*  
 em çasa<sup>192</sup> | nõ ouçiosas mas sempre ocupadas | ã qualquer obra de fazẽda seus vestidos |  
 3015 bem feytos *e* limpos sem hy tocar | desonestidade seus cabellos bẽ ata / | dos *que* nõ andem  
 espalhados per suas | façes nem sejam cujos<sup>193</sup> sua falla do / | çe *e* cortes a todos *e* nõ falle

<sup>191</sup> “Peçado” por “pecado”.

<sup>192</sup> “Çasa” por “casa”.

<sup>193</sup> “Cujos” por “sujo”.

muyto | E sse vão a festas ou a dâças alli de / | uẽ ser bẽ guardadas porque muytos |  
 aueram os olhos sobre ellas dâçẽ | honestamẽte cãtẽ baixo nõ olhem pe | ra toda parte e |  
 guarden se de se me / | sturar muyto antre os homeẽs : mas | sempre se cheguem *pera* suas  
 3020 madres | e deuen sse de guardar de prefyar | nem auer razoões com pessoa que | seya em  
 espeçyal com varletes nem | mançebas . ca nom estaa bem aas | moças serem perfiosas  
 nem mal res | pondentes e poderya perder algũ | bem . por mentiras . ou mal dizeres *que* |  
 os varletes : ouuys pessoas dellas | poderya dizer por pouca e pequena | ocasiom . Nom  
 sejam guarrydas | ne desasseseguada cõtra os homẽs | quaesquer que sejam em espeçyal |  
 3025 contra os de casa . Ca seria minguo / | de seu boom nome e peyoramẽto de | sua  
 honestydade . Muyto esta bem | aas virgeẽs seerem deuotas em es / | pecial de nossa  
 senhora de sy de san | ta catelyna e de todas aas outras | vyrgeẽs . E se sduberem<sup>194</sup> leer  
 leam de | booa võtade as suas vidas jejuũẽ | bem e sobretudoo sejã temperadas ã | cõmer e  
 ã beber . cõtentes de pouca | vyanda e de pequenosinhos . por||45r b||que a golosyçe lhe  
 3030 sea tacha especial | mẽte se he vista carregada de vinho | ha *que* [[tal]] tal manha<sup>195</sup> teuer  
 nom espere | della outro algũ bem E por isto de | ue sempre beber o vinho muito augua |  
 do . E cõ esto he neçessareo sser oby | ãiente a seu padre e madre e os ser / | uyr com  
 muyta dellegeuçia . E a çer | ca de seu casamento estar em seu mã | dado e nõ *que* ella o  
 faça sem elles As | virgens assy ensinadas som deseja / | das dos boos homeẽs *pera*  
 3035 casamẽto | ¶ Capitulo . vj . Como as mo | lheres velhas se ham d auer cõ | tra as mançebas  
 . | POrque comunalmẽ / | te sempre ha debates e | contẽdas assy em o / | piniõ como em  
 pala | uras antre as velhas | aas moças tanto *que* apenas se podẽ | sofrer nõ estar hũas cõ  
 as outras co | mo se fosse naturezas desuariadao<sup>196</sup> | E esto faz a ydade *que* causa deferẽça  
 | em seus costumes . Pareçeo nos qua<sup>197</sup> | seria bẽ mester paz onde ha tal guee | ra e diremos  
 3040 algũas cousas *que* hi po | dẽ aproueitar . E fallaremo primei | o as velhas o que lhe perteeçe  
 A toda | molher de ydade perteeçe que seia sesu / | da ã feito ã roupas e ã cõtinenças e |  
 em fallar deue seer sages ã seus fey | tos por memoria das cousas *que* vio a | conteçer em  
 seu tempo e assy obrar | per enxemplo das cousas passadas | [[das]] Ca se ella de hũa  
 cousa vio vyr | mal assi deue desperar de outra seme | lhote . E por isto se diz *que* os  
 3045 ãtigos co | munalmẽte sã sesudos e he *verdade* por | duas razoões hũa he porque seu  
 ãtẽdi||45v a||mento he mais perfeyto e ha maior | consyraçom das cousas . A outra po | la

<sup>194</sup> “Sduberem” por “souberem”.

<sup>195</sup> Fr.: “tel tache” (p. 196); Crispim: “tal tacha” (p. 282).

<sup>196</sup> “Desuariadao” por “desvairadas”.

<sup>197</sup> “Qua” por “que”.

mayor e[s]peryencia que ham dos | feytos passadas<sup>198</sup> E se som mais sesu | dos muyto  
 som dignos de recreen / | som . E sem duuyda quando os ve / | lhos som neyçyos ou  
 mynguados | do siso que fazem as sandiçes que | a mançebia amoesta fazer aos moços |  
 3050 deuem escarneçer delles . E assy as | molheres velhas deuem seer pro / | ueudas e auysadas  
 que nom façam | cousas de que sandiçe possa notar : | nem lhe perteeçe dançar nem bay /  
 | lha nem ryr sandiamente : mas se el / | la he allegre de sua naçom assi como | som huñas  
 mays que outras o que | nom he erro nem maa condiçom : de | ue tomar seus onestos  
 prazeres per | razom e nom como moças e mays | maduramente dygua suas pallau / | ras  
 3055 e seus desenfadamentos acor / | dem com sua ydade . E ainda *que* diga | mos que deue ser  
 sesuda e asessega | da nom entendaes por isso que de | ue de seer aspera nem mal graçiosa  
 . | nem de maas repostas por fengyr | mays o siso : mas ante se deue guar | dar destas  
 paixões que naturalmẽ | te veẽ aos velhos se per razom senõ | guardam e per siso . E assy  
 quando | a molher velha sentir que seu coraçõ | se enclina a sanha ella o deue tempe | rar  
 3060 com descryçom : dyzendo a ssy | mesma que demandas tu ou que as | he esto obra de  
 molher sesuda : de sse | a ssi toruar se algũas cousas te pare | çem mal feitas consiira que  
 nom he | em teu poder de todo emendares : | esta em tua paz nom falles descortes | mente  
 se tu te vistes como ten rostro | he mal graçioso quando tu hes sa / | nhuda tu aberias grã  
 desprazer sey ||45v b|| mays conuersauel a tua gente . E a | quelles que has de castigar  
 3065 repren / | de os cortesmẽte guar te da yria que | muyto despraz a deos e teu corpo ã |  
 peyora e tu hes desamada : aprende | auer paciẽcia taaes cousas deue el | la dizer a ssi  
 mesma . quando os mo / | uimẽtos da yra lhe virem . E cõ ysto | deue sse vestir honestamẽte  
 a este pre | posito diz huũ enxẽplo que a uelha | louçaam he materea de scarho e a | sua  
 contenença boa e honrrosa . E | sem duuida que quer que homẽ dy / | ga cousa he que esta  
 3070 muy bem e sy / | nal da parẽça honrrosa em hũa pra | çã quem hy bẽ sabe teer seu lugar  
 | em especial a pessoa antyga cõ toda | autoridade a pallaura daquella sa / | ges molher  
 deue seer trazida *per* des / | criçõ e guardesse bẽ que de sua boca | nom sayam pallouras  
 vaãs ou san / | dias nem desonestas nem mal assẽ / | tadas e sem hordem porque cousa |  
 he pera escarneçer ouuyr a pessoas | antigas dizer pallouras<sup>199</sup> desonesta / | *que* as deuã  
 3075 de fallar todos a bõ ãxẽplo | E por vir ao *que* dissemos . scilicet . da contẽda e | mao  
 co[r]do<sup>200</sup> *que* he ãtre as velhas e as mo | ças a ssages molher ãtiga deue sobre | esto de

<sup>198</sup> “Passadas” por “passados”.

<sup>199</sup> “Pallouras” por “palavras”.

<sup>200</sup> “Cordo” por acordo”. Fr.: “mal accordt” (p. 199); Crispim: “desacordo” (p. 285).

ser auisada em esta guisa : *quan* | do lhe vier alguũ mouimento ã pen | samento : ou  
 pallauras contra as mo / | ças por suas moçidades o que ellas | bem nom podem sofrer  
 pensara em | sy mesma *e* dira tu foste ja mançeba | nembre te has cousas que fazyas na |  
 3080 quelle tempo *e* se quiseras tu que fal | larom de ty poys porque braadas | com ellas que lhe  
 queres nembre te | como som grandes os aguyelhoões | da mançebia tu deues auer piedade  
 | daquello que ja passaste . homẽ deue | de reprende *e* conselhar os mançe||46r a||bos :  
 mas nom os desamar nem de / | samar ca nom sabem o que fazem nẽ | se conhecem . E  
 por isto os soporta / | ras benynamente *e* castiguaras per | boa maneyra aquelles que te  
 3085 tocã | *e* se outrem os desamar : ou prasmr | tu os escusaras com piedade auisan | do sua  
 ynorançia da mançebya ha | qual lhe tolhe o verdadeyro conhe / | çimento . auysa te ainda  
 que se tu ao | presente has ã ty os mouymẽtos *que* | a mançebia da aos moços : nem te de  
 | leytas em taaes sandiçes . porque a | velhyçe te fazia maduro *e* fryo que | por esto nom  
 es de todo sem pecado | mas perventura has outro muyto | mayores . E sse estes pecados  
 3090 te ley / | xarom tomarom te outros mais gra | ues *e* piores assy como enueja cobij | çã yra  
 Impaciencia *e* gulla em spe / | çial do vinho ã que tu ameude fazes | grandes erros . E tu  
 que deuias ser | sages nom has poderyo de resystyr | porque a enclinaçom da velhyçe ty /  
 | ra teu entendimẽto . E tu *queres que* aquel | les *que* som mãçebos sejã mais sages | que  
 ty *que* resistã aas tentaçoões que | mançebia mete em seu corçoõ<sup>201</sup> *e* que | façam o que tu  
 3095 nom . podes . pois lei | xar em paz os mançebos *e* nom mor | mures mais contra elles Ca  
 se te bẽ | olhares : asaz teës de fazer em ty mes | mo . E se os vicios da mançebia te |  
 leyxam isto nom he por vertude tua | mas porque ha natureza ja te hy nõ | enclyna . E por  
 esto te pareçem assy | auorrçieës . | ¶ Capitulo . vij . Como | as mançebas se ham d a |  
 uer contra as velhas . ||46r b|| UEnhamos aas ensinãças | *que* podem guardar os mocos<sup>202</sup>  
 3100 | de cõtender nem desprazer | os velhos : mas honra llos | *e* te llos ã reuerença *e* diremos  
 assy . | Do moços *e* mãçebos que sooes au | tos pera aprender *e* reteer a liçom *que* | vos  
 pode ãsinar proueitosamẽte os | costumes *que* vos compre de teer açer / | ca do hõrroso  
 estado dos velhos . a | qual se contem em cynquo pontos | prinçipaes dos quaes o prymeiro  
*e* | a reuerença que deuees auer aos ve | lhos . o segundo a obediencia ho ter | çeiro o temor  
 3105 o quarto ajuda *e* cofor | to o quinto o he que elles vos fazem | E quanto ao primeiro *que*  
 he a reue / | rença que per dereyto lhes deuees . | he escripto *que* antigamẽte foy huũ | rey  
 ã greçya que ouue nome ligũgo<sup>203</sup> | o qual achou muytas fremosas he | proueitasas leis .

<sup>201</sup> “Corçoõ” por “coraçõ”.

<sup>202</sup> “Mocos” por “moços”.

<sup>203</sup> Fr.: “Ligurgus”; Crispim: “Ligurgo”.

E antre as outras | stabeleço huua tal que os homeês | mãçebos ouuessê os velhos em grã  
 | de reuerença e hõrra . E acõteço hũa | vez *que* *aquelle* rey ou outro seu soces / | sor  
 3110 enuiarõ se embaixadores a ou | tro regno e forom cõ elles pollos a | cõpãhar e hõrar algũs  
 mãçebos fi / | dalguos da terra acõteço *que* quãdo | veo o põto de dar seu embaixada ha |  
 pressa era grande ally onde eram a | sentado polla muyta gente *que* era jũ | ta pera ouuyr  
 e os lugares eram to / | dos tomados . E ueo ally huũ homẽ | velho *pera* ouuir como os  
 outros e an / | dou a rredor por achar lugar . E nõ / | ca achou homẽ de sua naço que lho |  
 3115 presentasse . e quando veo on / | de estauã os estrangeiros mançebos | loguo se leuãtarõ e  
 lhe fezerõ logar | e reuerença : a qual cousa foy grãde | mente notada e prazada de todos  
 e ||46v a|| esta mesma maneira tĩhã os romaos | no *tempo* que se guouernã per boas or |  
 denações . E a vos outros homeês | mãçebos os este exẽplo vos seja dou / | trina . E aalem  
 desto que dereeyto | e razãõ querẽ *que* lhe seja feita honr / | ra e a santa scriptura o  
 3120 testemunha | e de assi fazerdes sera vosso louuor | porque a honrra mais he do *que* ha daa  
 | *que* de quẽ a rreçebe E sse assi he que os | deues honrrar segue se que vos de / | uees de  
 guardar de scarneçerdes del | les nõ rijr nem lhes fazer ãjurias nõ | vilanyas nõ desprazer  
 nõ prefiar cõ | tra elles assi como algũs fazem que | som dignos de reprehensom *que* perdoe  
 | sto os chamã velhos mas este boom | doesto he a quẽ se governa como bõ | velho . O  
 3125 segũdo põto que diz como | lhes auẽes d obedeçer afyrma que | *deues* de creer firmemente  
 que elles | som mays sages que vos e assy con / | uẽ que vos tenhaes a suas openiões |  
 mais que a vossas e vsee de seus cõ | selhos e nos vossos grãdes feytos | vos regaaes<sup>204</sup>  
 per elles . E assy nom | podees errar . O terço põto he *que* | posto que elles fracos sejam  
*que* vos |lhe deues teer huũ temor como se to | dos fossem vossos padres e madres | a  
 3130 rezoõ he porque elles ham consy | guo pella autoridade do saber e da | ydade a uara da  
 correiço par isso vos | cõuẽ temer sua *presença* . scilicet . nõ fazer mal | *perãte* elles ca logo  
 vos ãtẽderõ . A *quar* | ta he *que* vos os deues d ajudar e cõ / | fortar da força de vosso  
 corpo E assi | de vossos beẽs piadosamente em | suas doẽças e mingoas *aquelles que* o |  
 mester onuerẽ<sup>205</sup> *per* humanal cõpayxõ | pẽsãdo *que* assi podees ser doẽtes e fra | *cos* se  
 3135 tãto viuer E mujto vos prazeria | se vos conortassem ca nom ha hy ||46v b|| mayor  
 emfermydade que de velhiçe | O quinto põto que he do bẽ que per | elles reçebees o *qual*  
 vos deue mouer a | os | soportar e auer delles cõpaixom | e que assi seja *aquelles que*  
 acharõ as | sciẽcias e as leys per que fomos ã | sinados e auemos regra de bẽ viuer | e de

<sup>204</sup> “Regaaes” por “rogais” .

<sup>205</sup> “Onuerẽ” por “houverem” .

3140 dereyto vos nõ poderies mere / | cer seus benefiços que assi guouer / | nõ per todo o mũdo  
 terras e regnos | E nõ embargãdo a força dos mãçe / | bos senõ fosse o ssiso dos antigos  
 | o mũdo yria a cõfusõ . E assi o ensina | a scriptura onde diz : mal polla terra | cujo senhor  
 he moço . scilicet . de costumes : | e siso . E assi per estas regras vos de | uees de ordenar  
 e mãteer que o bem | de vos e de vossa nomeada creça . Ca | muyto he autoryzada a boa  
 fama que | he apregoada pella boça<sup>206</sup> dos anty / | gos sisudos e lhe he ajõtada ffe . E s |  
 3145 se os mãçebos que a desejam fossem | bẽ auisados elles deuaryam traba / | lhar de seerẽ  
 sempre em sua graça per | boos costumes por seerem delles lo | uados . E este cõselho  
 toca tãto aos | homẽs mãçebos como as molheres | Mas pera deçer a nosso preposyto | a  
 ensynãça das molheres porque o | beẽ e o ssiso que dissemos he nos ve / | lhos . scilicet .  
 naquelles que som sesudos | e amadorea<sup>207</sup> de honrra nom he nos / | sa entençõ de fallar  
 3150 dos maaos ve / | lhos endureçydos ã peccados onde | nõ ha siso nem bõdade : destes deue  
 | homẽ a fogir mays que de peçonha . | e aos boos e honestos se deuẽ che / | gar toda  
 molher mãçeba que deseja | honrra . ssem [[E]] ãpacho yr aas festas | ã sua cõpanhia : mas  
 que dos mãçe / | bos : porque assi pode ir com mays | louuor e mays segura E sse alguũa  
 | cousa mal feita visse naquelle ajun / ||47r a||tamẽto nõ<sup>208</sup> caira o prasmõ sobre aquel | la  
 3155 que for achada ã cõpãhia de molher | antiga e honesta . E assy segundo | he dito deue a  
 molher mançeba ser | uir e honrrar as velhas e soportar | suas payxoões posto que ella seja  
 | aspara e trabalhosa e receber ã gra | do sua correpçõ e nom lhe respõder | asparo mas  
 calle se : ou falle çertamẽ | te e trabalha se de apaçificar per bẽ | se ella pode . E guarda  
 se de fazer aquel | las cousas que a podem mouer a ssa | nha de o fazer assy sera louuada  
 3160 . E | teẽdo estes caminhos os velhos cõ / | tra os moços e os moços contra os | velhos se  
 gnardara<sup>209</sup> a paz antre elles | que ameude som ã debates grãdes . | ¶ Capitulo . viij . Como  
 se de | uem gouernar molheres de me | steraaes . | AGuora nos cõuẽ fallar | da maneira de  
 viuer que de | uẽ teer as molheres que | som casadas cõ mestey / | raes e artesãos que  
 morã | nas boas villas e çidades assi como | ã paris e ã outras partes nõ ãbargã | do que  
 3165 todo o bẽ que ja dissemos pode a | perueitar a elles se lhes prouger . pero | huũs mesteres  
 sã mais honestos que ou | tros assi como ouriuezes brolladores | armeiros e tapeteiros mais  
 que os pe | dreiros nõ çapateiros E a estas e as ou | tras perteçe se querẽ auer riqueza seã  
 | soli | citas e deligẽtes despertar seos maridos | e obreiros muyto çedo a seus traba / | lhos

<sup>206</sup> “Boça” por “boca”.

<sup>207</sup> “Amadorea” por “amadores”.

<sup>208</sup> “Nã” por “nãõ”.

<sup>209</sup> “Gnardara” por “guardara”.

e os leixar tarde Ca sê duny / | da<sup>210</sup> hy nõ ha tã bõ mester *que* quẽ h nõ | *poser* boa  
 3170 *deligẽçia* posa muito auãçar | E cõ todo o trabalho *que* ella tomara | de solitar<sup>211</sup> os outros  
 ella mesma deue ||47r b|| poer a mão na obra . E deue *de* fazer | tãto : *que* ella se cõheço<sup>212</sup>  
 na obra afim *que* | possa auiar seus obreiros quãdo seu | marido hi nom he . E os reprimir  
 | senõ fazem bẽ E deue d estar açerca | delles pera os fazer obrar *que* nom se / | jam  
 ouciosos . Ca mujtas vezes pel / | los obreiros priguizosos o mestre fi | que pobre . E quãdo  
 3175 alguũas merca | darias veẽ a seu marido ou algũa o | bra nõ costumada ella o deue conse  
 / | lhar que senõ engane nõ tome merca / | daria nõ obra ã *que* perca . E que o menos | que  
 poder dee suas obras sobre fyã / | ça *que* he bõa cousa *perque* os homeẽs vẽ | a pobreza  
 posto que a cobiça do gaã | nho o faça muytas vezes fazer . E de | ue de amar muyto seu  
 marydo *e* | lhe amostrar grãde afeiçã *pera* o fazer | mais aturar sua casa *e* que nõ aja ra |  
 3180 zõ de seguir as cõpãhias doudas dos | mãçebos pelas tauernas *e per* outros | lugares  
 desonestos õde fazẽ sebejas<sup>213</sup> | despesas *que* as gentes de mester fazẽ | ã especial ã paris  
 E ellas os deuẽ do | çemẽte de tratar pollos guardar da | *quellas* cõpãhias . Ca se diz *que*  
 tres cou | sas lãçõ o homẽ [[homẽ]] fora de sua ca | sa . scilicet . molher braua *e* chaminee  
 fumo | sa *e* casa em *que* choue . E cõ esto ella | deue sêpre eestar ã sua casa *e* nõ ãdar |  
 3185 *pellas* ruas visitãdo as comadres ca | esto he obra de maas fazẽdeiras : nõ | deue d hir  
 ameude aas romarias sã | grãde neçessidade E deue conselhar | seu marido *que* viua assi  
 tẽperamẽte | que sua despesa nom passe o ganho | assi que na<sup>214</sup> fim do anno se achẽ ã dy  
 / | ueda . se ella ha filhos faça os apren | der primeiramẽte na escola porque | possam  
 melhor seruir *deos* de se aprẽ / | dam alguũ mester *perque* possam a | uer vida . Ca grande  
 3190 auer da seu fy / ||47v a||lho quẽ lhe da sciẽcia mercadaria ou | mester *e* os guarde *de* viços  
*e* de san | diçes . Ca sem duuida esta he hũa cou | sa *que* muito dana os moços de hũa vi |  
 la . E he grãde pecado dos padres *e* | madres *que* deuã seer cousa de seos boos | costumes  
*e* muitas vezes elles som | ocasiom do contrayro . | ¶ Capitulo . ix<sup>215</sup> . Das molheres |  
 seruidores *e* de soldada . | AFym *que* todas sentã nosa | ensinãça de bẽ viuer fal / | laremos  
 3195 aos<sup>216</sup> molheres *de* | seruiço de paris *e* d ou / | tra parte | . E porque em | muitos logares a

<sup>210</sup> “Dunyda” por “duuyda”.

<sup>211</sup> “Solitar” por “solicitar”.

<sup>212</sup> “Cõheço” por “conheça”.

<sup>213</sup> “Sebejas” por “sobejas”.

<sup>214</sup> “Na” por “no”. No português médio, “fim” era feminino, por isso “na fim”.

<sup>215</sup> Tauoa: “Capitulo . ix . Item das molheres de seruiço . Item . da ensinãça das molheres comũas”.

<sup>216</sup> “Aos” por “às”.

neçessidade do gã | nhar as faz meter muyto nouas ao | seruiço do mûdo pervêtura ellas  
 nõ | sabê tâ bê o *que* perteeçe a sua saluaçõ | e seruiço de *deos* como outras fazê : nõ | sabê  
 como hã de seruyr *deos* nõ ouuyr | missas e sermoões nõ como hã de di / | zer suas oras e  
 seu pater noster . por | *que* a necessidade do *seruiço* lho nõ sofre | Pareçeo nos bê fallar  
 3200 hũ pouco da | maneira ã feito e ã pêsamento *que* lhe | cõuem teer por sua saluaçõ e prouei  
 | to . E assy do *que* deuẽ d escusar . Toda | molher de seruyço deue saber *que* ella | he  
 escusada de duas cousas açerca | de *deos* posto *que* as nõ faça . de *que* sua se / | nhora ou  
 outra | molher repousada | nõ seria . scilicet . *que* se ella he ocupada no ser | uiço cõuẽ *que*  
 se leuãte çedo por melhor | fazer o *que* deue e durma tarde e *que* jan | te e çee depois de  
 3205 todos e pella ven / | tura nõ muy largamête e ãda comẽ / | do e seruïdo se esta molher nõ  
 jejûa | todos os dias mãdados pella ygre / | ja ella he escusada se ella êtêder *que* o | nom  
 pode fazer sem perjuizo do cor||47v b||po o qual desfaleçêdo ella nõ pode / | ria auer vida  
 assi onesta : nõ *pero que* ella | brite seu jejuũ per gula dyzêdo *que* nõ | he tehuda de jejûar  
 por*que* serue . E a | qui deuẽ de fazer a deferêça a *descrip* | çõ e boõ juizo . Ca muitas  
 3210 seruidores | ha hy *que* jejûam e fazem abstinências | por amor de deos . E assi dezemos co  
 / | mo deuem de hir a igreja e estar em | oraçon E *que* deue fazer a boa mo / | lher *que* quer  
 seruir e se *quer* salvar : çerta | mête ella deue saber *que* deos todo cõ | heçe e vee nõ  
 demãda senõ o bõ co / | raçõ . E aquelle *que* o bõ tê cõtra elle sê / | pre fara bê E aquella  
*que* a tal auera se | saluara ã tal maneira *que* ella se guar / | de de todos maos e feios  
 3215 pecados e | guardara lealdade ã pallauras e em | feytos a seu senhor ou senhora e os |  
 seruirã cõ bom cuidado . E ã fazêdo | seu seruyço podera dizer seus pater | nostres e suas  
 deuaçoões . E sse ella | nõ pode seer presente no moesteyro | seja hy o cora[[ra]]çom per  
 boa vonta / | de E nom he de crer *que* sempre sejã | tam ocupadas *que* se qniserẽ<sup>217</sup> tomar  
 | trabalho de se levantar bem çedo nõ | possam auer spaço d ouuyr hũa mis | sa os mais  
 3220 dos dias e se encomen / | dar a deos de sy fazer seu seruyço ha | *que* som obriguadas . E  
 teer tal ma / | neyra com outros beês *que* a boa ser | uidor podera fazer a poderam enca / |  
 minhar a saluaçom . Mas ter a ma / | neira *que* teẽ algũas gargantoas e | mas he caminho  
 de danaçom E pol | las *reprender* diremos algũas cousas | hi ha algũas falsas *seruidores*  
 as *quaes* | porque sabê asaz do baixo voar e bê | seruir per louuamihar nas grãdes | casas  
 3225 dos burgeses lhes dam a guo | uernança e ham officio de comprar | a uiãda e ir ao  
 acougue<sup>218</sup> onde fazem<sup>219</sup> ||48r a|| entêder *que* a cousa custa mays do *que* dã | por ella e

<sup>217</sup> “Qniserẽ” por “quiserẽ”.

<sup>218</sup> “Acougue” por “açougue”.

<sup>219</sup> IL: “fzaem”; IPDVV: “fãzem”; IM: “fzaem”. Optamos por utilizar a forma correta.

guardã o dinheiro do que | ã fim do anno se faz grãde perda em | hũa casa E ainda algũas  
 vzees<sup>220</sup> el / | las trazẽ da carneçarya a hũa peca<sup>221</sup> de | carneiro : ou d outra viãda e mãdã  
 fã | zer hũ pastel e fazẽ no poer na talha | de seu amo ao forneiro . E quãdo seu | senhor  
 3230 he a uilla e sua senhora a igre | ja a<sup>222</sup> jantar he feyto na cozinha com | grãde gaudemos e  
 nõ sem boõ beuer | do melhor *que* esta na cana<sup>223</sup> . E alli vem | a outras seruydores da rrua  
 e deos | sabe como se forõ Em muitas vezes | o pastel he leuado a camara *que* ella tẽ | na  
 villa e alli veẽ os gentiis homẽs | *que* fazẽ a galla . E se hy ha molheres | na casa *que* ajudã  
 a fazer os outros ser / | uiços estas som da cõpanhya desta e | lhe fazẽ seos seruiços  
 3235 emquãto ella vay | folgar *porque* seu sêhor ache todo pre | stes quando vyer . E quando  
 veẽ *deos* sabe | como veẽ carregadas de vinho e de | vianda . E ainda seruẽ d outra offy /  
 | çio *porque* quãdo fazẽ as decoadas *pera* | lauar . pensa sua sêhora *que* ellas som | na  
 ribeyra e ellas som nas estuuas | E as molheres que seruẽ por ellas | som o bẽ pagadas mas  
 nom de seu . | E teẽ muytos parentes e cõpadres | *que* veẽ a casa pregũtar por ella e deos  
 3240 | sabe o parêtesco *que* hi a o *qual* custa muj | tos barrys de vinho . E se acõteçe que | tal  
 molher syrua em algũa casa õde | aja senhora noua e nouamẽte casa | da *que* seja huũ  
 pouco sobello neyçyo | ella sabera bẽ trabalhar de cõprazer | ao mestre e de lhe fallar nas  
 molhe / | res de bem . E dizer mal das *que* enga / | nam afim *que* elle fie della a molher e  
 | todo o al . E d outra parte ella diz tã / | to a sua senhora E per esta maneira | os tem ãbos  
 3245 que nõ crem ã outra *deos* ||48r b|| Entõ o vinho a uiãda candeas : pam | toucinho . sal e  
 toda a despesa de ca / | sa sera governada como *deos* sabe he | se o *senhor* diz algũas |  
 vezes *que* *peruisões* | falleçe loguo tem prestes a reposta di | zẽdo *que* esto he pellos  
 conuytes *que* elle | faz ameude . Mas acõteçe *que* alguũ | galante lhe dee ou prometa sayo  
 ou | capello por fazer algũa mensagem a | sua sêhora assi seja ella queimada co | mo a faz  
 3250 de boamẽte E taes camarei | ras sã prigosas na casa *porque* o bom | seruiço que fazem ã  
 fazer bẽ *de* comer | ter todo lipamẽte e *per* ordẽ bõ fallar | bõ respõder e sobre todo o  
 louuami | nhar çega assi a gẽte *que* homẽ nõ se po | de guardar de suas maldades Ca el |  
 las fingem *deuaçom* por melhor cobrir | seus malles e vaã ameude ao moe / | steiro cõ suas  
 cõtas . E assi vas<sup>224</sup> outros | *que* soes seruidos guardae uos *que* nõ se | jaes ãganados : a

<sup>220</sup> “Vzees” por “vezes”.

<sup>221</sup> “Peca” por “peça”.

<sup>222</sup> “A” por “o”.

<sup>223</sup> “Cana” por “cava”.

<sup>224</sup> “Vas” por “vos”.

3255 vos que seruis ho | dicemos afim *que* vos aurreça fazer | taes cousas porque as *que* o  
fazẽ se | condempnam Ca muitas som quei | madas ou soterrados viuas que ho | nom  
mereçem tambem . | ¶ Capitulo . x<sup>225</sup> . Ensynança das | molheres comũas . | ASy como o  
sol luze so / | bre os boõs *e* maos . assi | nom deuemos auer em | pachos de d espende no |  
ssa doutryna sobre *aquel* / | las molheres que per sua sandiçe vi | uem vida *desordenada* E  
3260 por seu tor | pe guanho se fazem cõmũas nem o | deuemos d auer pensando que a di / |  
gua<sup>226</sup> pessoa de jhesu cristo foy con / | tente de as cõuerter : mas deuemo la | fazer por  
caridade *e* cõ entençom de ||48v a|| bẽ fazer afim *que* ao menos algũa po / | sa reter nossa  
ensinança se a quiserẽ ou | uir *e* per ella se apartẽ de sua vida sãdia | Ca nõ pode ser melhor  
esmola *que* ty | rar o pecador do seu pecado . E dize / | mos assi . Oo vos mesquinhas  
3265 molhe | res tã desonestamẽte dadas ao peca | do abry os olhos de vossa alma *e* re | cobrae  
vosso cõhecimẽto E afastae | uos *ẽquanto* o lume do dia vos dura | ãte *que* as treuas da  
noyte vos leuẽ ao | jnferno : ca nenhuu sabe a ora da sua | morte paraemẽtes as vida çuya<sup>227</sup>  
que | fazees *que* tãto he aurreçida aos boos | *que* aallẽ de serdes ã yra de *deos* o mũdo |  
vos despreza tãto *que* toda onesta pesoa | foge de *vos* como de cousa excomũga | da por  
3270 vos nõ verẽ tornã de sobre *vos* | suas vistas . porque dura ã | vos tãto hũ | vil coraçõ *que*  
no paul de tãta abomy / | naço jazees anagadas Como pode | auer abstinada . ã tanto mal  
a molher | de sua cõdiçõ he simplez *e* verguõço | sa *e* *que* possa endurar tãta desonesty / |  
dade E viuer *e* comer *e* beber antre | h[o]mẽs mais vijs *que* porcos nẽ auees | cõhecimẽto  
d outra gẽte Que vos fe | rẽ *e* ameaçõ de morte porque he a sim / | preza *e* honestydade  
3275 das molheres | tornada em vos tam fea vylleza por | *deos* molheres *que* auees nome *de*  
*christãas* | *e* o conuertees em tã vil officio leuã | tai uos de tã cuja<sup>228</sup> lama onde jazees *e* |  
nõ sofraes mais *que* vossas almas se / | jam carregadas das sugidades co / | metidas pellos  
vijs corpos . Ca *deos* | todo piedoso aparelhado he de vas<sup>229</sup> | receber se vos quyserdes  
reprender | *e* pedir merçee per gram contryçom | E tomae enxemplo de marya egypt | ciaca  
3280 que de uyda desonesta se reprẽ | deo *e* tornou pera *deos* assi *que* he san | ta no parayso .  
E isso mesmo a glo||48v b||riosa sancta afranya *que* por amor de | *deos* ofereceo seu corpo  
a marterio pel | los muytos pecados que fezera E ou | tros muytos que foram saluos desta  
| maneira . E algũs de uos dizẽ *que* de | boa voõtade o fariam assy mas por | tres razões

<sup>225</sup> Tauoa: “Capitulo . x . Itẽ louua as molheres castas e onestas”.

<sup>226</sup> “Digua” por “digna”.

<sup>227</sup> “Vida çuya” por “vidas sujas”.

<sup>228</sup> “Cuja” por “suja”.

<sup>229</sup> “Vas” por “vos”.

nom podê hũa porque os | homeês que as seguem o nom con / | sentyram . A outra he que  
 3285 o mundo | que as aurreçe as lançaria de sy e | encorrerya de todos logares . e por | esto  
 se no ousariã ver ãnte as gentes | A terçeyra que ella nõ teria de que | viuer porque nom  
 sabe mester nem ar | te . E dyguo que estas razoões nom | vallem nada ca todas podem  
 aueer | remedeo . A prymeira deuem de sa / | ber que hy nom ha molher tam co / | mũa  
 que se ella quiser de todo se des / | poer a leyxar o | pecado e pedyr mer / | çee a deos e se  
 3290 reprimir com prepo | sito firme de mays nom cair : que nõ | seya bem guardada de todos  
 aquel | les que a querem toruar mas que el / | la meesma se queyra ajudar he ley / | xe ho  
 abyto desonesto he fuya aas | companhys que soya de seguyr e | se chegue aas egreyas e  
 ouça hos | sermoões deuotamente e se confe/ | sse em grande reprimymento ao | cõ |  
 fessor entenydo . E a todos aquel / | les que ha demandarem de peccado | responda  
 3295 claramente que mays | asyn / | ha ofereceria seu corpo a marteiro ca | consentyr em peccado  
 : ca deos | lhe | deu graça de se reprimir he nunca | hy cousintyra<sup>230</sup> em sua vyda . E  
 quem | teuer tal camynho chamando *deos* | em sua ajuda nom podera seer tam | maoo  
 refyam de que ella nom seya | lyure . E sse achasse alguũ que força | lhe quysesse fazer  
 contasse seu fey / | to ha justiça he serya ajudada . A ou||49r a||tra razam que o mundo a  
 3300 despreza / | ria nõ deue teer tal openiõ nõ leixar | seu boõ preposito porque a verdade he |  
 toda ã cotrayro . E nõ duuidê que to | das as boas criaturas que a uirẽ a ssi cõ | uerter : e  
 vergõçosa de seu peccado : a | uerõ grãde piedade e chamarã e lhe | dirã boas pallauras : e  
 darõ ocasiõ | de perseuerar ã bẽ . E poderia parecer | tã boa e tã honesta vida . que onde a  
 | ssoyã d auoreçer todos a chamariam e | lhe teeriã amor . E asi *per* bẽ fazer e *per* | graça  
 3305 de *deos* cobraria honrra ã logo | de vergonha . E porque nõ ca . quando | a deos ouuesse  
 perdoada e tornada a s | sua graça nõ seria razõ que o mũdo | a ãgeitasse . E toda molher  
 assi dada | ao peccado deueria desejar seer tor / | nada a tal estado o que he bem possiuel  
 | quando sse ella quiser despoer . A terçei | ra razõ he que ella nom aueria do que | vyuer  
 : esta nõ val nada ca se ella ha | corpo forte pera mal fazer e pera mal | sofrer ella deuia d  
 3310 auer pera guaa / | nhar sua vida . mas que ella fosse de | sposta como dissemos . E cada  
 huũ | a tomaria de boamente pera ajudar | a viuer : e em as grandes casas logo | com  
 pydade lhe dariam qualquer | guanho . Mas que ella se toruasse | de tornar a ssua  
 maldade . E poderia | fiar : e siruir paridas e doêtes : e mo / | rasse em boa rua e antre boa  
 gente | e em muyta simpreza e temperança | que nunca fosse achada beueda : bra | ua :  
 3315 nem perfiosa nem palreyra E de | sua boca nunca fosse ouuyda palla / | ura desonesta mas

---

<sup>230</sup> “Cousintyra” por “consentirá”.

sempre humildo | sa : *e* de boõ seruiço ha toda boa gen | te . E per tal caminho ella poderya  
 | servir ha deos *e* guaanhar sua vida | E lhe seria mylhor huõ dynheiro *que* | cento em  
 peccado . ||49r b|| ¶ Capitulo . xi<sup>231</sup> . Louua as mo | lheres castas *e* honestas . | ASy como  
 he departido o | branco de preto E quãto | huõ he mais acerca do ou | tro tãto he mais  
 3320 cõheçida | sua deferença : nos praza pollas mo | lheres desonestas de que agora fal / |  
 lamos por dar mylhor vysta aas que | som castas de honesta vida fallar a / | ellas *e* as  
 louuar : nom por lhe dar | causa de soberua : mas porque a ssua | vyrtude : com louuor  
 verdadeiro per | seure *e* creça : despoys que fallamos | aas pobres peccadores : porque as  
 / | sy como aquellas que som desfalle / | cidias per graça de deos se podem re | leuar *e*  
 3325 conuerter a ssaluaçom : assi as | boas per tentaçom do jmigo *e* fra / | queza sua se podem  
 peruerter e seer | condempnadas . Ca nõ he cõheçida | a constãcia do boõ pellegrim ataa  
*que* | o termo de sua viagẽ he acabado . E | assi cõsijrada a fraqueza humanal co / | mo he  
 inclinada a cair : uehuõ<sup>232</sup> deue *pre* | sumir que he mais forte que sam pe / | dro nem que  
 . Daud | *e* Sallamom *e* | outros de grande saber *que* cairõ ã pe / | cado . E por isso lhe  
 3330 diremos assi A | vos muyto amadas amigas molhe | res honestas *e* *de* casta vida : o prazer  
 | que auemos no louuor da castyda / | de nos moue a vos screuer assy has | propriedades  
 daquella vyrtuosa frol | da castydade : como hos louuores *que* | lhe som dados : porque  
 quando o ho / | mẽ louua huõ boõ obreyro em suas | obras elle se deleyta *e* trabalha de o |  
 brar mylhor E vos assy fazee . Ain | da que seja forte cousa screuer suas | propriedades  
 3335 todas algũas nembra | remos . Castydade tem tal vyrtude ||49v a|| *que* faz a pessoa ã *que*  
 mora accepta *e* pra / | ziuel a *deos* . E mostra sse pollo *que* diz sã | to Ambrosio *que* estada  
 criatura hu / | mana | faz anjo . E ssã bernardo o cõ / | firma õde diz *que* cousa pode seer  
 mais | fremosa *que* a castidade *que* da criatura | humanal cõcepta ã peccado faz a *deos* |  
 lĩpa morada . Castidade he a ssoo vir | tude *que* ã este mũdo mortal represeta a y |  
 3340 mortallidade do outro . E as criatu / | ras *que* a hã ã sy se podẽ bẽ cõparar a / | os *spiritos*  
*santos* do çeeo jnfidas sã as | *perpiedades que* a *ssanta* scriptura põe de | sta vyrtude  
 celestial . E *que* assi seja *per* / | uado *per* taes *e* tã *santas* testemũhas *que* | ella he tã boa  
 ãte *deos* a esperiẽcia nos mo | stra como he louuada no mũdo . Ca | nõ seja criatura ã *que*  
 aja tãtos malles *que* | cõ *verdade* tẽha nome de casta *que* o mũ | do a nõ hõre muito . E se  
 3345 he plasma | da do cõtrairo *per* muitos outros beẽs *que* | faça sempre escarnecẽ della *e* a  
 desprezã | E sse *vos* | *vos* hi *quiserdes* deleitar vos ou | tras boas molheres nõ mostrãdo fĩ  
 | gidamẽte *que* o soes *e* *que* ã cubertamẽte | aja ã *vos* o cõtrairo : porque *aquelle deos* a *que*

<sup>231</sup> Tauoa: “Capitulo . xj . Das molheres dos lauradores .”

<sup>232</sup> “Uehuõ” por “nenhum”.

| nehuãa cousa he escõdida o ssaberia | e vos daria o gallardõ : mas realmête | seja tal  
 vossa cõsciência . E nõ façaaes | como algũas sãdias *que* pêsã por fal / | lar das outras  
 3350 ãcobrir suas sãdiçes | e fazer creer a *todos que* ellas sã boas e | *que* tal feito auoreçẽ muito  
 tal maneira | he *pera* despreçar ca por boa *que* huãa mo | lher seja tanto como ella he  
 melhor | lher *perteeçe* mais de se callar ã tal caso : | e sempre deue pêsar *que* todas as outras  
 | sã assy boas como ella nõ he sinal *que* | he boa *quem vos* outros acha muito mal . | E assi  
 nom deues de seer soberuas | por vossa castidade nõ desprezar nem | escarneçer das  
 3355 outras posto *que* de cer | to soubesses seu erro nõ fallees seu ||49v b|| mal por *vos* gloriar  
 e mostrar *que* valle . scilicet . | mais e isto por duas razões . A pri / | meira porque *vos*  
 nõ sabees o que *vos* | pode acontecer ou como seres tenta | das ca diz o exẽplo muitas  
 vezes le / | ua o lobo a ouelha depois que he ve / | lha . A outra he que se *vos* nõ auees e /  
 | ste peccado *pervẽtura* aues outras peo | ras posto que nõ sejã tã desonestas ao | mũdo . E  
 3360 deues auer piedade dos *que* | errã e rogar a *deos* por elles E louuar | muito *deos* que *vos*  
 guardou deste mal | E rrogar lher que *vos* dee *perseuerãça* | e *vos* tire as occasiões que *vos*  
 podẽ | trager a peccado e *vos* deues teer em | humyldade cõtra *deos* nõ *vos* fiar ã | *vos*  
 mesmas ante sempre estaa ã temor | E *per* tal caminho podees guiar *vos* / | sa carreta  
 ata<sup>233</sup> a fim õde achares glo / | ria a qual *vos* *deos* queyra outor / | guar . Amen . | ¶ Capitulo  
 3365 . xij<sup>234</sup> . Das molhe | res do trabalho . | AGora nos cõuẽ chegar cõ / | tra afim de nosso  
*preposito* | que ja he tempo daqui adi | ante fallãdo aas molhe / | res dos lauradores das  
 aldeas aas | quaes nõ he necessario defẽder hos | *vestidos* nõ *ornamẽtos* sobeios porque de  
 / | sto a necessidade as tẽ guardadas . | E *pero* posto que ellas sejam criadas | a pam de  
 rrara e tocinho e augua . E | que assaz de trabalho achom<sup>235</sup> em sua | vida a qual *perventura*  
 3370 he mays se / | gura e mays abastada que d algũas | que som em alto estado assentadas . |  
 E porque toda cryatura de *qualquer* | estado que seja ha mester ãsinança ã | bem vyuer nos  
 praz que ellas sejam | parteçypantes em nossa doutryna ||50r a|| E por isso lher diremos  
 assi . Entẽdee | *simpreses* molheres *que* *moraes* nas | aldeas e terras chaãs que ameude |  
 nom podees ouuir ho que a ssancta | egreja *vos* ensina *pera* vossa salua / | çom se nom he  
 3375 ao domingo *per* *vos* | sos abades ou priores que teẽ cura | de vossas almas . Reteẽ de nossa  
 liçã | e fazee lher caminho como possa che | gar a vossas orelhas afim *que* ygnorã | çia *que*  
*vos* pode ãganar *per* mingua de | saber nõ torue vossa saluaçõ Primei | ramête deues de

<sup>233</sup> “Ata” por “até”.

<sup>234</sup> Tauoa: “Capitulo . xij . Itẽ falla do estado dos pobres assy homeẽs como . molheres .”

<sup>235</sup> “Achom” por “acham”, “hão”.

saber *que* hi ha huũ | so deos todo poderoso e todo boo | todo justo *e* todo sabedor a *que*  
nehũa | cousa he ãcuberta *que* da gallardõ a to | da *persoa* de beẽ *e* de mal segũdo elle |  
3380 mereçe . Este soo *deos* seer *perfeitamẽte* | amado *e* seruido Mas *porque* elle he | tã boõ  
*que* ledamẽte recebe todo serui | ço *que* bõ coraçõ lhe *presẽta* . E he tã sabe | dor *que* sabe  
toda a possibillidade dos | homẽs *que* lhe abasta *que* cada huũ faça | açerca delle o *que*  
pode mas *que* seja de | bõ coraçõ . *e* por isso vos outros de *que* o | mũdo ha de seer seruydo  
3385 ã laurar *e* | criar *que* he sostimẽto da vida *e* criaçõ | de toda criatura humanal *porque* nõ  
poder auer spaço de o servir ã jejuũs | nõ oraçoões como as outras molhe | res das villas *e*  
assy vos he neçessa / | ria a ssaluaçõ como a ellas : cõuẽ *que* | o seruaes *per* outra maneira  
assi como | vos diremos . scilicet . ã coraçõ *e* ã võtade . *e* assi | como o amaes bẽ *e* lealmẽte  
: assi vos | guardae de fazer a uosso vezinho o | *que* nõ *querirees* *que* vos fosse feito . *e*  
assy | cõselhae vossos maridos *que* se elles | laurã terras d outrẽ *que* paguem bẽ | *e* lealmẽte  
3390 *e* as laurẽ *e* aproueitẽ co / | mo se fosse *pera* si . *e* paguẽ *daquelle* mes | mo trygo *que*  
naçeõ ã suas terras *e* | nõ lhe mesturem outro peor nem scõ||50r b||dã os melhores carneiros  
por dar ao | *senhorio* dos piores no tempo do partir nõ | lhe mostrẽ pelles por lhe fazer  
ẽtẽder | *que* sã mortos as *quaes* sejã d otros nõ lhe | paguẽ dos piores verolles da laã nem  
| lhe dom maa cõta de suas cousas nõ | vão cortar na mata alhea a madey | ra *pera* fazer  
3395 suas casas . E sse querẽ | fazer vinhas sejam deligentes de as | fazer de todas maneiras *e*  
em sazõ . | E quando seu senhor manda tomar | obreiros *pera* fazer alguũa cousa se | os  
alugar a sseis brancos<sup>236</sup> ao dia nõ | digam *que* custam sete E assy desta | *e* d outras  
semelhãtes cousas as bo | as molheres deuem conselhar seus | maridos . Ca elles se danam  
em mal | obrar *e per* bẽ *e* lealmente trabalhar : | tomar em grado sua vida : sem duuy | da  
3400 elles se saluarem Ca he vida *que* | muyto praz a deos *e* elles mesmo se | deuem d ajudar  
no *que* elles podem . | E deuem bem de consijrar *que* nom | vão nem consentam a sseus  
fylhos | yr romper as sebes *e* tapaduras a / | lneas por furtar huuas nõ outra al / | gũa fruita  
nem lançem suas bestas ã | logares *que* façam dãpno a sseus ve | zinhos nem tomem do  
alheo o *que* | nom queryam *que* tomassem do seu | vão a egreja o melhor *e* mais ameu |  
3405 de *que* poderem : paguem a deos le / | almente seu dizimo *e* nom das peo | res cousas  
digam seus pater nostres | sejam pacificos com seus vezinhos | sem lhes fazer dampno  
nem andem | em demãda por pouca cousa cream | firmemente em deos aja piedade da |  
quelles a *que* virem mal . E *per* este | caminho se podem salvar assy os ho | meãs como as  
molheres . | ¶ Capitulo xiiij<sup>237</sup> . falla ao estado | dos pobres homẽs *e* molheres . ||50v a||

<sup>236</sup> “Branço” por “branco”.

<sup>237</sup> Tauoa: “Capitulo . xiiij . Item a fim e cõclusom do liuro.”

3410 ASy como começamos nos | ricos desi fallamos a todos os | estados das molheres co / |  
 munalmente : cõuẽ *que* terminemos nos | sa obra no estado dos pobres ama / | do<sup>238</sup> de  
 deos auoreçido do mûdo assi ho | mês como molheres pollos amoe / | star de paçiẽça  
 polla sperança da co | roa *que* lhe he *permetida* dizêdo assi Oo | bẽ auêturados pobres  
 3415 mereçimêto | da pobreza sofryda cõ paciẽça ale / | grae vos ã alta *permissa* daquella  
 ale | gria *que* todas passa e a *que* riqueza nõ he | cõparada : a qual nõ he prometida aos |  
 Reis nõ aos pricipes nõ aos riços se | elles nõ sã de vossa cõpanhia no *spirito* | E *que*  
 desprezẽ as riquezas do mûdo nõ | ajã prazer ã ellas . Amigos muito ama | dos de deos  
 paraamêtes ã nossa ensy | nãça se pode chegar a vosso conheçy | mêtto : porque ella nos  
 3420 faz lãbrãça do que | vos pode ajudar cõtra os aguilhoões | da ãpaçiẽça *que* vos pungẽ por  
 causa dos | trabalhos e minguas *que* passaaes . scilicet . | fame sede ; frio maa pousada .  
 fraqueza | velhiçe : mĩgua d amigos doẽças sã cõ / | forto . E ssobre todo o despreço cõ  
 que | o mûdo vos ãgeita assi como se nõ fos | sees homês nõ *christaaos* . Quãdo a pũ | tura  
 da ãpaciẽcia vos vẽ afim que per | ella nõ *percaees* os grãdes thesouros | que vos sã  
 3425 *permetidos* vãha a ssenhora | sperãça armada de paciẽça cõ escu / | do de ffe . que pelleje  
 cõtra elle em tal | maneyra que a uitoria seja vossa . E | pellejara cõ cĩquo dardos O  
 primeiro | sera este . Oo pobre pecador *que* has | porque te queixas da pobreza : ata | homẽ  
 no mûdo que senõ teusse por | cõtẽte de ser vestido da roupa *del rey* ||50v b|| e de sua  
 liuree . Aa deos nosso criador | todo poderoso . rey sobre todos os reis | Eu tua pobre  
 3430 criatura sã vestida de | tuas roupas . assi na alma como no | corpo : na alma ãquãto a  
 fizeste a tua | imagẽ e no corpo ãquanto tẽho carne | humana assi como tu *quiseste* auer E  
 | vestido de pobreza a qual roupa tu sã | pre oueste em toda tua vyda . E bẽ | mostras que  
 autoryzastes mays ho | estado da pobreza e de sua profisson | que nenhũ outro quãdo *pera*  
 ti o esco | lheste . E agora se mostra *que* os teus | juyzos nõ som taes como os dos ho |  
 3435 meãs . Quem foy em este mundo ma | ys pobre que tu quando te prouue | nacer em huã  
 estrebaria antre be / | stas mudas em tempo de yuerno e | foste ãuorilhado em pobres panos  
 | E toda tua vida husaste tal pobreza | que nunca teueste cousa propria nõ | al senom o que  
 te dauam por smolla | sofreste fame sede e trabalhos quy | seste morrer atormêtado todo  
 nuu / | tam pobre que nom auias hũa almo | fada pera poer tua cabeeça ferida e | cansada  
 3440 . E eu mesqna creatnra<sup>239</sup> . | me deuo de *queixar* por seer de teu con | uẽto ãte te dou

<sup>238</sup> “Amado” por “amados”.

<sup>239</sup> “Mesqna creatnra” por “mesquinha creatura”.

graças e merçees por | que te prouue de me honrrar tanto | Ca tu queres *que* polla fame  
 que logo | passa eu seja a tua sancta mesa far / | to<sup>240</sup> pera sempre . E prasme que a tua |  
 voontade seja sempre comprida . O s | segũdo dardo e se tu agora hes doẽ | te e mal  
 perueudo . deos o quer assy ha | fym que polla boa paciẽcia que tu | hy aueras : teu  
 3445 merecymto cre / | ça . O terçeyro se tu hes velho he | nom tees amygos . que te empeece  
 . | E aquelles amygos que te podem | fafer<sup>241</sup> elles nom podem tyrar a ue / | lhiçe nem  
 acreçentar | teus merecimẽ||51r a||tos e quãto tu hes mays velho me / | lhor he pera ty ca  
 estas mais acerca | do termo de tua viagem que he deos | o qual por sua santa misericordia  
 se | tu hes paciente renouara tua força : | e mãçebia na gloria . O quarto se tu | agora jazes  
 3450 sobre huũ pouco d ester | co que muy pouco te ha de durar : ou | em pobre e maa pousada  
 : ou se tu nõ | has de que beẽ viuer . scilicet . viçosamente | e que mal he este pera ty a  
 rrespeyto | da boa pousada : e muytos viços *que* | tu nom podes errar se per ty nom fy | ca  
 . O quinto he se o mundo te despre | ça : e emgeita sofres por deos fery / | das e trabalhos  
 . Paramentes que | val aos reys e senhores e aos ricos | mortos as honrras que lhes faziam  
 3455 | em esta vida nom he duuida *que* taaes | honrras foram causa de dampnaçõ | de muytos a  
 que mays vallerã seerẽ | de teu estado . E assi vos outros po / | bres mendigantes per estes  
 cinco | dardos podees veẽcer e matar os | combates da impaçiencia que nom | som  
 pequenos quando veem per ho | pressom de necessidade : tomando ã | graado vossa  
 pobreza e auer fyrme | feuzã em deos : nem cobijçar outra | cousa senom aquello que lhe  
 3460 mays | apraz . E per tal caminho podees a / | uer melhor possyssom e mays ryque | zas que  
 te mil mnndos<sup>242</sup> podiam dar | posto que sempre durassem . E aues | razom de esguardar  
 todo . e se beem | querees vsar de louuardes o estado | em que vos deos pos : posto que  
 seja | duro de soportar . E vos boas molhe | res pobres *que* auees maridos os de / | uees de  
 confortar e vos seruyr huũ | ao outro o melhor que poderdes . E | as pobres veuvas se  
 3465 cõfortẽ em deos | atendendo aquelle prazer que nom ||51r b|| ha fim o qual vos deos queira  
 outor | gar . E a elle te encomandamos<sup>243</sup> ami | ga *christina* e nos queremos hir . | ¶  
 Capytulo . xiiij<sup>244</sup> . Fym e con | clusom do lyuro . | TAnto que as tres se / | nhoras se  
 callarom lo | go desapareçerom . E | eu *christyna* fiquey assy | cansada de longa scri | ptura  
 . E muyto allegre sguardãdo | a boa e proueytosa obra de suas ly / | çoões as quaes per mi

<sup>240</sup> “Farto” por “farta”.

<sup>241</sup> “Fafer” por “fazer”.

<sup>242</sup> “Mnndos” por “mundos”.

<sup>243</sup> “Encomandamos” por “encomendamos”.

<sup>244</sup> Esse capítulo não consta na Tauoa.

3470 vistas me pa | reçoerom cada vez melhor pera beem | e acrecentamêto de boos costumes | e  
 virtudes e louuor e hõrra de toda | vniuersidade das molheres presen / | tes e por vijr onde  
 quer que podesse seer | vista . E por isso eu sua seruydor nõ | digna porque sêpre me  
 êpregue no serui | ço e bẽ dellas assi como eu cõtinuada | mête desejo prepuse de  
 multiplicar esta | obra pello mũdo ãe muitos trellados os | quaes seriã presêtados a Raynhas  
 3475 e prĩ | çesas e grãdes senhoras . porque a obra | fosse mais hõrada per ellas e dellas se |  
 spargesse pellas outras molheres o | qual desejo assi cõçebido fara publicar | a obra per  
 todo o mũdo ãe linguagẽ frã | ces : porque esta he mais comuãa a to / | das . E por isto nõ  
 sera nossa obra sã | perueito : ãte auerã muitas grãdes senho | ras e molheres d autoridade  
 no presẽ | te tempo . E as que depois viuerẽ roga | rã a deos por sua serua christina desejado  
 3480 | que ella fora ãe seu tempo que a poderã ver | as quaes todas praza que emquãto ella | durar  
 aajam em sua graça e nẽbrãça | rogãdo a deos que por sua piedade se / | ja fauorauel a  
 sseu entendymto . ||51v a|| E que tal lumyera de sciencya e ver / | dadeira sapiençia lhe  
 dee que ella se | possa empregar emquanto dura | ãe | esta vida e o nobre trabalho do esta /  
 | do em louuor e exalçamento de vir / | tudes e boos exemplos a toda hu / | manal criatura  
 3485 E desque a alma for | partida do corpo lhes praza ofere / | çer a deos por ella oraçoões  
 oblaçoões | e deuaçoões por aliuamêto das pe / | nas que por seus peccados mereço | E que  
 seja presentada ante deos no | mundo que nom auera fym o qual | nos elle outorgue . Amen  
 . | ¶ Deo gracias . ||51v b|| ¶ Por mandado dela muyto escla / | rescida reyna dona lyanor  
 molher | do poderoso y muy manifico rey dõ | juan segundo de portugal . | ¶ Acabase el  
 3490 libro intitulado das | tres virtudes no qual se cõtem muy | tas profeytosas doutrinas y salu  
 / | dables exemplos assy pera as gene | rosas y grandes donas como pera | as outras de  
 qualquer estado o<sup>245</sup> con | diçiom que sejam . E poderam en elle | depender como se ham  
 de regir e | gouernar no regimento de suas ca / | sas fazendas y honrras . Impresso | em ha  
 muy nobre y sempre leal cib / | dade<sup>246</sup> de lixboa por herman de cam | pos . Imprimidor y  
 3495 bombardeyro | do rey nosso senhor cõ gracia y pri | uiegio de su alteza . Anno de nostra |  
 saluaçam . m . d . y xvij . annos . a xx . | dias do mes de junio .

<sup>245</sup> “O” por “ou”.

<sup>246</sup> “Cibdade” por cidade.

#### 4 GLOSSÁRIO EXAUSTIVO DO TESTEMUNHO DE LISBOA. COM PALAVRAS ININTELIGÍVEIS, EM DESUSO NO PORTUGUÊS CULTO ATUAL USADO NO BRASIL

Para facilitar a leitura, apresentamos a seguir alguns exemplos de variantes de alografias, tanto em termos de vocalismo como de consonantismo.

<i>, <j>, <y> = /i/ \_ <i>  
<î>, <ĵ>, <ÿ> = /j/ \_ <j>  
<u>, <v> = /v/ \_ <v>  
<u>, <v> = /b/ \_ <b>  
<u> = /n/ \_ <n>  
<c>, <ç>, + a, o, u \_ <ç>  
<c>, <ç> + e, i \_ <c>  
<j>, <g> = /g/ \_ <g>  
<j>, <g> = /j/ \_ <j>  
<g> = /z/ \_ <z>  
<ñ>, <ã>, <ẽ>, <î>, <õ>, <ũ> = /nh/  
ng = nh  
<ã>, <õ> = /ão/  
<ã> = /am/, /an/  
<ẽ> = /em/, /en/  
<î> = /in/  
<oõe> = /õe/  
<ũ> = /um/  
<ll> = /l/, /lh/  
<rr> = /r/ ou <r> = /rr/  
<s> = /ss/ ou <ss> = /s/  
per = pre/pro ou por

Informação gramatical abreviada:

adj. = adjetivo  
adv. = advérbio  
art. = artigo (def. = definido)  
conj. = conjunção  
n. = numeral  
pl. = plural  
prep. = preposição  
pron. = pronome  
s. = substantivo; f. = feminino; m. = masculino  
v<sup>247</sup>. = verbo<sup>248</sup> (inf. = infinitivo)

<sup>247</sup> Verbos: número (s./pl.); pessoa (1ª, 2ª, 3ª s./pl.); modo (indicativo, imperativo e conjuntivo); tempo (pas./pres./fut.); conjugação (sufixo: ar, er, ir).

<sup>248</sup> Entrada dos verbos na forma infinitiva e/ou de maior ocorrência.

Conjugação verbal:

**ind.** = indicativo; p. = presente; p.p. = pretérito perfeito; p.i. = pretérito imperfeito; p.+q.p. = pretérito mais que perfeito

**imp.** = imperativo

**conj.**<sup>249</sup> = conjuntivo; p. = presente; p.p. = pretérito perfeito; p.i. = pretérito imperfeito; p.+ q.p. = pretérito mais que perfeito

ger. = gerúndio; part. = particípio

Modos	Tempos	Conjugação		
<b>Indicativo:</b>	Presente:	amo	vendo	parto
	Pretérito imperfeito:	amava	vendia	partia
	perfeito:	amei	vendi	parti
	mais que perfeito:	amara	vendera	partira
	Futuro do presente:	amarei	venderei	partirei
	do pretérito (ant. cond.):	amaria	venderia	partiria
<b>Imperativo:</b>	Presente:	ama (tu)	vende	parte
<b>Conjuntivo:</b>	Presente:	ame	venda	parta
	Pretérito imperfeito:	amasse	vendesse	partisse
	perfeito composto:	tenha (haja) amado	vendido	partido
	mais que perfeito composto:	tivesse (houvesse) amado =		
	Futuro:	amares	venderes	partires
	composto:	tiver (houver) amado =		

<sup>249</sup> Usaremos o termo “conjuntivo”, usado no português de Portugal, em vez de “subjuntivo”, porque a pesquisa foi realizada em Lisboa.

## 4.1 GLOSSÁRIO

*aazo* (1) [**ocasião; o que facilita qualquer coisa ou causa**] s. m.; *azo* (1). ||17v a||: “assy ella nom esta mal a toda pessoa que deseja honrra *e* em fazêdo esto da aazo de bem”. Variante: *azadores* (1) [**azado: adequado, oportuno**] adj. m. pl. ||30r b||: “guardar segredo a sua senhora . mayormente que nom forõ azadores | do caso”.

*abastante* (1) [**o mesmo que bastante**] adj.; *abastantes* (1). ||18v b||: “he synal abastante pera correger os maaos *e* se fazer temer”.

*abisso* (1) [**sem fundo; inferno, abismo**] s. m. ||39r b||: “quẽ bẽ *quiser* sgardar os lououres desta *que* lhe da a *sancta* scriptura seria huũ abisso sê | fũdo”

*abito* (3) [**hábito**] s. m.; *abitos* (1); *abyto* (3); *abytos* (1). ||39v a||: “assi d abito *e* toucado como de pallauras *e* geytos”. Variante: *abeto* (1). ||41v a||: “hũa molher seja toda boa *e* de boa võtade sê fazer nẽ pêsar mal os maos *que* a uirẽ ã abeto desonesto nũca”.

*abonde* (1) [**bastante**] adv. Variantes: *avonda*, *auonda* (1), *auõda* (1) [**abundância**] s.; *auonde* (3ª p. s. conj. pres.); *auondam* (3ª pl. ind. pres.) v.; *auõdãça*, *auondança*; *havondado*; *auondoso*: adj. ||8v a||: “nem ensoberueçe por ryquezas tal cryatura posto *que* auonde em ryquezas”.

*abstinada* (1) [**obstinada**] adj. f.; *abstynada* (1). ||48v a||: “Como pode auer abstinada . ã tanto mal a molher de sua cõdiçõ he simplez”.

*abusoões* (1) [**engano, ilusão, credice**] s. m. pl. ||11r a||: “E nõ pense alguũ por grande senhor que seya *que* lhe he vergonha nem abatimêto de seu estado yr com deuaçom he humildade visitar os perdoões *e* os sanctos lugares *e* as egreyas : nem taes pensamentos nõ som abusoões porque quem ha vergonha de esto fazer êpacho tem de se saluar” .

*accepta* (1) [**aceitável**] adj. ||49v a||: “Castydade tem tal virtude *que* faz a pessoa ã *que* mora *accepta e* praziuel a *deos*”.

*acõdicionada* (1) [**acomodada**] adj. f. ||33r a||: “E vee outra mays sages *e* melhor acõdicionada *que* ty : E aynda *que* a ty pareça *que* tu valles mais”.

*acomete* (1) [aliciar, **seduzir**] v. (3ª p. s. conj. p.). ||42r a||: “E se elle acomete cõ doões *que* ella se guarde bẽ de os tomar *quer que* elles sejã *porque* aquella *que* toma doões ja he bẽcida”.

*acõtenêça* (1) [**praticar acertadamente as boas maneiras da sociedade; moderação**] s. f. Variantes: *acontenença* (1), *acntenêça* (1), *contenença* (9), *cõtenêça*. ||12v b||: “ella sera *per* essa maneyra de viuer tam abastada *e* trazida a tal pureza : *que* em feito nẽ dito sembrante nẽ contenença : nem toucados : nẽ geyto : nẽ oolhar nõ auera *que* se possa contradizer”.

*aderença* (2) [**dirigir, prover do necessário**] s. f.; *aderêça* (2); 1. ||40r a||: “Começa sse a terçeyra parte deste liuro a qual se aderêça aas molheres d estado *e* burgesas”. Variante:

*adereçar* (1) [**endereçar**] v. inf. 2. ||23r b||: “toda pessoa *que* tem costume de adereçar suas pallauras primeyras de bom coração”.

*afaguar* (1) [**variante de “afaagar” = encanto, meiguice, afago**] v. inf. ||26r a||: “E quer ella a afaguar : fazendo lhe promesas”.

*aficamento* (1) [**afinco; aborrecimento**] s. m. ||14r b||: “nẽ auera ãpacho de saber esto cõ grãde aficamento daquelles a *que* seus seruiços sã cõmetidos”.

*afoguar* (1) [**afogar**] v. inf. ||17r b||: “mal dizeres dos ãuejosos *e* os posam afoguar”.

*afoutas* (1) [**dar ousadia**] s. f. pl. ||36r a||: “E per suas boas *e* afoutas pallauras de esforço a sua gẽte d armas *e* a seus homeẽs como sejam boõs *e* leaaes”.

*afremosentar* (1) [**aformosear, embelezar**] v. inf. ||28r b||: “nẽ ha hy joya tã rica *que* as assy possa afremosentar”.

*agajes* (1) [**seguir ou acompanhar por obrigaçãõ; de engajar**] v. (2ª p. s. pres. conj.). ||29v b||: “E assi digo *de* todo seruydor . depoy *que* he agajes pensã . ou aluguer de quem quer *que* seja”.

*agardar* (1) [**aguardar**] v. inf. ||30v b||: “E fazer as cousas semelhãtes *para* rremedio do mal *que* ja he feito *para* agardar algũ *de* desesperaçõ ou de tomar alguũ maaõ camynho”

*agasalhar* (2) [**abrigar, acolher, companheiro**] v. inf. ||20r b||: “dyzees *que* perteeçe aa ssages prinçesa auer a boa vontade dos seus sogeytos . E por ysso os deue d agasalhar”.

*agro* (1) [**campo cultivado; água; rio**] s. m. ||43r b||: “*deos* tanto he praziuel se pode cõprar *aquelle* agro de *que* falla o euãgelho õde o grande thesouro he escondido”.

*aguyllham* (1) [**bico ou ponta de ferro bem afiada**] s. m.; *aguilhoões* (3); *aguyllhoões* (1). ||32v a||: “seu coraçõ nõ seja tornado nella vençida de enueja nom enbargando *que* os aguilhoões *e* pungimentos della sejam estes”.

*al* (11) [**outro; outra coisa**] 1. pron. indef.; [**ao**] 2. contr. da prep. *a* com o art. *o*; [**outrossim, ainda**] 3. adv.; [**o mais, o resto**] 4. art. def. Variante: *all* (1). ||6v b||: “Diz ha scritura *que* nom he all se nom seer pera sempre pryuada da vista de deos”.

*alãça* (1) [**alancar: lançar**] v. (3ª p. s. ind. pres.); *lẽçaria* (1) (3ª p. s. ind. fut. p.). ||14v a||: “E sse lhe desse maa vida ella lẽçaria o couce contra o aguyllham”.

*aleuãtar* (5) [**levantar**] v. inf.; *aleuantar; aleuanta* (3ª p. s. ind. pres.); *aleuantam* (3ª p. p. ind. pres.). ||41r a||: “esta sages molher cõ todo o *que* he dito tera cuydado de se aleuãtar çedo”.

*algũa* (62) [**alguma, algum; algumas, alguns**] pron.; *algũas* (34); *algũ* (13); *algũs* (12); *algũ* (52); *algũia* (40); *algũias* (19); *algũis* (18); *algũus* (1). ||28v b||: “se pventura hy auees algũ cuydado”.

*alhur* (5) [**em outra parte ou lugar qualquer**] adv. ||34v a||: “nẽhũas pallauras podem seer ditas entanto segredo que alhur nõ sejam reportadas”.

*aliuamẽto* (1) [**livramento, alívio, desembaraço**] s. f.; *alliurar* v. inf. ||51v a||: “ofereçer deos por ella oraçoões oblaçoões e deuaçoões por aliuamẽto das penas”.

*aljofar* (1) [**pequena pérola; arábica: aljôfar**] s. m.; *alyofar* (1). ||43 r a||: “a grãdes almofadas daquelle mesmo pano cõ grades<sup>250</sup> botoões d aljosar : toucada como | hũa dõzella”.

*allagues* (1) [**ir ao fundo, submergir**] v. (2ª p. s. pres. conj.). ||7r a||: “sera stã rayuosa que te metas na vasa onde te allagues”.

*allas* (1) [**ala; asa; flanco; fileira; braço (medida)**] s. f. pl. ||37v a||: “molher simplez hũa cota onde metera cinco allas de paris de pano de laão de burcellas”.

*allumieyra* (1) [**alumiari; iluminar**] v. (3ª p. s. ind. fut. pres.). Variantes: ||39v b||: *lumyeira* (1) s. f. ||51v a||: “E que tal lumyera de sciencya e verdadeira sapiençia lhe dee que ella se possa empregar emquanto dura | ã esta vida e o nobre t[r]abalho”.

*amauiosa* (1) [**que produz impressão agradável; encantador, terno, afetuoso, suavidade**] adj. f. ||22v b||: “E per esta amauiosa mostrança e amor”. Variantes: *mauiosa* (1); *mauyosa* (1). ||26v b||: “com desasessego nunca se mostre aspera nẽ maa de seruyr a suas molheres he . seruydores : humana he e mauyola e nom muyto altyua”.

*amenos* (1) [**agradados**] s. m. pl. ||9r a||: “ella reçeba das gentes honrra e reuerença quando lhas fezerem nom filhara deleytaçom . ou com amenos que ella poder passara guardando a honrra de seu estado”.

*aministraçom* (1) [**administração**] s. f. Variantes: *menistraçom* (1), *menistrar* (1) [**ministrar, administrar**] v. inf.; *menistra* (1) (2ª p. s. ind. pres.). ||20v b||: “Mas diguamos aaquellas que tem siso e autorydadee poder de o fazer nẽ fallamos yssso mesmo aaquellas que som aynda tã nouas de ydade que estom sob menistraçom d outras molheres que as guouernam e ensynam”.

*amistãça* (1) [**amizade**] s. f. ||39r b||: “E he custo de castidade e vezinha da vergõha e cõpãhia de paz e d amistãça e sepulcro de todo llos viçios”.

*amoesta* (2) [**admoestar, avisar, aconselhar**] v. (3ª p. s. ind. pres.). Variante: *hamoestada* (1) (part.). ||45v a||: “E sem duuyda quando os velhos som neyçyos ou mynguados do siso que fazem as sandiçes que a mançebia amoesta fazer aos moços deuem escarneçer delles”.

---

<sup>250</sup> “Grades” por “grandes”

*anagadas* (1) [**anagadas; anegadas; inundadas**] v. (2<sup>a</sup> p. s. pres. ind. ). ||48v a||: “tãto hũ vil coraçõ *que* no paul de tâta a homynaço jazees anagadas”. *ãno* (1) [**ano**] s.m. Variante: *han* (1). ||51v b||: “Impresso em han”.

*anojar* (2) [**causar nojo, tédio, tristeza; aborrecer**] v.; *anoge* (1) (3<sup>a</sup> p. s. conj. pres.). Variante: *noyo* [**nojo: dano, mal**] s. m. ||21r a||: “E de ella muyto contynoar seu nojo o pode anojar”.

*apaçefizada* (1) [**pacificada**] adj. f. ||9v b||: “ou rebeliom que trouerem em seus corações sera apaçefizada”.

*apaguara* (1) [**apagar**] v. (3<sup>a</sup> p. s. ind. fut. pres.). ||25r a||: “de que poderya sayr alguũ fumo . E assy per este camynho fara tanto a boa senhora *que* apaguara *e* tornara em nada todo esto . nem fycara mays em ella cousa que seja pera desamar”.

*aperueitar* (4) [**aproveitar**] v. inf. ||21r b||: “E taes palauras lhe dira *que* poderã muyto aperueitar ã tal caso *e* as gardara da rrebeliõ”.

*apodado* (1) [**julgado; estimado; avaliado**] v. part. ||43r a||: “hũa peça se costura *que* era hũa cousa nouamete achada *que* era apodado a duzetos frãcos”.

*apoer* (1) [**pôr; colocar junto de**] v. inf. ||33v b||: “dyzer mal della a sua senhora *e* a seu senhor *e* ajuda aos amyguos E de apoer fora”.

*ardido* (1) [**valente, intrépido, audaz**] adj. m. Variante: *ardida* (1). ||18v a||: “A boa prinçesa teera tal ordenança: que nehuũ em sua corte sera tam ardido que ouse enganar”.

*arreigada* (1) [**estabelecido em alguma terra; fixo; lançar raiz**] adj.; *arreygada* (1). ||38r a||: “ante beyjam *e* abraçam discordia *e* guerra poys o sseu coraçom he leuandado per arreigada soberua”.

*arreo* (2) [**arreio, enfeite**] s. m. ||37v a||: “Ca nõ ha no mũdo melhor arreo de cabeça que boos cabellos louros”.

*aruor* (1) [**arbor, árvore**] s. f. ||36v a||: “dormem aa sombra de huua aruor”.

*assaz* (26) [**suficiente**] adv.; *asaz* (9). ||34v b||: “se tu leesses bem em tua conçyençya tu acharyas assaz que dizer”.

*assesgada* (3); [**sossegada**] adj. f. ||24v a||: “Mas sua contenença assesgada como se fallasse d outra algũa cousa : porque nenhuũ possa em esto sospeytar”.

*asinha* (4); [**logo, apressadamente**] adv.; *asynha* (6). ||9 r b||: “ella se nom toruara nem o auera por mal ante o perdoara asynha *e* as grandes enjurias nom auera por despreço”.

*asym* (>100) [**assim**] adv.; *assi; assy; assym; asy; asi* (1). ||24v b||: “ella lhe tocou algũa cousa *e* segundo per suas razoões sentir assy lhe podera responder”.

*atêdê* (1) [**aguardar com atenção; esperar**] v. (3ª p. ind. pres.). Variantes: *atendendo* (1); *hatendera* (1). ||36v a||: “E quando os trigoos forem açerca maduros dello mes de mayo por diante nom hatendera mays polla carrezados<sup>251</sup> hobreyros : mas loguo os dara d empreytada a boõs homeês seguros e delygentes a dinheiro ou a pam”.

*auer* (> 100) [**haver**] v.; inf. *aber* (1), *aueer* (5), *hauer* (1); (inf. impes.) *auer se* (3), *aver se* (1); *hey* (1), *ey* (2) (1ª p. s. ind. p.); *auées* (10), *aués* (2); *has* (34) (2ª p. s.); *ha* (>100) (3ª p. s.); *auemos* (12), *avemos* (1ª p. pl.); *am* (4), *hã* (14), *ham* (31); *auem* (1) (3ª p. pl.); *auias* (1) (2ª p. s. ind. p. imp.), *auya* (8), *auia* (8) (3ª p. s.), *auiam* (1), *ayam* (1); *hauyam* (1) (3ª p. pl.); *hauera* (2) (3ª p. s. i. f. p.); *aberias* (1) (2ª p. s. i. f. pret.), *auerya* (1) (3ª p. s.); *ajas* (2), *ayas* (1) (2ª p. s. conj. p.), *aué* (1), *aja* (48) (3ª p. s.), *ajamos* (3) (1ª p. pl.), *ajaaes* (3) (2ª p. pl.), *ajam* (6), *ajã* (2), *ayam* (1) (3ª p. pl.); *auiasse* (1) (3ª p. s. conj. p.); *ouuer* (13) (3ª p. s. conj. f.); *auydo* (1), *auydos* (1) (par. pas.); *auendo* (8), *auêdo* (2) (ger.); ||45v a||: “tu aberias grã desprazer”; ||42v b||: “fremosas onde auya em cada huã”.

*has* (34) 1. [**as; ter/haver**] v. ||3r b||: “Item como aas mãçebas se ham d auer contra has velhas”; ||1r||: “se a creeres tu has assaz trabalhado tempo he de repousares”.

*has* (14) 2. [**as**] art. def. f.

*auersairos* (1) [**adversários**] adj. m. pl. ||34r a||: “E assi o mal dizer de seus auersairos se tornara sobre elles e ferem sua alma e honrra”.

*auersidades* (1); [**adversidade**] s. f. pl. Variante: *haversydades* (1). ||9r a||: “por cousa que lhe aconteça nom sera mouida a jmpaciência e todas auersidades tomara em grado por amor de nosso senhor deos”.

*auêturãça* (1) [**ventura, felicidade**] s. f.; *auêturança* (1). ||33r b||: “Huũ sabedor diz prouuese a *deos que* os êuejosos ouuesê tã grãdes olhos *que* elles podessê ver toda a bê auêturãça”.

*auiamêto* (1) [**andamento; despacho**] s. m. 1. ||28r a||: “Aquellas *que* teê filhos assaz deuiã d auer yor desêfadamêto de os veer ameude e dar ordê e auiamêto como sejã bê criados ã doutrina”; *auiar* (1) [**tratar, dar andamento**] v. inf. 2. ||47r b||: “*que* ella se cõheço na obra afim *que* possa auiar seus obreiros quãdo seu marido hi nom he”.

*auida* (2) [**ávida**] adj. f. ||20r a||: “Hũa pessoa foy enuiada aa corte de huũ príncepe ou príncesa a qual era auida por sages por ouuir e cõhoçer”. Variante: *auydo* (2) [huida, tido] v. part. ||20r a||: “E em aquelle mesmo tempo vsaua ã aquella corte hũa outra pessoa auida por nõ sesuda”.

*auoreçer* (1) [**aborrecer**] v. inf.; *auorreçer* (2); *avorrecer*; *auorreça* (3ª s. ind. pres.); *auorreçe* (3ª s. conj. pres.); *auoreçido*; *auoreçê* (1); *auorrçieueês* (1) (3ª pl. conj. p. i.); *auorreçida* (part.). Variantes: *auorreçyuel* (2) adv.; *avorrecimeto* (1) s. m. ||49v a||: “fazer creer a todos *que* ellas sõ boas e *que* tal feito auoreçê muito tal maneira he pera despreçar ca por boa *que* huã molher seja”.

---

<sup>251</sup> “Carrezados” por “carregados”.

*autyua* (7) [**altiva, ativo: forma anterior de ativo, que consiste em atos de piedade exteriores**] adj. f.; *autiua* (5). ||7v b||: “a vida autiua he boa e neçessarya a per a ajuda e socorro de muytos”.

*auysar* (1) [**avisar**] v. inf.; *auysa* (3ª s. ind. pres.); *auysaae* (2ª s. imp.); *auysasses* (2ª s. cond. p. i.); *auysada* (9); *auysadas* (3); *auysados* (part.). Variante: *auysamento*; *auysamêto* s. m. ||10v b||: “E a boa prynçesa deue ser auysada que cumpra as obras da mysericordia guardando seu estado virtuosamente”.

*ayas* (1) [**tenhas**] v. (2ª p. s. conj. pres.). ||6r b||: “onde aja de vyr conuem que tu ho ayas”.

*balhar* (1) [**bailar**] v. inf.; *baylha* (1) (3ª s. ind. pres.). ||39v a||: “Mas ainda creçe mais o mal quando alguã quer dâçar ou balhar ou jugar jogos sagraaes âte os homês”.

*balyos* (1) [**comendadores**] s. m. pl. ||17v b||: “teera com prebostes e balyos e com toda gente de justiça”.

*banhas* (1) [**lavar, banhar**] v. (2ª p. s. pres. ind.). ||42v a||: “E assi banhas e estubos e comeres taaes cõpanhias sem neçessidade ou boa causa nõ som senõ despesas sobejas sem proueito”.

*bêcida* (1) [**vencida**] v. part. ||42r a||: “E se elle a comete cõ doões que ella se guarde bẽ de os tomar quer que elles sejã porque aquella que toma doões ja he bêcida”.

*begninas* (1) [**de bom caráter; benignas**] adj.; *begniuolêçia* (1); *begniuolêçya* (1); *begniuolençia* (1). ||43v b||: “O ssegundo remedio he que desponhaaes vossos corações a sseer doces : e mesurados : e begninas ã vossas pallauras”.

*beuer* (2) [**beber**] v. inf. ||12r a||: “A temperança que he a prymeyra nom sera soamente em comer e beuer”.

*beueda* (1) [**bêbada**] adj. f.; *beuediçe* (1) [**bebedeira**] s. f. ||49r a||: “muyta simpreza e temperança que nunca fosse achada beueda”.

*boes* (1) [**bois**] s. m. pl.; variante: *boys* (1). ||36v a||: “E que bem dormem aa sombra de huua aruor e leyxam os caualllos : ou boys com que lauram”.

*bombardeyro* (1) [**soldado que faz disparar a bombardia**] s. m. ||51v b||: “por herman de campos . Imprimidor y bombardeyro do rey nosso senhor”.

*branco* (1) [**antiga moeda de prata**] s. m. ||50r b||: “E quando seu senhor manda tomar obreiros pera fazer alguã cousa se os alugar a sseis branças<sup>252</sup> ao dia nõ digam que custam sete”.

---

<sup>252</sup> “Branço” por “branco”.

*breueza* (1) [**breve**] adj. ||35r b||: “boas persoas foram destruidas per maldizer cujo fũdamẽto era ãueya muytos achariamos os *quaes* leixo por breueza *que* seja verdade que o mal dizer de enuejoso venha de pura malicia”.

*brida* (1) [**rédea**] s. f. ||31v a||: “Assy como a brida de spaz ao cauallo pero muytas vezes o guarda de cayr nos maaos lugares”.

*brita* (1) [**quebrar; invalidar**] v. (3ª s. ind. pres.); *britariã* (1) (3ª pl. ind. pres.); *brite* (1) (3ª s. conj. pres.). ||47v b||: “nõ *pero que* ella brite seu jejuũ per gula”.

*brolladores* (1) [**bordador**] s. m. pl. ||47r a||: “huũs mesteres sã mais honestos *que* outros assi como ouriuezes brolladores armeiros *e* tapeteiros”.

*bryuia* (1) [**bíblia**] s. f.; forma antiga; ||14r b||: “Raynha . Ester : como he scripto na bryuia no primeyro capitollo”.

*bulras* (1) [**engano; zombaria**] s. f. pl. ||6r a||: “ouciosydade . he madre de toda llas bulras *e* madrasta de vertudes”.

*ca* (> 100) 1. [**que, do que, porque**] conj. ||37v b||: “Ca *deos* sabe as enuejas *que* por esta causa se leuãtã *e* os odyos”. 2. [**aqui, de fato, efetivamente**] adv. de lugar. ||37v a||: “Ca nom he razõ de se sofrer”.

*cambada* (1) [**foi trocado**] adj. m.; *cambado* (2). Variante: *cambando* (2) [**cambar; mudar**] v. ger.; *cambara* (3ª s. ind. fut. pres.). ||27v a||: “he de presumir que seu coraçom he *cambado*”.

*camaras* (5 + s) [**cama; compartimento abobadado**] s. f. pl. Variante: *camera* (2). ||35v b||: “E cõuẽ lhe que aja coraçom de homẽ que ella nom seja criada em cameras nem viços femeninos”.

*camanhas* (1) [**quão grande, tamanho**] adv. Variante: *camãha* (1). ||6v b||: “nom ha lingoa : nẽ entẽdimẽto *que* possa cõprehẽder nẽ dizer *quaes* nẽ camanhas sã as alegryas delle”.

*candeas* (2) [**velas**] s. f. pl.; *cãdea* (1). ||13r a||: “A qual se leuantaua ante menhaam he ella meesma açendya suas candeas pera rezar”.

*capello* (1) [**enfeite para cabeça; chapéu; capuz**] s. m. ||48r b||: “alguũ galante lhe dee ou prometa sayo ou capello”.

*carça* (1) [**ençarrar encerrar: concluir um processo, nada mais escrever, dizer ou pensar**] > cárcel (lat. “carcer”), cárcer [**prisão**] > cárcere s. m. [**çarrar = cerrar, fechar com chave**]. ||11r b||: “E assi o auer *que* homẽ tyra do sobejo estado *pera* dar aos pobres *e* fazer outro qualquer bẽ he thesouro guardado em a *carça*<sup>253</sup> proueitosa ho qual presta depouys da morte *e* defende ho homẽ de desterro do ynferno”.

---

<sup>253</sup> Crispim: “arca” (p. 114). Fr.: “huche” (arca, cofre) (p. 40).

*carneçarya* (1) [**carniçaria, carniça, açougue**] s. f. ||48v a||: “E ainda algũas vzees<sup>254</sup> ellas trazẽ da carneçarya a hũa peca<sup>255</sup> de carneiro”.

*carrego* (4) [**encargo**] s. m. ||15r b||: “E muito perteeçe aa senhora que tal carrego tem : seer auysada que açerca da fylha do prynçepe nom ande molher de maa nome”.

*carreta* (1) [**pequeno carro de duas rodas puxado por animais**] s. f. ||49v b||: “E per tal caminho podees guyar vossa carreta ataa fim õde achares gloria”.

*carreyra* (1) [**caminho, orientação, procedimento**] s. f. ||7r a||: “seras tã rayuosa que te metas na vasaonde te allagues he pareças e leyxes a ssaam e segura carreyra que te leuara a ssaluamento : nom”.

*casy* (1) [**quase**] adv. ||11v a||: “seja casy neçessario”.

*catiuydade* (1) [**maldade, de cativo**] s. f. Variante: *catyua* (1) [**desgraçada, prisioneira**] adj. f. ||19v a||: “sse guardara *que* o viçio da catiuydade e de maa escaçesa nom seja visto ã ella”.

*caua* (1) [**cave, adega subterrânea; pavimento inferior de uma casa, abaixo do nível da rua**] s. f. ||48r a||: “E quãdo seu senhor he a uilla e sua senhora a igreja a<sup>256</sup> jantar he feyto na cozinha com grãde gaudemos e nõ sem boõ beuer do melhor *que* esta na cana<sup>257</sup>”.

*cauidara* (1) [**cavidar: acautelar**] v. (3<sup>a</sup> p. s. fut. ind.). ||24v a||: “E podera acõteçer que elle por esto nõ se cauidara e yra per alguũa via cautellosa que achara d outra amizade”.

*cayoões* (1) [**cajoões: desastre, desgraça, ocasião**] s. m. pl. ||15r b||: “E lhe sera guarda de muytos peryguos e cayoões E mays segura sera auendo ho fauor dellas”.

*çeume* (1) [**ciúme**] s. m. ||26r b||: “ou dyse alguũa cousa que seu desprazer fosse : que seja çerta que grande hamor e çeume de sua honrra que teue sempre e ten lho fez fazer”.

*chaãs* (1) [**planície, rasa**] s. f. pl. ||50 r a||: “Entẽdee simprezes molheres *que* moraes nas aldeas e terras chaãs”.

*cherubijns* (1) [**querubins, anjos**] s. m. pl. ||7r a||: “Muy sancto he bem auenturado colegio e corte do parayso . anjos arcanjos cherubijns serafijns”.

*chuyua* (2) [**chuva**] s. f. ||36v b||: “E que sejam lymipas |como perteeçe e guardadas do grãde sol e de muyta chuyua”.

---

<sup>254</sup> “Vzees” por “vezes”.

<sup>255</sup> “Peca por peça”.

<sup>256</sup> “A” por “o”.

<sup>257</sup> “Cana” por “caua”, “cava”.

*cobeçees* (1) [**caber, validar, dar cabimento, convir, conseguir, receber justiça**] v. (2<sup>a</sup> s. conj. pret. imp.). ||44r a||: “E sse assi fizerdes escusares de seer trilhadas nem abaixadas d outrem no feito das demãdas *que* he o ssegũdo mas *vos* deues *quanto* bẽ *poderdes* de esquiuar preitos *e* demandas *que* he cousa que muito *vos* pode ãpeçer por muitas a hũa : *que* *vos* nõ *vos* cobeçees *e* sooes *simprezes* em taes cousas a outra que *vos* metaaes ã perigo d outrẽ por soucitar vossos negoços”.

*cõçcepta* (1) [**concebe**] v. (3<sup>a</sup> p. s. ind. pres.); ||49v a||: “*que* da criatura humanal cõçcepta ã pecado”.

*cõdapnada* (1) [**condenada**] s. f.; *cõdepnada* (1); *condapnada* (1); *condempnadas* (1); *condempnam* (1); *cõdepnaçom* (1); *condanas* (1) v. (2<sup>a</sup> s. ind. pres.). ||29v b||: “E sabe que se assi nom fazes que | te condanas”.

*cõhoçer* (1) [**conhecer**] v. inf. ||20r a||: “Hũa pessoa foy enuiada aa corte de huũ príncepe ou príncesa a *qual* era auida por sages por ouuir *e* cõhoçer de seu saber”.

*colaçam* (1) [**pequena refeição; tornar algo comum; combinação; confrontação; exposição**] s. f. ||29r a||: “Aderençaremos daquy auante nossa liçam em esta segunda parte de presẽte colaçam aas donas *e* donzellas assy as que andam na corte das prynçasas por seu seruiço”.

*collos* (1) [**nos animais, qualquer porção estreita do corpo; colo; fio**] s. m. pl. ||36v b||: “escolheram a boa laam *e* hapartaram os collos *e* afyna a sua parte pera fazer os boõs pãnos”.

*comẽdaçoões* (1) [**recomendações**] s. f. pl. ||23v b||: “E ella trazera doçes messageẽs ãtre elles *e* doões de cousas praziuees *e* comẽdaçoões *e* saudes pollos criar ã amor *e* paz”.

*cõmetidos* (1) [**cometidos**] v. part. ||14r b||: “nẽ auera ãpacho de saber esto cõ grãde aficamento daquelles a *que* seus seruiços sã cõmetidos”. Variante: *cometimẽto* (2) [**apelo; acometer**] s. m. ||24r b||: “E porque eu desejava que o primeiro cometimẽto vehesse de vos eu auia cõvosco esta amizade”.

*companha* (1) [**companhia; aquilo ou aquele que acompanha; comitiva**] s.f. Variante: *cõpõhia* (1). ||14v b||: “E quando elle tornar ho reçebera com grande honrra *e* humildade E a toda sua companha fara graçioso acolhimento”.

*concludimos* (1) [**concluimos, terminar**] v. (1<sup>a</sup> p. ind. pres.). ||35r b||: “ou se he bẽ auenturado : este maldizer nom vem derecho . nem ha fũdamento de razõ por isto concludimos que vem de pura maldade”.

*conninhauel* (4) [**conveniente**] adj.; *conuinhauel* (3); *conuinhauees* (1); *conuinhaueẽs*. Variante: *conuiinra* [**convir**] v. (3<sup>a</sup> s. ind. fut. pres.), *cõueha* (1) [**convenha**] v. (3<sup>a</sup> p. s. conj. pres.); *conuẽ*; *conuẽha*; *cooueẽ*; *cõuyinhauees* (1); *cõuijra* (4), *cõuira* (1). ||36r a||: “Conninhauel cousa he a ssuas molheres de serẽ sages *e* de boa guouernança *e* que andem claras em seus feytos”.

*conortassem* (1) [**consolar**] v. (3ª p. p. conj. pret. imp.). ||46v a||: “mujto vos prazeria se vos conortassem ca nom ha hy mayor emfermydade”.

*consijrar* (2) [**considerar; atender a**] v. inf.; *consjiro* (1) (1ª s. ind. pres.); *cõsijrã* (1) [**consideram**] (3ª p. p. pres. ind.). Variante: *cõsijrada* (1) adj. ||40v a||: “E quando veẽ aa morte sua cõsciẽcia os reprende e cõsijrã ha maa vida”.

*cõsõtidor* (1) [**consentidor, anuente**] s. m. ||25v b||: “Ca posto que ella nom fosse cõsõtidor no feito e a causa vyesse a conheçymto de seus parentes e do marydo a ella serya dada a culpa”.

*contêda* (1 + 1 s) [**luta, disputa**] s. f.; *contendesse* (1) v. (3ª p. s. pret. imp. conj.). ||45r b||: “POrque comunalmête sempre ha debates e contêdas assy em opiniõ como em palauras”.

*contheuda* (1) [**contida**] s. f.; *cõtheuda*. ||24v a||: “E guardesse que nom mude o rosto nem aja acntenença alterada”.

*contrayro* (12) [**contrário**] s. m.; *contrairo* (5); *cõtrairo* (9); *cõtraira* (1). ||5v b||: “que este maldyto thesouro seya empregado em vasos trystes ao cõtrairo do que tu pensauas”.

*contryçom* (1) [**arrependimento**] s. f. ||48v a||: “Ca deos todo piedoso aparelhado he de vas receber se vos quyserdes repretter e pedir merçee per gram contryçom E tomæ enxemplo de marya egyptiaca”.

*correga* (1) [**corrigir**] v. (3ª p. s. pres. subj.). ||19v b||: “E sse esta senhora vee alguũ gẽtil homẽ de boõ coraçõ que muyto deseja auaãçar em sua honrra e nõ tẽ com que se correga segũdo lhe pertçe”. Variante: *corregimẽto* (3) [**reparação de dano; ornamento, adorno**] s. f.; *correijõ* (1); *correpçõ* (1); *correijom* (1). ||19r b||: “A quinta soma sera posta em thesouro E se mays sobejar sera pera seu prazer assy como : roupas : joyas : corregimẽtos”.

*cõsciẽcia* (1) [**consciência**] s. f. ||40v b||: “E quando veẽ aa morte sua cõsciẽcia os reprende e cõsijrã ha maa vida que lhes derõ as leyxã senhoras de todos seus beẽs”. Variante: *cõsciẽcia* (1).

*cota* (1) [**espécie de corpete**] s. f. ||37v a||: “huũ alfayate de paris : que elle fezera pera hũã molher simplez hũã cota onde metera cinco allas de paris de pano de laão de burcellas de grande forte e arrastaua por terra bẽ tres quartos . E as mangas chegauam aos pees”.

*couce* (1) [**coice**] s. m. ||14v a||: “E sse lhe desse maa vida ella lẽçaria o couce contra o aguyllham”.

*cousta* (1) [**custa**] v. (3ª s. ind. pres.). ||19r b||: “nem fazer andar seu pouo longos camynhos storuados aa sua cousta”.

*cōvosco* (1) [**convosco**] pron. ||24r b||: “E porque eu desejava que o primeiro cometimêto vehesse de vos eu auia cōvosco esta amizade”.

*creudos* (1) [**acreditado**] adj. pl.; *crudos* (1). ||28v a||: “E como nõ serem ellas creudos ca deos sabe se mentem ou nõ”.

*cryey* (1) [**criei**] v. (1ª p. s. ind. pret.). ||26v b||: “como aquella *que* eu cryey *e* gouerney depoy de sua menenyçe”.

*çugidade* (1) [**sujeira**] s. f. Variante: *çuya* (1) [**suja**]. ||48v a||: “ca nenhuu sabe a ora da sua morte paraemêtes as vida çuya a que fazees *que* tâto he auorreçida aos boos”.

*cujdado* (2) [**cuidado**] s. m. ||14r b||: “tera esta senhora special cujdado . da saude”.

*cumua* (1) [**comum**] adj. ||11v b||: “Certo *propiamête* fallando estas nõ som as mundauas<sup>258</sup> ryquezas p̄ncypalmente se elles seruem segũdo a cumua maneyra do mundo”.

*custumada* (2 + 1s) [**acostumada**] s. f. ||6r a||: “esta soberua te faz buscar prazeeres *e* vyços estes vyços te criam soberba . a qual te faz buscar vynhos *e* vyandas nõ costumadas . nem cõuynhaees”.

*cuyo* (1) [**cujo**] pron. rel. ||29v a||: “dos dytos pontos ho p̄meyro he que todo coraçom ames como vos mesmas vossa senhora em cuyo seruyço sooes”.

*cyma* (1) [**por cima; parte superior; acima**] s. f. Variante: *çyma* (1). ||29r a||: “dereitura razom *e* justiça recapitolam em breue ho que he de çyma dyto”.

*dampnaçõ* (1) [**danação**] s. f.; *danaçom* (1); *dampno* (2); *dampnos* (1) *danpno* (1) *dapno* (4); *dapnos* (2) [**dano**] *dãpno* (3); *dana* (1). Variante: *danarias* (1) v. (2ª s. ind. fut. p.); *dapnoso* (1) adj. ||10r a||: “pella contenda de huñ pequeno baram . ou cauleyro em respeyto do rey de frança que he tam grande senhor som vijndos grãdes dapnos no regno”.

*dardos* (3) [**dardo; intriga; traição**] s. m. pl.; *dardo* (1). ||9r a||: “*per* grande costança *e* força de coraçõ : nom fara grande conta dos dardos dos enuiosos”.

*debalde* (1) [**em vão, inutilmente**] adv. ||14r a||: “que estas sete ensynanças queiram bem notar *e* meter ã efeyto : porque debalde ouue a doutrina *que*<sup>259</sup> na no<sup>260</sup> mete ã obra”.

*deçeplyna* (1) [**disciplina**] s. f.; *deçeplyna* (1); *desceprina* (1). ||1v||: “cantaremos em nossa doutrina a todos os estados das molheres porque a desceprina de nossa escolla possa seer iusta de todos dyremos em esta guysa”.

---

<sup>258</sup> “Mundauas” por “mundanas”.

<sup>259</sup> Fr.: “qui”; Crispim: “quem”.

<sup>260</sup> “No” por “não”.

*deçerto* (1) [**decerto, por certo, certamente**] adv. ||10v a||: “nẽ possuas o dinheiro dos mesteirosos *e* sabe deçerto que os beẽs de que tu hes abastado som dos pobres *e* nom teus *e* furtas a deos”.

*decoadas* (1) [**água em que se ferveram cinzas e que serve para lavar roupa**] s. f. pl. ||48r a||: “E ainda seruẽ d outra offyçio porque quãdo fazẽ as decoadas *pera* lauar”.

*defẽdera* (2) [**galicismo: proibir; defeso**] v. *defemdera* (1); (3ª p. s. inf. fut.). ||12r b||: “E lhe defẽdera que nõ diga palavra ã especial ã lugar õde possa ser notada que primeiro nõ seja bẽ exeminada”.

*defensa* (1 + 1s) [**defesa**] s. f. ||16v b||: “assy que sua voz lhe possa seer como escudo *e* defensa contra as murmuraçoẽs”.

*defeso* (2 + s) [**proibido**] adj. ||33v a||: “toda mal dizer he pecado mortal *e* defeso porque he contra dous mandamẽtos *de* deos”.

*del* (3) [**do**] pron. poss. ||50v b||: “roupa *del* rey *e* de sua liuree”.

*deseyar* (1) [**desejar**] v.; *deseio* (1); *deseyo* (4) (1ª s. ind. pres.); *deseya* (2); *deseia* (1) (3ª p. s. ind. pres.); *deseiou* (1) (3ª p. ind. p. p.). ||5v b||: “Porque elle te mete ã deseyo de seer mayor que todos : E sse aconteçe que tu sabees pessoa tanto”.

*deleytar* (1) [**deleitar, dar prazer**] v.; *deleyto* (1) (1ª s. ind. pres.); *deleitaas* (1) (2ª s. ind. pres.); *deleyta* (1) (3ª s. ind. pres.); *deleitees* (1); *deleytes* (1) (2ª s. conj. pres.); *deleitaes* (1) (2ª p. ind. pres.) *deleytam* (1) (3ª p. ind. pres.). Variação: *deleytaçom* (1); *dyleytaçam* (1) s. f.; *deleytosa* (1) adj. ||1r||: “he ja tua deestra cansada : *e* has tu esqueçido o estillo do teu entendimẽto *e* leyxar estar seca a pruna do doçe trabalho em que te soyas a deleytar”.

*deligẽcia* (1) [**diligente, zeloso**] adj. Variantes: *deligẽçia* (6); *deligençia* (2); *dellegeuçia* (1); *delygençya* (1); *deligentes* (1); *deligẽte* (1); *deligetes* (1); *deligẽtes* (1); *delligẽte* (1); *delygente* (2); *delygentes* (1). ||15v a||: “E a ssages senhora que os amara sera delygente de os fazer ensynar primeiramente ha seruir deos desy a outras scyẽcias”. *delyberaçom* (1) [**ato de examinar as circunstâncias antes de decidir**] s. f. ||10r a||: “todo boõ prynçepe deue escusar spargymento de sangue *e* em speçyal sobre seus sogeytos . nem he pequena cousa começar noua guerra . a qual se nõ *deue* de fazer sem grande auysamento *e* madura delyberaçom”.

*demãda* (5) [**pedido, reclamação, exigência**] s. f.; *demãdas* (1); *demandas* (2). ||50r b||: “sejam pacificos com seus vezinhos sem lhes fazer dampno nem andem em demãda”.

*denudada* (1) [**despida**] adj. ||43r b||: “mas he sandiçe nom auer vergonha de vender de praça : *e* nom seer contente de trazer vestydura de tal mester ho qual he honrado per todo o mundo . E poden se chamar semelhãtes pessoas gente denudada”.

*deos* (> 100) [**Deus**] s. m. ||43r b||: “ca *per* aquella nobre e digna virtude que a *deos* tanto he praziuel”.

*departido* (1) [**repartido, dividido**] s. m. ||49r b||: “ASy como he departido o branco de preto E quãto huũ he mais acerca do outro tâto he mais cõheçida sua deferença”.

*dereitura* (2) [**ato que está de acordo com as prescrições do direito; nome de uma das personagens: Retidão**] s. f.; *dereytura* (2); *dreyto* (1) *direjtura* (1). ||1r||: “mandamento das tres virtudes . Cõuem a ssaber . Razom . Dereitura e Justiça”.

*des* (3) [**desde que, desde**] prep./conj. Variante: *desque* (1). ||32v a||: “Esta he jamais hõrrada em huũ pouco de tempo que a seruiõ . que eu que des minha mançebia a sserui sempre bem”.

*desasperaçom* (1) [**desespero**] s. m.; *desperaçõ* (1). Variante: *desperar* (1) v. inf. ||30v b||: “E assy ha tyrou de sua desasperaçom . e a ssaluou *de* morte e *de* vergõha”.

*desassesequada* (2) [**sem sossego, inquieta**] adj. f.; *desassesequada* (1); *desassesequadas* (1). ||45r a||: “Nom sejam guarrydas ne desassesequada cõtra os homẽs quaesquer que sejam em especyal contra os de casa”.

*desauançarey* (1) [**retroceder, recuar o avanço**] v. (1ª s. ind. fut.). ||32v a||: “Certamente algũa cousa hy ha mays eu lhe farey os cõtrairos se eu posso : E a desauançarey *per* meu saber . Ca sey della taaes cousas e taaes”.

*descantom* (1) [**descantar: cantar ao som de instrumentos**] v. (3ª p. pl. pres. ind.). ||1v ||: “onde aprendam o doçe canto daquellas que sempre hy morarom : como princessas e sem repouso descantom”.

*des capa* (1) [**capa**] s. f. ||42r b||: “em cõpãhias de gẽte leda ca nõ se faz sem pecado nõ he outra cousa senã fazer de *des* capa *pera* defẽder a chuyua”.

*descayr* (1) [**cair**] v. inf. ||26v b||: “senhora eu ouuy nouas de vossa guouernança taaes de que meu coraçom he tryste tremendo que se assy he : vossa hõra e bom nome . aja descayr”.

*descortesmente* (1) [**indelicado, grosseiro**] adv. de modo. ||26v b||: “senhora eu ouuy nouas de vossa guouernança taaes de que meu coraçom he tryste tremendo que se assy he : vossa hõra e bom nome . aja descayr”.

*desẽfadar* (1) [**distrair**] v. inf.; *desenfadem* (1) (3ª p. conj. pres.). Variante: *desẽfadamẽto* (1+s) s. m.; *desenfadamento* (1); *desenfadamentoo* (1); *desenfadamento* (2); *desenfadamentos* (2); *desenfadamentos* (4); *desenfadamẽtos* (1). ||4v b||: “E de todos outros viços al te nom he necessario pensar . senom d auer todo prazer e desenfadamento que poderes”.

*desemparar* (1) [**desamparar**] v. inf. ||8r b||: “Bom senhor deos spiraae em my bom cõselho que eu aja de fazer *pera* me saluar por que ajnda que eu bem sayba que outra

cousa nom he pera amar nem desejar se nom vossos soo *e* que toda outra allegria seja nenhuũ eu nom tenho força em my pera de todo poder desemparar ho mundo”.

*desfarya* (1) [**ação ou efeito de desfazer; desprestígio**] v. (3ª s. ind. fut. p.); *desfazimento* (1) s. m. ||18r a||: “E auendo elle poder de os destruyr : desfarya sy mesmo E assy he neçessaryo que elle os tenha em amoor : em tal maneyra que delle naçe temor mais que por rigor nem asparo senhorio”.

*desolutas* (1) [**maus costumes; dissolutas**] adj. pl. ||16r a||: “Iiuos de deuoçam *e que* falle de boõs costumes *e* nom de cousas vaãs nẽ desolutas”.

*despender* (4) [**fazer despesa**] v. inf.; *despẽder*; *despende* (1) (3ª s. ind. pres.); *despẽdẽ* (3ª p. ind. pres.) (1). ||19r a||: “E mays amara passar huũ pouco somenos : de despender mays tempeeradamente”.

*despenseyros* (1) [**encarregado da despensa**] s. m. pl. ||19r a||: “E as contas de seus reçebedores : *e* despenseyros”.

*despoer* (4) [**dispor**] v.; *despoera* (4) (3ª s. ind. fut. pres.). ||8v b||: “Despoera seu coraçom ha toda humyldade”.

*despreço* (5) [**sentir desprezo**] s. m. Variante: *despreçar* (1) v. inf.; *despreça* (1) (3ª s. ind. pres.); *despreçã* (1) (3ª p. ind. pres.). ||9r b||: “ella se nom toruara nem o auera por mal ante o perdoara asynha *e* as grandes enjurias nom auera por despreço pensando em seu estado”.

*desterreados* (1) [**desterrados**] s. m. pl. Variante: *desterrara* (1) [**expatriar**] v. (3ª s. ind. fut. pres.). ||11r b||: “muitos teuerõ *aquelle* carrego *e* depois forõ desterreados de sua terra”.

*desto* (31) [**disto**] pron. ||26v a||: “E tãto multiplicarom que a senhora que a tinha em gouernança ouuyra fallar *e* sera desto maj triste veendo assi desfaleçer a honrra de sua senhora”.

*destrue* (2) [**destrói**] v. (3ª s. ind. pres.). ||32r b||: “que ella nom aja em sy o mortal vermem desta falsa enueja que destrue a alma”.

*desuayrados* (4 + 1 f.) [**vários, variados**] adj. pl.; *desuairada* (1+s); *desuaryo* (1) s. m. ||35r b||: “E porque moram em desuayrados senhorios ||35v a|| muytas poderosas senhoras”.

*desuyar* (3) [**desviar**] v. inf.; *desuiar* (2); *desuiado* (1) v. part. ||25v a||: “per aspereza de suas pallauras a podera desuiar daquelle pẽsamẽto ante que a sandiçe vaa mays auante”.

*desy* (8) [**também; depois disso; além dessas coisas**] adv. ||4r a||: “*e* altas senhoras que regnam ã senhorio sobre a terra dos *cristaos* . desy ã geral a todo o genero femeninno saude *e* amor”.

*desygualança* (1) [**desigualdade**] s. f. ||20r a||: “tam descomunall extymaçom he tam cegu desconeçymto : nom polla vallia do doom : mas polla desygualança das persoas e dos feytos”.

*deuaçom* (5) [**devoção**] s. f.; *devaçõ* (3); *deuaçoõ* (1); *deuaçoões* (2); *deuoçam* (1). ||48r b||: “Ca ellas fingem deuaçom por melhor cobrir seus malles e vaã ameude ao moesteiro cõ suas cõtas”.

*deuidade* (1) [**o que é devido, devidamente**] adv. ||35v a||: “E ajnda que as condessas em toda parte nõ sejam nomeadas prynçesas por que ellas seguem o renque das duquesas segundo a deuidade das terras”.

*deuisa* (10) [**planejar, ordenar, demarcar, distinguir pela visão, avistar, expor, dar a entender**] s. f.; *deuisamos*; *deuisar*. ||3r b||: “Item deuisa como as molheres velhas se ham d auer cõtra as mancebas”.

*dhy* (1) [**daí**] adv. ||27r b||: “E muitos dampnos se podem dhy seguyr”.

*diessa* (2) [**deusa**] n. f. – português arcaico: *deessa*; provavelmente empréstimo do francês: *déesse*. ||5r b||: “nom pensas soomente em seer prinçesa ou grande senhora . mas assy como diessa<sup>261</sup> em este mundo”.

*dilaçom* (2) [**adiamento**] s. f. ||9v b||: “E ssem longa dilaçom fallara a sseu senhor diligência”.

*dizydores* (1) [**dizedor: que fala com graça**] s. m. pl. ||18r a||: “A esto respondemos que salua a graça dos dizydores esto perteeçe fazer nom soomente a prinçesa mas ao prinçepe”.

*dõde* (1) [**de onde, onde**] adv. Variação: *õde* (15). ||22v b||: “busca ameude em especial ao seraão cõ temor que alguã maa seruidor leixasse cãdea . ou murrõ ã algũ lugar d õde possa viir dapno”.

*doões* (12) [**dons; donativos, dádivas**] s. m. pl. Variantes: *doees* (1); *doom* (1). ||20r a||: “nom polla vallia do doom : mas polla desygualança das persoas e dos feytos nom fara conta a ssages prynçesa nem auera grande cuydado de sandeus nem estendera sobre elles seus grandes doees mas aos vertuosos e boõs”.

*doesto* (3) [**injúria**] s. m.; *doestos* (1). ||12v a||: “Aynda a guardara de dizer a suas molheres e a seus seruidores maas pallauras de doesto”.

*dooroso* (1) [**doloroso**] adj. m.; *dorydos* (1) [**dorido: que tem dor**] adj. ||20v b||: “E estara ençarrada depois de suas eixequias em pequena claridade : de dia com pyadoso e dooroso vestydo e toucado segundo onesta vsança”.

---

<sup>261</sup> “Diessa” por “deusa”. + ||10v a||. Hipótese: forma recorrente aceita pelo editor.

*dora* (1) [**d'ora em diante, doravante**] adv. ||3r b||: “Dora sê duuida he assy que toda pesoa que bem ama deos”.

*dous* (21) [**dois**] num. ||2v b||: “o quarto ponto que he o segundo dos dous que som pera esquiar”.

*embargãdo* (6) [**impedindo**] v. ger.; *ẽbargãdo* (4); *enbargando* (1). Variante: *enbargãte* (1) adj. ||8v b||: “Despoera seu coraçom ha toda humyldade e pensara em sy mesma que nõ ẽbargãdo perteeça ao estado de seu senhor”.

*ẽcortinada* (2) [**encortinada**] adj. ||42v b||: “hũa grande cama de paramẽto rycamẽte ẽcortinada”.

*egyptiaca* (1) [**egípcia**] s. f. ||48v a||: “E tomae enxemplo de marya egyptiaca que de uйда desonesta se reprẽdeo e tornou pera deos assi que he santa no parayso”.

*eixequias* (1) [**cerimônias fúnebres; exéquias, obséquias**] s. f. pl. ||20v b||: “E estara encarrada depois de suas eixequias em pequena claridade : de dia com pyadoso e dooroso vestydo”.

*enjuryas* (2+s) [**injúria; ato contrário à justiça; insulta**] s. f. pl.; *ẽjurias* (1); *eniuria* (1); *enjuryada* (1). ||33v a||: “homẽ per odio nom deue dizer mal doutrem posto que delle tenha reçebyda : enjuria : homẽ nom desama de mal querença formada”.

*el* (2) [**o**] art. def. m. ||51v b||: “Acaba se el libro intitulado das tres virtudes”.

*emdeuydados* (1) [**endividados**] s. m. pl. ||36r b||: “E nom tal que em fym do anno se achem emdeuydados de seus lauradores e daquelles que lhe emprestam”.

*emfadada* (1) [**enfada: enfastiada, agastada; aborrecida**] adj. ||6r a||: “Ca destas es tu emfadada”.

*ẽpachar* (1) [**impedem**] v. inf.; *empachã* (1) (3ª p. p. pres. ind.); *ẽpachados* (1) (3ª p. conj. pres.). Variantes: *ẽpacho* (3) s. m.; *empachoso* (1) adj. ||14r b||: “E que tera saber como ha de seer seruido nõ auera ẽpacho de saber esto cõ grãde aficamento daquelles a que seus seruiços sã cõmetidos”.

*empeçer* (3) [**estorvar, impedir, prejudicar**] v. inf.; *ẽpeçer*; *ẽpeçe*; *ẽpeeçe*; *empeece* (1) (3ª s. ind. pres.); *empeçeo* (1) (3ª s. ind. p.p.); *enpeçaria* (1) (3ª s. ind. fut. p) *empeeçeryam* (3ª p. ind. fut. p.). Variante: *empeeçimento* (1) s. m. ||16v b||: “sem desejo de empeçer a outrem maas soamente por esquiar mayor enconueniente”.

*empero* (3) [**mas**] conj. Variante: *ẽpero* (1). ||20v b||: “Empero esta senhora seja de grande prudẽçya e saber”.

*enborylhada* (1) [**enganada, envolvida**] s. f.; *enuorylhada* (1); *ẽuorilhado* (1); *ẽuorilhou* (1); *emuorylhada* (1). ||5r b||: “E esto faz a grande soberba . *que* per causa de tuas vaãs honrras em que te veës emuorylhada”.

*ençarrada* (1) [**encerrada**] adj. Variante: *encarrada* (1+s). ||20v b||: “E estara encarrada depois de suas eixequias em pequena claridade”.

*encorrera* (3) [**incorrer; comprometer-se**] v. (3ª p. s. ind. fut.); *encorrerya* (1) (3ª s. ind. fut. p.). ||4v a||: “a qual se combatera contra as tẽtações *e* treuas do pecado *e* veençera : *e* encorrera segũdo a maneyra aquy contheuda”.

*encoueniente* (1) [**inconveniente**]; *encõuinyente* (1); *encouyniente* (1); adj. ||33v b||: “E que faz contra o mãdado de deos sy meesmo condepna *e* melhor serya de se calar huũ outro encoueniente lhe vem”.

*endurar* (1) [**endurecer**] v. inf. ||48v a||: “ẽ tanto mal a molher de sua cõdiçõ he simplez *e* verguõçosa *e* que possa endurar tãta desonestydade”.

*enfijindos* (1) [**prejuízo, mal**] s. m. pl. ||32r a||: “Os quaaes ainda que sejam assaz commuões *e* regnem per toda parte per speçial auondam em as cortes hos quaes som assaz maos *e* causam outros enfijndos”.

*engalhar* (1) [**enganar**] v. inf. ||23r a||: “E algũas vezes dira das estorias *que* se dizem aos moços . *e* esto fara ella por engalhar sua senhora que de melhor vontade tome seus reprehimentos quando os ouver de dar”.

*enmendar* (4) [**correção de um erro**] v. inf.; *enmẽdã* (1). ||11v a||: “E ssempre dara ocasyom aos boõs de perseuerar *e* aos maos de se enmendar”.

*enquerer* (2) [**inquirir, interrogar**] v. inf.; *enquerera* (1) (3ª s. ind. fut. pres.). ||26r a||: “E se muyto a quyser enquerer da causa de sua partida”.

*ensoberueçe* (1) [**ensoberbece, orgulha-se**] v. (3ª s. conj. p. i.). ||8v a||: “nem ensoberueçe por ryquezas tal cryatura”.

*enuiosos* (1) [**invejosos**] adj. pl. ||9r a||: “grande costança *e* força de coraçõ : nom fara grande conta dos dardos dos enuiosos”. Variante: *emueya* (1) s. f.

*enxalçado* (1) [**exaltado, engrandecido**] adj. m. Variantes: *exalçamento* (1) [**engrandece**] s. m.; *exalça* (1) v. (3ª s. ind. pres.); *exalçara* (1) (3ª s. ind. fut. pres.). ||4r a||: “Ca ssegundo a pallaura . de deos quem se humilda sera enxalçado”.

*erra* (1) [**erra**] v. (3ª s. ind. pres.); *errã* (2) (3ª p. ind. pres.). ||49v b||: “E deuees auer piedade dos *que* errã *e* rogar a deos por ellas”.

*escarnho* (1) [**escárnio, zombaria**] s. m.; *scarho* (1); *scarnho* (1). Variante: *escarneçer* (4) v. inf.; *scarneçerdes* (2ª p. conj. fut.); *escarnecẽ* (1) (3ª p. ind. pres.); *escarneçendo* (1) (ger.). ||37r b||: “Ca nom ha hy tal escarnho como veer grande estado a quem nom perteeçe nem o pode manteer”.

*escolido* (1) [**escolhido**] adj. ||11r b||: “ella pode seer cõparada a hũ homẽ de *que* he scripto que elle foy escolido *pera* governar hũa cidade”.

*escuitara* (1) [**escutara**] v. (3ª p. s. ind. fut. pres.); *escuyte* (1). ||22r b||: “nom falle em casamento a nenhũa pessoa em apartado nẽ o escuyte”.

*esguardar* (8) [**observar atentamente**] v. inf.; *esgardar* (2); *sgardar* (1); *sguardar* (1); *sguarda* (1). ||10v a||: “E esguarda bem que ho pam dos famintos nõ ãtre ã teu celeiro”.

*esmoller* (1) [**dar ou receber esmolas, auxílio, amparo**] s. f.; *esmolleres* (1). ||10v b||: “A estas pessoas per seu esmoller o qual sera caridoso *e* sem cobyça”.

*espargida* (1) [**derramada, espalhada**] *espargido* (1); v. part.; *spargesse* (1) (3ª s. conj. p. i). Variante: *spargymento* (1) s. m. ||10r a||: “E como todo boõ prynçepe deue escusar spargymento de sangue *e* em speçyal sobre seus sogeytos”.

*espritaes* (1) [**hospitais**] s. m. pl.; *sprytaaes* (1). ||10v b||: “visytar os espritaes *e* os pobres”.

*esso* (8) [**forma neutra de “esse”**] pron. ||19v b||: “E sse os presentes vẽ de grandes senhores ella lhe enuyara esso mesmo outros semelhantes *e* mylhores”.

*estalleyadeyra* (1) [**estalajadeira, hospedeira**] s. f. ||22v b||: “E por isso a ssages estalleyadeyra que sempre tem guarda *e* cuydado de esquiuar os peryguos que podem acontecer em sua casa”.

*estẽ* (1) [**estar**] v.; *estem* (2) (2ª p. pl. conj. pres.). ||41r a||: “nõ cõsintira que estem ouciosas”; *stas* (1) (2ª p. s. ind. pres.). ||38v a||: “E sse stas nas cõpanhias *e* ajõtamentos esto” (> 100) [**isto**] pron. dem.; *sto* (1). ||22v b||: “E esto de lonje *e* nõ todo juntamente porque a uara nom quebre”.

*estoruadas* (1) [**aborrecidas**] adj. pl. Variação: *storuados* (1) [**estorvado, empecilho**] v. part. ||19r b||: “nem fazer andar seu pouo longos camynhos storuados aa sua cousta”.

*estubos* (1) [**do francês antigo “estuve” = banho quente**] s. m. pl. ||42v a||: “E quer que todas as cousas sejã feitas mays per descriçõ que per voõtade . E assi banhas *e* estubos *e* comeres taaes cõpanhias sem neçessidade ou boa causa nõ som senõ despesas sobejas sem proueito”. Variante: *estuuas* (1). ||48r a||: “E ainda seruẽ d outra offyçio porque quãdo fazẽ as decoadas *pera* lauar . pensa sua sãhora que ellas som na ribeyra *e* ellas som nas estuuas”.

*exalça* (1) [**exaltar**] v. (3ª s. ind. pres.); *exalçara* (1) (3ª s. ind. fut. pres.). Variante: *exalçamento* (1) s. m. ||29v b||: “mais em auscẽcia que em presença exalçara sua boa nomeada”.

*fame* (4) [**fome**] s. f. ||50v b||: “Ca tu queres *que* polla fame que logo passa eu seja a tua sancta mesa farto *pera* sempre”.

*far* (4) [**fazer**] v. inf.; *farees* (1) (2<sup>a</sup> s. ind. fut. pres.); *feyra* (2) [**fará**] (3<sup>a</sup> p. s. ind. fut. pres.). ||23r b||: “que se ella mays faz outra e senom ãmenda do que faz ella ha leyxara e feyra e jamays a nom seruira”.

*fauta* (1) [**falta, ausência; culpa**]; *fautas* (1) s. f. ||33r a||: “E pode muy beem ser *que* tu nom conheçes tuas *fautas e* erros”.

*fe* (10) [**fê**] s. f.; *ffe* (2); *fee* (5). ||14r a||: “boa *ffe e* verdadeyro amor”.

*fea* (3) [**feia**] adj.; *feo* (3); *feeo* (1); *feios* (1). ||39v a||: “nã he cousa mais fea nem mais auorreçyuel que vozes e pallauras”.

*feuzza* (1) [**confiança**] s. f. ||51r a||: “feuzza em deos”.

*fremosa* (5) + 2pl [**formosa**] adj.; *fermosa* (2). ||41v b||: “lhe parece grande gloria de dizer eu so amada de muytos e per aquy prouo *que* sã fremosa”.

*fye* (2) [**confie**] v.; *fie* (1), *fiee* (1) v. (3<sup>a</sup> s. conj. pres.); *fiees* (1); *fies* (1) (2<sup>a</sup> s. conj. pres.); *fya* (1) (3<sup>a</sup> s. ind. pres.); *fiã* (2) (3<sup>a</sup> p. pl. ind. pres). ||20r b||: “sẽhores *que* tã pouco fiã de suas molheres”.

*ficados* (1) [**apoiado, fincado**] adj. pl. ||4v a||: “se ella sospyrar ou se mouer : os geolhos ficados pera lhe menistrar todo seruiço e obedeçer a sseus mandados”.

*filharas* (1) [**atrair para si; tomar; conquistar**] v. (2<sup>a</sup> p. s. ind. fut. pres.). ||7r a||: “bem auẽturança hora vees tu a deferença de dous caminhos qual filharas *seras* tã rayuosa que te metas na vasa”; *fylhada* (2) part. ||19r b||: “E defemdera<sup>262</sup> que ao pouoo nom seya fylhada cousa contra sua voontade”; *filhe* (1) [**filhar/filar; segurar**], *fylhe* (1) (3<sup>a</sup> p. s. conj. pres.). ||40v a||: “E filhe ameude cõta das suas cousas”.

*foão* (1) [**fulano, palavra usada para designar alguém cujo nome não se quer mencionar**] s. m. ||35r a||: “E eu ouuy dizer a foão tal cousa doutra sua cõpaneira”.

*foguetadores* (1) [**foguetado: descompostura (fig.)**] s. m. pl. ||36v a||: “Ca sãpre som fracos e preguyçosos . nem muyto moços *que* sempre som foguetadores”.

*folguar* (1) [**folegar, despertar**] v. ||36v a||: “Mas ella meesma se leuante e chame suas molheres e per ellas mande chamar sua gente . E va ameude folguar e ver como elles trabalho”.

*frecha* (1) [**flecha**] s. f. ||34r a||: “E quando a frecha tornou ferio na cabeça”.

*frol* (1) [**flor**] s. f. ||49r b||: “o prazer que auemos no louuor da castydade nos moue a vos screuer assy has propriedades daquella vyrtuosa frol da castydade”.

---

<sup>262</sup> “Defemdera” por “defendera”.

*fruita* (1) [**fruta**] s. f. ||50r b||: “nem consentam a sseus fylhos yr romper as sebes e tapaduras alheas por furtar huuas nẽ outra algũa fruita”.

*fryura* (1) [**friúra: fria, frieza**] s. f. ||10r b||: “augua per sua humydade e fryura mata o fogo”.

*furnir* (1) [**fornecer**] v. inf. ||37r b||: “deuem auisar : e cõselhar seus maridos acerca de seu estado *que* nom seja mayor do que sua rẽda pode furnir”.

*fuya* (1) [**fuja**] v. imp. ||48v b||: “mas que ella meesma se queyra ajudar he leyxe ho abyto desonesto he fuya aas companhys que soya de seguyr”.

*gaãçar* (1) [**ganhar**], *guaanhar* (1) v. inf.; *gaãça* (1), *gaança* (1) (3<sup>a</sup> s. ind. pres.); *ganhom* (1) (3<sup>a</sup> p. ind. pres.); *guãhada* (1). Variantes: *guaaria* (1), *guaanho* (1); *ganhom* (1) s. m. ||40v a||: “*que* vosso marido per seu trabalho gaãça e ajunta”.

*galardoe* (1) [**premiar, recompensar**] v. (3<sup>a</sup> s. conj. pres.). Variante: *gualardom* (1) s. m. ||27r a||: “dygnos em bondade he de seus seruydores os melhores he aaquelles tenha consyguo he galardoe segũdo seus mereçimẽtos”.

*gardar* (7) [**guardar**] v. inf.; *garda* (4); *guardã* (2); *guardam* (4); *gardara* (4); *gardaúa* (1); *guardaae* (1); *gardarem* (1) (3<sup>a</sup> p. conj. fut.); *guardesse* (3); *gardãdo* (2); *gardando* (1). ||28r b||: “nõ aja oolhar nẽ rijr nẽ pallaura *que* todo nõ seja cõ razõ e tẽperãça e sempre deue de gardar”.

*gargantoas* (1) [**gula; comilão**] s. m. pl.; *guarganto*. Variante: *gargãtoyçe* (1) adj. ||33r b||: “assi como vaã gloria soberba gargãtoyçe luxuria e todos os outros os quaes podẽ atraher a criatura aos amar”.

*gasalhado* (13) [**acolhimento**] s. m.; *guasalhado* (3). ||15r a||: “ama seu marydo segũdo dissemos ella amara e honrrara os parentes delle e lhe fara bom gasalhado de qualquer parte”.

*gaudemos* (1) [**gaudeamus: alegria, satisfação**] s. m. ||48r a||: “E quãdo seu senhor he a uilla e sua senhora a igreja a jantar he feyto na cozinha com grãde gaudemos e nõ sem boõ beuer do melhor *que* esta na cana”.

*gauar* (1) [**gabar**] v. inf. ||42r b||: “E sã duuida uũca<sup>263</sup> ãpeçe callar *aquellas* cousas *que* dizendo as nõ podẽ aperueitar nẽ o gauar nũca foy fremoso”.

*geolhos* (2) [**joelhos**] s. m. pl.; *giolhos* (2); *gyolhos* (1). ||1v||: “E eu *Christina* ouuido as vozes de minhas boas e honrradas senhoras chea de Alegria corrẽdo me puse de giolhos ant ellas”.

---

<sup>263</sup> “Uũca” por “nũca”.

*graadeza* (2) [**grandeza, magnitude**] s. f. Variante: *gradezas* (1). ||20v a||: “nõ poderẽ exeçutar sua prudẽncia no que toca ao boõ gasalhado dos sogeytos e a fazer suas gradezas onestas ellas deuẽ seer scusadas”.

*graado* (1) [**nobre; agradável; graça; aceito**] adj. ||51r a||: “tomando ã graado vossa pobreza e auer fyrme feuzza em deos”. Variantes: *grado* (3) s. m. ||38v a||: “E cõ aquelles nõ som as pior casadas se elles o quere tomar em grado e se openyom as nõ engana”. *grada* (1) [**gradar, crescer, agradecer**] v. (3ª s. ind. pres.). ||26v b||: “nunca se mostre aspera nẽ maa de seruyr a suas molheres he . seruydores : humana he e mauiyola e nom muyto altyua : em seu doões grada ordenadamẽte sayba conheçer de toda gente”.

*graa* (2) [**hierarquia, intensidade**] s. m. ||1v||: “desy segũdo de graao em graao cantaremos em nossa doutrina a todos os estados [da]s molheres”. Variante: *grao* (2). ||39r a||: “Mas porque ordẽ de religiõ he mais digna que outro estado e mais alto grao o Religioso”.

*gram* (12) [**grande**] adj. ||5r a||: “E que te valerom entam honrras riquezas : nem gram parentesco”.

*grauenza* (1) [**gravidade, prejuízo**] s. f. ||21v a||: “que nenhuõ seja tam ousado de fazer oppressam nem grauenza a alguõ de seus sogeytos”.

*gros* (1) [**vender a grosso, no atacado**] s. m. ||42v b||: “aquellas de que fallamos compram em gros e vendem a retalhos”.

*guarnece* (1) [**prover do necessário**] v. (3ª s. ind. pres.). Variante: *guarnido* (1) [**o mesmo que guarnecido; munir, prover**] *guarnyda*; (1) adj. ||35v b||: “E sse o caso se ofereçe prouer suas fortallezas e guarnece lhas se tem algũa duuyda ou antes que lhe venha”.

*guarryda* (1 + s) [**guardida, amparada, socorro, refúgio, cura, acolhimento, consolo**] s. f. ||27r a||: “E sooes ao presente de todo cambada segũdo se diz Ca vos soes tornada mais guarryda e mais fallador e louçaã do que soies”.

*guar-te* (1) [**desvia-te!, arreda!; bondoso; redução do imperativo: guarda-te**] loc. adv. ||45v b||: “E aquelles que has de castigar reprende os cortesmẽte guar te da yria que muyto despraz a deos”.

*guerrea* (1) [**guerrear**] v. (3ª s. ind. pres.). ||16r b||: “E quanto a pessoa he mays vertuosa tanto a enueja a mays guerrea E nõ he nem foy senam deos”.

*guysa* (15) [**modo, maneira**] s. f.; *guisa* (10). ||18r a||: “E d outra guisa nom seria sogeytos nem ella senhora”.

*guya* (1) [**guiar, orientar, aconselhar**] v.; *guyar* (1); *guyã* (1). ||49v b||: “E per tal caminho podees guyar vossa carreta”.

*hauersydades* (1) [**diversidades**] s. f. pl. ||5v b||: “Deos te emuyara d outra parte tâtas hauersydades doenças”.

*haa* (2) 1. [à] prep. ||2r a||: “Que começa a fallar das ensinaças moraaes que prudêça mundana dara haa prinçesa”.

*has* (14) 2. [as] art. def. fem. ||3r b||: “Item como aas mãçebas se ham d auer contra has velhas”.

*he* (> 100) [e] conj. ||5v a||: “nem parasmentes em sy como as mereçydo he mereçees”.

Variantes: [ser: é], *ssoo* (1), *soy* (1); [sou] (1ª p. s. ind. pres.); *soees* (1) [sois], *sooe* (1), *sooes* (8), *hes* (17) [és] (2ª s. ind. pres.); *hee* (1); *soies* (2ª p. ind. pres), (3ª p. s. ind. pres.); *sõ* (52) *soõ* (1); [sou, são], *som* (158) *ssom* (2), (3ª p. s./p. ind. pres.). ||14r b||: “ella enquerera ameude dos camareyros e dos outros seruidores que sō acerca della”. ||22v b||: “graue cousa he de apagar o fogo depoyz que he aceso”.

*hera* (4) [era] v. (3ª s. ind. p. i.). ||5v a||: “Ca nom hee sem causa se muytas cõtradyzem a sy e ha suas openyoões som contrayros”. Variantes: *seyas* (1); *soyas* (2) [sejas] (2ª s. conj. pres.); *seja* (> 100), *sea* (1), *seia* (3), *seya* (19); *soya* (7); (3ª s. conj. pres.). ||45r b||: “que a gosityçe lhe sea especialmête se he vista carregada de vinho”. ||48v b||: he leyxe ho abyto desonesto he fuya aas companhys que soya de seguyr e se chegue aas egreyas”; *sejaaes* (1); *sejaes* (1) (2ª p. conj. pres.); *seiam* (1); *sejã* (26); *seyam* (2); *soyam* (1); *ssoyã* (1) (3ª p. conj. pres.); *seede* (3); *seedeem* (1) (2ª p. imp.); *seeree* (1); *seeres* (2) (2ª s. inf. pessoal); *seer*; *sseer* (1); *sser* (3) (3ª s. inf. pess.). *seerẽ* (3); *seerem* (4) (3ª p. inf. pess.). ||13v b||: “vertuosas sem erro mas que nom seya muyto em tal guysa que razão hy seja guardada”.

*serya* (15) [seria] (3ª s. ind. fut. p.). ||48v b||: “E sse achasse alguũ que força lhe quysesse fazer contasse seu feyto ha justiça he serya ajudada”.

*heruageês* (1) [grande quantidade de erva para pasto; hotaliça] s. f. pl. ||36v b||: “Em suas quintãs que auer a muitas per sua terra auera grãdes prados e heruageês”.

*humanal* (6) [humano] adj. ||16r b||: “ssem piedade enueja que se mete no coração humanal”.

*humilias* (1) [homilia, sermão] s. f. pl.; ||6v b||: “Sam gregoryo diz nas suas humilias . falando daquella santa çidade do paraiso”.

*hy* (88) [aí] adv. de lugar. Variantes: *hi* (30); *hii* (1); *y* (1); *i* (1). ||4v a||: “QUando a prĩçesa ou grande senhora i ouuer sperta em sua cama”.

*hymos* (1) [ir] v. (1ª p. ind. pres.). ||32r a||: “E porque nos hymos ao bem de vos todas nos praz de vos mostrar os remedios que ensinamos a toda pessoa”.

*imprimidor* (1) [impressor] s. m. ||51v b||: “herman de campos . Imprimidor y bombardeyro do rey nosso senhor”.

*impunida* (1) [**impune**] adj. ||4r b||: “E teme llo por sua diuina e santa justiça que nenhũa cousa leyxa impunida”.

*incipit* (1) [**primeiras palavras de um manuscrito**] s. m. ||29r a||: “Incipit secunda pars”.

*incrynaçõ* (1) [**inclinação**] s. f. ||42r b||: “ẽ prados sob cobertura de festeiar algũas persoas de bem o que as vezes se faz por outra incrynaçõ”.

*infirmydades* (1) [**enfermidade**] s. f. pl. ||5r a||: “Nom sabẽs tu que es hũa miserauel pessoa creatura sugeyta a todas infirmydades e paixões que corpo mortal pode sofrer”.

*ĩpaçiẽçia* (1) [**impaciência**] s. f. ||50v a||: “porque ella nos faz lẽbrãça do que vos pode ajudar cõtra os aguilhoões da ãpaçiẽçia”.

*ĩtitollados* (1) [**nomeados**] s. m. pl. ||17r b||: “ou outras cousas em perpetual memorya ãtitollados em seus moesteiros a fym que a gente que ally rogar a a deos”. Variante: *titolo* (1) [**título**] s. m.

*iulgues* (1) [**julgues**] v. (2ª p. s. pres. ind.). Variante: *julguar* (1); *julgua* (1); *julgarõ* (1); *julgom* (1); *julguam* (1). ||34v a||: “A quinta que julgom outrem o que he contra ho mandamento de deos que diz nom iulgues e nõ seras julgado”.

*iusta* (1) [**justa**] adj. ||1v||: “cantaremos em nossa doutrina a todos os estados das molheres porque a despeprina de nossa escolla possa seer iusta”.

*jeera* (2) [**gerar**] v. (3ª s. ind. pres.). ||12r a||: “guardara de mujto dormyr porque prudẽcia lhe dyra que mujto repouso jeera pecado”.

*jndinados* (1) [**indignados**] adj. pl. ||9v a||: “Ou se acontece que elles seã jndinados contra o príncepe per mal dizer : ou per alguũ mereçimẽto : lhe rogarom que faça a paz”.

*jnfamia* (1) [**infâmia**] s. f. ||41v a||: “hora vẽ a fallar do quarto põto o qual he como vos deue esguardar de prasmo e de cayr em jnfamia”.

*jnferno* (3) [**inferno**] s. m. ||48v a||: “E afastae uos ãquanto o lume do dia vos dura ãte que as treuas da noyte vos leuẽ ao jnferno”.

*jnfidas* (1) [**interminável**]; *jnfidas* (1); *jnfyn da* (1) adj. pl. ||49v a||: “as criaturas que a hã ã sy se podẽ bẽ cõparar aos *spiritos santos* do çeeo jnfidas sã as perpiedades que a ssanta scriptura põe desta virtude celestial”.

*jngreses* (1) [**ingleses**] s. m. pl. ||10r a||: “assy como contã as coronycas de frança do conde de Curbel<sup>264</sup> e do senhor de monte hery e de mosse ruberty d artoes ho qual pella contenda a que el rey ouue com elle fez muyto dapno no regno de frança cõ ajuda dos jngreses”.

---

<sup>264</sup> Fr.: “conte de Corbeil, du seigneur de Montlehery [...] messire Robert d’Artois”; Crispim: “conde de Curbel e do Senhor de Montehery e de mosse Ruberte d’Artõões”.

*jnmygos* (4) [**inimigos**] s. m. pl.; *jmmyguos* (2); *jmmigo* (2); *jmigo* (1); *immiguos* (1); *imygos*; *inmygos* (1); *ymmyguo* (2); *ymygo* (1). ||16v b||: “elle poera em paz a yra e maa vontade de seus jnmygos e os conuertera em amyguos”.

*joas* (1) [**jóia; qualquer adorno feminino**] s. f. pl. ||11r b||: “Mas se a boa sêhora se quer absteer das cousas sobeyas o *que* ella poderia fazer se ella *quiser* . *scilicet* . de roupas e joas *que* ão som muj necessarias”.

*jouetasse* (1) [**jogar, brincar**] v. (3ª s. conj. p. i). ||14v b||: “ella lho tocara a de parte doçemête e benygnamente hũa vez ho amoestara per deuaçoõ : outra per pyedade que deue auer della : outra vez em rindo como se jouetasse com elle”.

*jouue* (1) [**esteve; jazer = estar, ficar**] v. (3ª p. s. ind. pret. perf.). ||43r a||: “E *deos* sabe as outras sobejas despesas de festas e bãhos e jãtares segũdo a usaça de paris *que* la forõ feitas ãquanto ella assi jouue”.

*jugar* (2) [**jogar**] v. inf. ||22r b||: “Mas por esquiar noyo e ouciosydade ella *deue* jugar com suas molheres jogos simplezes e honestos em sua camara nos dias das festas”.

*junio* (1) [**junho**] s. m. ||51v b||: “Anno de nostra saluaçam . m . d . y xviiij . annos . a xx . dias do mes de junio”.

*laa* (2) [**lá**] adv. ||30v b||: “poos foguo em huãa casa e todos correrom laa”.

*laã* (1) [**lã**] s. f.; *laam* (1); *laão* (1). ||37v a||: “cinquo allas de paris de pano de laão de burcellas”.

*laurẽ* (1) [**lavar**] v. (3ª p. p. ind. pres.). ||50r a||: “e assy cõselhae vossos maridos que se elles laurã terras d outrẽ que paguem bẽ e lealmẽte e as laurẽ e aproueitẽ como se fosse pera si”.

*leda* (11) [**alegre**] adj. ||24v b||: “ella sera muy leda e amoestara de todo seu poder e saber que se tenha em seu bõ preposito”.

*ledores* (1) [**o que lê**] s. m. pl. ||29r a||: “nõ temos preposito de relatar nem tornar a dizer o que ja dito temos atraz Ca seria trabalho sem neçessidade e noyo grande aos ledores”.

*leyxar* (7) [**deixar**] v. inf.; *leixar* (4); *lexiãdo* (1) (ger.). ||29v b||: “pera fazer mal teu deuer e nom lhe auem tal amor como deues . o que nom deues leyxar de fazer por elle obrar ho que nom deue em quanto com elle esteueres ou te vay”.

*leterados* (8) [**letrado; advogado**] adj. pl.; *leteras* (1) [**letra**] s. f. ||17r a||: “E amara por aquella causa *que* he a quãta ensinãça toda gente de rrelegiom e leterados assi doutores como prelados e toda gente de conselho”.

*lhas* (4) [**indicação contraída dos complementos verbais da 3ª p. s/pl., f/m; contr. do pron. oblíquo lhe + a**]; *lha* (2); *lho* (32); *lhos* (2); *las* (1) [lo] f. pl. do art. e pron.; *lla* (1); *llas* (3); *llho* (1); *lo* (7); *llo* (4); *llos* (6). ||19r b||: “busca llho”.

*libro* (1) [**livro**] s. m. ||51v b||: “Acabase el libro intitulado das tres virtudes”.

*longnas* (1) [**longo/a, grande, prolongado, distante, afastado**] adj. pl.; *alõgado* (1); *lonje* (1) [**longe**] adv. ||9v b||: “SE aconteçe que alguõ príncepe : vezinho ou alõgado queyra mouer guerra a sseu sêhor”.

*logar* (2) [**lugar**] s. m.; *logares* (4). ||11r b||: “E ordenou de tal maneyra *que* todo o dinheyro *que* auya gardaua ã seguro logar fazêdo pequena despesa”.

*louçã* (1) [**formoso, vistoso**] adj.; *louçaã* (1); *louçaam* (1), *louçaão* (1); *louçaãos* (1). ||34r b||: “alguõ sinal *desuairado per ygnorãcia* ou moçidade | sê hi | mal pêsar ou se | ella e leda ou louçã ã seu trazer *que* he cousa *que* muitas pessoas am *per natureza*”. Variante: *louçainha* (1) [**vestimenta de gala; garbo**] s. f.; *louçainhas* (1); *louçaynha* (1). ||22r a||: “for Asessegada e de boa contençça : jogos e dâças e roupas estreitas e todas louçainhas aja ã sy por defesas”.

*louuaminhas* (1) [**elogiar; adulação**] s. f. pl. ||20r a||: “vsaua ã aquella corte hũa outra pessoa auida por nõ sesuda a *qual* auya ã costume de seruir os senhores de louuaminhas e de pallauras de nêhũa valia a maneyra de truam”. Variantes: *louuamihar* (1) s. f. ||47v b||: “algũas falsas *seruidores* as *quaes* porque sabê asaz do baixo voar e bẽ seruir per louuamihar nas grãdes casas dos burgeses lhes dam a guouernança louuaminheyros”. (1) adj. pl. ||27r a||: “os mays dygnos em bondade he de seus seruydores os melhores he aaquelles tenha consyguo he galardoe segũdo seus mereçimêtos nõ crea nê de se a louuaminheyros nê guabadores ante os lançe de sy louuaminnharyas”. (1) v. (2ª s. ind. fut. p.). ||30r b||: “Certamente tulouuaminnharyas e pecaryas mortalmente”.

*louuardes* (1) [**exaltar, enaltecer**] v. (2ª p. conj. fut.); *louuueres* (1) (2ª p. ind. fut. p.). ||51r a||: “E aues razom de esguardar todo . e se beem querees vsar de louuardes o estado em que vos deos pos”.

*lume* (2) [**luz**] s. m. ||48v a||: “E afastae uos ãquanto o lume do dia vos dura ãte *que* as treuas da noyte vos leuẽ ao jnferno”.

*lumyeira* (1) [**objeto que alumia, ilumina**] s. f. ||39v b||: “tãto vallaria *que* lhe tirasse o ssol E diz aida mais begniuolêçya he assy como hũa fonte *que* auõda os *que* hã se de begniuolêçya he lumyeira que luz a ssi e a outrem begniuolençya jeera paz e brita a lâça dos *queyxumes*”.

*lyame* (1) [**aquilo que prende ou liga uma coisa ou pessoa a outra**] s. m. ||39v b||: “A sseptima he concordia ou beniuolêçya a *que* lhe neçessaria antre vos e muito a deuees d amarem vosso cõuêto como derecho lyame de paz para a e mêtes ao *que* diz *sancto* Ambrosio”.

*maa* (27) [**má**] adj.; *maas* (15); *maao* (17); *maaos* (7). ||16r b||: “Ella nom fara sembrante que desto he auysada nem lhe mostrara maa vontade”.

*maão* (6) [**mão**] s. f.; *maãos* (4); *maãs* (1). ||12r b||: “sẽ fazêdo mouimêtos do corpo : nê das maãs”.

*maãter* (1) [**manter, sustentar**] v. inf.; *mãtêha* (1) (3ª s. conj. pres.). ||21r b||: “he cõbatida de inmygos como mujtas vezes acõteçe na morte do pr̃çepe a filhos menores de ydade porque lhe cõuêha maãter guerra”.

*maginom* (1) [**imaginar**] v. (3ª p. pl. ind. pres.); *magynada* (1) part. ||42r b||: “os homêns maginom mal cõtra as molheres”.

*magnificat* (1) [**cântico à Virgem**] s. m. ||39r b||: “E ella meesma o testemûha na sua cãtiga do magnificat onde diz *que* esgardo a humildade de sua serua”.

*magnyfestamente* (1) [**manifestamente, expressamente**] adv. ||16v a||: “E ponhamos que elles fazem ou disessem alguã cousa cõtra ella ã seu perjuyzo magnyfestamente”.

*maj* (1) [**mais**] conj.; *majs* (1). ||26v a||: “a senhora que a tinha em gouernança ouuyra fallar *e* sera desto maj triste”.

*mallamête* (1) [**de forma má**] adv. ||33 r b||: “nom faças mal a outrem per enueja por teu ganho ca te condenaras mallamête”.

*mançebia* (9) [**juventude**] s. f.; *mançebya* (1); *mançeba* (8) [**moça**] s. f. ||44v a||: “aquellas que ja passarõ pella ydade da mançebia”.

*mantheudos* (1) [**mantidos**] adj. pl.; *mãtheudo* (1). ||34v a||: “aaquelle de que som mantheudos *e* criados *e* am seu estado”.

*marteiro* (1) [**martirizar**] s. m.; *marterio* (1); *mãrteres* (1) [mártir] s. m. ||48v b||: “mays asynha ofereceria seu corpo a marteiro ca consentyr em pecado”.

*mãtês* (1) [**mantel, espécie de vestimenta; toalha de mesa; manta**] s. f. pl.; *mãteês* (1). ||41r a||: “E mãdara fazer lêço grosso *e* delgado *e* mãtês<sup>265</sup> *e* toalhas . E este he aas boas molheres huñ prazer natural ã *que* nõ a mal nê vilania ãte he onesto *e* licito E tâto fara *que* ella auera de finos lenços delgados *e* mãteês”.

*mayormente* (1) [**principalmente**] adv. ||30r b||: “erra em guardar segredo a sua senhora . mayormente que nom forõ azadores”.

*medaneyra* (2) [**medianeira, intermediária**] s. f. ||21r b||: “por esto a ssages senhora sera boa medaneyra”.

*meestrya* (1) [**mestre**] s. m.; *mesterya* (1). ||16v a||: “porque todo seruydor : nõ he leal . muyto deue sguardar ante que falla . *e* o coraçõ cõ pena sofre : Calar a boca he mesterya

---

<sup>265</sup> “Mâtês”, “mãteês” por “mãtas”, “mantas”. Fr.: “toilles; nappes et touailles” (p. 175).

menencorya”. (1) [*menencorea, menencoria*: **tristeza, melancolia**] s. f. ||26r b||: “mas que he velha e fraca e nom pode mayseruyr ou que a idade a faz ser menencorya e nom pode soportar como deuerya”.

*menhaam* (3) [**menhãa: manhã**] s. f. ||13r a||: “se leuantaua ante menhaam he ella meesma açendya suas candeas”.

*meo* (4) [**meio, metade**] adv./adj./s. m.; *mea* (1); *meos* (2); *meyo* (1) s. m.; *meaãs* (1) [**médias**] f. ||14r a||: “E rogamos a ellas e a todas molheres grandes meaãs e pequenas”.

*meollo* (1) [**miolo**] s. m. ||44v b||: “jejuũs dyscretos e nom tã asperos que ellas os nom possam hacabar nem toruem seu meollo”.

*mercadaria* (2 + 1s) [**mercadoria**] s. f. Variantes: *mercadaryas* (1), *mercaderyas* (1). ||42v b||: “comprã ã grosso e fazem grãdes feytos e mandam per todas terras rycas mercadaryas”.

*mercadeyras* (1) [**mercadora**] s. f. ||43r b||: “ellas ho nom som nem perdem porẽ ho nome de mercaderyas ou molheres de mercados”.

*mes* (1) [**mês**] s. m. ||51v b||: “a xx . dias do mes de junio”.

*mester* (18) [**obreiro; necessitado; necessidade**] s. m.; *mesteyraes* (1); *mesteirosos* (1), *mesteres* (1) s. m pl.; *mesteyrosas* (1) s. f. pl.; (1). Variante: *se mester for* (8) [**se for preciso, se houver mester = se houver necessidade**]. ||35v b||: “E ysso mesmo pera defender e combater se mester for metom”. (1) [**meter**] v. (3ª p. pl. ind. pres.). ||30r b||: “E nam tam soomente os guouernam e sostem em seus maos feytos . mas elles buscam os caminhos como os metom em muytos e villaãos pecados”.

*my* (10) [**me, mim**] pron.; *mi* (2). ||8r a||: “ssẽdo tal eu nõ deuo presumyr de my que seya de tal vertude”.

*migados* (1) [**desfazer em migalhas**] s. m. pl. ||41r a||: “nẽ as roupas sejã com esta da traca<sup>266</sup> mas se ella ama sua alma e a virtude da caridade ella as partira aos migados E nõ tã soomẽte desto fara esmollas”.

*minguamento* (1) [**míngua**] s. f.; *myngua* (1); *mynguados* (1); *mynguaria* (1). ||4r a||: “bem auenturança de vos todas e a querer a destroyçam e mingramento das cousas que esto podẽ embargar”.

*moestara* (1) [**repreenderá, avisará**] v. (3ª p. s. ind. fut. pres.). ||23v b||: “os mãçebos nouamẽte casados poera todo trabalho que poder de os cryar ã aquelle amor e os moestara que sempre dygã boas pallauras huũ ao outro e muy corteses”.

---

<sup>266</sup> “Traca” por “traça”.

*moesteiros* (1) [**mosteiros**] s. m. pl.; *moesteyro* (1). ||17r b||: “outras cousas em perpetual memorya ãitollados em seus moesteiros a fym que a gente que ally rogar aa deos tomẽ enxemplo”.

*moraes* (2) [**moral: morais**] adj. pl. ||11v a||: “começa a [f]allar das ensynanças moraes”.

*moraes* (1) [**morar**] v. (2ª p. pl. ind. pres.); *morom* [**moram**] (1) (3ª p. pl. ind. pres.). ||35r b||: “dõzellas que morom ã suas terras”.

*morer* (1) [**morrer**] v. inf.; *moura* (1) (3ª p. s. conj. pres.). ||16r b||: “pessoa de jhesu crysto que foy soo perfeyto e enueja o fez morer”.

*mostrãças* (5) [**aparência, mostra**] s. f. pl. ||24r a||: “ella ãtẽde os sinaes sobreditas e mostrãças ella se trabalhara cõ grã cuydado de poer hy boõ remedio”.

*moto* (1) [**sinal que um artista deixa na sua obra para indicar que é de sua autoria; mote: sentença, exposta em um ou mais versos, que serve de tema**] s. m. ||42r b||: “E huũ boõ moto daquella *virtude* disse o papa E cõ no sermom da epiphania”.

*montra* (1) [**do francês “monstre”: ação de mostrar, manifestar**] v. (3ª s. ind. pres.). ||31v b||: “Mas entendamos soomento<sup>267</sup> daquellas que per costume se moutra<sup>268</sup> a neçessidade o fazem senom por seu prazer e por se desenfadarem nas camaras das molheres”.

*mudamẽto* (1) [**de mudar**] s. f. Variante: *mudaues* (1) v. (2ª p. ind. p. i.). ||33r b||: “posto que seja por *deos defeso* mas este he assi diabolico que aa pessoa que delle mais vsa : da mayor tristeza e cuydado e menos segurãça de corraçõ e mudamẽto de rostro e tormẽto que possa a alma e todos malles”.

*mundanal* (1) [**referente ao mundo, mundano**] adj.; *mundanauel* (1); *mũdanal* (1); *mũdana* (1); *mũdanaae* (1) *mundanaes* (1); *mundanauel* (1). ||29r b||: “E assy lhes he necessaryo auer mundanal prudẽça pera hordenar sua vyda deuidamẽte”.

*muy* (21) [**muito**] adv.; *mujto* (9); *muj* (8); *mujtas* (6); *mui* (1); *mujtos* (1). ||30r a||: “grandes senhores que he cousa que muyto despraz ha deos”.

*murrõ* (1) [**corda; mecha; parte queimada**] s. m. ||22v b||: “busca ameude em especial ao seraõ cõ temor que alguã maa seruidor leixasse cãdea . ou murrõ ã algũ lugar d õde possa viir dapno”.

*myl* (1) [**mil**] n. ||25r b||: “prazera myl vezes mais”.

---

<sup>267</sup> “Soomento” por “soomente”, “somente”.

<sup>268</sup> “Moutra” por “montra”.

*mysas* (1) [**missas**] s. f. pl. ||13r a||: “depoys que ella for prestes hyra ouuyr suas *mysas* tantas como for sua deuaçom *e* lhe der lugar ho tempo”.

*nom* (116) [**não**] adv.; *nam* (2); *nã* (3). ||26v b||: “ryr baixo *e* nam sem causa”.

*ne* (1) [**nem**] adv.; *nẽ* (1); *nen* (1). ||30r b||: “Certo tal gente nom he boa nen leal”.

*nẽbrãça* (2) [**lembrança**] *nembrança* (1); s. f. Variante: *nẽbrando* (1) v. ger.; *nembrada* (1) part. ||23v b||: “a boa molher lhe fara sempre *nẽbrãça* delle *e* de como a ama”.

*neiçia* (1) [**ignorante, néscia**] adj.; *neicias* (1); *neiçya* (1); *neycio* (1); *neyçyo* (1); *neyçyos* (1). ||45v a||: “E sem duuyda quando os velhos som neyçyos ou mynguados do siso que fazem as sandiçes que a mançebia amoesta fazer aos moços deuem escarneçer delles”.

*nosa* (1) [**nossa**] pron.; *nostra* (1). ||47v a||: “AFym *que* todas sentã nosa ensinãça de bẽ viuer”.

*nuus* (2) [**nús**] adj. pl.; *nuu* (1). ||11r b||: “forõ desterreados de sua terra *e* ãuiados pobres *e* nuus õde morrerõ de fame”.

*nuueẽs* (1) [**nuvens**] s. f. pl. ||34r a||: “o que he escripto de huũ que quis fazer guerra ao çeo *e* tyrou com huũ arco contra as nuueẽs”.

*oblações* (1) [**ato de oferecer, dar voluntariamente**] s. f. pl. ||20v b||: “rogara *e* fara roguar por ella deuotamente com gram cuydado em missas *e* seruiços esmolos *e* oferendas *e* oblações”.

*obyũiente* (1) [**obediente**] adj. ||45r b||: “E cõ esto he neçessareo sser obyũiente a seu padre *e* madre”.

*oniõ* (2) [**união**] s. f.; *vniom*. ||38r a||: “Ca pois ella senefica ajuntamento *e* vniom de paz que deue seer antre os *christaaos*”.

*onre* (1) [**honrar**] v. (3ª p. s. conj. pres.). ||28r a||: “E *que* ella nom onre os estrãgeiros segũdo a ssua alteza *perçe*”.

*oras* (3) 1. [**horas**] s. f. pl.; *ora* (5). ||23r a||: “E lhe conselhara que se leuante a boas oras; 2. [**oração**] s. f. pl. ||47v a||: dizer suas oras *e* seu pater noster”.

*ouelheyro* (1) [**guardador de ovelhas; pastor**] s. m. ||36v a||: “Tenha cuydado de suas bestas *e* mande as lançar fora a tempo razoado assi ouelhas como quaesquer outras . E aja bom ouelheyro que se contente do officio”.

*oufano* (1) [**petulante, ufano**] adj. ||15r b||: “Ponhamos que alguũ delles he oufano he d aspara condiçam *e* mal trautauel ella trabalhara de o adoçar”.

*ouriuezes* (1) [**ourives**] s. m. pl. ||47r a||: “pero huũs mesteres sã mais honestos *que* outros assi como ouriuezes brolladores armeiros *e* tapeteiros”.

*ousyo* (1) [**ousadia**] s. f. ||24r a||: “elle tomara ousyo de lhe dizer”.

*paaço* (3) [**paço, palácio**] s. m. ||32r b||: “nosso preposyto por fallar a todas molheres de paaço de qualquer estado que seã”.

*pam de rrara* [**pão de rala; bolo**] s. m.; *pam* (4) [**pão**] s. m.; *pã* (1). ||49v b||: “E pero posto que ellas sejam criadas a pam de rrara e tocinho e augua”.

*pãnos* (1) [**panos**] s. m. pl. ||36v b||: “ella e suas filhas e donzellas escoheram a boa laam e ha partaram os collos e afyna a sua parte pera fazer os boõs pãnos pera sy e pera seu marido”.

*para-mêtes* (4) [**repara bem; cuidado; para-bem-mentes: atenta bem, repara**] interj.; *paraementes* (1). Variante: *parar-mentes* (2) [**refletir**] v. inf., *pareymêtes* (1) (1ª s. ind. p. p.); *paroumêtes* (1) (3ª s. ind. p. p.); *paraamêtes* (1) (3ª s. ind. pres.); *paraemêtes* (1) (3ª s. conj. pres.). ||40r b||: “o ssages preegador deue parar mentes que estados de gêtes ha em seu sermõ”.

*paramêto* (2) [**obra, ação, comportamento; vestir; adornar**] s. m.; *paramêtos* (1). ||12r a||: “toda prîçesa e senhora terreal segundo seu estado seer ricamête vestida e toucada e guarnyda de paramêtos e joias”.

*parida* (1) [**mulher que pariu**] s. f. ||43r a||: “os cobertores e arrestaua pello chão de cada parte ã aquella camara auia outra copeira õde estaua muyta baixella toda dourada alli jazia a parida vestida de pano de seda encosrada a grãdes almofadas daquelle mesmo pano”.

*pars* (1) [**parte**] s. f. ||29r a||: “¶ Incipit secunda pars”. Variante: *perte* (1). ||44r a||: “tãto trabalho d outra perte que a peroa se dobraria”.

*pasar* (1) [**passar**] v. inf.; *passom* (3ª p. ind. pres.). ||42v b||: “ante que homẽ entrasse na sua camara auya de pasar per duas outras camaras”.

*passareiro* (1) [**passarinheiro; criador, caçador ou vendedor de passarinhos**] s. m. ||1r ||: “assy como o passareiro aparelha sua rede e laços com que fylhe as aues”.

*passiões* (1) [**paixões**] s. f. pl. ||5r a||: “es hũa miserauel pessoa creatura sugeyta a todas infirmydades e passiões que corpo mortal pode sofrer”.

*paul* (1) [**pedaço de terra plana encharcada; brejo**] s. m. Variante: *paull* (1). ||48v a||: “porque dura ã vos tãto hũ vil coraçõ que no paul de tãta abomynaço jazees anagadas”.

*pees* (3) [**pé**] s. m. pl.; *pee* (1). ||37v a||: “E as mangas chegauam aos pees”.

*peioramento* (1) [**pioramento, detrimento**] s. m. *peyoramento* (1). Variante: *peor* (5) [**pior**] adj.; *peoras* (1); *peyora* (1). ||49v b||: “se vos nõ auees este pecado pervêtura aues outras peoras”.

*pellegrim* (2) [**peregrino**] s. m. ||49r b||: “Ca nõ he cõheçida a constãcia do boõ pellegrim ataa *que* o termo de sua viagẽ he acabado”.

*penso* (1) [**aplicação de produto em ferida**] s. m. ||36v b||: “Ca muyto ameude morrem per migua de penso”.

*per* (> 100) [**por**] loc. adv. ||49v a||: “E *que* assi seja peruado *per* taes e tã santas testemũhas”.

*pera* (> 100) [**para**] prep. ||49v a||: “ellas sã boas e *que* tal feito auoreçẽ muito tal maneira he *pera* despreçar”.

*perdoões*<sup>269</sup> (1) [**do francês “pardon”: exercício penitencial, peregrinação, local de peregrinação em que se concediam perdões, indulgências**] s. m. pl. ||11r a||: “yr com deuaçom he humildade visitar os perdoões e os sanctos lugares e as egreyas”.

*perfiosa* (1+2s) [**perfia = porfia: perseverante; constante**] adj. ||41r b||: “seja ouuyda de longe assy como fazem algũas de pouco saber a que parece *que* por serẽ perfiosas a seus maridos”.

*perjuzo* (1) [**prejuízo**] s. m. ||41v b||: “mulher mãçeba *que* teme seu prasmo e cõheçe *que* de tal amor non pode viir senõ todo mal e *perjuzo* e desõrra”.

*pero* (10) [**posto que; ainda que**] conj. ||22v b||: “estas lhe faram cõpanhia por honrra della mas *pero* esta auera o prinçypal cuydado”.

*perpetual* (2) [**perpétuo/a; usada a mesma grafia para o feminino e o masculino**] adj. ||9r a||: “dar cõta porque sua vida ã sguardo do perpetual mundo”. ||17r b||: “outras cousas em perpetual memorya ãtitollados em seus moesteiros”.

*perposito* (3) [**propósito, determinação**] s. m. ||38r b||: “E assi o testemũhã os sanctos doutores *que* a este *perposito* fallarõ”.

*persoa* (11) [**pessoa**] s. f.; *persoas* (5). ||33v b||: “nem he marauilha se *della* diz mal se a *persoa* nom he tal *que* per temor”.

*peruisões* (1) [**provisões**] s. f. pl.; *peruysam* (1). ||48r b||: “pam toucinho . sal e toda a despesa de casa sera governada como deos sabe he se o *senhor* diz algũas vezes *que* *peruisões* falleçe loguo tem prestes a repostas dizẽdo *que* esto he pellos conuytes *que* elle faz ameude”. Variantes: *perueudo* (1) [**prevenido, provido**] adj. ||50v b||: “se tu agora hes doẽte e mal *perueudo* . deos o quer assy ha fym *que* polla boa paciẽcia; proueeença”. (1) [**dinheiro e viveres ou porvíncia**] s. f.; *prouenda* (1) [**provenida: provisão de mantimentos**] s. f.; *proueuda* (2) [**provida**] adj.; *prouiidas* [**que prov**] adj.

---

<sup>269</sup> Crispim: “Os perdões são festas religiosas, espécie de romarias, associadas, parece, a regiões piscatórias e ainda hoje realizadas na Bretanha” (p. 200).

*perventura* (9) [**porventura**] adv.; *pervētura* (5). ||14v a||: “E pervētura elle a alonguaria de ssey e seria vida ã scarnho das gentes”.

*pestellenças* (1) [**pestilências**] s. f. pl.; *pestenencyal* (1). ||5r b||: “A carne onde tu es arreygada . he em mayor ventura *que* os que estam em aar pestenencyal”.

*piadosa* (2) [**piadosa**] adj.; *piadosamente* (1). ||9v a||: “per que os sogeytos que sentyrem sua senhora comprida de bondade *e* de piadosa caridade”.

*plazer* (1) [**prazer, agradar**] v. inf.; *plaza* (1) (3ª s. conj. pres.). ||15v a||: “conuinhaueẽs de guysa que ha plaza ha seu padre a ssaber de sua sciencia”.

*poboo* (12) [**povo**] s. m.; *pobo* (1); *pouo* (3); *pouoo* (6). ||17r b||: “melhor auer a graça de seu senhor *e* assy do pouoo comuũ”.

*poer* (21) [**pôr**] v. inf.; *poõe* (6) (3ª s. ind. pres.); *porrey* (1) (1ª s. ind. fut. pres.); *poera* (4) (3ª s. ind. fut. pres.); *poeria* (1) (3ª s. ind. fut. p.); *puse* (1) (1ª s. ind. p. p.); *posemos* (1) (1ª p. ind. p.p.); *pos* (1), *poos* (1) (3ª s. ind. p. p.); *põha* (1) (3ª s. conj. pres.). ||9v a||: “ella com a graça de deos trabalhara de os poer em paz”.

*poes* (2) [**pois**] conj. ||4v a|| |: “Poes he assi que a prinçesa *que* o bem amar ho mostrara”.

*põgimẽtos* (1) [**pungimentos, tormentos; dores morais**] s. m. pl.; *pungimentos* (1). ||32v a||: “lhe faz mais bẽ ou ha chama mais ameude *e* lhe mostra mais *de* seo segredo por todo esto seu coraçõ nõ seja tornado nella vençida de enueja nom enbargando<sup>270</sup> *que* os [a]guilhoões *e* pungimentos della sejam estes”. Variante: *pungẽ* (1) [**ferir**] v. (3ª p. pl. ind. pres.); *puntura* (1) [**ferida**] s. f.; *pũtura* (1)

*policia* (1) [**cultura, civilização**] s. f. ||41v a||: “Mas se ella he burgesa o traz como dõzela *e* a dõzella como donas *e* assi sobido *de* degraõ ã degraõ sem duuida esto he fora da ordẽ de boa policia”.

*polla* (18) [**pela**] conj.; *pola* (1); *polas* (1); *pollas* (3); *pollo* (15); *pollos* (12). ||50v b||: “deos o quer assy hafym *que* polla boa paciência *que* tu hy aueras”.

*posa* (1) [**poder**] v. (3ª p. s. conj. pres.); *puuese* (1) (3ª s. conj. p. i.); *posam* (2) (3ª pl. conj. pres.); *poso* (1) (1ª s. ind. pres.). ||17r b||: “contra as murmuraçoões *e* mal dizeres dos ãuejosos *e* os posam afoguar”.

*possissõ* (1) [**posição, posse**] s. f. ||50v a||: “Oo bẽ auẽturados pobres pella sõtẽça de deos recordada no euãgelho *que* atẽdes a possissõ do çeeo pollo mereçimẽto da pobreza sofryda cõ paciência”. Variante: *possyssom* (1). ||51r a||: “E per tal caminho podees auer melhor possyssom *e* mays ryquezas *que* te mil mundos podiam dar posto *que* sempre durassem”.

---

<sup>270</sup> Troca do “m” pelo “n”.

*prasmó* (11) [**mancha; culpa; censura; desprezo**] s. m.; *plasmó* (1). Variantes: *prasmadas*, (1) *plasmada* (1), *prasmados* (1) adj. ||38v b||: “E deumos de entēder que per o louor das virtudes sō os viçios praimados . Ca se bom fezer he bē”.

*prasmár* (1) [**repreender**] v. inf.; *prasma* (1) (3<sup>a</sup> s. ind. pres.); *prasme* (1) (3<sup>a</sup> s. conj. pres.); *prasmara* (2) (3<sup>a</sup> s. ind. fut. pres.). ||12r b||: “E lhe defēdera sobre todo *que per* nē hũa maneyra diga mal d outrē nem prasmara os otros”.

*prebostes* (2) [**designação genérica de diferentes magistrados de ordem civil e militar do Antigo Regime da França**] s. m. pl. ||21v a||: “E mandara chamar os principaaes seus homeēs *e* o prebostes de sseus castellos”.

*preçar* (1) [**prezar, apreciar**] v. inf. ||37v a||: “E ainda me parece *que* os traio de ytalía sō mais *de* preçar espeçialmente d algũus lugares quanto ao custo”.

*prefiar* (1) [**porfiar, discutir acaloradamente**] v. inf.; *prefyar* (1). ||46v a||: “vos deues de guardar de scarneçerdes delles nē rijr nem lhes fazer ējurias nē vilanyas nē desprazer nē prefiar cōtra elles”.

*preitos* (1) [**controvérsia jurídica, litúgio**] s. m. pl. ||43v b||: “vos deues quanto bē poderdes de esquiuar preitos *e* demandas *que* he cousa que muito *vos* pode ēpeçer”.

*prelados* (1) [**título eclesiástico**] s. m. pl. ||17r a||: “amara por aquella causa *que* he a quita ensinãça toda gente de rrelegiom *e* leterados assi doutores como prelados *e* toda gente de conselho : assy burgeses como pouoo”. Variante: *prellados* (1)

*prepoer* (1) [**propor**] v. inf.; *prepuse* (1) (1<sup>a</sup> p. s. ind. pres.). ||51r b||: “assi como eu cōtinuadamēte desejo *prepuse* de multiplicar esta obra pello mūdo”.

*presopoer* (1) [**pressupor**] v. inf. ||22v a||: “se aquellas molheres nom fossem de boa guouernēça alguũs poderyam presopoer que o senhor ou senhora nō erã bē gouernados”.

*presoposto* (1) [**pressuposto**] s. m. ||40r b||: “Presoposto que vos sejaaes boas *e* deuotas acerca de deos”.

*presta* (2) [**ter préstimo, ser útil**] adv. ||27v b||: “Ca se ella ouuese algũa neçessidade elle senom ou faria demostrar por ella temēdo sua desonrra *e* peryguo delle meesmo : poys que lhe pode prestar : o que senom pode nem ousa auenturar por bem della”.

*presũptuosa* (1) [**presunçosa**] adj. ||6r b||: “tu hes tam presũptuosa *que* pēsas *que* deos te nō pode fazer desprazer”.

*probeza* (1) [**pobreza**] s. f.; *proueza* (1). ||37r b||: “E sse em taaes gentes ha proueza secreta que os morde de dētro homeē deue auer doo delles”.

*profeytosas* (1) [**proveitosas**] adj. pl. ||51v b||: “Acabase el libro intitulado das tres virtudes no qual se cōtem muytas profeytosas doutrinas”.

*prol* (3) [**útil, linhagem**] s. m. ||23v b||: “como he boõ *e* homē de prol *e* graçioso”.

*prouger* (1) [**aprouver, agradar**] v. fut. sub. ||47r a||: “AGuora nos cõuẽ fallar da maneira de viuer *que deuẽ* teer as molheres que som casadas cõ mesteyraes e artesaãos *que* morã nas boas villas e çidades assi como ã paris e ã outras partes nõ ãbargãdo *que* todo o bẽ *que* ja dissemos pode aperueitar a elles se lhes prouger”.

*psalteyro* (1) [**psaltério: saltério**] s. m. ||39v a||: “desta virtude diz sã Jeronimo sobre o psalteyro”.

*qua* (2) [**cá, aqui**] adv. ||25v b||: “Qua ãposiuel cousa he guardar pessoa que per sy se nom quer guardar”.

*qualles* (1) [**do latim “quale”: de que modo feito**] adj. pl. ||27v a||: “E assi vay esta lynguagem de boca em boca as qualles per nossos pecados sempre creçe

*quejandos* (1) [**aquele que tm a mesma natureza ou qualidade de outros; o mesmo que, tal que**] adj. pl.; ||40v a||: “aa memoria os tres beẽs que de bẽ vos gouernardes cõtra elles taes *quejandos* elles forẽ e lhe guardardes a fe e lealdade que lhe deuees”.

*querẽça* (1) [**desejo, vontade; amizade, amor**] s. f. ||39v b||: “E quẽ tiraria a bem *querẽça* d ãtre tal gẽte”.

*queyxou* (1) [**queixou**] v. (3ª s. ind. p. p.); *queyxo* (1) ||37v b||: “E sse ellas o nõ seguẽ e vsã *queyxo* se cõ ellas”.

*queyxumes* (1) [**queixa, lamentação**] s. m. pl. ||39v b||: “os *que* hã se de begniuolẽçya he lumyeira que luz a ssi e a outrem begniuolençia jeera paz e brita a lâça dos *queyxumes*”.

*quintãs* (1) [**grande quinta: prédio rústico com casa de habitação**] s. f. pl. ||36v b||: “Em suas *quintãs* *que* auera muitas per sua terra auera grãdes prados e heruageẽs”.

*razam* (3) [**razão**] s. f.; *razã* (1); *razaão* (1); *rezam* (1) *rezão* (1); *rezõ* (3) *rrezõ* (1); *rezom* (2); *rezoõ* (1); *razo* (2). ||40v a||: “a fraqueza passe os termos da *rezõ* nõ do syso”.

*refeçe* (1) [**barato, de má qualidade, vil**] adj.; ||31v b||: “E poys ella he tal e em tal cõta se teem nom compre que de cousa de tam grande preço como deue seer o gasalhado de sua nobre pessoa zaça *rezeçe*<sup>271</sup> mercado”.

*refyam* (1) [**refiã; rufiã: gigolô**] s. m. ||48v b||: “E quem teuer tal camynho chamando deos em sua ajuda nom podera seer tam maaõ *refyam*”.

*refusar* (1) [**refusar**] v. inf.; *refusados* (1) part.; ||38r a||: “as cousas que som de deos aquelle a que primeiro veem as deue *filhar* e nom as *refusar*”.

---

<sup>271</sup> “Zaça rezeçe” por “faça refece”.

*regateyras* (1) [**mulher que vende hortaliças, frutas e outros produtos nos mercados ou nas ruas**] s. f. pl. ||43r b||: “ellas ho nom som nem perdem porẽ ho nome de mercaderyas ou molheres de mercadores : taes que em lōbardia has chamam regateyras”.

*regestyr* (1) [**resistir**] v. inf.; *regystyr* (1). ||25r b||: “haconteeçe que alguña noua prynçesa nom seja de tal saber e cōstãcia que possa ou queyra regystyr aos amoeastamẽtos”.

*regir* (1) [**reger**] v. inf. Variante: *regyda* (1) [**governada**] adj. ||51v b||: “como se ham de regir e governar no regimento de suas casas”.

*registadas* (1) [**de registrar/registrar: gravado na memória, em livro ou em documento**] adj. pl. ||17r b||: “a boa senhora que se sabera guardar daquele vyçio querera que seus doões e esmollas sejam sabidas e registadas”.

*regla* (1) [**regra**] s. f.; *reglas* (1); *rregra* (1). ||38v b||: “vos senõras de religiõ aïda que as lições de vossos estatutos e reglas estabelleçidas per vossos fundadores”.

*regna* (3) [**reinar**] v. (3ª s. ind. pres.); *regnar* (1) inf.; *regnam* (1) (3ª pl. ind. pres.); *regnem* (1) (3ª pl. conj. pres.); *regnou* (1) (3ª s. ind. p. p.); *regnauom* (1) (3ª pl. ind. p. i.). Variantes: *regno* (12), *regnos* (4), *regnado* (1) s. m. ||39v a||: “Ca pera elles he ho Regno dos çeeos”.

*remerçeando* (1) [**agradecendo**] v. (ger.); *remerçeardõ* (1) (3ª pl. ind. fut. pres.). ||26r a||: “a parte poendo se em gyolhos ante ella : remerçeando lhe o bem”.

*renouara* (1) [**renovar**] v. 3ª s. ind. fut. pres. ||51r a||: “se tu hes paciente renouara tua força”.

*renque* (1) [**ala, fileira; alinhamento; ordenação vertical**] s. f.; ||35v a||: “as condessas em toda parte nõ sejam nomeadas prynçesas por que ellas seguem o renque das duquesas segundo a deuidade das terras”.

*reporto* (2) [**fazer referência, aludir**] s. f.; *reportos* (1). ||25v b||: “toda pessoa sesuda deue temer taes reportos antre molheres e marydo”.

*reputãdo* (1) [**reputando: considerando; considerar, julgar**] v. (ger.). ||38v a||: “alguñas vezes aconteeçe algũas que per mingoa de syso e auondança de soberua que ellas senom hã por contetes . reputãdo seus maridos a uillaãos ã cõparaço<sup>272</sup> dellas que he grãde sandiçe”.

*reprochar* (1) [**reprovar**] v. inf. Variante: *reprocha* (1) s. f. ||11v b||: “dereyta honrra deue seer sem reprocha”.

*requere* (2) [**rogo, solicito**] v. (3ª p. s. ind. pres.); *requero* (1); *rrequer* (1). ||38v a||: “E as molheres quãto mais forẽ humildosas a sseus maridos e lhe gardarem hõrra e reuerença e aquella fee que requere o casamẽto”.

---

<sup>272</sup> “Cõparaço” por “comparaço”.

*requestas* (1) [**solicitações; brigas**] s. f. pl. ||13r b||: “E ouuira todas piedosas requestas que lhe forem feitas benygnamête”.

*retheudo* (2) [**retido**] adj. ||26v a||: “porque o que he scripto he sempre melhor retheudo”.

*retraher* (2) [**retrair**] v. inf.; *retraer* (1); *retrahera* (1) (3ª s. ind. fut. pres.) ||27r a||: “nẽ se *deue* ter muyto soo em sua camara nem yssso meesmo muyto conmũa aa vysta de todos : Mas a çertas horas se retraer *e* outras estar honde a uejã”.

*reuatado* (1) [**revato; arrebatat**] v. part.; ||7r b||: “Em tal estado he o perfeyto contemplatiuo *e* de tal guysa . Reuatado : que lhe parece que nom he em sy meesmo . E a consolaçom *e* a doçura que elles sentem”.

*reueës* (1) [**revel, rebelde**] s. m. pl.; ||35v b||: “boa linguoajem co descripçõ cõtra aquelles que a quyserem desprezar ou lhe forem reueës”. Variante: *reuelado* (1) [**rebelado**] adj.: “rainhas *e* princesas poendo pazes antre mortaes jmmyguos *e* antre príncepes *e* baroões *e* antre poboo”. ||10v a||: “reuelado *e* seus senhores”.

*reuerença* (11) [**reverência**] s. f.; *reuerença* (3). ||31v b||: “a toda molher de honrra tanto sera ella tehuda em mayor reuerença *e* mylhor conta”.

*reuessada* (1) [**hostil**] adj.; *reuessados* (1); *reuestados* (1); ||23v a||: “Mas se ella he braua ou reuessada *e* de pouco amor”.

*reyna* (1) [**rainha**] s. f. ||51v b||: “¶ Por mandado dela muyto esclarecida reyna dona lyanor molher do poderoso y muy manifico rey dõ juan segundo de portugal”.

*romaos* (1) [**romãos, romanos**] s. m. pl. ||46v a||: “esta mesma maneira tĩhã os romaos no tempo que se guouernã per boas ordenações”.

*ssua* (19) [**sua**] pron. poss.; *sa* (16); *ssuas* (7); *suaa* (1). ||1v ||: “A todo collegeo femenyño *e* a ssua deuota rellegiõ seja notificado o ssermom da sapiençia”.

*sã* (3) [**são**] 1. v. (3ª p. pl. ind. p.); *ssã*; *sam* (8); 2. adj. [**são, santo**] *san* (2). ||9r a||: “sã Paullo diz”. ||11v a||: “duas cousas sam necessarias a bẽ viuer”.

*saam* (2) [**sã, saudável**] adj.; *ssaam* (1). ||26r a||: “tal senhora por alguĩ mal que lhe he sobrevyndo ata que seja saam”.

*saãmente* (1) [**de modo franco; sinceramente**] adv. ||13v a||: “porque todos conselham segundo ho vyçio em que mays auondam he assy nom podem bem nem saãmente conselhar”.

*sabam* (1) [**saber**] v. (3ª p. p. conj. pres.). ||21v b||: “E posto que elles nom sabam nem som por isso escusados”.

*sancto* (11) [**santo**] s. m./f.; *sācta* (1); *sancta* (11); *sanctas* (3); *sāta* (1); *sātas* (1); *ssancto* (1); *sanctos* (7); *sāto* (1); *sātos* (1); *ssancta* (1); *ssanta*; *setā* (1); ||38v b||: “nos praz por hōra e reuerça da setā ordē ter esta forma no perçesso”; *setō* (1); *setōs* (2); *ssetō* (1); ||38r b||: “E assi o testemũhã os setōs doutores que a este perposito fallarõ”.

*sādeu* (2) [**louco**] adj.; *sādeus* (1); *sandeu*; *sandeus*; *sādia* (2); *sādias* (1); *sandia*; *sandias*; *sandya*; *sandyas*; *ssandia*; *sādiçe* (2) [**loucura, tolice**] s. f.; *sādiçes* (2); *sādyçes*; *sandice*; *sandiçe*; *sandiçes*; *sandyçe*; *sandiamente*; *sandiamēte* (1); *sandyamente*.

*sages* (57) [**prudente, discreta**] adj. pl.; *ssages* (24); *sagesmente*; *sagesmēte* (7); *sargesa* (1) [**sabedoria**] s. f.; ||22r a||: “E semelhaulmente d outras assaz que en tal maneira se guouernarom em bondade e sargesa que sempre mays poderom ser ãexemplo de bem e sagesmente viuer”.

*sagraaes* (1) [**consagrados**] s. m. pl.; ||39v a||: “Mas ainda creçe mais o mal quando alguã quer dãçar ou balhar ou jugar jogos sagraaes ãte os homẽs”.

*saludables* (1) [**estado de sã; salvaçõ; saudáveis**] adj. pl.; ||51v b||: “Acaba se el libro intitulado das tres virtudes no qual se cõtem muytas profeytosas doutrinas y saludables exemplos”.

*saluou* (2) [**salvou**] v. (3ª p. s. ind. p. p.); *ssaluou* (1). ||30v b||: “E ella saluou suo<sup>273</sup> senhora : quasy desesperada pera se matar”.

*sanha* (1) [**rancor, fúria, ira**] s. f.; *ssanha* (1); *sanhosos*; *sanhuda*; *sanhudo*; ||45v a||: “quando a molher velha sentir que seu coraçõ se enclina a sanha ella o deue temperar com descryçom”.

*sapiençia* (2) [**inteligência; juízo, bom senso**] s. f. ||4r a||: “Uinde poes todas aa escolla da sapiençia”.

*sayo* (1) [**saio: antiga e larga vestidura curta, quadrada, com abas ou quartos, geralmente feito de pano grosseiro, usado pelos guerreiros**] s. m.; *ssaio* (1). ||48r b||: “Mas acõteçe que alguũ galante lhe dee ou prometa sayo ou capello por fazer algũa mesagem a sua sãhora”.

*sazõ* (2) [**estação do ano, tempo**] s. m. ||36v b||: “seja presente ao tempo do trosquyar : ho qual seja em tempo e sazõ”.

*sciência* (1) [**ciência**] s. f.; *sciencia* (2); *sciencya* (1); *scyencya* (1); *sciências* (1); *sciencias* (1); *scyências* (1). ||17r b||: “porque aquelles que som emnobreydos de sciencia som dignos de muyta honrra”.

*scilicet* (44) [**isto é**] pron. dem. ||2v a||: “O primeiro capitulo falla como as tres senhoras scilicet . razom dereytura justiça”.

---

<sup>273</sup> “Suo” por “sua”.

*scripto* (4) [**escrito**] s. m.; *scrypto* (1). ||14r b||: “Ester : como he scripto na bryuia no primeyro capitollo”.

*sebes* (1) [**cerca feita com plantas**] s. f. pl. ||50r b||: “E deuem bem de consijrar que nom vão nem consentam a sseus fylhos yr romper as sebes e tapaduras alheas”.

*sēbrātes* (4) [**semblante, aparência**] s. m. pl.; *sēbrante* (2); *sōbrāte* (1). ||42r a||: “vos rogo que mais cōtra my nō façaes taes sēbrātes nē digaes semelhātes pallauras”.

*secunda* (1) [**segunda**] num.; *segūda* (5); *ssegūda* (4) *segūdo* (43); *ssegūda* (4) *seguūdo* (1). ||1v||: “grandes senhoras. desy segūdo de graao em graao cantaremos em nossa doutrina”.

*seedas* (1) [**lugar, posto, cadeira**] s. f. pl.; ||1v||: “molheres que deos estabelleço em altas seedas de poderoso senhorio”.

*seguar* (1) [**segar, ceifar**] v. inf.; ||36v a||: “mas loguo os dara d empreytada a boõs homeẽs seguros e delygentes a dinheiro ou a pam . E quando vier ao tempo do seguar sera auysada que elles nom leyxem algũa cousa tras si”.

*seguyr* (13) [**seguir**] *seguir* (7), *ssegir* (1), *sseguyr* (1) v. inf.; *seguij* (1) (1ª s. ind. p. p.); *seguirẽ* (1), *seguyrem* (1) (3ª pl. conj. fut.); *sseguyra* (1), *seguyra* (1) (3ª s. ind. fut. pres.); *seguese* (1) (3ª s. conj. pres.); *seguysssem* (1) (3ª pl. conj. pres.); *sigua* (1) (3ª s. conj. pres.); *seguindo* (2) ger. ||5v a||: “nom pensando ho peryguo que se de ty pode seguyr no corpo e na alma”.

*sēhora* (18) [**senhora, senhor**] s. f./m.; *sēhor* (8); *sēhoras* (5); *sēhores* (3); *ssehor*; *ssenhora* (2); *ssenhora* (8); *sēhorio* (3); *ssenhario* (1). ||48r a||: “pensa sua sēhora que ellas som na ribeyra”.

*semelhote* (1) [**semelhante**] adj.; ||45r b||: “vio acontecer em seu tempo e assy obrar per enxemplo das cousas passadas das Ca se ella de hũa cousa vio vyr mal assi deue desperar de outra semelhote”. *semelhauemente* (1); *semelhauelmēte* (1) adv.

*senefica* (1) [**significa**] s. f.; ||38r a||: “Ca pois ella senefica ajuntamento e vniom de paz”.

*senom* (22) [**senão**] conj./adv.; *senam* (5); *senõ* (19); *senã* (1); *senõo* (1). ||4v b||: “Em este mundo nenhuũ nom ha boõ tẽpo senom o que se da a boõs e praziues desenfadamentos”.

*sentã* (1) [**sentir**] v. (3ª p. pl. conj. pres.); ||47v a||: “AFym que todas sentã nosa ensinãça de bẽ viuer fallaremos aos molheres de seruiço de paris e d outra parte”. *seno* (2) [**forma antiga do verbo sentir; sinto**] v. (1ª p. s. ind. pres.); ||34v b||: “Eu me sento limpo”; *senydo* (1) [**de sentir, sensível**] part./adj.; *sētydos* (1).

*sseptima* (3) [**sétima**] num.; *septima* (1); *sseptyma* (1). ||19r a||: “Que a sseptyma he como ella teera cuydado de suas rrendas e despesas”.

*sseu* (27) [**seu**] pron. poss.; *sseus* (9); *seo* (3); *seos* (11). ||9v b||: “E ssem longa dilaçom fallara a sseu senhor”.

*seraão* (1) [**tempo que vai do jantar ao dormir**] s. m.; ||22v b||: “busca ameude em especial ao seraão cõ temor que alguã maa seruidor”.

*seruir* (16) [**servir**]; *seruyr* (11); *siruir* (1) v. inf.; *seruaes* (1) [**sirvais**] (2ª pl. conj. pres.); *seruindo* (1) ger.; *sserui* (1) (1ª s. ind. p. p.); *seruio* (2); *seruyo* (1) [**serviu**] (3ª p. s. ind. p. p.). ||15v a||: “os fazer ensynar primeiramente ha seruir deos desy a outras scyêcias”.

*sesta* (1) [**sexta; ordem, posição**] num. ||42r b||: “A quynta ha sancto spryto . A sesta aa cruz ho sabado a nossa senhora”.

*sêsual* (1) [**consensual**] s. m. ||35r a||: “E sse *deos* o nõ defendesse se polla razom sobredyta segũdo direito sêsual seria cousa . justo”.

*sesuda* (12) [**sisuda, que tem muito siso: júizo**] s. f.; *sesudas* (1); *sesudos* (5). ||18v b||: “porque huũ soo esguardo he olhar da molher sesuda he ho rostro temperado”.

*sijnada* (1) [**assinalada**] s. f.; ||24r b||: “A my praz muyto porque tẽho causa de vos fazer a rreposta do que me dissestes tal como sta sijnada no meu coraçõ”. Variantes: *assinamos* (1) v. (1ª pl. ind. pres.); *sinalou* (1) [**sinalar-se: distinguir-se**] v. (3ª p. s. ind. pres.); ||42r a||: “E a sesuda como ella entender *per* sinalou sêbrante”.

*simplez* (4) [**simples**] adj.; *simprez* (1); *symplex* (1); *symplez* (2); *symprez* (1); *simplezas* (1); *simpresa* (3); *sympresa* (1); *symplezes* (2); *symprezes* (2); *simplezes* (2); *simprezes* (2); *sĩplezes* (1); *symprezmẽte* (1); *simplezmente* (1). ||44r a||: “nõ vos cobeçees e sooes *simprezes* em taes cousas”.

*sy* (43) [**si**] conj. e/ou pron. da 3ª p.; *ssy* (12); *si* (7). ||49v a||: “as criaturas *que* a hã ã sy se podẽ bẽ cõparar aos *spiritos santos*”.

*synal* (6) [**sinal**] s. m.; *sinaes* (2); *sygnal* (2); *synaaes* (2); *synaes* (3); *signal* (1). ||16r a||: “Ca he synal de força”.

*soo* (20) [**só**] adv. e prep. e/ou [**só**] adj.; *so* (5). ||22r b||: “porque casando por seu soo querer ganhara grande prasmo”.

*sobegidoões* (1) [**transgressão, excesso**] s. f. pl.; *sobegydom* (1). ||18v b||: “sejam de honesta feyçam *e* onestamente postos sem sobegydom nem prasmo”.

*sobeja* (2); *sobejas* (2) [**caprichosa**] adj.; *ssobeya* (1), *sobejo* (1); *sobejos* (2). Variantes: *sobejamente* (1) adv.; *sobejar* (1) [**ser por demais, sobrar**] v. inf.; ||6r a||: “çerto assy como a lenha seca he boa *pera* o fogo : assy a ssobeya fartura de vyandas *e* de vynhos ca toda luxurya”.

*sobello* (1) [**sobre ela**] contr. prep. + art.; ||48r a||: “tal molher syrua em algũa casa õde aja senhora noua *e* nouamẽte casada *que* seja huũ pouco sobello neyçyo ella sabera bẽ trabalhar de cõprazer ao mestre”.

*soberua* (22) [**altivez, arrogância**] s. f.; *soberba* (19) *soberbas* (3); *soberbos* (1); *ssoberba* (1); *souerua* (1); *soberbosas* (1); *soberboso* (1); *soberbosos* (1); *soberuar* (1); *soberuas* (6); *soberueçer* (1); *soberuo* (1); *soberuosa* (1); *soberuosos* (2). ||6r a||: “em pecado e apaga todas obras vertuosas e crya soberua he abre ho caminho do ynferno”.

*soberdes* (1) [**souber**] v.; (2ª p. pl. conj. fut.); *soubedo* (1) (3ª s. conj. fut.). ||44r a||: “Mas se sagesmête vos soberdes gardar dos cautellosos”.

*sobidas* (1) [**conhecidas**] adj. pl.; ||15r a||: “a qualquer senhora que has faz . deue deseyar que seyam sobidas he manyfestas ao mundo por seer conhecido que ellas aam a honrra”.

*sobir* (2) [**subir**] v.; *sobijs* (1) (2ª pl. ind. pres.); *sobindo* (1) ger.; *sobido* (1) part.; ||41v a||: “se ella he burgesa o traz como dōzela e a dōzella como donas e assi sobido de degraõ ã degraõ”.

*sobre dytas* (2) [**já mencionadas**] adj. pl.; ||5r a||: “TOdas as cousas sobre dytas e seus semelhãtes sã yguaryas que a tētaçam menistra”.

*sobretudo* (3) [**sobretudo, principalmente**] adv.; ||29v b||: “E sobretudo sostera sua honrra em pallaura”.

*sobreuyrã* (1) [**acontecer depois**] v. (3ª p. pl. fut. ind.); *sobreyndo* (1) ger. ||6v a||: “porque quanto te mays te meteres nos vyços delle mays te sobreuyrã desuayrados cuydados”.

*sogeiçom* (1) [**sujeição**]; *sogeyçõ* (1); *sogeyçoões* (1) s. f.; *sogeytos* (13) [**sujeitos**] adj. pl.; *sogeytos* (10); *sogeyta* (1); *sogeytas* (1). ||16r b||: “E a desacordaryam dos sogeytos e do poboo”.

*sol* (2) [**sol**] s. m.; *ssol* (2). ||32v b||: “huũs vierom quando se leuantaou o ssol”.

*soldada* (2) [**soldo ou paga feita a obreiros ou criados**] s. f. ||47v a||: “Das molheres seruidores e de soldada”.

*somenos* (3) [**inferior em termos de qualidade**] adj.; ||10v b||: “ho pobre mays cõfortado he da vysytaçã e cõforto de hũa grande senhora . que d outra somenos e a causa he que a pessoa desesperada”.

*sopeditar* (1) [**sopear, meter debaixo dos pés**] v. ||32v a||: “E ja se faz senhora e quer sopeditar as outras”.

*sospeiçam* (1) [**suspeita**] s. f.; *sospeiçõ* (2); *sospeyçam* (1); *sospeita* (1); *sospeeçyonadas* (1). Variante: *sospetaua* (1) v. (3ª s. ind. p. i.). ||27r b||: “tomaae exemplo de grandes senhoras que vos vystes em vosso tempo as quaes por soomente seerem sospeeçyonadas de tal amor perderom hõrras e dellas as vidas”.

*soster* (2) [**suster; sustentar; segurar para que não caia**] v.; *sosteer* (1); *sostem* (1) (3ª pl. ind. pres.). ||29v b||: “E sobre todo soster a sua honrra e em obra”. Variante: *sostimêto* (1) [**de suster: o mesmo que sustimento**] s. m.; *sosteuda* (1). ||17r b||: “E que ella por elles possa seer sosteuda contra os poderosos se neçessaryo for”.

*soucitar* (1) [**suscitar, provocar**] v. inf. ||44r a||: “a outra que vos metaaes ã perigo d outrẽ por soucitar vossos negoços”.

*spiraae* (1) [**inspirar**] v. imp. Variantes: *spiraçom* (1) s. f.; *spirada* (1) adj. ||8r b||: “Bom senhor deos spiraae em my bom cõselho”.

*spiritu* (2) [**espírito**] s. m.; *spirito* (1); *spirytu* (1); *spryto* (1); *spyrytu* (1); *spiritos* (1); *spiritual* (1); *sprytaaes* (1). ||8r a||: “ẽ mi algũa boa vontade e eu so fraca de *spiritu* e de corpo”.

*ssiso* (3) [**juízo, entendimento**] s. m.; *syso* (7); ||30v a||: “Mas ves tu que faras se quiseres husar de *syso* e de boa consciencia”.

*su* (1) [**sua**] adj. pos.; ||51v b||: “cõ gracia y priuiegio de su alteza”.

*subditos* (2) [**aquele que está sujeito à vontade de outrem**] adj. pl.; ||9v b||: “o qual reportara tam sabiamente aos subditos *que* elles se aueram por muy contentes”.

*subytanya* (1) [**repentina**] adj. ||12v b||: “praza te senhor de nos guardaes em este dia de morte subytanya”.

*sus* (1) [**serve para incitar ou animar; coragem!**] interj.; ||1r||: “Ho[r]a sus da nos ha tua deestra maaõ nom estes mays escondida na vylleza da preguiça entende nossas pallauras e per graça de deos fa[r]as obra proueitosa”.

*suso* (2) [**dito anteriormente, dito acima**] adj.; ||12r a||: “E quãto aos costumes seguindo as vertudes suso . dytas duas cousas per especial as quaes som neçessarias ha toda prinçesa e a qualquer molher que honrra”.

*tam* (68) [**tão**] adv.; *tã* (42). ||14v b||: “seja çerta que homẽ nõ pode seer tam peruerso”.

*taaes* (37) [**tais, tal**] pron.; *taes* (31); *tae* (1); *taas* (1); *tall* (2). ||38r a||: “E ssem duuida antre os *christaos* nom se deueriam sofrer taas soberuas”.

*tauoas* (4) [**tábua; mesa**] s. f.; *taboa* (1). ||2v a||: “Aqy começa a tauoa das rubricas da segũda parte deste liuro”.

*tacha* (3) [**mancha; defeito moral**] s. f. Variante: *tachosos* (1) adj.; ||14r b||: “porque se ella sente em seu senhor alguũa tacha de feo pecado”.

*talha* (2) [**1. vaso de cerâmica**] s. m. ||48r a||: “d outra viãda e mãdã fazer hũ pastel e fazẽ no poer na talha de seu amo ao forneiro”. [**2. contribuição, imposto, coleta**] s. f. ||43r a||: “seria bẽ que el rey os carregasse de hũa grãde talha porque suas molheres se nõ cõparasse aa raynha de frãça”.

*tapaduras* (1) [**tapume; vala; sebe**] s. f. pl.; ||50r b||: “nem consentam a sseus fylhos yr romper as sebes e tapaduras alheas”.

*tardãça* (1) [**demora; tardar**] s. f.; ||42r a||: “Assi e sã tardãça deue respõder”.

*tardãheiro* (1) [**tardinho, preguiçoso, vagaroso**] adj.; *tardinheyro* (1). ||26v b||: “ho olhar tardinheyro e nom leuantado com desasessego”.

*tauernas* (1) [**onde se vendem vinhos**] s. f. pl.; ||47r b||: “que nõ aja razõ de seguir as cõpãhias doudas dos mãçebos pelas tauernas e per outros lugares desonestos”.

*têha* (5) [**tenha**] v. (3ª p. s. conj. p.); *têho* (2) (1ª p. s. i. p.); *tĩhã* (1) (3ª p. pl. i. pret. imp.); *ten* (3) (3ª p. s. i. p.). ||22v b||: “E cõuẽ que ella têha esguardo”.

*theuda* (5) [**que tem obrigação, que é costume fazer**] adj.; *tehuda* (3); *teheudas* (1). ||34v a||: “ellas som theudas guardar sua honrra”. *temperada* (3 + 1s) [**moderada, prudente**] adj.; *têperada* (1); *têperadas* (1); *têperados* (1); *têperamẽte* (1). Variante: *têperãça* (2) [**temperança**] s. f.; *temperãça* (1); *têperança* (2). ||45r a||: “deuẽ seer ã suas pallauras têperadas e honestas”.

*tençom* (2) [**propósito, intenção; contenda**] s. f.; *tençam* (1). ||31v a||: “nõ he nossa tençom”.

*terreal* (3) [**o que é da terra, mundano**] adj.; *terreaes* (1). ||12r a||: “perteeçe a toda prĩçesa e senhora terreal segundo seu estado”.

*tesos* (1) [**tenso; duro; firme; forte**] adj. pl.; ||16v a||: “E outra olhos tesos : assy como faz o cõraçõ auondoso d onde o ryso vem per força”.

*thesaurizasse* (1) [**juntar tesouro, dinheiro, bens**] v. (3ª p. pl. conj. p. i.). ||43r b||: “E que podẽ taes gẽtes fazer de bẽ certo se elles thesaurizasse no çeeo”.

*to* (1) [**te**] pron. ||32v b||: “nenhũa cousa se pode esconder to dara e em elle soo deues auer tua speranza”.

*toruar* (5) [**inquietar, perturbar**] v. inf. ||24v b||: “e esto nom pode a ssenhora bem toruar porque se o logo dissesse poderiia seguir grãde mal”.

*toucada* (2) [**preparar o cabelo, enfeitar**] s. f./m. *toucado* (6), *toucados* (9); *touçados* (1) Variante: *toucada* v. part. ||37r b||: “Ca certo he que pollos boos e antigos costumes as duquesas nõ ousauam trazer vestidos nem toucados de raynhas”.

*trager* (1) [**usar, calçar, trazer**] v.; *trazer* (1) inf.; *tragendo* (1) ger.; *tragidas* (1) part.; *trazera* (1) (3ª s. ind. fut. pres.). ||49v b||: “as ocasioões que vos podẽ trager a peccado”.

||2v b||: “Capitulo . xi . Item das que som soberbas ã seu vestir e trazer”.

*traios* (3) [**trajes**] s. m. pl.; *trayos* (1). ||37v a||: “teẽ aos costumes antigos *e* nõ mudã traios cada ãno”.

*trasfigurados* (1) [**transfigurados**] s. m. pl.; ||39v a||: “Certo esto parecẽ diabos trasfigurados”.

*trautado* (1) [**tratar**] v. part.; ||21r b||: “o *que* mujtas vezes acõteçe ao pouo oprimido e aspamẽte trautado E nõ pode [†] extimado”; *trautãdos* (1) ger.; ||21r b||: “*e para* esto fazer buscar as mais cõinhauẽs maneyras *que* ella poder trautãdos per duçura cõ boõ *e* leal cõselho”.

*trebulaçom* (1) [**tribulação**] s. f.; *trybulaçom* (1); *trybullaçom* (1) s. f. ||7v a||: “piedade das criaturas que estam em pecado ou em algũa myserya ou trybullaçom”.

*trellados* (1) [**traslado; reprodução ou imitação de um texto genuíno**] s. m. pl.; ||51r b||: “esta obra pello mũdo ã muitos trellados os *quaes* seriã presẽtados”.

*tremeter* (1) [**intrometer, intervir**] v. inf.; *tremetera* (1) (3ª p. s. ind. fut. pres.). ||18v a||: “E sse alguõ o faz *e* lhe he sabydo ou entenydo per synaaes : tal contenença lhe sera mostrada que nom se ousara mays dello tremeter *e* desejara a senhora honesta”.

*trespasees* (1) [**ir além do limite**] v. (2ª p. pl. ind. pres.). ||39r b||: “Deuees esto mesmo de esgardar vos donas d ordem *que* nõ trespasees os pontos de vossa regra *que* grauem ã pecarees”. Variante: *trespaso* (1) s. m. ||9r a||: “ã breue tempo dar cõta porque sua vida ã sguardo do perpetual mundo : nom he senom huõ trespaso pequeno”.

*treyçõ* (1) [**traição**]; *treyçom* (1) s. f. ||16v b||: “elles se nõ sofressem com toda sua treyçom”.

*trigãça* (1) [**pressa; arranjar dificuldades; aborrecer**] s. f. ||12r b||: “assy como nos feitos *e* abitos de fora porque ella lhe dara o olhar tardõheiro *e* sã trigãça”.

*trilhar* (1) [**pisar**] v. inf.; *trilharia* (1) (3ª s. ind. fut. p.); *trilhadas* (1) (part.). ||43v b||: “E sse assi fizerdes escusares de seer trilhadas nem abaixadas d outrem no feito das demãdas”.

*tropel* (1) [**conjunto de muitas coisas ou pessoas que se movem em desordem; rebanho**] s. m. ||18r b||: “se alguõ he sarnosa elle a a parta do tropel”.

*trosquyar* (1) [**tosquiar**] v. inf. ||36v b||: “E assi fara seu ovelheiro mays solycita E fallas ha bem pensar quando<sup>274</sup> parem *e* curar bem os cordeyros . Ca muyto ameude morrem per migua de penso : seja presente ao tempo do trosquyar : ho qual seja em tempo *e* sazõ”.

*trotar* (1) [**caminhar apressadamente**] v. inf. ||42r b||: “cooueẽ aas molheres mãçebas assy trotar a uilla”.

---

<sup>274</sup> “Quando” por “quando”.

*trouuerem* (1) [**usar, trazer**] v.; *trouuerẽ* (1) (3ª pl. conj. fut.). ||9v b||: “esta senhora respondera tam doçemête aos embayxadores do poboo e os fara de suas pallauras assy contentes que toda a ssanha : ou rebeliom que trouuerem em seus corações sera apaçeficada”.

*truarias/trearias* (1) [**truance: truão, logro, pantominice, impostura**] s. m. pl. Variante: *truar* [**divertir-se**] v. inf. ||20r a||: “E em aquelle mesmo tempo vsaua ã aquella corte hũa outra pessoa auida por nõ sesuda a qual auya ã costume de seruir os senhores de louuaminhas e de pallauras de nẽ hũa valia a maneyra de truam Acõteço que veo o tempo de se dar o gallardõ assy a huũ como ao outros . E foj dado ao que seruido de jogos em trearias huũ dõ que valia quarenta coroas outro ao doze”.

*trygo* (1) [**trigo, cereal**] s. m.; *triguos* (1). ||50r a||: “paguẽ daquelle mesmo trygo que naçoẽ ã suas terras”.

*trygoso* (1) [**apressado**] adj.; *tryguoso* (1). ||41v b||: “E seu oolhar simplez e nõ trygoso nẽ | per muytas partes mas seguindo a materia de cim”.

*trynidade* (1) [**trindade**] s. f. ||7r b||: “Esguardar per sancta ynspyraçom a ssancta trynidade”.

*uara* (2) [**vara: pena aplicada, instrumento de açoite**] s. f. ||46v a||: “elles ham consyguo pella autoridade do saber e da ydade a uara da correição”.

*uer* (9) [**ver**] v. inf.; *veio* (1ª s. ind. pres.); *ues* (4); *uees* (2) (2ª s. ind. pres.); *ueede* (1) (imp.); *ueya* (1); *veya* (1) (3ª pl. conj. pres.); *uejã* (2) (3ª pl. conj. pres.); *uera* (3) (3ª s. ind. fut. pres.); *uir* (1) (3ª s. conj. fut.); *uirẽ* (2) (3ª pl. conj. fut.). ||7r b||: “elles começo a uer deos”.

*uyr* (1) [**vir**] v. inf.; *UEnhamos* (2) (1ª pl. conj. pres.); *veo* (3), *ueo* (1) [**veio**] (3ª s. p. p.); *uem* (6) (3ª s./pl. ind. pres.); *Uinde* (1) imp.; *vijram* (1), *veram* (1) [**virão**] (3ª pl. ind. fut. pres.); *vehesse* (1) (3ª s. conj. p. i.); *vijdas* (1) [**vindas**], *vijdo* (1), *vijndo* (1); *vijndos* (2) part.; ||34v b||: “quando a uyr cair em peryguo desonrra”; ||24r b||: “E porque eu desejaua que o primeiro cometimêto vehesse de vos”; ||20r a||: “Acõteço que veo o tempo de se dar o gallardõ assy a huũ como ao outros”; ||18v b||: “sera ha prinçesa tam temyda polla sages guouernança que lhe veram teer”.

*uelha* (1) [**velha**] adj.; *uelhiçe* (1) [**velhice**] s. f. ||45v b||: “diz huũ enxêplo que a uelha louçaam he materea de scarho”.

*uenda* (1) [**venda**] v. (3ª s. ind. pres. ||36r b||: “per neçessidade que homẽ agraua sua gente ou seus fyadores ou uenda sua terra”.

*uerdadeyra* (1) [**verdadeira**] adj. ||30r b||: “A uerdadeyra reposta ha tal questom”.

*uesytarem* (1) [**vesitarem**] v. (3ª p. pl. ind. fut. conj.). ||18r b||: “quando suas molheres a uesytaarem”.

*viãda* (3) [**comida; carne; qualquer espécie de alimento**] s. f.; *uianda* (1); *uyanda* (1); *uiãda* (2); *viãdes* (1); *vianda* (2); *viandas* (2); *viannnda* (1); *vyanda* (3); *vyandas* (3). ||6r a||: “a ssobeya fartura de vyandas e de vynhos ca toda luxurya”.

*uiçio* (1) [**vício**] s. m. ||12r b||: “E lhe fara desamar de todo seu coraçõ o uiçio da mentira”.

*uyda* (4) [**vida**] s. f.; *uida* (3). ||13r a||: “alguñas que se querẽ dar aa uyda cõtemplatiua e leyxar a uyda autyua”.

*uilla* (2) [**vila**] s. f. ||48r a||: “E quãdo seu senhor he a uilla e sua senhora”.

*uillaãos* (1) [**vilão; pessoa que não pertence à nobreza**] s. m. pl.; *villaãos* (1); *villao* (1). ||38v a||: “reputãdo seus maridos a uillaãos”.

*uitoria* (1) [**vitória**] s. f. ||50v a||: “que pelleje cõtra elle em tal maneyra que a uitoria seja vossa”.

*uoontade* (1) [**vontade**] s. f. ||24v b||: “nom aja se nom elas ambas a uoontade que tem acerca deste homẽ”.

*uos* (9) [**vos, vós**] pron. pes. ||48v a||: “E afastae uos ãquanto o lume do dia vos dura”.

*uosso* (1) [**vosso**] pron. pos. ||50r a||: “assi vos guardaae de fazer a uosso vezinho o que nõ querirees”.

*uyngança* (1) [**vingança**] s. f. ||4v b||: “te quisesse offender . tu aueras a uyngança”.

*vaã* (6) [**inútil, falso**] adj.; *vaam* (1); *vaãs* (6); *vaãos* (2); *vam* (1). ||5r b||: “per causa de tuas vaãs honrras em que te veẽs emuorylhada”.

*vaão* (6) [**ir: vão**] v. (3ª pl. conj. pres.); *ya* (1) (3ª s. ind. p. i.); *yam* (2) (3ª pl. ind. p. i.); *vaa* (4) (3ª s. conj. pres.). ||50r b||: “deuem bem de consijrar que nom vaão nem consentam a sseus fylhos yr”.

*val* (8) [**valer: vale**] v. (3ª p. s. ind. p.); *vallia* (2), *valhia* (1) (3ª p. s. ind. pret. imp.); *vallaria* (1) (3ª p. s. ind. fut. pret.). ||28v b||: “muyto mays val çedo que tarde”.

*varletes* (2) [**mancebo nobre a serviço de um senhor medieval**] s. m. pl. ||45r a||: “deuen sse de guardar de prefyar nem auer razoões com pessoa que seya em espeçyal com varletes nem mançebas”.

*vasa* (1) [**fundo lodoso, lama; em sentido pejorativo, degradação moral**] s. f. ||7r a||: “seras tã rayuosa que te metas na vasa onde te allagues”.

*veedores* (1) [**fiscal, inspetor, intendente, mordomo**] s. m. pl. ||19r a||: “E querrera saber e veer perantee sy como seus veedores gouernam sua gente”.

*veraão* (2) [**verão**] s. m. ||13v b||: “E depois desto se for veraão ella yra folgar aalguã virgeu ataa hora de çea”.

*vergõçosa* (2) [**vergonhosa**] adj. ||49r a||: “*e vergõçosa de seu pecado*”.

*vermeës* (2) [**vermes**] s. m. pl.; ||5r a||: “*ẽ pequeno temor morrera e sera vianda dos vermeës*”.

*verolles* (1) [**pele de ovino; velo**] s. m. pl.; ||50r b||: “*dã os melhores carneiros por dar ao snõrio dos piores no tempo do partir nõ lhe mostrẽ pelles por lhe fazer etẽder que sã mortos as quaes se jã d otros nõ lhe paguẽ dos piores verolles da laã*”.

*vespera* (1) [**véspera**]; *vespora* (1) s. f.; ||13v b||: “*E ally faara ataa a hora de vespora*”.

*vestydura* (1) [**de vestir**] s. f.; ||43r b||: “*auer vergonha de vender de praça : e nom seer contente de trazer vestydura de tal mester ho qual he honrado*”.

*veuuas* (11) [**viúvas**] s. f. pl.; *veuuu* (7); *veuvas* (1); *viuuu* (3); *vyuuu* (1). Variantes: *veuuam* (2) v. (3ª p. pl. ind. p.); *veuuidade* (2); *veuuydade* (1) adj. ||36r a||: “*sayba mais o feyto da gouernança que esta veuuu tinha viuẽdo seu marydo*”.

*vezinhos* (8) [**vizinhos**] s. m. pl.; *vezinho* (3); *vezinha* (3); *vezinho* (1). ||41r b||: “*far se a amar a seos vezinhos*”.

*vijis* (3) [**vil**] adj. pl.; ||48v a||: “*E viuer e comer e beber antre h[o]mẽs mais vijis que porcos*”.

*virgeu* (1) [**jardim; pomar; vergel**] s. m.; ||13v b||: “*E depois desto se for veraão ella yra folgar aalguũ virgeu ataa hora de çea*”.

*virgijndadade* (2) [**virgindade**] s. f.; ||44v a||: “*aquellas moças que som ẽ estado de virgijndade*”.

*vyrtude* (2) [**virtude**] s. f.; *vyrtuosa* (1) adj. ||49r b||: “*porque a ssua vyrtude : com louuor verdadeiro perseuere e creça*”.

*visitãdo* (1) [**visitando**] v. (ger.); *vysytara* (1) (3ª p. s. ind. fut. pres.). Variante: *vysytaçã* (1) s. f. ||10v b||: “*ho pobre mays cõfortado he da vysytaçã e cõforto de hũa grande senhora*”.

*vniuersidade* (1) [**universidade**] s. f.; *vnyuersydade* (1). ||51r b||: “*acrecentamẽto de boos costumes e virtudes e louuor e hõrra de toda vniuersidade das molheres*”.

*vnydade* (1) [**unidade**] s. f. ||7r a||: “*sãcta trindade huũ deos em vnydade*”.

*vodas* (2) [**o mesmo que bodas; qualquer tipo de festa**] s. f. pl.; ||18r b||: “*E ella as mandara chamar a ssuas festas e vodas e as fara seer com suas donas e donzellas segundo seus estados*”.

*vogada* (1) [**advogada**] s. f.; *vogados* (1). ||9v a||: “E ssera esta senhora per pura benigna e santa caridade : vogada e medeaneyra âtre o pr̄cipe seu marido : ou seu fylho se for viuua e seu pouo e toda sua gente”.

*vollo* (2) [**ligação dos pronomes pessoais “vos” e “lo”**] pron.; ||38v b||: “E dizemos assi vos sn̄oras de religiõ aĩda que as lições de vossos estatutos e regras estabelleçadas per vossos fundadores vollo notẽ assaz nõ vos despraza de o ouuir”.

*vsar* (6) [**usar**] v. inf. Variante: *vsança* (3) s. f. ||26r a||: “ella que sera auysada bẽ lhe sera necessario vsar a tal tempo de seu grã saber”.

*vya* (2) [**por esta via**] s. f. ||12v b||: “assy per esta vya e vertude da tẽperança regera a nobre prinçesa”.

*vylleza* (2) [**vileza; desprezível**] s. f.; *vilanyas* (1); *villania* (1); *vylanias* (1); *vyllania* (1). ||1r ||: “ha tua deestra mão nom estes mays escondida na vylleza da preguiça”.

*vyndoyros* (1) [**vindouros**] adj. pl.; ||18v a||: “esperamos que esta nossa doutryna per os tempos vyndoyros seja trazzyda per muitos regnos afim”.

*yantar* (1) [**jantar**] s. m. ||5v b||: “E jazer grãde menhaam e de sy yantar e repousar”.

*yrosa* (1) [**cheio de raiva**] adj. ||5v b||: “seer mayor que aquella que ha teu coração leua . a qual te faz maldyzente e yrosa”.

*ystillo* (1) [**estilo**] s. m. ||19r b||: “Nem consentam que seus rreçebedores vsem do comũ ystillo”.

*yuerno* (1) [**inverno**] s. m. ||50v b||: “te prouue nacer em huã estrebaria antre bestas mudas em tempo de yuerno”.

## 4.2 NOMES E LUGARES

*Afranya* (1) [**Santa Afrania**]: Gaia Afrania viveu na primeira metade do século I. Era esposa do senador Licínio Duccio. Defendia seus interesses em tribunais pessoalmente, demonstrando um bom domínio das habilidades jurídicas e retóricas. Com isso, despertou a indignação de historiadores como Valerius Maximus, que chamou Gaia de “monstro”. Por esse motivo, foi emitido um decreto que proibia as mulheres de exercer a advocacia.

*Antioço* (1) [**Antíoco, rei da Pérsia, 324 a.C.-261 a.C.**]: Antíoco I Sóter foi um rei selêucida que governou a região oriental correspondente na atualidade ao Mar Cáspio e à Índia. Era filho do rei Seleuco I Nicator, que foi general de Alexandre Magno, e de Apama.

*auinhom* (1) [**Avignon**]

*branca* (1) [**rainha Branca, 1188-1252, mãe de São Luís**]: chamada Blanca em espanhol e Blanche em francês, essa princesa castelhana foi rainha consorte de Luís VIII da França. Era filha de Afonso VIII de Castela e de Leonor Plantageneta, portanto neta dos monarcas Leonor da Aquitânia e Henrique II da Inglaterra. Após a morte de Luís VIII, em 1226, Branca tornou-se regente em lugar do filho, Luís IX da França, que tinha apenas doze anos de idade.

*baudor* (1) [**Santa Baudor/Bathilde**]: princesa franca morta em 680. Esposa de Clóvis II, governou durante a minoridade de seu filho Clotário III. Fundou os conventos de Corbie e Chelles, onde foi enterrada.

*basileo* (1) [**São Basílio, 330-379**]: bispo e doutor da Igreja nascido na Capadócia (Turquia). Após terminar os estudos em Constantinopla, partiu para Atenas, para aprofundar os seus conhecimentos. Amigo de São Gregório, decidiu seguir a vida monástica. Desenvolveu e organizou as “Regras” da vida ascética. Em 370 foi nomeado bispo de Cesareia (Palestina).

*bernardo* ( 3) [**São Bernardo de Claraval, 1090-1153; em francês: Bernard de Clairvaux**]: principal abade responsável pela reforma da Ordem de Cister. Foi o fundador da Abadia de Claraval (Clairvaux), na Diocese de Langres. Em 1128, Bernardo participou do Concílio de Troyes, que delineou a regra monástica que guiaria os Cavaleiros Templários e rapidamente tornou-se o ideal de nobreza adotado no mundo cristão. Depois da morte do papa Honório II, em 1130, Bernardo conseguiu reconciliar a Igreja durante o chamado cisma papal de 1130, que só terminaria definitivamente com a morte do antipapa Anacleto II, em 1138.

*burcellas* (1) [**Bruxelas**]

*charles iv* (2) [**Charles IV, rei da França, e Charles I de Navarra, 1294-1328**]: também conhecido como Charles, le Bel. Era filho do rei Filipe IV e foi o último monarca capetiano da França. Enfrentou, a partir de 1323, uma revolta popular no Condado de

Flandres, e no ano seguinte tentou, sem sucesso, ser eleito sacro imperador romano-germânico. O rei Eduardo II da Inglaterra era seu vassalo, por também ser duque da Aquitânia, porém relutava em prestar homenagem a outro rei. Como retaliação, Carlos conquistou a Guiana, no conflito conhecido como a Guerra de Saint-Sardos. No acordo de paz, Eduardo concordou em jurar fidelidade ao rei francês e pagar uma multa. Em troca, o território da Guiana foi devolvido à Inglaterra, porém reduzido. Charles casou-se três vezes, mas nunca teve um herdeiro homem, assim a principal linhagem masculina da Casa de Capeto encerrou-se com a sua morte. Foi sucedido em Navarra por sua sobrinha Joana II e na França por seu primo Filipe VI, que teve a legitimidade contestada, um dos fatores que deflagrou a Guerra dos Cem Anos.

*clauio* (1) [**rei Clóvis I, ca. 466-511**]: foi o primeiro rei dos francos a unir todas as tribos sob um único governante. Isso fez alterar a forma de liderança: até então nas mãos de um grupo de chefes reais, ela passou a ser exercida por um governo de um único rei, assegurando que o reinado passaria para os seus herdeiros. Clóvis I é considerado o fundador da França e da dinastia merovíngia, que governou os francos durante os dois séculos seguintes. Ele era filho de Childerico I, um rei merovíngio dos francos salianos, uma das várias tribos francas que ocupavam a região a oeste do baixo Reno, com centro em torno de Tournai e Cambrai, ao longo da moderna fronteira entre a França e a Bélgica. Clóvis assumiu o trono no lugar do pai em 481, com a idade de quinze anos. Converteu-se ao catolicismo, em oposição ao arianismo, comum entre os povos germânicos, estimulado por sua esposa Clotilde.

*conde Curbel* (1) [**Corbeil**]: conde e posteriormente duque de Vendôme, títulos de nobreza atribuídos aos senhores da região do Vendôme, na França. O primeiro a receber o título foi Bucardo Ratepilato (930-956/967), filho de Bucardo, conde de Sens, e fundador da linhagem ou casa dos Bucardistas. O território passou, por intermédio de casamentos, a várias casas e linhagens, e em 1372 chegou a um novo ramo da casa de Bourbon. Bucardo I, o Venerável (956/967-1005), conde de Vendôme e de Melun, foi nomeado conde de Paris por Hugo Capeto e conde de Corbeil pelo casamento.

*duquesa de Orleães* (1) [**Branca de França, 1328-1393**]: filha póstuma de Charles IV. Condessa de Beaumont, casou em 1345 com o duque Filipe Valois de Orleães, filho de Filipe VI da França.

*ester* (1) [**Bíblia: rainha Ester**]: trat-se de um dos livros históricos do Antigo Testamento. Segue depois do Livro de Neemias e antes do Primeiro Livro dos Macabeus, nas Bíblias católicas, ou antes do Livro de Jó, nas Bíblias protestantes. Possui dez capítulos (dezesseis na Vulgata que acrescentou seis capítulos ao final do texto em hebraico encontrado na Septuaginta). O livro conta como Ester, uma jovem judia que estava entre os deportados, tornou-se imperatriz da Pérsia, ao se casar com o imperador Assuero (ou Xerxes I); como seu primo e tutor Mordecai (Mordoqueu) descobriu um complô contra a vida do rei; como o grão-vizir Haman (Amã) agiu para tentar exterminar os judeus e como Ester interveio, arriscando a própria vida.

*florêça* (1) [**Florença**]

*grysoctymo* (1) [**São João Crisóstomo**]: nasceu em Antioquia, cerca do ano de 349. Recebeu excelente educação e resolveu abraçar a vida ascética. Ordenado sacerdote,

consagrou-se ao ministério da pregação. Eleito bispo de Constantinopla em 397, revelou grande zelo e competência nesse cargo pastoral, atendendo em particular à reforma dos costumes, tanto do clero como dos fiéis. A oposição da corte imperial e de outros inimigos pessoais levou-o por duas vezes ao exílio. Perseguido por tantas tribulações, morreu em Comana (Ponto, Ásia Menor), no dia 14 de setembro do ano 407. A sua notável diligência e competência na arte de falar e escrever, para expor a doutrina cristã e formar os fiéis, proporcionou-lhe o apelido de Crisóstomo, “boca de ouro”.

*jsabel* (1) [**Santa Isabel, 1207-1231, rainha da Hungria e da Turíngia**]: filha de André II, da Hungria, e da rainha Gertrudes, de Meran. Certamente, o mais famoso milagre a ela atribuído é o chamado Milagre das Rosas. Conta-se que certa vez, quando levava pães para os pobres nas dobras de seu manto, encontrou-se com seu marido, que voltava da caça. Ludwig estranhou a conduta da esposa, que parecia esconder algo. O diálogo entre os dois ficou famoso nos anais das lendas envolvendo santos. Ele perguntou: “O que tu levavas no avental, Isabel?”. A jovem princesa respondeu, trêmula: “São rosas, meu senhor!”. Ao vê-la curvada devido ao peso da carga, Ludwig abriu o manto que Isabel apertava contra o corpo, e nada mais achou do que belas rosas frescas e orvalhadas, embora estivessem no inverno e não fosse época de flores. Nota: da sua sobrinha, Santa Isabel de Aragão, rainha de Portugal, conta-se uma história muito parecida com a do Milagre das Rosas. A caminho para as cruzadas, Ludwig, acometido pela peste, faleceu. A notícia da morte do marido, que Santa Isabel recebeu logo após o nascimento da terceira filha, Gertrudes, causou-lhe enorme dor. Diante do ocorrido, ela saiu gritando enlouquecida pelo castelo, dizendo em prantos: “O mundo morreu para mim e, com ele, tudo quanto era alegria”. Essa dor foi acrescida ainda de maiores agruras: os cunhados de Isabel expulsaram-na do castelo com os filhos, em pleno inverno, sem dinheiro e sem mantimentos. O seu cunhado Henrique Raspe usurpou a coroa, mandou embora Isabel e as três crianças, acompanhadas das fiéis Jutta e Isentrude, e proibiu a quem quer que fosse ajudá-las, sob pena de ser castigado. O povo, que antes a idolatrava, foi obrigado a fechar-lhe as portas por medo.

*jenua* (2) [**Gênova**]

*joham de sallebrysa* (1) [**Jean de Salisbury, 1115/1120-1180, autor de Policrático**]: um dos mais brilhantes pensadores do seu tempo. Ao longo da sua vida, ocupou importantes cargos na Igreja. No ano de 1136, foi para a França, onde estudou e conviveu com algumas das principais personalidades do seu tempo, como Pedro Abelardo e Guilherme de Conques. Em 1148, participou do Concílio de Reims, onde encontrou Bernardo de Claraval. No mesmo ano, regressou à Inglaterra, onde passou a desempenhar as funções de secretário dos arcebispos de Cantuária: Teobaldo de Bec (1150-1161) e seu sucessor, Tomás Becket (1161-1170). Em 1163, caindo em desfavor do monarca Henrique II da Inglaterra, voltou para a França. Em 1176, tornou-se bispo de Chartres, cargo que ocupou até o final dos seus dias.

O essencial do seu pensamento encontra-se em *Policraticus* (1159), embora esta obra não esgote a sua produção intelectual. Tece-a, como um aviso, procurando inspirar propósitos morais e transmitir ensinamentos éticos à política e à sociedade da corte, que acreditava

estarem subvertendo os fundamentos éticos e religiosos do reino. De forma geral, propõe uma ordem social que busque a coexistência pacífica dos poderes temporal e espiritual.

Os oito livros que compõem a obra revelam um caráter humanista, sobretudo pela convocação de fontes cristãs e pagãs. Num contexto de centralização do poder das monarquias da cristandade ocidental, destacam-se as suas ideias de limitá-lo por meio da lei. A essas ideias associa a metáfora do governo como um organismo vivo. Faz a correspondência entre cada parte do corpo humano e os elementos da sociedade: pés – trabalhadores; mãos – combatentes; barriga – administração/fazenda; coração – conselho; cabeça – príncipe; alma – Igreja, procurando explicar a necessidade do correto funcionamento de cada parte para a harmonia do todo. Outra das questões fulcrais que aborda é o tiranicídio como ferramenta para o restabelecimento da ordem sempre que esta seja deturpada por responsabilidade do monarca.

*johana; johanna* (2) [**Joana I de Navarra ou Joana I de Champagne, 1271-1305**]: foi rainha de Navarra e condessa de Champagne desde 1274, e rainha consorte de Filipe IV da França de 1284 até sua morte. Era filha do rei Henrique I de Navarra e de Branca de Artois.

Com a morte do pai, em julho de 1274, aos três anos de idade Joana tornou-se condessa de Champagne e Brie e rainha de Navarra, que ficou sob a regência da mãe. Vários interessados, tanto navarreses como castelhanos, aragoneses e franceses, tentaram tirar proveito da minoridade da herdeira e da fraqueza da mulher regente, o que as levou a procurar protecção na corte de Filipe III da França. Com isso, fracassaram os planos de Afonso X de Leão e Castela, que pretendia casá-la com um filho seu. Aos treze anos de idade, Joana casou-se com o príncipe herdeiro da França, Filipe, le Bel, em 16 de agosto de 1284. No ano seguinte, Filipe III morreu. Filipe IV subiu ao trono, e Joana foi coroada rainha consorte da França. O seu esposo implementou as políticas vigentes na França também no reino de Navarra:

- Desvalorização da moeda, baixando o seu peso de ouro e prata.
- Imposição de fortes impostos aos judeus, aos banqueiros lombardos e ao clero.
- Isenção de obrigações aos servos em troca de dinheiro.
- Venda de títulos nobiliárquicos a burgueses ricos.
- Perseguição à Ordem dos Templários.

Esse regime francês acentuou o antissemitismo do reino ibérico. Os reis passaram a limitar a ação dos judeus, ao proibir a usura, estabelecendo que não poderiam cobrar juros pelos empréstimos que faziam.

Joana era uma mulher de grande inteligência e vivacidade, amante das artes e das letras, e foi a fundadora da Universidade de Navarra. Durante o seu reinado, chegou a liderar um exército contra os nobres revoltosos.

Em 1304, adoeceu e transferiu o seu título ao primogênito, Luís I de Navarra, de quinze anos. No mesmo ano, ele casou com Margarida, filha de Roberto II, duque da Borgonha. Segundo outras versões, foi o seu esposo que continuou como rei de Navarra; Luís só assumiria o governo depois da morte do pai, em 1314, quando subiu também ao trono da França como Luís X.

Joana morreu em 4 de abril de 1305, sob circunstâncias misteriosas. Um cronista chegou até a acusar o seu esposo de assassinato. Todos os seus três filhos varões sobreviventes acabariam por se tornar reis da França e de Navarra, um após o outro. A sua filha Isabel da França casou-se em 1308 com Eduardo II da Inglaterra, tornando-se rainha consorte dessa nação.

Navarra e França permaneceram em união pessoal até 1328. A morte do seu último filho varão, Carlos IV da França, levou a coroa de Navarra para Joana II de Navarra e para a casa de Évreux, e a da França, para Filipe VI da casa de Valois. Esta última sucessão foi contestada por Eduardo III da Inglaterra, filho da sua filha Isabel, o que originou a Guerra dos Cem Anos entre as duas nações.

*judic* (1) [**Judite**]: segundo o Antigo Testamento, no livro de Judite, Holofernes, capitão do exército do rei assírio Nabucodonosor, foi enviado para invadir as terras dos israelitas e teve a ideia de tomar as suas fontes de água. Colocou cem homens em cada fonte e esperou que o desespero tomasse conta dos habitantes da cidade ou que todos morressem de sede. Enquanto esperava, no conforto da sua tenda, recebeu a visita da viúva Judite, israelita. Fingindo ser uma informante contra o seu povo, apareceu para ele toda enfeitada, usando braceletes e brincos, levando vinho, queijo, figos e grãos. Ao vê-la, “Holofernes ficou cativo de seus olhos”. Durante três dias, ela permaneceu no acampamento. Podia entrar e sair livremente para fazer suas preces. No terceiro dia, Holofernes ofereceu-lhe um banquete. Embriagado, ele adormeceu. Judite aproveitou o seu sono e o decapitou, embrulhou a cabeça cortada e com ela retornou para o seu povo.

*lixboa* (1) [**Lisboa**]

*lōbardia* (1) [**Lombardia, cidade da Itália**]

*ligũgo, rei da greçya* (1) [**Licurgo**]: foi o primeiro tirano de Esparta, e reinou após Cleômenes III. Quando se tornou tirano, Agesípolis, ainda criança, foi mandado para o exílio. Com pretensões legítimas ao trono, ele se tornaria líder dos espartanos exilados e um aliado de Roma. É identificado como o rei Agesípolis III.

Nenhum dos antepassados de Licurgo foi rei de Esparta, mas ele subornou os éforos, oferecendo um talento para cada um, e assim tornou-se descendente de Hércules.

Outra versão:

Licurgo foi um lendário legislador da pólis de Esparta. Nada se sabe seguramente sobre a existência dessa personagem. Heródoto fala dele em meados do século V a.C., mas acredita-se que tenha vivido no século VIII a.C. A sua memória seria correntemente mencionada na Esparta do século V, pois os habitantes dessa época sentiam a necessidade de atribuir a organização estatal que os regia a um ser humano, e não ao acaso.

Uma terceira versão:

Licurgo (396 a.C.-323 a.C.) viveu e morreu na cidade de Atenas. Foi um político e legislador influente, além de filósofo de grande reputação, mas pouco se sabe sobre sua vida. Foi o orador que condenou Lysicles à morte, após a derrota ateniense na batalha de Queroneia. Licurgo geriu as finanças de Atenas por doze anos e foi reconhecido pela sua honestidade.

*luys* (2) [**São Luís, rei da França**]: Luís IX (1214-1270) foi rei da França de 1226 até sua morte. Ele ascendeu ao trono aos doze anos, após a morte do seu pai, Luís VIII. Sua mãe, Branca de Castela, governou em seu lugar até ele alcançar a maioridade. Ela lidou com a oposição de vários vassallos rebeldes para encerrar a Cruzada Albigense, que havia começado vinte anos antes. Durante a minoridade de Luís IX, a rainha mãe enfrentou as ambições da Inglaterra e as pressões da nobreza do reino, que desejavam valer-se da pouca idade do soberano para retomar os direitos perdidos.

Adulto, Luís enfrentou conflitos recorrentes com poderosos nobres. Simultaneamente, o rei Henrique III da Inglaterra tentou restaurar suas possessões continentais, porém foi derrotado na batalha de Taillebourg. No reinado de Luís ocorreu a anexação de vários territórios, como Normandia, Maine e Provença.

Suas ações foram inspiradas nos valores cristãos: punia a blasfêmia, os jogos de azar, os empréstimos de interesse, a prostituição. Comprava relíquias de Cristo para construir a Sainte-Chapelle e tentar converter os judeus franceses.

Os seus contemporâneos viram o seu reinado como um período de partilha do poder com Branca de Castela. No entanto, os historiadores costumam considerar o ano em que alcançou a maioridade como aquele em que Luís passou a governar mais efetivamente como rei, relegando a mãe para um papel mais de conselheira, apesar de ela ter continuado como uma poderosa força política até a sua morte, em 1252.

Branca organizou o casamento do filho, realizado no dia 27 de maio de 1234, na Catedral de Sens, pouco depois de o rei completar vinte anos. A esposa escolhida foi Margarida da Provença, a filha mais velha de Beatriz de Saboia e do conde Raimundo Berengário IV da Provença, e irmã de Leonor, esposa de Henrique III da Inglaterra.

Luís solucionou antigas divergências com Jaime I de Aragão, através do Tratado de Corbeil, pelo qual o rei francês renunciava a hipotéticos e caducos direitos sobre Aragão, em troca da renúncia do monarca catalão-aragonês a direitos muito concretos sobre vastos territórios no sul da França. Para selar esse tratado, Luís casou a sua filha Branca com o infante Fernando de La Cerda, príncipe herdeiro do reino de Castela, e Jaime I de Aragão casou a sua filha Isabel com o príncipe francês, o futuro rei Filipe III da França.

Outra demonstração da religiosidade desse monarca foi a aquisição da coroa de espinhos e de um fragmento da cruz da crucificação de Jesus Cristo, em 1239-1241, de Balduino II, imperador de Constantinopla, por 135 mil libras. Para abrigar essas relíquias, mandou edificar a capela gótica de Sainte-Chapelle, no coração de Paris, que curiosamente custou apenas 60 mil libras para ser construída. No seu reinado também foram construídas as catedrais de Amiens, Rouen, Beauvais, Auxerre e Saint-Germain-en-Laye.

O monarca francês era zeloso da sua missão de “lugar-tenente de Deus na Terra”, investido pela sua coroação em Reims. Para cumprir esse dever, organizou duas cruzadas. Apesar de ambas terem fracassado, seu prestígio aumentou. Os seus contemporâneos não teriam compreendido que um rei tão poderoso e piedoso não buscasse libertar a Terra Santa.

Para financiar a sua primeira cruzada, perseguiu a comunidade judaica. No século XIII, era generalizada a aversão pelos judeus, por serem considerados culpados pela morte de Jesus pelos cristãos. Tal como os seus antecessores, São Luís tomou medidas discriminatórias e persecutórias contra essa minoria, também com a intenção de convertê-los ao cristianismo.

Instituiu a “rouelle” ou estrela amarela, o emblema obrigatório dos judeus, usado no século XX, no governo de Vichy.

Ordenou a expulsão de todos os judeus envolvidos em atividades de usura, o que lhe permitiu confiscar as riquezas deles para financiar os seus projetos. Mas não perdoou totalmente as dívidas dos cristãos, somente um terço delas; os outros dois terços deveriam ser enviados para o tesouro real.

Em 1254, ordenou a expulsão da França dos judeus não convertidos, apropriando-se dos seus bens. No entanto, não houve um controle muito eficaz para fazer cumprir essa medida, e muitos judeus permaneceram nos locais em que viviam. Alguns anos depois, o rei anularia esse decreto em troca de um pagamento em prata que a comunidade judaica deveria fazer ao tesouro real.

Para além da legislação contra os judeus e a usura, o rei alargou o alcance da Inquisição na França. A área mais visada foi o sul do país, onde a heresia cátara tinha sido mais forte.

O século XIII ficou para a história da França como “o século de ouro de São Luís”. A França, centro das artes e da vida intelectual, graças, entre outras instituições, à Sorbonne, atingia o seu apogeu também nos níveis económico e político.

Ao se mostrar como um santo, São Luís soube usar a fé e a ambição dos seus barões para incitá-los a participar das duas cruzadas.

Desse modo, conseguiu firmar os alicerces do que começava finalmente a ser o estado-nação da França, unido sob um rei de direito divino. E conseguiu-o por uma política sutil, muito mais eficaz do que conflitos com os seus vassallos e tentativas de subjugar-los pela força.

*lyanor* (1) [**mulher de dom João II, de 1481 a 1495, durante o período do reinado**]: Leonor de Avis (1458-1525), ou Leonor de Portugal, ou Leonor de Lencastre, ou Infanta Leonor e mais recentemente, no estrangeiro, Leonor de Viseu ou rainha velha, irmã de Manuel I.

*marya egyptiaca* (1) [**Maria do Egito, ou Santa Maria Egípcíaca, ou Santa Maria Egípcia, 344-421**]: foi uma asceta que se retirou para o deserto após uma vida de prostituição. É venerada como patrona das mulheres penitentes, em especial na Igreja Copta, mas também nas Igrejas Católica, Ortodoxa e Anglicana.

*monte hery* (1) [**Montlehery**]: irmão do conde de Corbeil. Participou da sucessão em Troyes na época de Philippe I (1108-1137).

*mosse ruberty d artoes* (1) [**Robert d'Artois**]: Crispim: “[...] Robert III, cunhado de Philippe IV de Valois, que se aliou aos ingleses e morreu em 1342. Sobrinho de São Luís” (nota 90).

*nabuco de nosor* (1) [**Nabucodonosor II, 632-562 a.C.**]: Nabucodonosor conquistou a Palestina, tomou Jerusalém e levou cativos para a Babilônia, entre eles, vários judeus, inclusive o profeta Daniel. Em 598 a.C., após a revolta de Joaquim de Judá, que tinha o apoio do faraó Neco, Nabucodonosor derrotou-o. Ele venceu os judeus uma terceira vez e fez cativo o rei Jeconias de Judá em 597 a.C. Na última revolta, a de Zedequias, arrasou Jerusalém (586 a.C.), furou os olhos dele e manteve-o prisioneiro por toda a vida. Também lutou, no trigésimo ano de seu reinado, contra Amósis II, faraó do Egito. Reconstruiu e adornou a Babilônia com canais, aquedutos e reservatórios.

*nycollao* (1) [**São Nicolau**]: bispo de Mira (Lícia) no século IV. Há um grande número de relatos e histórias envolvendo-o, mas é difícil distinguir as verdadeiras das inúmeras lendas que germinaram sobre esse santo tão popular. Sua imagem foi tardiamente relacionada e transformada no ícone do Natal. Passou a ser chamado de Papai Noel e representado como um velhinho corado, de barba branca, que carrega nas costas um saco cheio de presentes. Ainda é conhecido como Santa Claus ou São Nicholas na maior parte dos países de língua anglófona. É tido como acolhedor com os pobres, principalmente com as crianças carentes. Foi o primeiro santo da Igreja a se preocupar com a educação e a moral tanto das crianças como das suas mães.

*Origines* (1) [**Orígenes de Alexandria, ou Orígenes de Cesareia, ou ainda Orígenes, o Cristão, 185-253**]: foi teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e um dos Padres gregos. Revelou-se um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria. Inspirados em Orígenes e na Escola de Alexandria, muitos escritores cristãos escreveram suas obras, como Sexto Júlio Africano; Dionísio de Alexandria, o Grande; Gregório Taumaturgo; Firmiliano, bispo de Cesareia (Capadócia); Teognosto; Pedro de Alexandria; Pânfilo e Hesíquio.

*papa leão* (1) [**Papa Leão**]: conhecido como o Grande ou Magno, foi papa entre 440 e novembro de 461, quando morreu. Um aristocrata de origem italiana famoso, provavelmente por ter ido ao encontro de Átila, o Huno, em 452, para persuadi-lo a desistir de invadir a Itália. Também é considerado um doutor da Igreja, lembrado teologicamente por seu “Tomo de Leão”, um documento que foi fundamental durante os debates do Concílio de Calcedônia. Este concílio ecumênico, o quarto, tratou principalmente de questões cristológicas e elucidou a ideia considerada ortodoxa de que Cristo é uma união hipostática de duas naturezas, humana e divina, unidas em uma única pessoa, sem confusão nem divisão.

*tito* (1) [**Tito Flávio Vespasiano Augusto, 39-81**]: filho mais velho e sucessor de Vespasiano, foi imperador romano entre os anos de 79 e 81. O ato mais importante do seu reinado foi o seu programa de construção de edifícios públicos em Roma. A enorme popularidade de Tito deve-se à sua grande generosidade com as vítimas dos desastres que o império enfrentou durante o seu breve reinado: a erupção do Vesúvio em 79 d.C. e o incêndio de Roma em 80 d.C. Após dois anos no cargo, sofrendo de febre, Tito faleceu.

*ũgrya* (1); *vngria* (1) [**Hungria**]

*valeryo* (1) [**Públio Valério Máximo, século I a.C.-século I d.C.**]: a principal obra desse escritor romano são os nove livros denominados *Fatos e ditos memoráveis*, dedicados ao imperador Tibério. Escrita em Roma, em 31 d.C., sua intenção foi elogiar uma série de virtudes romanas por meio de anedotas e relatos tradicionais ou extraídos de obras de historiadores e filósofos. Os oradores usaram essa compilação de anedotas para extrair narrativas morais, com a finalidade de ilustrar os seus discursos.

## 5 CONCLUSÃO

Realizar este trabalho, esta edição semidiplomática, foi um desafio e um grande aprendizado. Desafio em especial para quem veio de uma formação diferente, em Filosofia, área na qual trabalha-se a interpretação de textos, as ligações e os diálogos com outros autores, com outros textos. Na Filologia, ao contrário, é preciso ater-se ao texto, lê-lo sem pensar nas interferências, nas influências externas, e prestar atenção aos detalhes. Isso conduziu a um novo aprendizado, o de adentrar o “universo” do texto, perceber a riqueza e as dificuldades de fazer uma edição de um texto com mais de quinhentos anos e em tipos góticos, um trabalho árduo.

Antes mesmo de iniciar o trabalho de transcrição, realizei estudos, pesquisas, com a imprescindível orientação do meu supervisor, Sílvio de Almeida Toledo Neto – sem a ajuda dele, este trabalho não teria sido concretizado. O professor Sílvio me conduziu nesse novo mundo da edição. Antes desse contato, eu ignorava a existência e a importância dessa área. Olhar o texto “puro” (entenda-se “puro” no sentido de ater-se ao que está escrito) talvez tenha sido a minha maior dificuldade, mas também foi o meu maior aprendizado. Perceber as sutilezas e a importância de transcrever um “s” no lugar de um “l”; descobrir palavras novas, como “mauisosa”; verificar as palavras escolhidas pelo editor na tradução: “des pres” por “preto”... Enfim, estes são alguns dos exemplos da diferença que faz uma leitura atenta e “purista”.

O texto fruto deste trabalho, edição semidiplomática de *O Espelho de Cristina*, apresenta uma riqueza histórica em várias áreas: Filologia, Filosofia, História e Educação. Escolhemos quatro exemplos, tirados do texto, para demonstrar essa importância:

- ||8r a||: as palavras “foiblece” (fraqueza) e “fragilité” foram traduzidas como “franqueza”;
- ||19v a||: as palavras “largece” (generosidade) e “liberalité”<sup>275</sup> foram traduzidas como “franqueza”;
- ||24v b||: a palavra “des pres” (perto) foi traduzida como “preto”;
- ||31r b||: a palavra “senestrement” (sinistramente) foi traduzida como “ssestra” (sexta parte).

---

<sup>275</sup> No francês do século XIII: “générosité”; “sauvegarde”; “pour libéralité et franchise du royaume en toute manière garder”.

Esses exemplos revelam as “dificuldades” de trabalhar, de editar um texto antigo. Afora a questão da tradução, há a acepção, o uso dos vários sentidos, dos diferentes significados da palavra de acordo com o contexto. Essa harmonia de sentido/texto/contexto já é difícil em um texto atual, e ainda mais delicada ao se trabalhar com um texto de mais de quinhentos anos. Por isso, no processo de edição, é imprescindível o uso de abonação, de reprodução de trecho do livro ou do texto, que serve para “autorizar” o emprego de um vocábulo que ateste, por meio de uma documentação, a ocorrência e/ou acepção em determinada época.

Não tenho a intenção de discutir aqui as questões e os critérios que levaram o editor Herman de Campos a escolher as palavras que usou. Este constitui um terreno nebuloso, e poderíamos correr o risco de andar por campos de “achismo”, o que não convém num trabalho como este.

O que chama a nossa atenção é muito mais o uso de termos como “franqueza”, “preto” e “sexta” (“ssetra”), uma escolha provavelmente não aleatória, que revela o olhar “masculino” sobre a mulher. Não podemos esquecer que *O Espelho de Cristina* é um manual de educação para as mulheres, um “savoir-vivre”, escrito para orientar as mulheres a se comportarem. A escolha das palavras, portanto, tem um peso muito forte, sobretudo se pensarmos no momento histórico no qual a obra foi publicada. Portugal acabara de passar por mais um período conturbado de transição do poder real. Dona Leonor de Viseu, viúva de dom João II e irmã do então rei dom Manuel, já sob a alcunha de “a rainha velha”, encomendou a edição à oficina de Herman de Campos. As palavras escolhidas pelo editor têm um peso. “Franqueza” é um substantivo que poderia bem ser um adjetivo; além de “sinceridade”, significa também “generosidade” e opõe-se a dissimulação, falsidade, avareza. Enquanto substantivo, atribui características que se pressupõe fazerem parte da essência. Nos exemplos apresentados como “equivocos” de tradução e/ou de edição e/ou ainda gralhas: “de preto” (“des pres” = perto de), pensamos na vestimenta da viúva, algo diferente do “pretinho básico” atual; e “sexta”, no lugar de “sinistra”. Eles têm uma lógica de alinhamento da postura esperada e desejada por parte das mulheres. Cada um desses exemplos daria uma bela análise histórica, mas não é esse o nosso objetivo aqui, e sim mostrar elementos de discrepância para a reflexão.

Por conta desses e de outros exemplos de divergência de acepção, foi imprescindível a produção de um glossário. Muitas palavras do texto saído da oficina de

Herman de Campos possuem outro significado, ou caíram em desuso, ou até desapareceram do vocabulário do português atual. Para a produção desse glossário, foi essencial o contato com a supervisora em Lisboa, Isabel Barros Dias. A sua leitura e as suas sugestões foram valiosas e fundamentais para a organização e a qualidade da pesquisa.

Enfim, trabalhar com um texto antigo significa recolocá-lo no nosso mundo de leitura, sem alterar a sua individualidade nos planos linguístico, estilístico e ideológico. Significa mantê-lo em sua originalidade e essência, conservá-lo e ao mesmo tempo modernizá-lo. Portanto, o trabalho de edição é delicado e atento. Delicado porque corremos o risco de transcrever uma palavra no lugar de outra e, com isso, mudar todo o sentido e o contexto. Daí decorre a questão da atenção e da importância de conhecer o texto tão bem, até mesmo para perceber se o primeiro editor, o senhor Herman de Campos, ou melhor, o trabalho saído da sua oficina, ocorreu na falha de tradução ou na impressão.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 6.1 FONTES PRIMÁRIAS

PIZAN, C. *O Espelho de Cristina*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1987.

\_\_\_\_\_. *O livro das tres vertudes a insinança das damas*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

\_\_\_\_\_. *Le livre des trois vertus*. Paris: Honoré Champion, 1989.

### 6.2 BIBLIOGRAFIA

BARTHES, R. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BLANCHARD, J. Christine de Pizan: tradition, expérience et traduction. *Romania*, Paris, t. III, 1990, p. 200-35.

BOWERS, F. *Princípios de descripción bibliográfica*. Madrid: Arco Libros, 2001.

BROCARD, M. T. *Tópicos de história da língua portuguesa*. Lisboa: Colibri, 2014.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_ et al. (Org.). *Crítica textual: reflexões e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual da Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. *Livro de Isaac: edição e glossário (CÓD. ALC 461)*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – FFLCH, USP.

CARDEIRA, E. *O essencial sobre história do português*. Lisboa: Caminho, 2006.

\_\_\_\_\_. *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2005.

\_\_\_\_\_. *A língua portuguesa na primeira metade do século XV*. Lisboa, 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

CASTRO, I. *Curso de história da língua portuguesa: leituras complementares*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

\_\_\_\_\_. *Introdução à história do português: geografia da língua. Português antigo*. Lisboa: Colibri, 2005.

CRISPIM, M. L. *Christine de Pizan: O livro das tres vertudes ou O espelho de Cristina*. Lisboa, 1995. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Humanas) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CRUZEIRO, M. M. S. N. R. *Espelho de Cristina: estudo linguístico comparativo dos dois textos actualmente conhecidos de uma tradução medieval portuguesa do “Livro des Trois Vertus”, de Cristine de Pisan*. Lisboa, 1964. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

COELHO, M. H. C. *Homens, espaços e poderes. Séculos XI-XVI*. Lisboa: Horizonte, 1990.

DUBY, G. *Idade Média, Idade dos Homens. Do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

FERREIRA, A. P. M. *Contributos para o estudo linguístico: Espelho de Cristina – Christine de Pisan*. Minho, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Minho.

GABRIEL, A. L. The educational ideas of Christine de Pisan. *Journal of the History of Ideas*. New York, v. 16, n. 1, jan. 1955.

HUCHET, J. C. Les femmes troubadours ou la voix critique. *Littérature*. Paris, n. 51, out. 1983, p. 59-90.

KENNEDY, A. J. *Christine de Pizan: a bibliographical guide*. Londres, 1984.

LAIGLE, M. *Le livre des trois vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire*. Paris: Honoré Champion, 1912.

LEJEUNE, R. La femme dans les littératures française et occitane du XI au XIII siècle. *Cahiers de Civilisation Médiévale*. Poitiers, ano XX, n. 2-3, p. 201-217, abr./set.1977.

MADAHIL, A. G. R. Novos testemunhos da actividade tipográfica de Lisboa no século quinze. *Revista Municipal. Lisboa*, Lisboa, a. 15, n. 63, 4º trimestre, 1954.

D. MANUEL II. *Livros Antigos Portuguezes 1489-1600. Da bibliotheca de sua majestade fidelissima*. Impresso Univ. de Cambridge, v. I. Londres: Maggs Bros, 1929.

MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. A. (orgs.). *Por minha letra e sinal*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

MELEIRO, M. J. S. *‘Novidade de palavras’ no português do século XV*. Lisboa, 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa.

MONGELLI, L. M. M. (coord.). *A literatura na Corte de Avis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NORTON, F. J. *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal 1500-1520*. London: Cambridge University Press, 1978.

NUNES, E. B. *Abreviaturas paleográficas portuguesas*. Lisboa, 1981.

NUNES, I. F. *A demanda do Santo Graal*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2005.

PEREIRA, I. R. O papel da mulher na Idade Média. In: COLÓQUIO A MULHER NA SOCIEDADE PORTUGUESA: visão histórica e perspectivas atuais, 3., 1985, Coimbra. *Actas...* Coimbra: Instituto de História Econômica e Social, Faculdade de Letras, 1985.

PERNOUD, R. *Christine de Pisan*. Paris: Calman-Lévy, 1982.

PIEL, J. M. *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela que fez El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve e Senhor de Ceuta*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1986. (Edição crítica).

PINET, M. J. *Christine de Pisan: 1364-1430 étude biographique et littéraire*. Paris: 1927.

RIBEMONT, B. (org.). Sur le chemin de longue études... In: COLLOQUE d'ORLÉANS, 3., Juillet 1995. *Actes...* Paris: Honoré Champion, 1998.

RIGAUD, R. *Les idées féministes de Christine de Pisan*. Genève: Slatkine, 1973.

VERDON, J. *La femme au Moyen Age*. Paris: Jean-Paul Gisserot, 2006.

WELLECK, R. *Conceito de evolução em história literária. Conceitos de crítica*. São Paulo: Cultrix, 1963. p. 42-55.

WILLARD, C. C. *The writings of Christine de Pizan*. New York: Persea Books, 1993.

\_\_\_\_\_. *Christine de Pizan her life and works*. New York: Persea Books, 1990.

\_\_\_\_\_. A portuguese translation of Christine de Pisan's livre des trois vertus. *PMLA* (Publications of Modern Language Association of America), v. 78, 1963.

\_\_\_\_\_. The manuscript tradition of the livre des trois vertus and Christine de Pizan's audience. *Journal of the History of Ideas*. New York, v. 27, n. 1, jan.-mar. 1966.

WILKINSON, A. S. *Iberian books: books published in Spanish or Portuguese or on the Iberian Peninsula before 1601. Libros ibéricos: libros publicados en español o portugués o en la Península Ibérica antes de 1601*. Leiden: Boston, 2010.

WINN, C. H. La femme écrivain au XVI siècle. *Écriture et transgression. Poétique*. Paris, n. 84, p. 435-51, nov. 1990.

## DICIONÁRIOS, GRAMÁTICAS E VOCABULÁRIOS

ACADEMIA das Ciências de Lisboa. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1976.

ACADEMIA das Ciências de Lisboa e Fundação Calouste Gulbenkian. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez, e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BRIQUET, C. M. Les filigranes. *Dictionnaire historique des marques du papier*. Tome 3. Leipzig: Verlag Von Karl W. Hiersemann, 1923.

BRUNSWICK, H. *Diccionario da Antiga Linguagem Portuguesa*. Lisboa: Lusitana, 1910.

COELHO, F. A. *Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: P. Plantier.

COROMINAS, J. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Gredos, s/d.

CUNHA, A. G. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

CUNHA, C.; LINDLEY CINTRA, L. F. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1997.

FARIA, M. I. R.; PERICÃO, M. G. *Dicionário do livro*. Coimbra: Almedina, 2008.

FAVIER, J. *Dictionnaire de la France Médiévale*. Librairie Arthème Fayard, 1993.

FERREIRA, E. J. *Magnum lexicon*. Paris: Aillaud & Guillard, 1833.

FERREIRA, M. B. *Fabulário medieval português*. Lisboa, 1969. Dissertação (Mestrado em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

FIGUEIREDO, C. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1996.

FONSECA, F.V.P. *Glossário etilológico arcaico, das crônicas dos Portugalia e Monumenta Histórica*. Lisboa, 1942-1943. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Universidade de Lisboa.

GREIMAS, A. J. *Dictionnaire de l'ancien français*. Paris: Larousse, 1968.

\_\_\_\_\_; KEANE, T. M. *Dictionnaire du moyen français*. Paris: Larousse, 1992.

JÜSTEN, H. M. *Incunábulo e post-incunábulo portugueses (ca. 1488-1518)*. Lisboa, 2006. Tese (Doutoramento em História) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

LEÃO, D. N. *Ortografia e origem da língua portuguesa*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2002. v. I e II.

LOPES, J. A. *Dicionário de Verbos*. Porto: Lello & Irmão, 1992.

LORENZO, R. *Sobre cronologia do vocabulário galego-português*. Vigo: Editorial Galaxia, 1968.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocabulários estudados. Lisboa: Conflência, 1967. v. 1, 2, 3.

\_\_\_\_\_. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Amigos do Livro, 1981.

\_\_\_\_\_. *Dicionário onomástico etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Horizonte/Confluência, 1993.

\_\_\_\_\_. *Grande Vocabulário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de leitores, 2001.

MAGNE, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Especialmente dos períodos medievais e clássicos. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: uma aproximação*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2008.

MORAIS, A. S. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa: 1789-1949*. Lisboa: Confluência, 1958.

\_\_\_\_\_. *Diccionario da Lingua Portuegza recopilado dos vocabularios impressos até agora*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

MOREIRA, Z. C. *Dicionário da Língua Portuguesa Arcaica*. Natal: EDUFRN, 2005.

NOGUEIRA, R. de S. *Dicionário de verbos portugueses conjugados*. 10. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1945.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora, 1989.

PIEL, J. M. Ensaio de etimologia portuguesa e de história das palavras. *Separata da Revista Lusitana*, Lisboa, Nova Série, n. 1, 2, 5, 1981, p. 84-5.

\_\_\_\_\_. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda, s/d.

PIMENTEL, M. A. *Leitura, estudo gramatical e glossário de um texto do século XIV (1359)*. Lisboa, 1956. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras.

SILVA, F. J. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Simões Lopes, 1956.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.

\_\_\_\_\_. *A língua de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2005.

VERDELHO, T. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.

VITERBO, J. S. R. *Elucidário das palavras, termos e frases*. Edição crítica Mário Fiúza. Porto/Lisboa: Livraria Civilização, 1962. v. 1 e 2.

XAVIER, M. F.; VICENTE, G.; CRISPIM, M. L. *Dicionário de Verbos do Português Medieval*. Lisboa: Ed. Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL), 2002.

WILLIAMS, E. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

## SITES

BASE DE DADOS DA LÍRICA PROFANA GALEGO-PORTUGUESA (BDLPG-P). Disponível em <<http://www.cirp.es>>. Acesso em: 20 out. 2014.

CORPUS HISTÓRICO DO PORTUGUÊS TYCHO BRAHE (CHPTB). Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br>>. Acesso em: 22 out. 2014.

INSTITUTO CAMÕES. Disponível em: <[www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/index/html](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/index/html)>. Acesso em: 24 out. 2014.

INSTITUTO DA LÍNGUA GALEGA, TESOURO MEDIEVAL INFORMATIZADO DA LÍNGUA GALEGA (TMILG). Disponível em: <<http://ilg.usc.es/gl/proxectos/tesouro-medieval-informatizado-da-lingua-galega-tmilg>>. Acesso em: 26 out. 2014.

LISTA DE OBRAS NA MEMÓRIA DA LÍNGUA. Disponível em: <<http://purl.pt/401/1/lingua/lingua-lista-obras.html>>. Acesso em: 28 out. 2014.

UNIVERSIDADE DE AVEIRO. *Corpus lexicográfico do português* (DICIweb). Disponível em: <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Palavras&opcao=Textos>>. Acesso em: 30 out. 2014.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Corpus electrónico do português do período clássico* (CEPPC). Disponível em: <<http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecpc>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. *Corpus informatizado do português medieval* (CIPM). Disponível em: <<http://cipm.fcsh.unl.pt>>. Acesso em: 8 nov. 2014.

UNIVERSIDADE DE VIGO. Seminário de Linguística informática (SLI) – *Dicionário de dicionários do galego medieval* (DDGM). Disponível em: <<http://sli.uvigo.es/DDGM/index.html>>. Acesso em: 11 nov. 2014.